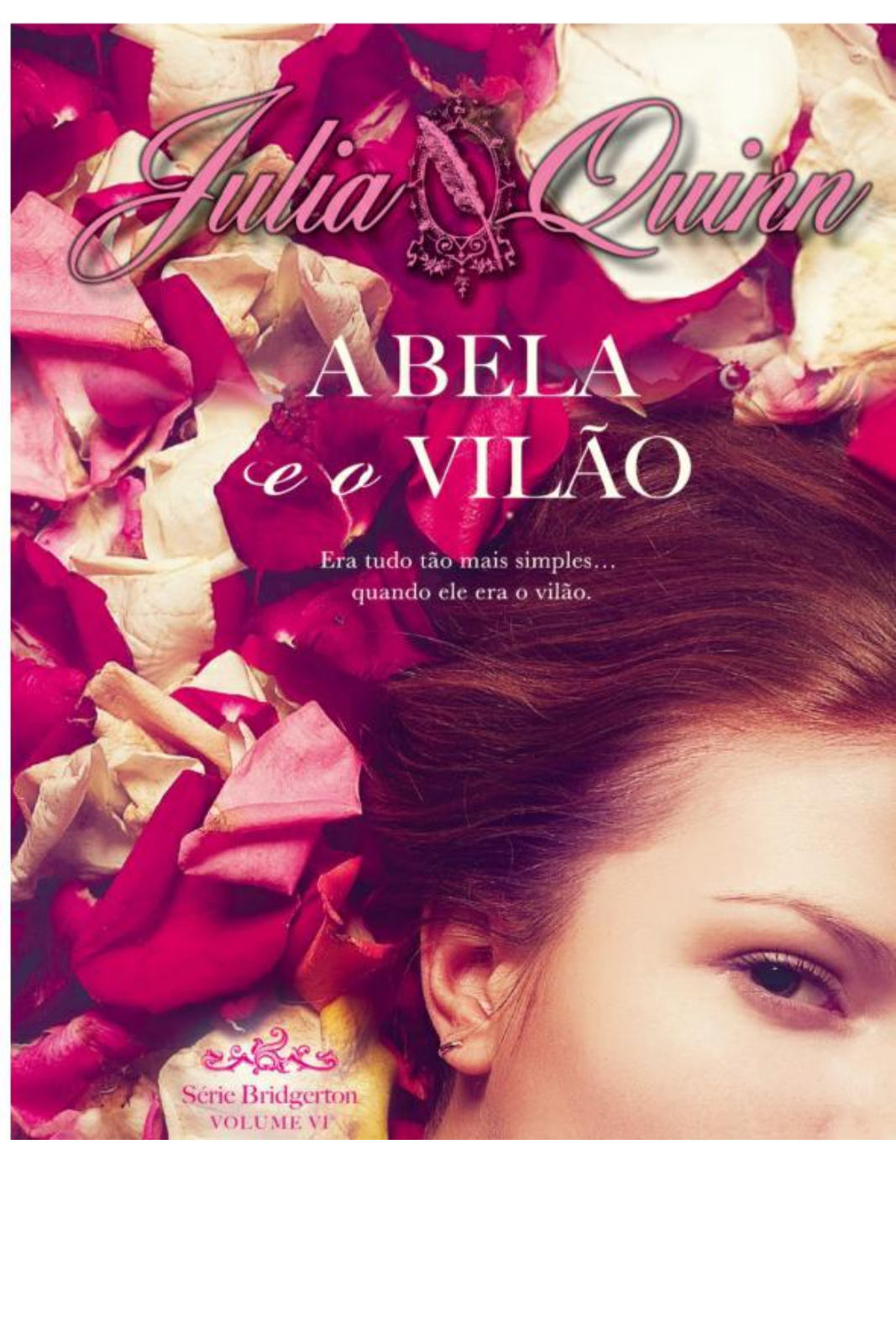




Julia Quinn

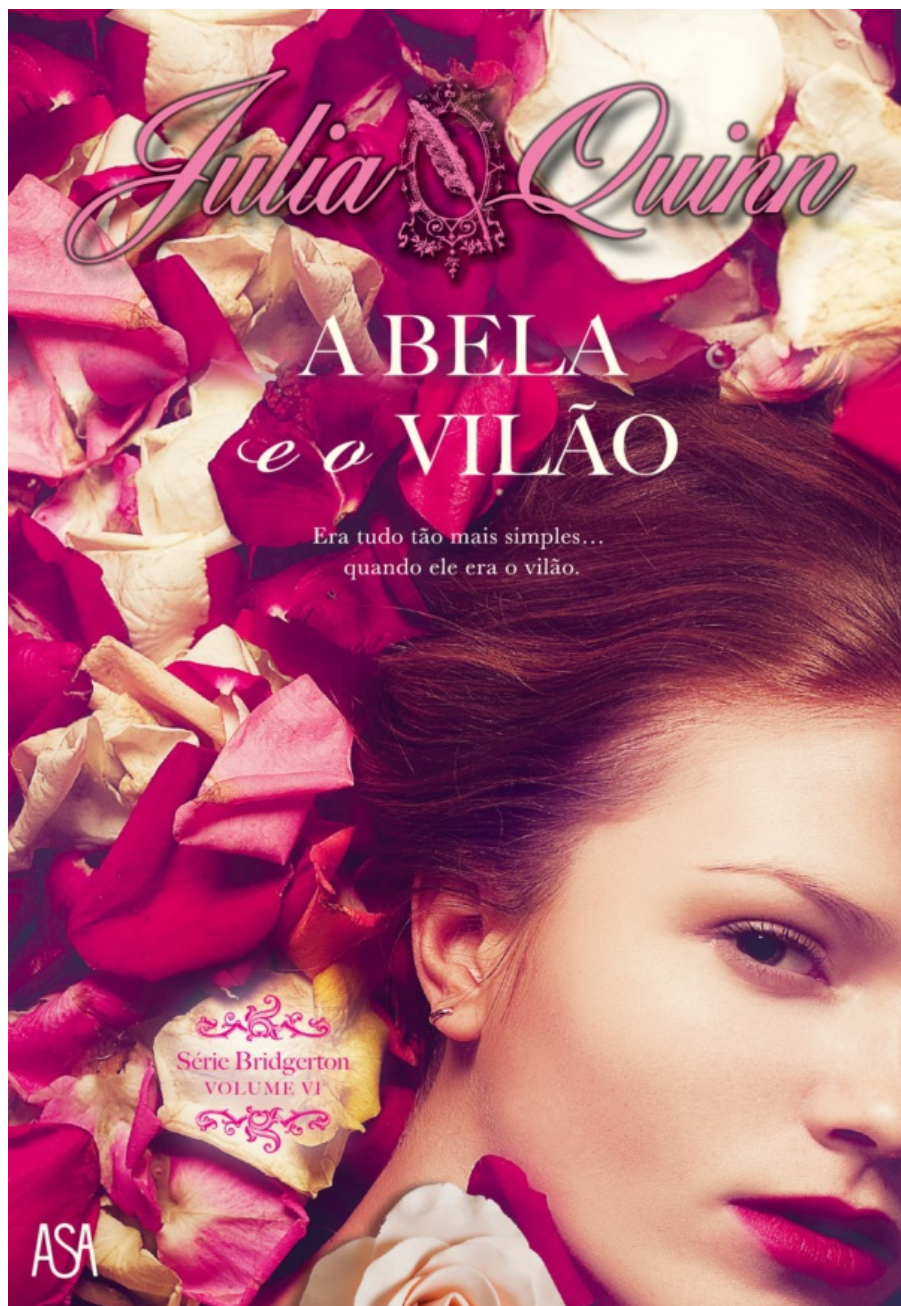
A BELA
e o VILÃO

Era tudo tão mais simples...
quando ele era o vilão.


Série Bridgerton
VOLUME VI

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



Ficha Técnica

Título original: WHEN HE WAS WICKED

Autor: Julia Quinn

Tradução: Helena Ruão

Capa: Neusa Dias

Imagens da capa: Shutterstock

Fotografia da autora: Rex Rystedtseattlephoto.com

ISBN: 9789892329246

Edições ASA II, S.A.

uma editora do Grupo LeYa

R. Cidade de Córdova, n.º 2

2160-038 Alfragide – Portugal

Tel.: (+ 351) 214 272 200

Fax: (+ 351) 214 272 201

© 2004, Julie Cotler Pottinger

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

edicoes@asa.pt

www.asa.leya.com

www.leya.pt

Para BB,

que me fez companhia

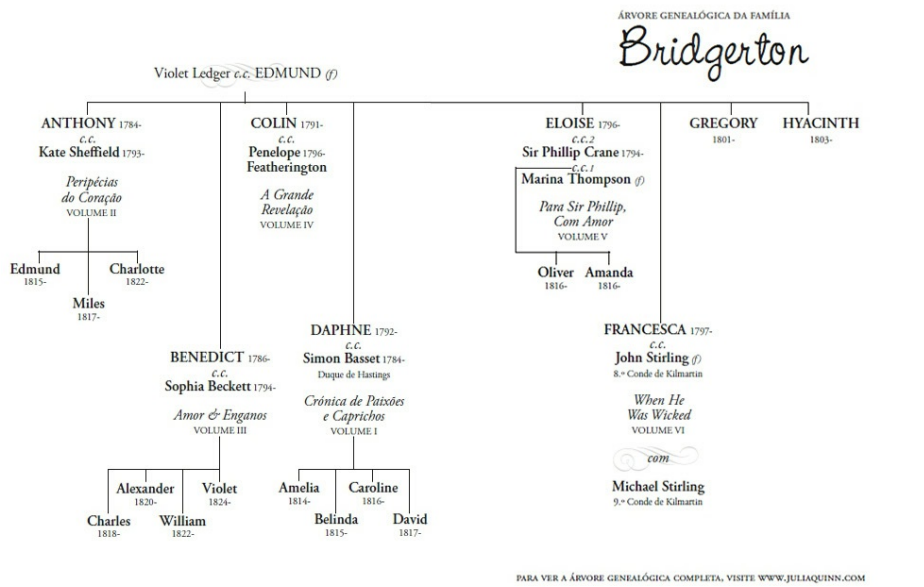
enquanto escrevi este livro.

Quem espera sempre alcança!

E também para o Paul,
mesmo querendo chamar a este livro
O Amor nos Tempos da Malária.

AGRADECIMENTOS

A autora gostaria de agradecer ao Doutor Paul Pottinger e ao Doutor Philip Yarnell pelos seus conhecimentos nas áreas de doenças infecciosas e de neurologia, respetivamente.



PARTE UM

Março de 1820
Londres, Inglaterra

CAPÍTULO 1

...Eu não diria que estou a passar um tempo maravilhoso, mas também não é assim tão mau. Afinal, há mulheres, e onde há mulheres, há certamente diversão.

De Michael Stirling para o seu primo John, conde de Kilmartin, enviado do 52.º Batalhão de Infantaria, durante as Guerras Napoleónicas

Na vida de cada um de nós há sempre um ponto de viragem. Um momento tão tremendo, tão nítido e claro que lhe sentimos o impacto no peito, a respiração arrancada de um sopro, e sabemos, *sabemos* com absoluta certeza e sem qualquer sombra de dúvida que a nossa vida nunca mais será a mesma.

Para Michael Stirling, esse momento chegou no instante em que pousou os olhos em Francesca Bridgerton.

Depois de uma vida a perseguir mulheres, a sorrir secretamente enquanto elas o perseguiam, a deixar-se capturar, para logo depois virar o jogo e sair vencedor, a acariciá-las e a beijá-las e a fazer amor com elas, sem nunca se deixar amarrar pelo coração, bastou-lhe pousar o olhar uma única vez em Francesca Bridgerton para se apaixonar tão depressa e tão profundamente que foi espantoso ter conseguido manter-se em pé.

Mas, infelizmente para Michael, o sobrenome de Francesca permaneceria Bridgerton umas meras trintas e seis horas mais; o momento em que se conheceram foi, lamentavelmente, o jantar de comemoração do casamento iminente dela com o primo dele.

A vida conseguia ser bastante irónica, gostava Michael de pensar nas alturas de disposição mais benigna.

Nas alturas de disposição menos benigna, o adjetivo utilizado era inteiramente diferente.

No entanto, desde que se apaixonara pela mulher do seu primo direito, raras eram as vezes em que a sua disposição podia ser considerada benigna.

Ah, ele escondia bem. Não seria bom mostrar-se abertamente irascível. Alguém um pouco mais perspicaz e irritante poderia mesmo reparar e – Deus o livre! – *perguntar* sobre o seu bem-estar.

Além de que Michael Stirling sentia um certo orgulho, não sem fundamento, na sua capacidade de dissimular e enganar (afinal já seduzira um número incontável de mulheres, conseguindo mesmo a proeza de nunca ter sido desafiado para um duelo). A verdade nua e crua era que nunca se apaixonara antes, e se havia momento em que um homem seria capaz de perder a capacidade de manter a fachada quando questionado diretamente, aquele seria provavelmente o momento.

Por isso ria muito, mostrava-se alegre e continuava a seduzir mulheres, tentando não reparar na sua tendência para fechar os olhos quando as tinha na cama; deixara completamente de ir à igreja, por já não lhe parecer valer a pena pensar sequer em rezar pela sua alma. Além de que a igreja paroquial

perto de Kilmartin datava de 1432 e as pedras em ruínas certamente não aguentariam o ataque direto de um raio.

Se Deus quisesse castigar um pecador, não poderia encontrar melhor espécime do que Michael Stirling.

Michael Stirling, o pecador.

Já conseguia ver o epíteto num cartão de visita. O seu humor era tão negro que poderia até mandar imprimi-lo, não fora estar convencido de que a mãe morreria no mesmo instante.

Podia ser um devasso, mas não havia necessidade de torturar a mulher que o tinha trazido ao mundo.

Era curioso como nunca vira todas aquelas mulheres como um pecado. Nem agora o fazia. Todas elas vieram de livre vontade, claro; não seria possível seduzir uma mulher se ela não estivesse disposta, pelo menos não quando se encara a sedução no verdadeiro sentido da palavra, tomando muito cuidado para não a confundir com violação. Elas tinham verdadeiramente de querer, e se não quisessem... se Michael sentisse a mais leve sombra de desconforto, dava meia-volta e afastava-se.

As suas paixões nunca eram tão descontroladas que não fosse capaz de uma partida rápida e decisiva.

Contudo, nunca tinha seduzido uma virgem, nem dormido com uma mulher casada. A bem da verdade, tinha de ser sincero consigo mesmo, mesmo vivendo uma mentira... sim, já dormira com mulheres casadas, muitas, aliás, mas apenas com aquelas cujos maridos eram biltres da pior espécie e, mesmo assim, só se elas já tivessem produzido dois filhos do sexo masculino; três, se um dos rapazes tivesse um ar adoentado.

Afinal um homem sempre tem de ter algumas regras de conduta.

Mas agora... ultrapassava todos os limites. Era totalmente inaceitável. Esta era a transgressão (e ele tinha muitas) que finalmente lhe iria enegrecer a alma ou, no mínimo – e isso supondo que era capaz de ter forças para nunca agir de acordo com o seu desejo –, pintá-la num tom bastante profundo de carvão. Porque agora... agora...

Ele cobiçava a mulher do primo.

Ele cobiçava a mulher de John.

John.

Caramba! Logo John, que era mais irmão para ele do que os seus próprios irmãos alguma vez tinham sido. John, cuja família o recebera quando o seu pai tinha morrido. John, cujo pai o tinha educado e ensinado a ser homem. John, com quem...

Ah, que inferno! Será que precisava *mesmo* de se massacrar daquela maneira? Podia passar uma semana inteira a enumerar todas as razões pelas quais iria direitinho para o inferno por ter escolhido a mulher de John para se apaixonar. E nada disso iria mudar um simples facto.

Ele não podia tê-la.

Nunca poderia ter Francesca Bridgerton Stirling.

Mas *podia* beber mais um copo, pensou com desdém, deixando-se cair no sofá e apoiando um tornozelo no joelho, observando-os na outra ponta da sala de estar, aos risinhos e sorrisinhos, e a fazer olhinhos enjoativos um ao outro.

– Acho que vou – anunciou ele, acabando a bebida que tinha na mão de um só gole.

– O que disseste, Michael? – perguntou John, a capacidade auditiva excelente, como sempre.

Michael abriu um sorriso perfeitamente artificial e ergueu o copo.

– Só estou com sede – justificou, mantendo a imagem perfeita de *bon vivant*.

Estavam em Kilmartin House, em Londres, ao contrário de Kilmartin (nem casa, nem castelo, apenas Kilmartin), na Escócia, onde os rapazes tinham crescido, ou a outra Kilmartin House, em Edimburgo... não havia uma alma criativa entre os seus antepassados, pensava Michael muitas vezes; existia também Kilmartin Cottage (se é que se podia chamar a uma casa de vinte e duas assoalhadas uma casa de campo), Kilmartin Abbey e, é claro, Kilmartin Hall. Michael não fazia ideia da razão pela qual nunca ninguém pensara em oferecer o próprio sobrenome a uma das residências; «Stirling House» soava perfeitamente respeitoso, na sua opinião. Supôs que os ambiciosos e pouco imaginativos antepassados Stirling tinham ficado tão fascinados com a recém-descoberta do condado que não conseguiram sequer pensar em pôr outro nome fosse ao que fosse.

Riu desdenhosamente para o copo de *whisky*. Era espantoso não estar a beber chá Kilmartin ou sentado numa cadeira de estilo Kilmartin. Na verdade, provavelmente estaria a fazer isso mesmo, se a sua avó tivesse encontrado uma maneira de o conseguir, sem pôr a família no comércio. A velha tirana era tão orgulhosa que seria de pensar ter nascido uma Stirling, em vez de simplesmente se ter casado com um. No que lhe dizia respeito, a condessa de Kilmartin (ela mesma) considerava-se tão importante quanto qualquer outra personalidade majestosa, e mais de uma vez mostrara o seu desagrado por ser conduzida à sala de jantar depois de uma marquesa ou duquesa arrivista.

A Rainha, raciocinou Michael. Talvez a avó se tivesse ajoelhado diante da Rainha, mas certamente não era capaz de a imaginar a mostrar deferência a qualquer outra mulher.

Ela teria aprovado Francesca Bridgerton. A Avó Stirling certamente teria torcido o nariz ao saber que o pai de Francesca era um mero visconde, mas os Bridgerton eram uma família ancestral e imensamente popular, assim como, quando estava para aí virada, poderosa. Além disso, Francesca possuía um porte reto e orgulhoso, e um sentido de humor astuto e subversivo. Se ela fosse mais velha cinquenta anos e muito menos atraente, teria dado uma excelente dama de companhia para a Avó Stirling.

E agora Francesca era a condessa de Kilmartin, casada com o seu

primo John, que era um ano mais novo do que ele, mas que em casa dos Stirling fora sempre tratado com a deferência devida ao mais velho; afinal de contas, era o herdeiro. Os pais de ambos eram gêmeos, mas o de John tinha vindo ao mundo sete minutos antes do de Michael.

Os sete minutos mais críticos na vida de Michael Stirling, e ele nem sequer era vivo.

– O que vamos fazer para o nosso segundo aniversário? – perguntou Francesca atravessando o aposento e sentando-se ao piano.

– O que quiseses – respondeu John.

Francesca voltou-se para Michael, os olhos surpreendentemente azuis, mesmo à luz das velas. Ou talvez fosse só porque ele sabia como eram azuis. Ultimamente parecia sonhar em azul. Aquela cor devia chamar-se «azul Francesca».

– Michael? – chamou ela, o tom indicando que a palavra era uma repetição.

– Desculpa – disse ele, oferecendo-lhe o sorriso torto que afixava no rosto com tanta frequência.

Ninguém o levava a sério quando sorria daquela maneira o que era, obviamente, o objetivo. – Não estava a ouvir.

– Tens alguma ideia? – perguntou ela.

– Para quê?

– Para o nosso aniversário.

Se ela tivesse uma flecha, não poderia ter-lha espetado mais fundo no coração. Mas ele limitou-se a encolher os ombros, sendo tão terrivelmente bom a fingir.

– Não é o meu aniversário – lembrou ele.

– Eu sei – respondeu ela.

Embora ele não estivesse a olhar para ela, a resposta parecia vir acompanhada de um revirar de olhos.

Mas não. Michael tinha a certeza de que não. Naqueles últimos dois anos acabara por conhecer Francesca dolorosamente bem, e sabia que

ela não revirava os olhos. Quando se mostrava sarcástica ou irónica ou matreira, estava tudo na voz e no curioso curvar da sua boca. Ela não precisava de revirar os olhos. Simplesmente olhava uma pessoa nos olhos, os lábios curvando-se levemente e...

Michael engoliu em seco e encobriu a reação com um gole da bebida. Não lhe ficava nada bem passar tanto tempo a analisar a curva dos lábios da mulher do seu primo.

– Asseguro-te – continuou Francesca, deslizando preguiçosamente as pontas dos dedos pela superfície das teclas do piano sem produzir qualquer som – de que estou bem ciente com quem me casei.

– Tenho a certeza de que sim – murmurou ele.

– Perdão?

– Continua – insistiu ele.

Os lábios dela apertaram-se numa linha impertinente. Já a vira muitas vezes com aquela expressão, geralmente dirigida aos irmãos.

– Eu estava a pedir-te conselho – prosseguiu ela – por seres uma pessoa tão frequentemente alegre.

– Eu sou tão frequentemente alegre? – repetiu ele, sabendo que era assim que o mundo o via, afinal chamavam-lhe o Alegre Libertino, mas odiando a expressão saída dos lábios dela. Fazia-o sentir-se frívolo, sem substância.

E então sentiu-se ainda pior, provavelmente por ser verdade.

– Discordas? – perguntou ela.

– Claro que não – respondeu ele num murmúrio. – Simplesmente não estou habituado a que me peçam conselho a respeito de datas comemorativas, uma vez que é óbvio que não tenho queda para o casamento.

– Isso não é de todo óbvio – retorquiu ela.

– Agora é que a fizeste bonita – comentou John com uma risada, recostando-se na poltrona com o jornal *Times* daquela manhã.

– Nunca tentaste o casamento – salientou Francesca. – Como podes saber se tens ou não queda para isso?

Michael conseguiu abrir um sorriso afetado.

– Acho que é bastante óbvio para quem me conhece. Além disso, que necessidade tenho eu de me casar? Não possuo título, nem propriedade...

– Tens propriedade, sim senhor – interrompeu John, demonstrando que ainda estava atento à conversa por trás do seu jornal.

– Apenas uma pequena propriedade – corrigiu Michael – que terei todo o prazer em deixar para os vossos filhos, uma vez que me foi dada pelo John, de qualquer maneira.

Francesca olhou para o marido, e Michael soube exatamente o que ela estava a pensar – que John

lhe havia dado a propriedade porque queria que o primo sentisse que tinha algo de seu, um propósito.

Michael andava insatisfeito e perdido desde que saíra do exército vários anos antes. E embora John nunca o tivesse dito, Michael sabia que ele se sentia culpado por não ter lutado pela Inglaterra no Continente, por se ter deixado ficar enquanto Michael enfrentava o perigo sozinho.

Mas John era herdeiro de um condado. Ele tinha o dever de casar, de ser produtivo e de se reproduzir. Ninguém esperava que ele fosse para a guerra.

Michael pensava muitas vezes se a propriedade de oito hectares, com um solar bastante agradável e confortável, seria uma forma de penitência para John. Suspeitava também que Francesca se perguntava o mesmo.

Mas ela nunca o questionaria. Francesca compreendia os homens com uma lucidez notável, talvez por ter crescido com tantos irmãos. Francesca sabia exatamente o que não perguntar a um homem.

O que deixava sempre Michael ligeiramente preocupado. Ele pensava que escondia bem os seus sentimentos, mas... e se ela *sabia*? Ela nunca o mencionaria, é claro, nunca faria a mais pequena alusão. Aliás, ele suspeitava que, ironicamente, ambos eram muito parecidos nisso. Mesmo se Francesca suspeitasse que ele estava apaixonado por ela, *nunca* alteraria o comportamento para com ele.

– Acho que deviam ir para Kilmartin – disse Michael abruptamente.

– Para a Escócia? – perguntou Francesca, tocando um si bemol suave no piano. – Tão próximo do início da temporada?

Michael levantou-se, subitamente ansioso por sair dali. Nem sequer deveria ter vindo.

– Porque não? – disse ele, em tom descontraído. – Tu adoras lá estar. O John também. A viagem não é assim tão longa se a carruagem tiver boas molas.

– Vens connosco? – perguntou John.

– Não me parece – respondeu Michael com certa rispidez.

Não estava com vontade nenhuma de testemunhar a festa de aniversário de ambos. Na verdade, só serviria para o fazer lembrar do que ele nunca poderia ter. O que, por sua vez, faria vir ao de cima o sentimento de culpa. Ou aumentá-lo ainda mais. Um lembrete bastante desnecessário, já que era obrigado a viver com isso todos os dias.

Não cobiçarás a mulher do teu primo.

Moisés deve ter-se esquecido de escrever mais esta.

– Tenho muito que fazer por cá – justificou Michael.

– Tens? O quê? – perguntou Francesca, os olhos iluminando-se de interesse.

– Oh, tu sabes – ironizou ele –, todas aquelas coisas que tenho de fazer para me preparar para uma vida dissoluta e fútil.

Francesca levantou-se.

Oh, Deus, ela levantara-se e caminhava na direção dele. Isso era o pior: quando ela lhe tocava.

Ela pousou-lhe a mão no braço e Michael esforçou-se ao máximo para não se encolher.

– Gostava que não falasses dessa maneira – disse ela.

Michael olhou, por cima do ombro dela, para John, que levantara o jornal apenas o suficiente para poder fingir que não estava a ouvir.

– Estou a tornar-me um dos teus projetos, é? – perguntou Michael,

com um traço de maldade.

Ela recuou.

– Nós preocupamo-nos contigo.

Nós. Nós. Não *eu*, nem o *John*. Nós. Uma lembrança subtil de que eles eram um só. John e Francesca. Lord e Lady Kilmartin. É claro que ela não quisera dizê-lo dessa forma, mas era assim que ele interpretava.

– Eu também me preocupo convosco – disse Michael, à espera que uma praga de gafanhotos invadissem subitamente a sala.

– Eu sei – respondeu ela, ignorante da sua angústia. – Não podia ter pedido um primo melhor. Mas eu quero que sejas feliz.

Michael olhou de soslaio para John, numa clara súplica silenciosa que dizia: *Salva-me*.

John parou de tentar fazer de conta que lia e pousou o jornal.

– Francesca, querida, o Michael é um homem adulto. Ele vai encontrar a felicidade como e *quando* lhe aprouver.

Os lábios de Francesca contraíram-se e Michael percebeu-lhe a irritação. Ela não gostava de ser contrariada, e muito menos de ter de admitir que podia não ser capaz de organizar todo o seu mundo

– e o das pessoas que nele habitam – a seu bel-prazer.

– Eu devia apresentar-te à minha irmã – anunciou ela.

Era só o que lhe faltava!

– Eu conheço a tua irmã – apressou-se Michael a responder. – Todas elas, na verdade. Mesmo a que ainda mal deixou os cueiros.

– Ela não usa... – Francesca interrompeu-se, cerrando os dentes. – Concordo que a Hyacinth não é adequada, mas a Eloise é...

– Eu não vou casar com a Eloise – cortou Michael.

– Eu não disse que tinhas de casar com ela – contrapôs Francesca. – Bastava dançares com ela uma ou outra vez.

– Já o fiz – lembrou ele. – E isso é o bastante.

– Mas...

– Francesca – advertiu John, num tom suave, mas com um significado claro: *para*.

Michael ficou tão grato pela interferência que poderia tê-lo beijado. Obviamente, John pensara apenas em salvar o primo da dispensável e desnecessária censura feminina; era impossível ele saber a verdade: que Michael estava a tentar calcular o nível de culpa que alguém poderia sentir por estar apaixonado pela mulher do primo *e* pela irmã da mulher.

Por Amor de Deus! Casado com Eloise Bridgerton. Queria Francesca *matá-lo*?

– Vamos todos dar um passeio? – sugeriu Francesca de repente.

Michael olhou de relance pela janela. Todos os vestígios da luz do dia haviam abandonado o céu.

– Não é um pouco tarde para isso? – questionou.

– Não com dois homens fortes a servir de companhia – respondeu ela.
– Além de que as ruas de Mayfair são muito bem iluminadas. É perfeitamente seguro. – Virou-se para o marido. – O que me dizes, querido?

– Eu tenho um compromisso esta noite – anunciou John, consultando o relógio de bolso –, mas vai com o Michael.

Mais uma prova de que John não fazia ideia dos sentimentos de Michael.

– Vocês os dois divertem-se sempre muito quando estão juntos – acrescentou John.

Francesca virou-se para Michael e sorriu, infiltrando-se-lhe mais um centímetro no coração.

– Acompanhas-me? – pediu ela. – Estou desesperada por um pouco de ar fresco, agora que a chuva

parou. Estive o dia todo com uma sensação estranha, devo dizer.

– Claro que sim – respondeu Michael, já que todos sabiam que ele não tinha compromissos. A vida dele era feita de uma libertinagem cuidadosamente cultivada.

Além de ser incapaz de lhe resistir. Sabia que devia manter-se afastado, sabia que nunca deveria permitir-se ficar sozinho com ela. É certo que nunca tomaria uma atitude concordante com os próprios desejos, mas, sinceramente, por que razão se submetia a uma agonia destas? Acabaria o dia sozinho na cama, assolado pela culpa e pelo desejo, ambos quase na mesma medida.

Mas quando ela lhe sorria, era incapaz de dizer não. Muito menos tinha força de vontade suficiente para negar a si próprio uma hora na sua companhia.

Porque a companhia dela era tudo a que alguma vez teria direito. Nunca haveria um beijo, nunca um olhar cheio de significado ou um toque. Não haveria palavras de amor sussurradas, nem gemidos de paixão.

Tudo o que poderia ter era o seu sorriso e a sua companhia, e sendo o idiota patético que era, estava mais do que disposto a aceitar.

– Dá-me só um momento – pediu ela, parando na porta. – Preciso de ir buscar um casaco.

– Despacha-te – avisou John. – Já passa das sete da tarde.

– Fico perfeitamente segura com o Michael a proteger-me – respondeu ela com um sorriso bem-disposto –, mas não te preocupes, serei rápida. – E brindando o marido com um sorriso atrevido, acrescentou: – Aliás, sou sempre rápida.

Michael desviou o olhar ao ver o primo corar. Meu Deus! Ele *realmente* não queria saber o significado por trás daquele « *serei rápida* ». Infelizmente, podia significar uma infinidade de coisas, todas elas delirantemente sexuais; o mais provável era passar a próxima hora a catalogá-las na sua mente, imaginando-se o beneficiário.

Ajeitou o plastrão. Talvez pudesse escapar do passeio com Francesca. Talvez pudesse ir para casa e preparar um banho frio. Ou melhor ainda, encontrar uma mulher solícita de longos cabelos castanhos. Com sorte, de olhos azuis, também.

– Peço desculpa – disse John, assim que Francesca saiu.

Os olhos de Michael voaram para o rosto do primo. Certamente John nunca mencionaria as insinuações de Francesca.

– Sei que ela está sempre a moer-te o juízo – explicou John. – Ainda és

jovem. Não precisas de casar já.

– Tu és mais novo do que eu – salientou Michael, mais para contrariar.

– É verdade, mas conheci a Francesca – respondeu John, encolhendo os ombros, impotente, como se essa explicação fosse suficiente. Obviamente, era.

– Eu não me importo que ela me moa o juízo – comentou Michael.

– Claro que te importas. Posso vê-lo nos teus olhos.

Esse era o problema. John *podia* ver a reação nos olhos dele. Não havia ninguém que o conhecesse melhor. Se alguma coisa o incomodava, John seria sempre capaz de perceber. O milagre era John não perceber a *razão* da angústia de Michael.

– Vou pedir-lhe para te deixar em paz – disse John –, mas quero que saibas que ela só te azucrina porque te adora.

Incapaz de quaisquer palavras, Michael conseguiu esboçar um pequeno sorriso.

– Obrigado por a levares a passear – agradeceu John, levantando-se. – Ela tem estado um pouco

irritadiça por causa da chuva. Disse que está a sentir-se invulgarmente enclausurada.

– A que horas é o teu compromisso? – perguntou Michael.

– Às nove – respondeu John, quando saíam para o corredor. – Vou encontrar-me com Lord Liverpool.

– Questões parlamentares?

John assentiu com a cabeça. Ele levava muito a sério a sua posição na Câmara dos Lordes. Várias vezes Michael se perguntara se teria encarado o dever com tanta gravidade, caso tivesse nascido lorde.

Provavelmente não. Mas, também, que importância tinha?

Michael viu John friccionar a têmpora esquerda.

– Estás bem? Pareces um pouco... – não terminou a frase porque não tinha a certeza de como John parecia. Mas não lhe parecia bem. Só isso.

E conhecia John. Como a palma da sua própria mão. Talvez ainda melhor do que Francesca o conhecia.

– Uma tremenda de uma dor de cabeça – resmoneou John. – Não me largou o dia todo.

– Queres que peça para trazerem láudano?

John fez que não com a cabeça.

– Odeio isso. Deixa-me a cabeça confusa, e eu preciso do meu juízo em perfeitas condições para o encontro com Liverpool.

Michael anuiu.

– Estás pálido – comentou. Ora, o que sabia ele? Certamente não iria mudar a opinião de John em relação ao láudano.

– Estou? – perguntou John, encolhendo-se de dor ao fazer mais pressão com os dedos nas têmporas. – Acho que me vou deitar, se não te importas. Só tenho de sair daqui a uma hora.

– Fazes bem – murmurou Michael. – Queres que peça a alguém para te acordar?

John negou com a cabeça, respondendo:

– Eu peço ao meu criado particular.

Nesse momento, Francesca desceu as escadas, envolta numa longa capa de veludo azul-escuro.

– Boa noite, meus senhores – disse ela, deleitando-se claramente com a exclusividade da atenção masculina. Mas assim que atingiu o fundo da escadaria, franziu a testa. – Passa-se alguma coisa, querido? – perguntou a John.

– Não é nada. Só uma dor de cabeça – respondeu ele.

– Devias ir deitar-te – aconselhou ela.

John conseguiu esboçar um sorriso.

– Acabei de dizer ao Michael que estava a pensar nisso mesmo. Vou pedir ao Simons que me acorde a tempo da reunião.

– Com Lord Liverpool? – perguntou Francesca.

– Sim. Às nove.

– É por causa das Seis Leis? 1

John assentiu em confirmação.

– E sobre o regresso ao padrão-ouro. Falei-te disso ao pequeno- - almoço, se bem te lembras.

– Não te esqueças de... – Interrompeu-se, sorrindo e abanando a cabeça. – Bem, tu sabes como me sinto em relação a isso.

John sorriu, inclinou-se e deu-lhe um beijo suave nos lábios.

– Eu sei sempre como te sentes, querida.

Michael fingiu olhar para outro lado.

– Nem sempre – brincou ela, a voz quente e provocante.

– Sempre que é preciso – revidou John.

– Isso é verdade – admitiu ela. – Lá se vai a minha tentativa de ser uma mulher misteriosa.

Ele beijou-a novamente.

– Eu prefiro que sejas um livro aberto.

Michael pigarreou. Não lhe devia ser tão difícil; John e Francesca estavam a comportar-se da maneira que lhes era habitual. Afinal eles eram, como a maioria da alta sociedade comentara, como duas gotas de água: davam-se maravilhosamente e amavam-se prodigiosamente.

– Está a fazer-se tarde – disse Francesca. – Tenho de sair agora, se ainda quero apanhar um pouco de ar fresco.

John concordou com um gesto de cabeça, fechando os olhos um momento.

– Tens a certeza de que estás bem?

– Sim, estou bem – reiterou ele. – É só uma dor de cabeça.

Francesca enfiou a mão no braço de Michael, mas quando chegou à porta, ainda disse por cima do ombro:

– Não te esqueças de tomar o láudano quando voltares da reunião, já que sei perfeitamente que não o vais fazer agora.

John assentiu com a cabeça, a expressão cansada, e subiu as escadas.

– Pobre John – comentou Francesca ao sair para o ar revigorante da noite. Inspirou fundo e soltou um suspiro. – Detesto dores de cabeça. Têm o dom de me deixar especialmente em baixo.

– Eu nunca as tenho – admitiu Michael, conduzindo-a escada abaixo até à calçada.

– Verdade? – Ela olhou para ele, um canto da boca a curvar-se num trejeito tão dolorosamente familiar. – Que sorte a tua!

O comentário quase fez Michael dar uma gargalhada. Ali estava ele, a passear na noite com a mulher amada.

Que sorte a dele.

1 As Seis Leis (*Six Acts*), aprovadas em 1819, foram medidas repressivas tomadas pelo governo britânico para lidar com a agitação reformista radical na sequência do que ficou conhecido como «Massacre de Peterloo». (*N. da T.*)

CAPÍTULO 2

...e mesmo se fosse assim tão mau, suspeito que não me dizias. Quanto às mulheres, tenta, pelo menos, certificar-te de que são asseadas e não têm doenças. Quanto ao resto, faz o que tiveres a fazer para tornares o tempo suportável. E, por favor, tenta não seres morto. Correndo o risco de soar piegas, não sei o que faria sem ti.

Do conde de Kilmartin para o seu primo Michael Stirling, enviado ao cuidado do 52.º Batalhão de Infantaria durante as Guerras Napoleónicas

Apesar de todos os seus defeitos – e Francesca estava disposta a admitir que Michael Stirling tinha muitos –, ele era um homem

verdadeiramente *encantador*.

Era terrivelmente sedutor (já o vira em ação e tinha de admitir que qualquer mulher, por mais inteligente que fosse, perdia todo o bom senso quando ele decidia ser encantador), e não encarava a vida com a gravidade que ela e John teriam gostado, mas apesar de tudo isso, não podia deixar de sentir um grande amor por ele.

Era o melhor amigo de John – até John se ter casado com *ela*, é claro – e ao longo dos últimos dois anos tornara-se, também para ela, um bom confidente.

Era curioso. Quem diria que teria um homem como um dos seus amigos mais íntimos?

Não que se sentisse pouco à vontade com os homens; quatro irmãos tendiam a extirpar qualquer traço de delicadeza da mais feminina das criaturas. Mas ela não era como as irmãs. Daphne e Eloise... e até Hyacinth, talvez, embora ela fosse muito jovem ainda para se saber com certeza... eram tão extrovertidas e alegres. Eram daquele tipo de mulher que se distinguia em atividades como a caça e o tiro, o que as levava a serem consideradas «boas parceiras». Francesca já notara que os homens se sentiam sempre confortáveis na presença delas e o sentimento era inteiramente mútuo.

Mas ela era diferente. Sempre se sentira um bocadinho diferente do resto da família. Amava-os com toda a força do seu coração e daria a sua vida por qualquer um deles, mas embora se parecesse com uma Bridgerton, interiormente sempre se sentira um pouco deslocada.

Ao passo que o resto da família era sociável, ela era... não exatamente tímida, mas um pouco mais reservada, mais cuidadosa com as palavras. Desenvolvera a fama de ser irónica e sagaz, e era a primeira a admitir que raramente conseguia resistir à oportunidade de alfinetar os irmãos com um comentário mordaz. É claro que o fazia por amor, e talvez com uma pitada do típico desespero proveniente de passar demasiado tempo com a família, mas eles também não se deixavam ficar e devolviam-lhe qualquer provocação, por isso a justiça era feita.

Era a dinâmica da família. Eles riavam-se, provocavam-se uns aos outros, discutiam. A contribuição de Francesca para o tumulto era apenas ligeiramente mais pacata do que a dos demais, um pouco mais astuta e subversiva.

Muitas vezes se perguntava se parte da atração que sentira por John fora o simples facto de ele a

ter afastado do frequente caos que era a família Bridgerton. Não que ela não o amasse; amava-o, sim.

Adorava-o com cada pulsar do seu corpo. Ele era a sua alma gêmea, tão parecido com ela em tantas coisas. Mas, de uma certa e estranha maneira, fora um alívio sair da casa da mãe, escapar para uma existência mais serena com John, cujo sentido de humor era exatamente igual ao dela.

Ele entendia-a, antecipava-lhe até o pensamento.

Completava-a.

Quando o conheceu, a sensação fora tão estranha... quase como se ela fosse a peça recortada de um *puzzle* que finalmente encontrara o encaixe perfeito. O primeiro encontro não tinha sido o de amor ou de paixão à primeira vista, mas antes pleno de uma bizarra sensação de ter finalmente encontrado a única pessoa com quem poderia ser totalmente ela própria.

Fora instantâneo. Repentino. Não se lembrava exatamente do que ele lhe dissera, mas a partir do momento em que as primeiras palavras lhe saíram dos lábios, ela sentiu-se em casa.

E com ele viera Michael, o primo, embora verdade seja dita, os dois eram muito mais como irmãos. Tinham sido criados juntos e, sendo tão próximos em idade, tinham partilhado tudo.

Isto é, quase tudo. John era o herdeiro de um condado e Michael era apenas o primo, por isso era natural que os dois rapazes não fossem tratados exatamente da mesma maneira. Mas pelo que Francesca ouvira dizer e pelo que agora conhecia da família Stirling, ambos tinham sido amados em igual medida, e estava convicta de ser essa a chave para o bom humor de Michael.

Porque embora John tivesse herdado o título e a riqueza, e bem... tudo, Michael parecia não sentir uma ponta de inveja.

Ela achava incrível o facto de ele não sentir inveja. Fora criado como irmão de John, como o irmão mais velho de John, aliás, e ainda assim jamais sentira rancor pelas benesses do primo.

Era por essa razão que Francesca o amava tanto. Michael certamente faria troça dela se tentasse elogiá-lo por isso e sem dúvida iria salientar os seus muitos pecadilhos (nenhum dos quais, infelizmente, eram exagerados) para provar que a sua alma era negra e que era um

completo facínora, mas a verdade é que Michael Stirling possuía um espírito generoso e uma capacidade de amar inigualável.

E se não lhe encontrasse uma mulher brevemente, iria enlouquecer.

– Afinal, o que é que a minha irmã tem de mal? – perguntou ela, consciente de que a sua voz perfurara repentinamente o silêncio da noite.

– Francesca – começou ele, e ela ouviu-lhe a irritação e também, felizmente, um pouco de divertimento na voz –, eu não vou casar com a tua irmã.

– Eu não disse que tinhas de te casar com ela.

– Não precisas. O teu rosto é um livro aberto.

Ela ergueu os olhos para ele, torcendo os lábios.

– Não estavas sequer a olhar para mim.

– Claro que estava, mas também não importa. Sei muito bem qual é a tua intenção.

Ele estava certo e isso assustava-a. Às vezes temia que ele a compreendesse tão bem quanto John.

– Precisas de uma mulher – argumentou ela.

– Não acabaste de prometer ao teu marido que ias parar de me azucrinar com esse assunto?

– Na verdade, não – respondeu ela, lançando-lhe um olhar superior. – Ele pediu, é claro...

– É claro – resmoneou Michael.

Ela soltou uma gargalhada. Ele conseguia sempre fazê-la rir.

– Eu pensei que as esposas deveriam aceder aos desejos dos maridos – disse Michael, arqueando a sobrancelha direita. – Na verdade, tenho a certeza de que isso está nos votos matrimoniais.

– Seria um grande desfavor da minha parte se te arranjasse uma mulher *dessas* – contrapôs ela, vincando o comentário com um riso oportuno e extremamente desdenhoso.

Ele dirigiu-lhe uma expressão vagamente paternalista. Devia ter sido um nobre, pensou Francesca.

Embora fosse demasiado irresponsável para os deveres a que um título obriga, quando se punha a olhar para uma pessoa daquela maneira, todo ele arrogância e altivez, parecia mesmo um duque da realeza.

– As tuas responsabilidades como condessa de Kilmartin não incluem arranjar-me uma mulher –

afirmou ele.

– Mas deveriam.

Ele riu-se, o que a deixou feliz. Consequia sempre fazê-lo rir.

– Muito bem – disse ela, dando-se temporariamente por vencida. – Então conta-me uma das tuas histórias perversas. Uma daquelas que o John certamente não aprovaria.

Era um jogo deles, mesmo na presença de John, embora John insistisse sempre em, pelo menos, fingir que os desencorajava. Mas Francesca suspeitava de que John gostava das histórias de Michael tanto como ela. Assim que concluía as suas advertências obrigatórias, era todo ouvidos.

Não que Michael lhes contasse todos os pormenores. Era demasiado discreto. Mas fazia alusões e insinuações, e Francesca e John divertiam-se sempre muito. Não trocariam a sua felicidade conjugal por nada, mas quem não gostava de se regalar com histórias picantes e devassas?

– Infelizmente não fiz nada de perverso esta semana – disse Michael, conduzindo-a e contornando a esquina para King Street.

– Não fizeste? Impossível!

– Mas ainda só é terça-feira – lembrou ele.

– Sim, mas não contando com o domingo, que eu tenho a certeza de que não irias profanar –

lançou-lhe um olhar que dizia estar certa de ele já ter pecado de todas as formas possíveis, fosse domingo ou não –, ainda tens segunda-feira, e um homem ainda pode fazer muito numa segunda-feira.

– Não este homem. Não esta segunda-feira.

– O que fizeste, então?

Ele pensou e disse:

– Nada de especial.

– Isso é impossível – brincou ela. – Tenho certeza de que te vi acordado durante, pelo menos, uma hora.

Ele não refutou e, encolhendo os ombros de uma forma que ela achou estranhamente perturbadora, disse:

– Não fiz nada. Andei, falei, comi, mas cheguei ao fim do dia sem histórias para contar.

Num impulso, Francesca apertou-lhe o braço.

– Vamos ter de te encontrar alguma coisa – disse ela com suavidade.

Ele olhou para ela, os estranhos olhos argênteos capturando os dela com uma intensidade que ela sabia não vir à tona com frequência.

Mas, num piscar de olhos, o brilho desapareceu e ele voltou a ser o Michael Stirling de sempre, embora ela suspeitasse que ele não era de todo o homem que queria que as pessoas acreditassem que era. Mesmo, às vezes, ela.

– Devíamos voltar para casa – anunciou ele. – Está a fazer-se tarde e o John mata-me se eu te deixar apanhar uma constipação.

– O John só atribuiria as culpas a *mim*, pela minha loucura, sabes bem disso – retorquiu Francesca.

– É apenas a tua maneira de me dizeres que tens uma mulher à espera, provavelmente envolta em nada mais do que os lençóis da cama.

Ele virou-se para ela e abriu um sorriso malicioso e diabólico, e ela entendeu por que razão metade da alta sociedade (a metade feminina) se imaginava apaixonada por ele, mesmo não tendo título ou fortuna.

– Disseste que querias uma história perversa, não? – perguntou ele. – Queres mais pormenores? A cor dos lençóis, talvez?

Ela corou. Irra! *Odiava* quando isso lhe acontecia, mas, pelo menos, a reação ficou encoberta pela noite.

– Não são amarelos, espero – brincou ela, porque não podia suportar

deixar a conversa terminar num momento de embaraço. – O amarelo dá-te um ar macilento.

– Não pretendo usar os lençóis – comentou ele em tom indolente.

– Mesmo assim.

Ele soltou um riso abafado, e ela sabia que ele estava ciente de que ela o dissera apenas para ter a última palavra. Pensou que ele lhe fosse conceder aquela pequena vitória, mas no exato momento em que começava a sentir alívio no silêncio, ele anunciou:

– Vermelhos.

– Desculpa? – Mas é claro que sabia o que ele queria dizer.

– Os lençóis são vermelhos, acho.

– Não posso acreditar que me tenhas contado isso.

– Tu perguntaste, Francesca Stirling. – Lançou-lhe um olhar altivo e uma madeixa de cabelo preto azeviche caiu-lhe sobre a testa. – Estás com sorte se eu não contar ao teu marido.

– O John nunca se preocuparia por minha causa – afirmou ela.

Por um instante achou que ele não iria responder, mas então ele disse:

– Eu sei – num tom estranhamente grave e sério. – É a única razão porque brinco contigo.

Ela, que estava de olhos postos no chão, atenta a obstáculos no caminho, ouviu-lhe tanta seriedade na voz que teve de olhar para cima.

– És a única mulher que conheço incapaz de se desviar do seu caminho – declarou ele, tocando-lhe o queixo. – Não fazes ideia do quanto te admiro por isso.

– Eu amo o teu primo – sussurrou ela. – Nunca seria capaz de o trair.

Ele deixou cair a mão.

– Eu sei.

Ele ficava tão lindo à luz do luar, tão desesperadamente a precisar de amor, que ela sentiu um aperto enorme no coração. Era impossível que alguma mulher fosse capaz de lhe resistir, àquele rosto perfeito e

ao corpo alto e musculoso. Qualquer uma que se dedicasse a explorar o que estava sob aquela máscara, chegaria à mesma conclusão que ela: que ele era um homem bom, leal e verdadeiro.

Com um toque diabólico, é certo, mas Francesca supunha que esse fator contribuía ainda mais para atrair as mulheres.

– Vamos? – sugeriu Michael, subitamente encantador.

Ele fez um gesto com a cabeça para trás, na direção de casa, e ela suspirou e deu meia-volta.

– Obrigada por teres vindo comigo – disse ela, após alguns minutos de silêncio confortável. – Eu não estava a exagerar quando disse que a chuva estava a pôr-me louca.

– Não foi isso que disseste – salientou ele, arrependendo-se de imediato. Ela dissera que estivera o dia todo com uma sensação estranha, não a ficar louca, mas apenas um sabichão idiota ou um tolo apaixonado teria notado a diferença.

– Não foi? – Ela franziu o sobrolho. – Bem, se não disse, pensei. A verdade é que estive apática o dia todo. O ar fresco fez-me muito bem.

– Então fico feliz por ter ajudado – disse ele em tom galanteador.

Ela sorriu enquanto subiam a escadaria de entrada de Kilmartin House. O mordomo devia estar atento à chegada deles porque a porta abriu-se assim que os pés tocaram o último degrau; no átrio de entrada, Michael esperou que Francesca tirasse a capa.

– Ficas para mais uma bebida, ou tens de sair já para o teu compromisso? – perguntou ela, os olhos reluzentes de malícia.

Ele lançou um olhar ao relógio ao fundo do átrio. Eram oito e meia e, embora não tivesse compromisso nenhum (não havia nenhuma mulher à espera dele, embora certamente pudesse encontrar uma num piscar de olhos, e talvez o fizesse), não sentia grande vontade de se deixar ficar ali em Kilmartin House.

– Tenho de ir – respondeu. – Tenho muito que fazer.

– Não tens nada para fazer e sabes disso – argumentou ela. – Só queres ser mauzinho.

– É um passatempo admirável – murmurou ele.

Ela abriu a boca para replicar, mas, nesse momento, Simons, o criado particular recentemente contratado por John, desceu as escadas.

– Minha senhora – inquiriu ele.

Francesca virou-se para ele e inclinou a cabeça, autorizando-o a falar.

– Eu bati na porta de sua senhoria e chamei-o duas vezes, mas ele parece estar a dormir muito profundamente. Quer que eu insista em acordá-lo?

Francesca anuiu.

– Sim. Eu adoraria deixá-lo dormir. Ele anda a trabalhar tanto ultimamente – disse ela, dirigindo este comentário a Michael –, mas eu sei que esta reunião com Lord Liverpool é muito importante. Por isso... não, espere, eu própria o acordo. É melhor assim.

Virou-se para Michael.

– Vejo-te amanhã?

– Na verdade, se o John ainda não saiu, eu espero – respondeu ele. – Vim a pé, e assim posso aproveitar-me da carruagem quando ele já não precisar dela.

Ela assentiu com a cabeça e apressou-se a subir as escadas, deixando Michael sem nada para fazer exceto cantarolar baixinho enquanto examinava ociosamente os quadros do átrio.

Então Francesca gritou.

Michael não se lembrava sequer de correr escada acima, mas ali estava ele, no quarto de John e Francesca, o único aposento da casa onde nunca entrara.

– Francesca – chamou, preocupado. – Frannie, Frannie, o que é...

Ela estava sentada na cama, agarrada ao antebraço de John, que se encontrava caído para fora da cama.

– Acorda-o, Michael – implorou ela. – Acorda-o. Faz isso por mim. Acorda-o!

Michael sentiu o chão fugir-lhe debaixo dos pés. A cama estava do

outro lado do quarto, a mais de três metros e meio de distância, mas ele *soube*.

Ninguém conhecia John como ele. Ninguém.

E John não estava naquele quarto. Fora-se. O que estava na cama...

Não era John.

– Francesca – sussurrou ele, movendo-se lentamente em direção a ela. Sentia os membros do próprio corpo estranhos e desengonçados e horrendamente lentos. – Francesca.

Ela olhou-o com os olhos enormes, aflitos.

– Acorda-o, Michael.

– Francesca, eu...

– Agora! – gritou ela, lançando-se sobre ele. – Acorda-o! Tu consegues fazê-lo. Acorda-o!

Acorda-o!

Não havia mais a fazer, exceto ficar ali e deixá-la golpeá-lo no peito com os punhos cerrados, ficar ali e deixá-la agarrá-lo pelo colarinho e sacudi-lo e puxá-lo até ele ficar sem respiração. Não podia sequer abraçá-la, oferecer-lhe algum conforto, porque se sentia tão devastado e trespassado pela dor como ela.

De repente o fogo abandonou-a e ela caiu-lhe nos braços, as lágrimas perpassando-lhe a camisa.

– Ele teve uma dor de cabeça – choramingou. – Foi só isso. Uma dor de cabeça. Foi só uma dor de cabeça. – Ergueu os olhos para ele, escrutinando-lhe o rosto, à procura de respostas que Michael nunca seria capaz de lhe dar. – Foi só uma dor de cabeça – repetiu.

Parecia completamente destruída.

– Eu sei – disse ele, embora soubesse que não era suficiente.

– Oh, Michael! – soluçou ela. – O que é que eu faço agora?

– Não sei – respondeu ele, por ser a mais pura verdade.

Entre Eton, Cambridge e o exército, ele tinha sido treinado para tudo

o que a vida de um cavalheiro inglês deveria oferecer. Mas nunca fora treinado para *isto*.

– Não compreendo – dizia ela, e ele supôs que ela estivesse a dizer imensas coisas, mas nada fazia sentido aos seus ouvidos. Nem sequer tinha forças para ficar em pé e, juntos, deixaram-se cair no tapete, encostados à beira da cama.

Ele fitava cegamente a parede oposta, perguntando-se porque não chorava. Sentia-se paralisado, o corpo pesado, e não conseguia afastar a sensação de a alma lhe ter sido arrancada do corpo.

O John, não.

Porquê?

Porquê?

Ali sentado, vagamente consciente dos criados que se juntavam do lado de fora da porta aberta, deu-se conta que Francesca choramingava as mesmas palavras.

– O John, não.

– Porquê?

– *Porquê?*

– Acha que ela pode estar grávida?

Michael tinha os olhos fixos em Lord Winston, o novo, e aparentemente demasiado ansioso, responsável pela Comissão dos Privilégios da Câmara dos Lordes, tentando descodificar as suas palavras. John morrerá há menos de um dia. Ainda lhe era difícil que tudo à sua volta fizesse sentido.

E agora tinha de estar a ouvir aquele homenzinho entufado, a exigir uma audiência e a palrar sobre algum dever sagrado para com a coroa.

– Estou a referir-me a sua senhoria – disse Lord Winston. – Se ela estiver grávida, irá complicar tudo.

– Eu não sei – respondeu Michael. – Não lhe perguntei.

– Mas precisa de o fazer. Certamente está ansioso para assumir o controlo do que agora lhe pertence, mas precisamos primeiro de determinar o estado dela. Se ela estiver *realmente* grávida, um membro da Comissão terá de estar presente no nascimento.

Michael sentiu o queixo cair de estupefação.

– Perdão?! – foi a única palavra que conseguiu dizer.

– Por causa da troca de bebés – explicou Lord Winston com veemência. – Já houve casos...

– Pelo amor de Deus...

– É tanto para sua proteção como de qualquer outra pessoa – interrompeu Lord Winston. – Se sua senhoria der à luz uma menina e não houver ninguém presente para testemunhar, o que é que a impede de trocar a criança por um menino?

Michael não se dignou sequer a dar-lhe uma resposta.

– Precisa de descobrir se ela está grávida – insistiu Lord Winston. – Se assim for, terão de ser feitos preparativos.

– Ela ficou viúva ontem – disse Michael bruscamente. – Não vou sobrecarregá-la com perguntas tão intrusivas.

– Há mais em jogo do que os sentimentos de sua senhoria – declarou Lord Winston. – Não é possível fazer a transferência do condado enquanto houver dúvidas quanto à sucessão.

– O condado que vá para o diabo! – vociferou Michael.

Lord Winston recuou, visivelmente horrorizado.

– Esquece-se da sua posição, senhor.

– Eu não sou o seu senhor – protestou Michael. – Eu não sou senhor de... – Interrompeu as palavras, afundando-se numa cadeira, tentando desesperadamente ultrapassar o facto de estar perigosamente à beira das lágrimas. Ali mesmo, no gabinete de John, na presença daquele homenzinho hediondo que parecia não compreender que um homem tinha morrido, não apenas um conde, mas um homem, Michael tinha vontade de chorar.

E desconfiava que o faria. Assim que Lord Winston se fosse embora e Michael pudesse trancar a porta e certificar-se de que ninguém podia

vê-lo, provavelmente iria enterrar o rosto nas mãos e chorar.

– Alguém tem de lhe perguntar – insistiu Lord Winston.

– Não serei eu – respondeu Michael em voz baixa.

– Nesse caso, eu pergunto.

Michael saltou do assento e encostou Lord Winston à parede.

– O senhor não se atreva a abordar Lady Kilmartin – rosnou. – Nem a respirar o mesmo ar que ela.

Fui claro?

– Claríssimo – gaguejou o homenzinho.

Michael soltou-o, vagamente consciente de que o rosto de Lord Winston adquiria um tom purpúreo.

– Agora, saia – ordenou.

– O senhor vai precisar de...

– Saia! – vociferou Michael.

– Eu volto amanhã – disse Lord Winston, deslizando porta fora. – Voltamos a falar quando o senhor estiver mais calmo.

Michael encostou-se à parede, os olhos fixos na porta aberta. Meu Deus, como era possível que tudo aquilo estivesse a acontecer? John ainda não tinha sequer trinta anos. Era uma pessoa perfeitamente saudável. Michael poderia ter sido o segundo na linha de sucessão hereditária do condado enquanto John e Francesca não tivessem filhos, mas ninguém tinha realmente pensado que ele alguma vez fosse herdeiro.

Chegara-lhe aos ouvidos que os homens nos clubes já se referiam a ele como o homem mais sortudo da Grã-Bretanha. Da noite para o dia passara da orla da aristocracia para o seu epicentro.

Ninguém parecia entender que Michael nunca quisera tal coisa. Nunca.

Ele não queria um condado. Ele queria o primo de volta. E ninguém parecia entender isso.

Exceto, talvez, Francesca, mas ela estava tão mergulhada na sua própria dor que não conseguia compreender a dor no coração de Michael.

Nem ele seria capaz de lho pedir. Não quando a via tão completamente destroçada.

Pensando nela, Michael abraçou o próprio corpo. Por mais que vivesse, nunca seria capaz de esquecer a expressão no rosto de Francesca quando tomou finalmente consciência da verdade. John não estava a dormir. Ele não ia acordar.

Francesca Bridgerton Stirling tornou-se, na tenra idade de vinte e dois anos, a pessoa mais triste do mundo.

Só.

Michael compreendia o desespero dela melhor do que ninguém.

Nessa noite, ele e a mãe de Francesca, que acorrera ao chamado urgente de Michael, colocaram-na na cama. Dormiu como uma criança, sem um queixume, o corpo vencido pelo choque dos acontecimentos.

Mas quando acordou na manhã seguinte, adquirira uma proverbial atitude de autodomínio, decidida a manter-se forte e firme, tomando conta da miríade de detalhes que haviam tomado a casa de assalto após a morte de John.

O problema era que nenhum deles fazia ideia do que tais detalhes eram. Eles eram jovens e sem grandes preocupações. Nunca tinham pensado em lidar com a morte.

Quem imaginaria, por exemplo, que a Comissão dos Privilégios teria de estar envolvida no assunto? Exigir assistir de camarote ao que deveria ser um momento privado de Francesca?

Se de facto ela estivesse mesmo grávida.

Mas nem num milhão de anos seria *ele* a perguntar.

– Temos de avisar a mãe dele – havia dito Francesca naquela manhã. Fora a primeira coisa que dissera, na verdade. Sem preâmbulos, sem saudações; apenas, «Temos de avisar a mãe dele».

Michael concordara com um gesto de cabeça; obviamente, ela estava

certa.

– Também temos de avisar a tua mãe. Estão ambas na Escócia; ainda não sabem de nada.

Ele voltou a acenar com a cabeça. Era tudo o que conseguia fazer.

– Eu escrevo as cartas.

Ele acenou uma terceira vez, perguntando-se o que *lhe* caberia fazer.

Essa pergunta fora respondida quando Lord Winston viera falar com ele, mas Michael não suportava pensar nisso agora. Parecia-lhe de um imenso mau gosto. Não queria pensar no que poderia ter a ganhar com a morte de John. Como poderia alguém falar como se algo de *bom* resultasse de tal catástrofe?

Michael sentiu-se afundar, deslizando pela parede até ficar sentado no chão, as pernas dobradas à sua frente, a cabeça pousada nos joelhos. Nunca desejou nada daquilo. Ou desejou?

Ele desejou Francesca. Apenas isso. Mas não desta maneira. Não com um custo tão alto.

Nunca invejara a boa sorte de John. Nunca lhe cobiçara o título nobiliárquico, o dinheiro ou o poder.

Apenas lhe cobiçara a mulher.

Agora estava destinado a assumir o título de John e a suceder-lhe. A culpa era como uma mão impiedosa a fechar-se à volta do seu coração.

Teria ele, de alguma forma, desejado isto? Não, era impossível. Nunca o fizera.

Ou será que sim?

– Michael?

Ele levantou os olhos. Era Francesca, ainda com aquele olhar vazio, o rosto uma máscara impassível que lhe destroçava muito mais o coração do que um pranto sofrido alguma vez faria.

– Já mandei chamar a Janet.

Ele fez que sim com a cabeça. A mãe de John. Ela ia ficar destroçada.

– E a tua mãe também.

Ela ficaria igualmente devastada.

– Há mais alguém que aches...

Ele abanou a cabeça, consciente de que devia levantar-se, consciente de que o decoro ditava que ele se levantasse, mas a verdade é que não conseguia encontrar forças para isso. Não queria que Francesca o visse tão fraco, mas não conseguia evitar.

– Devias sentar-te – disse por fim. – Precisas de descansar.

– Não posso – respondeu ela. – Eu tenho de... Se parar, nem que seja por um momento, vou...

As palavras dela sumiram-se, mas não tinha importância. Ele compreendia.

Olhou para ela. O cabelo castanho estava apanhado numa trança simples e o rosto estava pálido.

Parecia tão imensamente jovem, certamente demasiado jovem para aquele tipo de desgosto.

– Francesca – disse ele, a palavra menos uma pergunta do que um desabafo.

Foi então que ela o disse. Disse-o sem ele ter de perguntar.

– Estou grávida.

CAPÍTULO 3

...Amo-o loucamente. Desesperadamente! Sem ele, tenho a certeza de que morreria.

Da condessa de Kilmartin para a irmã, Eloise Bridgerton, uma semana após o casamento de Francesca

–Afirmo que és a gestante mais saudável que alguma vez conheci, Francesca.

Francesca sorriu para a sogra, que acabara de entrar no jardim da mansão de St. James que agora partilhavam. De repente, ao que parecia, Kilmartin House tinha-se tornado uma casa de mulheres. A primeira a chegar fora Janet e, em seguida, Helen, a mãe de Michael. Era uma casa cheia de mulheres da família Stirling, ou pelo menos as que tinham adquirido o nome pelo casamento.

A sensação que transmitia era tão diferente.

Era estranho. Ela julgava que iria sentir a presença de John, sentir no ar a presença dele, vê-lo constantemente no ambiente que partilharam nos últimos dois anos. Mas não. Ele tinha simplesmente desaparecido e a afluência de mulheres mudara completamente a modulação da casa. Francesca supunha que fosse uma coisa boa; naquele momento precisava do apoio das mulheres.

Mas era estranho viver entre mulheres. Havia mais flores agora... jarras pareciam surgir por toda a parte e o cheiro do charuto ou do sabonete de sândalo que John usava desvanecera-se.

Kilmartin House cheirava agora a lavanda e a água de rosas, e cada lufada desses aromas deixava Francesca de coração partido.

Até Michael andava estranhamente distante. Ele aparecia de visita... várias vezes por semana, aliás, Francesca era obrigada a admitir. Mas ele não estava *lá*, não da maneira como estava antes da morte de John. Não era o mesmo. Supôs que não deveria culpá-lo por isso, nem mesmo em pensamento.

Ele também sofria.

Ela sabia. Recordava-se disso quando o via e o seu olhar estava distante. Recordava-se disso quando ficava sem saber o que lhe dizer e quando ele não a provocava com comentários jocosos.

Recordava-se disso nas alturas em que ficavam sentados juntos na sala de estar e não tinham nada para dizer.

Ela tinha perdido John e agora parecia que perdera Michael também. Mesmo com duas mães-coruja constantemente ao seu redor... três, se contasse com a sua própria mãe, que a vinha visitar todos os dias... sentia-se tão só!

E triste.

Nunca ninguém a avisara de como ela se sentiria triste. Quem teria *pensado* em avisá-la de uma coisa dessas? Mesmo se alguém a tivesse alertado, mesmo que a sua mãe, que também ficara viúva muito cedo, lhe tentasse explicar a dor, como poderia ela ter compreendido?

Era uma daquelas experiências que tinha de ser vivida para ser compreendida. Como Francesca desejava não pertencer àquele clube da melancolia!

Mas o que era feito de Michael? Porque é que ele não podia consolá-la? Porque é que ele não via o quanto ela precisava dele? Dele, não da mãe. Nem da mãe de ninguém.

Ela precisava de Michael, a única pessoa que conhecera John como ela, a única pessoa que o amara da mesma forma plena. Michael era a única ligação que tinha ao marido que perdera e odiava-o por se manter distante.

Mesmo quando estava ali, em Kilmartin House, no mesmo aposento que ela, não era a mesma coisa. Já não brincavam nem se provocavam um ao outro. Limitavam-se a ficar sentados com ar triste e enlutado, e quando falavam, havia um certo constrangimento que nunca antes existira.

Será que *nada* podia ser como era antes de John morrer? Nunca lhe ocorrera que a sua amizade com Michael poderia morrer também.

– Como te sentes, querida?

Francesca olhou para Janet, dando-se conta, tardiamente, que a sogra lhe fizera uma pergunta.

Várias, provavelmente, e esquecera-se de responder, perdida em pensamentos. Acontecia-lhe muito, ultimamente.

– Bem – asseverou ela. – Igual a sempre.

Janet abanou a cabeça em assombro.

– É espantoso. Nunca ouvi falar de uma coisa assim.

Francesca encolheu os ombros.

– Se não fosse por não ter tido as minhas regras, não notaria nada de diferente.

E era verdade. Não se sentia enjoada, nem com mais fome, nada. Um bocadinho mais cansada do que o habitual, talvez, mas também poderia ser resultado do sofrimento. A mãe dissera-lhe que se sentira cansada durante um ano depois de o pai ter morrido.

Claro que, nessa altura, a mãe tinha oito filhos para criar. Francesca estava sozinha, ela e um pequeno exército de funcionários a tratá-la como uma rainha inválida.

– Tens muita sorte – disse Janet, sentando-se na cadeira em frente a Francesca. – Quando eu estava grávida do John, enjoava todas as manhãs. E a maioria das tardes também.

Francesca anuiu com a cabeça e sorriu. Janet já lho tinha dito antes, várias vezes. A morte de John tinha-a transformado numa tagarela, constantemente a falar, a tentar preencher o silêncio da dor de Francesca. Adorava-a por isso, por tentar, mas suspeitava que só o tempo seria capaz de amenizar a sua dor.

– Estou tão feliz por estares grávida – disse Janet, inclinando-se e apertando a mão de Francesca num impulso. – Torna tudo um pouco mais suportável. Ou melhor dizendo, um pouco menos insuportável – acrescentou, esforçando-se por sorrir.

Francesca limitou-se a concordar com a cabeça, com medo de que falar lhe soltasse as lágrimas que mantinha aprisionadas.

– Eu sempre quis mais filhos – confessou Janet. – Mas o destino não quis. Quando John morreu, eu... Bem, vamos apenas dizer que nenhum neto será tão amado como o que carregas. – Ela parou, fingindo assoar-se, mas com o real objetivo de enxugar os olhos. – Não digas a ninguém, mas não me interessa se é menino ou menina. É uma parte dele. Só isso importa.

– Eu sei – disse Francesca baixinho, pousando a mão na barriga.

Como desejava sentir algum sinal do bebé dentro de si. Sabia que era muito cedo para sentir

qualquer movimento; pelos seus cálculos cuidadosos, não estava ainda de três meses, e todos os vestidos ainda lhe serviam perfeitamente, a comida ainda lhe sabia ao mesmo de sempre e também não se sentia estranha nem com os típicos achaques de que outras mulheres lhe tinham falado.

Teria ficado feliz se desatasse a vomitar todas as manhãs, quanto mais

não fosse para poder imaginar o bebé a acenar com a mãozita num alegre: «Estou aqui!»

– Tens visto o Michael ultimamente? – perguntou Janet.

– Não o vejo desde segunda-feira – respondeu Francesca. – Ele já não nos visita tantas vezes como costumava.

– Ele sente falta do John – disse Janet cheia de suavidade na voz.

– Eu também – contrapôs Francesca, ficando de imediato horrorizada com o tom crítico da sua própria voz.

– Deve ser muito difícil para ele – refletiu Janet.

Francesca limitou-se a olhar para ela, os lábios entreabertos de espanto.

– Não quero com isto dizer que não seja difícil para ti também – apressou-se a dizer Janet –, mas pensa na fragilidade da posição dele. Vai passar os próximos seis meses sem saber se vai ser ou não conde.

– Não há nada que eu possa fazer acerca disso.

– Não, claro que não – assegurou Janet –, mas a verdade é que ele foi posto numa situação incómoda. Eu já ouvi mais de uma mãe da sociedade dizer que simplesmente não podem considerá-lo um potencial pretendente para as filhas até que dê à luz, se for uma menina. É uma coisa casar com o conde de Kilmartin. Outra bem diferente é casar com o primo pobre. E ninguém sabe o que ele vai ser.

– O Michael não é pobre – argumentou Francesca com impertinência.

– Além do mais, ele nunca se casaria enquanto estiver de luto pelo John.

– Não, imagino que não, mas espero que comece a procurar alguém – disse Janet. – Quero tanto que seja feliz. E, claro, se ele vier a ser conde, terá de gerar um herdeiro. Caso contrário, o título passa para aquele lado horrível da família, os Debenham – concluiu Janet, estremecendo só de pensar.

– O Michael fará o que for preciso – afirmou Francesca, embora não tivesse assim tanta certeza.

Era difícil imaginá-lo casado. Sempre lhe custara a imaginar, Michael não era do tipo de se manter fiel a uma mulher por muito tempo, mas

agora parecia estranho. Durante anos, ela tivera John, e Michael fora um grande companheiro de ambos. Seria ela capaz de vê-lo casado e ser ela a segurar a vela? Teria bondade suficiente no coração para ficar feliz por ele, enquanto ela ficava sozinha?

Esfregou os olhos. Sentia-se muito cansada e, na verdade, um pouco fraca. Um bom sinal, supôs; tinha ouvido dizer que as mulheres grávidas deveriam sentir-se mais cansadas do que ela normalmente se sentia. Olhou para Janet.

– Acho que vou subir e fazer uma sesta.

– Uma excelente ideia – aprovou Janet. – Precisas de descansar.

Francesca assentiu e levantou-se, mas teve de se agarrar ao braço da cadeira para se equilibrar.

– Não sei o que se passa comigo – disse, forçando um sorriso. – Sinto-me muito instável. Eu...

O grito abafado de Janet cortou-lhe a palavra.

– Janet? – disse Francesca, olhando, preocupada, para a sogra. Ela estava muito pálida e uma mão trémula subira até aos lábios.

– O que se passa? – perguntou Francesca, percebendo nesse momento que Janet não estava a olhar para ela, mas para a cadeira onde estivera sentada.

Com um terror a invadi-la lentamente, Francesca baixou a cabeça, forçando-se a olhar para o assento que acabara de desocupar.

Ali, no meio do assento estofado, via-se uma pequena mancha vermelha.

Sangue.

A vida seria muito mais fácil se ele fosse dado à bebida, pensou Michael com ironia. Se havia altura ideal para abusar, para afogar as mágoas no fundo de uma garrafa, a altura era esta.

Mas não, ele tinha sido amaldiçoado com uma constituição robusta e uma capacidade extraordinária para aguentar a bebida com dignidade e talento. O que significava que, para atingir o torpor do esquecimento, teria de emborcar uma garrafa inteira de *whisky*

sentado à sua secretária, e talvez precisasse ainda de abrir uma segunda.

Olhou lá para fora. Ainda não tinha escurecido. Nem ele, por mais dissoluto que procurasse ser, era capaz de beber uma garrafa inteira de *whisky* antes de o sol se pôr.

Michael tamborilou os dedos na mesa, desejando saber o que fazer consigo próprio. John morrera há seis semanas, mas ele ainda estava a viver no seu modesto apartamento do edifício Albany. Não era capaz de se convencer a fixar residência em Kilmartin House. Essa era a residência do conde, e ele não o seria durante, pelo menos, mais seis meses.

Ou talvez nunca.

De acordo com Lord Winston, cujas preleções Michael fora eventualmente forçado a tolerar, o título ficaria suspenso até ao parto de Francesca. E se ela desse à luz um menino, Michael permaneceria na mesma posição em que sempre estivera: primo do conde.

Mas não era a situação atípica de Michael que o mantinha longe. Teria tido a mesma renitência em se mudar para Kilmartin House mesmo que Francesca não estivesse grávida. O problema era ela ainda estar lá.

Ela ainda estava lá e ainda era a condessa de Kilmartin, e mesmo se ele viesse a ser o conde, sem qualquer dúvida em relação ao título, ela não seria a *sua* condessa, e ele simplesmente não sabia se era capaz de suportar a ironia da situação.

Pensara que a dor o fizesse finalmente ultrapassar o desejo que sentia por ela, que pudesse, finalmente, estar na companhia dela e *não* a desejar, mas não, ainda ficava sem respiração sempre que ela entrava na sala, o corpo ficava tenso quando ela passava por ele e o coração ainda latejava com a dor de a amar.

Só que agora tudo estava envolto numa camada extra de culpa, como se não tivesse sentido culpa suficiente enquanto John estava vivo. Ela estava a sofrer, de luto, e ele devia consolá-la, não cobiçá-la. Pelo amor de Deus, John ainda nem sequer arrefecera no túmulo. Que tipo de monstro era capaz de cobiçar a mulher dele?

A mulher grávida.

Já estava a assumir o lugar John de tantas maneiras. Não iria

completar a traição tomando-lhe o lugar em relação a Francesca.

Por essa razão, mantinha-se afastado. Não completamente; teria sido óbvio de mais, nem conseguiria fazê-lo, mesmo que quisesse, não com a sua mãe e a de John a viver em Kilmartin House.

Além disso, toda a gente contava que fosse ele a gerir os assuntos do conde, mesmo com a possibilidade de o título não lhe pertencer até daí a seis meses.

No entanto, fazia-o. Não se importava com os pormenores, não queria saber se estava a desperdiçar várias horas por dia a cuidar de uma fortuna que poderia ir para outro. Era o mínimo que podia fazer por John.

E por Francesca. Não se imaginava capaz de ser um amigo para ela, não como deveria, mas poderia assegurar que a gestão dos dinheiros estava a ser bem feita.

Mas ele sabia que ela não compreendia. Ela aparecia muitas vezes no escritório de John, em Kilmartin House, enquanto Michael trabalhava, concentrado nos relatórios enviados pelos vários administradores de terras e advogados. Percebia que ela vinha à procura da antiga camaradagem, mas ele simplesmente não conseguia.

Que lhe chamasse fraco ou superficial. Mas não conseguia ser amigo dela. Pelo menos, ainda não.

– Mr. Stirling?

Michael levantou os olhos. O seu criado pessoal estava na porta, acompanhado por um laçaió vestido com a inconfundível libré verde e dourada de Kilmartin House.

– Uma mensagem para si – anunciou o laçaió. – Da sua mãe.

O laçaió atravessou a sala e Michael estendeu a mão, perguntando-se o que seria desta vez.

Aparentemente, a mãe convocava-o a Kilmartin a cada dois dias.

– Ela disse que é urgente – acrescentou o laçaió ao pousar o envelope na mão de Michael.

Urgente? Aquela era nova. Michael ergueu os olhos para os dois criados, um olhar firme de óbvia dispensa, e assim que ficou sozinho

deslizou o abre-cartas sob a aba.

A missiva era curta: *Vem depressa. A Francesca perdeu o bebé.*

Michael quase se matou com a pressa de chegar a Kilmartin House, cavalgando a uma velocidade vertiginosa e ignorando os gritos dos transeuntes irritados que quase decapitara à sua passagem.

Mas agora que estava ali, no átrio de entrada, não tinha ideia do que fazer.

Aborto espontâneo? Parecia uma coisa tão feminina. O que é que ele podia fazer? Era uma tragédia e sentia toda a compaixão do mundo por Francesca, mas o que julgavam que ele poderia dizer?

Porque o queriam ali?

Subitamente, percebeu. Ele agora era o conde. Era definitivo. Lenta mas inexoravelmente iria assumir a vida de John, preencher cada pedacinho do mundo que havia pertencido ao primo.

– Oh, Michael! – exclamou a sua mãe, aparecendo no átrio apressada.
– Estou tão feliz que tenhas vindo.

Ele abraçou-a num gesto desajeitado e disse algo totalmente absurdo como «Que tragédia!», mas deixou-se ficar ali, a sentir-se ridículo e deslocado.

– Como é que ela está? – perguntou por fim, quando a mãe deu um passo atrás.

– Em estado de choque – respondeu ela. – Só chora.

Michael engoliu em seco, com uma vontade desesperada de afrouxar o plastrão.

– Bem, isso é de se esperar – disse ele. – Eu... eu...

– Ela não consegue parar – interrompeu Helen.

– De chorar? – perguntou Michael.

Helen assentiu.

– Já não sei o que fazer.

Michael tentou controlar a respiração. Calma. Devagar. Inspirar e

expirar.

– Michael? – disse a mãe, olhando para ele como se esperasse uma resposta. Ou talvez uma orientação.

Como se *ele* soubesse o que fazer.

– A mãe dela esteve cá – continuou Helen, quando se tornou evidente que Michael não ia falar. –

Quer que a Francesca volte para Bridgerton House.

– E essa também é a vontade da Francesca?

Helen encolheu os ombros com tristeza.

– Parece-me que ela não sabe. Foi tudo um choque tão grande.

– Sim – concordou Michael, engolindo novamente em seco.

Ele não queria estar ali. Queria fugir.

– Seja como for, o médico disse que ela tem de ficar alguns dias em repouso absoluto –

acrescentou Helen.

Ele anuiu em resposta.

– Naturalmente, mandámos chamar-te.

Naturalmente? Não havia nada de natural. Nunca se sentira tão deslocado, tão completamente sem palavras ou incapaz de agir.

– Agora és Kilmartin – disse a mãe discretamente.

Ele voltou a assentir com um gesto de cabeça. Era a resposta que conseguia dar.

– Devo dizer que... – Helen parou, contraindo os lábios de forma brusca e bizarra. – Bem, uma mãe quer o melhor para os filhos, mas eu não... eu nunca seria...

– Nem diga o que está a pensar – pediu Michael com voz rouca. Não estava preparado para ouvir alguém dizer que aquilo era uma boa coisa. E, pelo amor de Deus, se alguém lhe desse os parabéns...

Bem, não se responsabilizaria por qualquer resposta violenta.

– Ela perguntou por ti – informou a mãe.

– A Francesca? – perguntou ele, os olhos arregalando-se de surpresa.

Helen assentiu.

– Ela disse que queria ver-te.

– Eu não consigo – respondeu ele.

– Mas tens de o fazer.

– Eu não consigo – repetiu ele, abanando a cabeça em gestos sacudidos provocados pelo pânico. –

Eu não consigo entrar lá.

– Não podes abandoná-la – aconselhou a mãe.

– Ela nunca foi minha para poder abandoná-la.

– Michael! – exclamou Helen. – Como podes dizer uma coisa dessas?

– Mãe – começou ele, tentando desesperadamente reconduzir a conversa –, ela precisa de uma mulher. O que posso eu fazer?

– Podes ser amigo dela – disse Helen com carinho, fazendo-o sentir como se tivesse outra vez oito anos, repreendido por uma asneira imprevidente.

– Não, não posso – respondeu ele, num tom que o deixou horrorizado.

Soava como um animal ferido, magoado e confuso. Mas uma coisa sabia com certeza. Não podia vê-la. Não agora. Ainda não.

– Michael – insistiu a mãe.

– Não – repetiu ele. – Eu... Amanhã posso... – E caminhou para a porta, despedindo-se com um

simples – Dê-lhe os meus cumprimentos.

E então fugiu, sentindo-se um cobarde.

CAPÍTULO 4

...Estou certa de que não vale a pena tanto dramatismo. Eu não professo conhecer ou entender o amor romântico entre marido e mulher, mas certamente não é tão abrangente que a perda de um provoque a destruição do outro. És mais forte do que imaginas, querida irmã. Não terias qualquer dificuldade em sobreviver sem ele, por mais discutível que o argumento possa ser.

De Eloise Bridgerton para a irmã, a condessa de Kilmartin, três semanas após o casamento de Francesca.

Na opinião de Michael, o mês seguinte foi o mais próximo do inferno na Terra que qualquer ser humano pode viver.

A cada nova cerimónia, cada documento que era obrigado a assinar como Kilmartin ou cada «meu senhor» que era forçado a suportar, era como se o espírito de John estivesse a ser empurrado cada vez para mais longe.

Em breve seria como se ele nunca tivesse existido, pensou Michael friamente. Até o bebé, que deveria ter sido o último fragmento de John Stirling deixado no mundo, se fora.

E tudo o que pertencera a John pertencia agora a Michael.

Exceto Francesca.

E Michael não pretendia mudar nada. Ele não ia... não, ele não *podia* oferecer ao primo esse último insulto.

Ele teve de vê-la, claro, e nessa altura procurou dar-lhe as melhores palavras de conforto que conseguiu, mas o que quer que tenha dito, não foi o certo, porque ela limitou-se a virar a cabeça e a ficar a olhar para a parede.

Michael não sabia o que dizer. Para ser franco, ficara mais aliviado por ela não estar ferida do que triste pela perda do bebé. As mães – a dele, a de John e a de Francesca – sentiram-se compelidas a descrever todo o sangue derramado com um pormenor assustador, e uma das criadas chegara mesmo a mostrar-lhe os lençóis manchados de sangue,

que alguém tinha guardado para dar como prova de que Francesca tinha abortado.

Lord Winston assentira com aprovação, mas com a salvaguarda de que teria de ficar de olho na condessa, só para ter a certeza de que os lençóis eram realmente dela e que não continuava grávida.

Não seria a primeira vez que alguém tentava burlar as leis sagradas da primogenitura, acrescentara ainda.

Michael teve vontade de atirar o homem e a sua verborreia pela janela fora, mas controlou-se e simplesmente indicou-lhe a porta. Ao que parecia, já nem lhe sobrava energia para aquele tipo de raiva.

Ainda não se tinha mudado para Kilmartin House. Não se sentia preparado, e só o pensamento de ter de viver ali com tantas mulheres era sufocante. Sabia que teria de o fazer em breve; era isso que

era esperado do conde. Mas, por enquanto, estava bastante satisfeito com o seu pequeno apartamento.

Era aí que se encontrava refugiado, a evitar as suas obrigações, quando Francesca finalmente o procurou.

– Michael? – disse ela, assim que o criado a fizera entrar para a pequena sala de estar.

– Francesca – respondeu ele em cumprimento, chocado com a presença dela. Nunca viera ali antes.

Nem quando John era vivo e muito menos depois. – O que estás aqui a fazer?

– Queria ver-te – foi a resposta dela.

A mensagem implícita sendo: *Andas a evitar-me.*

Era a mais pura das verdades, mas ele limitou-se a responder:

– Senta-te. – E uns segundos depois: – Por favor.

Seria impróprio? O facto de ela estar ali nos seus aposentos? Não tinha a certeza. As circunstâncias da posição de ambos era tão estranha, tão completamente descabida que ele não fazia ideia que regras de etiqueta regiam tal situação.

Ela sentou-se e pôs-se a mexericar nervosamente os dedos pousados na

saia até que, por fim, ergueu o olhar dolorosamente intenso para ele e disse:

– Tenho saudades tuas.

Michael sentiu as paredes começarem a fechar-se à sua volta.

– Francesca, eu...

– Tu és meu amigo – disse ela em tom acusador. – Além de John, tu eras o meu melhor amigo e agora parece que já nem te conheço.

– Eu...

Sentia-se um imbecil, completamente impotente e vencido por uns olhos azuis e uma montanha de culpa.

Culpa de quê, ele já nem sabia. Parecia vir de tantos sítios, de tantas direções, que lhe era impossível acompanhar.

– O que se passa contigo? – perguntou ela. – Porque andas a evitar-me?

– Não sei – respondeu ele, já que não podia mentir-lhe e negar. Ela era demasiado inteligente para isso. Mas também não podia dizer-lhe a verdade.

Os lábios tremelicaram e ela mordiscou o lábio inferior. Ele ficou pasmado, incapaz de tirar os olhos da boca dela, odiando-se pelo súbito arroubo que lhe invadiu o corpo.

– Achei que também eras meu amigo – sussurrou ela.

– Francesca, não digas isso.

– Eu precisei de ti – continuou ela em voz baixa. – Ainda preciso.

– Não, não precisas – respondeu ele. – Tens as mães e todas as tuas irmãs, se precisares.

– Eu não quero falar com as minhas irmãs – justificou ela, a voz tornando-se mais exaltada. – Elas não compreendem.

– Bem, *eu* certamente não compreendo – replicou ele, o desespero a emprestar uma intensidade desagradável à voz.

Ela ficou a olhá-lo cheia de censura.

– Francesca, tu... – A vontade dele era atirar os braços ao alto, exasperado, mas limitou-se a cruzá-los. – Tu... tu tiveste um *aborto*.

– Estou ciente disso – respondeu ela com firmeza.

– O que sei eu sobre essas coisas? Tu precisas de conversar com uma mulher.

– Não és capaz de dizer o quanto lamentas?

– Eu *disse* que lamentava!

– E não és capaz de o dizer com sinceridade?

O que *queria* ela dele?

– Francesca, eu disse-o com sinceridade.

– Sinto tanta raiva – disse ela, a voz subindo de intensidade –, e estou triste e transtornada, e olho para ti e não entendo porque é que tu *não* estás.

Por um momento ele não se mexeu.

– Nunca digas uma coisa dessas – sussurrou.

Os olhos dela brilharam de fúria.

– Então tens uma maneira muito curiosa de o demonstrar. Nunca apareces, nunca falas comigo e não entendes...

– O que queres que eu entenda? – explodiu ele. – O que *posso* eu entender? Pelo amor de... – parou antes de soltar a blasfémia e virou-lhe as costas, apoiando-se pesadamente no peitoril da janela.

Atrás dele, Francesca permanecia sentada, imóvel. Até que, por fim, disse:

– Não sei porque vim. Vou-me embora.

– Não vás – pediu ele com voz rouca. Mas não se virou.

Ela não reagiu; não percebia o significado daquelas palavras.

– Acabaste de chegar – acrescentou ele, a voz entrecortada e cheia de embaraço. – Bebe, pelo menos, um chá.

Francesca assentiu com a cabeça, embora Michael ainda estivesse de costas para ela.

Permaneceram assim uns minutos, um tempo que ela sentiu tão infundo a ponto de ser insuportável.

No canto da sala, o relógio marcava a passagem do tempo e ela, tendo como única companhia as costas de Michael, ficou ali sentada a cismar e a perguntar-se por que razão tinha vindo.

O que queria ela dele?

Como a sua vida seria mais fácil se soubesse.

– Michael – chamou ela, o nome escapando-lhe dos lábios sem se dar conta.

Ele virou-se. Não falou, mostrando que a ouvira apenas pela expressão do olhar.

– Eu... – Porque o chamara? O que queria ela? – Eu...

Ainda assim, ele não falou. Ficou ali à espera que ela escolhesse as palavras, tornando tudo ainda mais difícil.

Foi então que, horrorizada, ela se ouviu a desabafar:

– Eu não sei o que devo fazer agora – disse com a voz entrecortada. – Estou tão furiosa e... –

parou, engolindo um soluço, numa tentativa de controlar as lágrimas.

Em frente a ela, Michael abriu ligeiramente a boca, como querendo dizer alguma coisa, mas nada saiu.

– Eu não sei porque é que isto está a acontecer – lamentou-se ela. – O que é que eu fiz? O que foi que eu fiz para merecer isto?

– Nada – asseverou ele.

– Ele foi-se, e não vai voltar, e eu estou tão... tão... – Ela ergueu os olhos para ele, sentindo a tristeza e a raiva gravada no próprio rosto. – Não é justo. Não é justo que seja eu e não outra pessoa, nem é justo que deva ser qualquer pessoa, e não é justo que eu o tenha perdido... – a voz embargou-se

e os suspiros transformaram-se em soluços e as lágrimas vieram

descontroladas.

– Francesca – disse Michael, ajoelhando-se aos pés dela. – Lamento tão profundamente.

– Eu sei – soluçou ela –, mas isso não melhora nada.

– Pois não – concordou ele, num murmúrio.

– Nem o torna mais justo.

– Pois não – repetiu ele.

– Nem... nem...

Michael não tentou terminar a frase por ela, embora ela desejasse que ele o fizesse; há anos que desejava que ele o tivesse feito, porque assim talvez ele pudesse ter dito a coisa errada, e então talvez ela não se tivesse apoiado nele e talvez não tivesse permitido que ele a abraçasse.

Meu Deus, como sentia falta de ser abraçada.

– Porque é que te afastaste?! – exclamou ela. – Porque não me podes ajudar?

– Eu quero... Tu não... – E, por fim, confessou: – Eu não sei o que dizer.

Estava a pedir demasiado dele. Sabia disso, mas não se importava. Estava tão farta de estar sozinha.

Mas naquele momento, pelo menos temporariamente, não estava só. Michael estava ali, a abraçá-la, e ela sentiu-se acarinhada e segura pela primeira vez em semanas. E simplesmente chorou. Chorou semanas de lágrimas. Chorou por John e pelo bebé que nunca conheceria.

Mas, acima de tudo, chorou por si mesma.

– Michael – disse, assim que se recompôs o suficiente para falar. A voz ainda estava trémula, mas conseguiu dizer o nome dele, e sabia que ia ter de conseguir dizer mais.

– Sim?

– Nós não podemos continuar assim.

Ela sentiu algo mudar nele. O abraço estreitou-se, ou talvez tenha afrouxado, mas algo estava diferente.

– Assim como? – perguntou ele, a voz áspera e hesitante.

Francesca afastou-se um pouco para poder olhá-lo, sentindo alívio quando os braços dele se afastaram, sem ela ter de se libertar.

– Assim – respondeu ela, embora soubesse que ele não entendia. Ou se entendia, que iria fingir o contrário. – Contigo a ignorar-me – explicou.

– Francesca, eu...

– De certa forma, o bebé também teria sido teu – deixou ela escapar.

Ele empalideceu, uma palidez de morte. De tal forma que, por momentos, ela não conseguiu respirar.

– O que queres dizer? – murmurou ele.

– Ele ia precisar de um pai – disse Francesca, encolhendo os ombros, impotente. – Eu... tu... ias ter de ser tu.

– Tu tens irmãos – disse ele em voz estrangulada.

– Eles não conheciam o John. Não como tu.

Michael afastou-se, levantou-se, e, como se isso não bastasse, recuou o mais que pôde, indo encostar-se à janela. Ela reparou nos olhos levemente flamejantes e, por um momento, seria capaz de jurar que ele parecia um animal preso, encurralado e aterrorizado, a aguardar a matança.

– Porque me dizes isso? – perguntou ele, a voz baixa e inexpressiva.

– Não sei – foi a resposta dela, engolindo em seco.

Mas sabia. Queria que ele sofresse como ela sofria. Queria que ele sentisse exatamente a mesma dor que ela. Não era justo, e não era correto, mas não conseguia evitar e nem sequer tinha vontade de pedir desculpas.

– Francesca – começou ele, num tom de voz estranho, oco e cortante, como ela nunca lhe tinha ouvido.

Olhou para ele, movendo a cabeça lentamente, assustada com o que

poderia ver-lhe no rosto.

– Eu não sou o John – disse ele.

– Eu sei.

– Eu não sou o John – repetiu ele, mais alto, e ela perguntou-se se ele teria ouvido sequer a resposta dela.

– Eu sei.

Os olhos dele estreitaram-se e focaram-se nela com uma intensidade perigosa.

– Não era o meu filho, nem eu posso ser o que precisas.

Dentro dela, algo começou a morrer.

– Michael, eu...

– Não vou tomar o lugar dele – continuou, e embora não gritasse, soou como se quisesse fazê-lo.

– Claro que não, nem poderias. Tu...

Então, num movimento surpreendentemente veloz, ele estava ao lado dela, agarrando-a pelos ombros e puxando-a até ela ficar de pé.

– Recuso-me a fazê-lo – gritou, sacudindo-a, abraçando-a e sacudindo-a novamente. – Não posso ser ele. Não *vou* ser ele.

Francesca não conseguia falar, não conseguia formar palavras, não sabia o que fazer.

Não sabia quem ele era.

Ele parou de a sacudir, mas os dedos continuaram enterrados nos ombros dela, enquanto ele a encarava, os olhos erráticos incendiados por algo terrível e triste.

– Não podes pedir-me isso – arquejou ele. – Não posso fazer isso.

– Michael – sussurrou ela, ouvindo algo terrível na própria voz. Medo.

– Michael, por favor, solta-me.

Ele não o fez, mas ela nem teve a certeza se ele a ouviu. O olhar dele estava perdido, parecia muito longe, num qualquer sítio inacessível.

– Michael – tentou novamente, elevando o tom de voz, quase em pânico.

Então, de repente, ele atendeu ao seu pedido, soltando-a e cambaleando para trás, o rosto um retrato de autodesprezo.

– Desculpa – sussurrou, olhando para as mãos como se fossem corpos estranhos. – Peço imensa desculpa.

Francesca fez menção de avançar até à porta, dizendo:

– É melhor eu ir.

Ele concordou com a cabeça e disse apenas:

– Sim.

– Eu acho que... – Ela parou, engasgando-se com as palavras e agarrando-se à maçaneta da porta como se fosse a sua salvação. – Eu acho que é melhor não nos vermos durante um tempo.

Ele concordou com um gesto brusco da cabeça.

– Talvez... – começou ela, mas não continuou. Não sabia o *que* dizer. Se tivesse percebido o que acabara de acontecer entre eles, talvez pudesse ter encontrado palavras, mas por enquanto estava demasiado aturdida e com medo de descobrir.

Com medo, mas porquê? Certamente não tinha medo *dele*. Michael nunca seria capaz de a magoar.

Ele daria a vida por ela, se a oportunidade se apresentasse; disso Francesca tinha certeza.

Talvez ela estivesse com medo do amanhã. E do dia seguinte. Tinha perdido tudo e agora parecia que também tinha perdido Michael e não fazia ideia de como seria capaz de aguentar.

– Vou-me embora, então – disse, dando-lhe uma última oportunidade de a deter, de dizer alguma coisa, de dizer qualquer coisa que apagasse tudo.

Mas ele não o fez. Nem um gesto, sequer. Apenas olhou para ela, a expressão de assentimento silencioso.

Francesca saiu. Saiu da sala e da casa. Subiu para a carruagem e foi para casa.

Não disse uma palavra. Subiu as escadas e enfiou-se na cama.

Mas não chorou. Não parava de pensar que deveria, de sentir que gostaria de o fazer.

Mas tudo o que fez foi ficar a olhar para o teto. Pelo menos, o teto não queria saber do olhar dela.

Nos seus aposentos do Albany, Michael pegou na garrafa de *whisky* e serviu-se generosamente, apesar de um olhar para o relógio revelar que o meio-dia ainda nem chegara.

Nunca chegara tão ao fundo do poço, isso era certo.

Mas por mais que tentasse, não conseguia descobrir o que mais poderia ter feito. Não é que tivesse intenção de a magoar; obviamente não tinha parado a pensar e decidido: *Oh, sim, acho mesmo que devo portar-me como um idiota*, mas embora as suas reações tenham sido repentinas e impensadas, não via como pudesse ter agido de outra maneira.

Conhecia-se. Nem sempre gostava de si próprio, e hoje em dia até eram raras as vezes em que isso acontecia, mas conhecia-se bem. Mas quando Francesca se virara para ele com aqueles olhos azuis sem fundo e dissera: «De certa forma, o bebé também teria sido teu», estilhaçara-lhe a alma.

Ela não sabia.

Ela não fazia ideia.

Enquanto ela permanecesse alheia aos seus sentimentos por ela, enquanto ela não fosse capaz de entender a razão de ele não ter escolha, exceto odiar-se por cada passo que dava no lugar de John, não podia estar perto dela. Porque ela ia continuar a dizer coisas daquelas.

E ele simplesmente não sabia quanto poderia aguentar.

Foi então que ali, de pé no seu gabinete, o corpo tenso de angústia e culpa, chegou a duas conclusões.

A primeira foi fácil: a de que aquele *whisky* não estava a fazer nada para lhe aliviar a dor; e se um *whisky* com vinte e cinco anos, vindo diretamente de Speyside, não o fazia sentir melhor, nada nas Ilhas

Britânicas seria capaz de o fazer.

O que o levou à segunda, essa nada fácil.

Mas tinha de o fazer. Raramente as escolhas na sua vida tinham sido tão claras. Dolorosas, mas dolorosamente claras.

Por isso, pousou o copo, ainda com dois dedos do líquido âmbar, e atravessou o corredor até ao quarto.

– Reivers – disse, ao encontrar o criado junto ao guarda-fatos, a dobrar cuidadosamente um plastrão –, o que achas da Índia?

PARTE DOIS

Março de 1824

Quatro anos mais tarde

CAPÍTULO 5

...Irias gostar muito daqui. Não do calor, imagino; ninguém parece gostar do calor. Mas o resto iria deixar-te encantada. As cores, as especiarias, a fragrância do ar... capazes de pôr qualquer um numa névoa estranha e sensorial que é ora inquietante, ora inebriante. Mas principalmente, sei que apreciarias os jardins públicos. São um pouco como os nossos parques de Londres, mas muito mais verdes e exuberantes, e repletos das flores mais surpreendentes que possas imaginar. Sempre adoraste estar no meio da natureza; tenho a certeza absoluta de que irias adorar a daqui.

De Michael Stirling (o novo conde de Kilmartin) para a condessa de Kilmartin, um mês após a sua chegada à Índia Francesca queria um bebé.

Há algum tempo que o desejava, mas só nos últimos meses fora capaz de o admitir para si mesma, e finalmente colocar em palavras o sentimento de saudade que parecia acompanhá-la para onde quer que fosse.

Tinha começado de forma perfeitamente inocente, com uma espécie de pontada no coração ao ler uma carta de Kate, a mulher do irmão, uma missiva repleta de notícias da pequena Charlotte, que em breve faria dois anos e já era incorrigível.

Mas a pontada só piorara, passando a assemelhar-se mais a uma dor fina, quando a sua irmã Daphne chegara à Escócia para uma visita, com os quatro filhos a reboque. Nunca ocorrera a Francesca que um bando de crianças fosse capaz de transformar tão completamente uma casa. As crianças Hastings haviam alterado a própria essência de Kilmartin House, trazendo-a à vida e inundando-a de risos, e Francesca percebeu com tristeza aquilo de que sentia falta há tantos anos.

Depois eles foram-se embora e tudo ficou em silêncio, mas não em paz.

Apenas vazio.

A partir desse momento, Francesca deixou de ser a mesma. Via uma ama a empurrar um carrinho e o coração doía-lhe. Avistava um coelho a atravessar um campo aos saltinhos e não conseguia evitar pensar que deveria estar a chamar a atenção de outra pessoa, de alguém mais pequeno, para o bichinho. Viajou para o Kent para passar o Natal com a família, mas quando a noite caía, e todos os sobrinhos e sobrinhas estavam aconchegados nas suas camas, ela sentia-se extremamente só.

Apenas conseguia pensar que a vida estava a passar-lhe ao lado e que, se não fizesse alguma coisa, ia morrer assim.

Sozinha.

Não infeliz, ela não era infeliz. Curiosamente, habituara-se razoavelmente bem à sua viuvez, encontrando um modo de vida confortável e satisfatório. Era algo que nunca teria acreditado ser possível durante os meses terríveis que se seguiram à morte de John, mas conseguira fazê-lo, um pouco por tentativa e erro, e encontrou um lugar no mundo. E com ele, uma certa dose de paz.

Gostava da sua vida como condessa de Kilmartin. Michael nunca chegara a casar, por isso ela

mantinha as obrigações, assim como o título. Amava Kilmartin House e geria-a sem interferência de Michael; as instruções que ele deixara aquando da sua partida do país quatro anos antes haviam sido as de que ela devia gerir o condado como bem entendesse, e assim que o

choque da partida dele se esvanecera, ela percebeu que aquele tinha sido o presente mais precioso que ele lhe poderia ter dado.

Ele tinha-lhe dado algo para fazer, um objetivo para o qual trabalhar.

Uma razão para parar de olhar para o teto.

Tinha amigos, tinha família, tanto Stirling como Bridgerton, e tinha uma vida plena, na Escócia e em Londres, onde passava vários meses por ano.

Tinha muitos motivos para ser feliz. E era, a maior parte do tempo.

Só queria um bebê.

Levou algum tempo a admiti-lo para si mesma. Era um desejo que lhe parecia um pouco desleal para com John; afinal de contas, não seria o filho dele, e mesmo tendo ele desaparecido há quatro anos, era-lhe difícil imaginar uma criança sem os traços dele.

Antes de mais nada, isso significava que teria de voltar a casar. Teria de mudar de nome e de se comprometer com outro homem, prometer dar-lhe o lugar principal no seu coração e a sua lealdade, e embora esse pensamento já não lhe provocasse dor no coração, ainda lhe parecia... como dizer...

estranho.

Mas supôs que uma mulher tinha simplesmente de ultrapassar algumas coisas, e enquanto observava a neve envolver lentamente os ramos das árvores num manto, a uma das janelas de Kilmartin House, num dia frio de fevereiro, percebeu que essa era uma delas.

Havia imensas coisas na vida das quais ter medo, mas a estranheza não devia estar entre elas.

Por isso decidiu fazer as malas e ir para Londres um pouco mais cedo este ano. Geralmente passava a temporada social na cidade, para aproveitar o tempo com a família, fazer compras, assistir a saraus musicais, ir ao teatro e fazer tudo aquilo que não havia à sua disposição na Escócia rural.

Mas esta temporada seria diferente. Precisava de um novo guarda-roupa, por exemplo. Saíra do luto pesado há algum tempo, mas ainda não se tinha libertado completamente dos cinzentos e alfazemas do luto aliviado, nem tinha prestado atenção à moda que uma mulher da

sua nova posição deveria.

Estava na hora de vestir azul. Um lindo e vivo azul-violáceo. Costumava ser a sua cor preferida e, vaidosa como era, usara-a com esperança de que as pessoas comentassem como combinava com os seus olhos.

Ia comprar azul, e cor-de-rosa e amarelo também, talvez até... carmesim, pensou com um estremecimento de antecipação.

Desta vez já não era uma jovem solteira. Era uma viúva desejável e as regras eram diferentes. Mas as aspirações eram as mesmas.

Ia para Londres arranjar um marido.

Passara tanto tempo; tempo de mais.

Michael sabia que o seu regresso à Grã-Bretanha há muito era devido, mas tinha sido uma daquelas coisas extremamente fáceis de adiar. Segundo as cartas da sua mãe, que lhe chegavam com notável regularidade, o condado prosperava sob a administração de Francesca. Ele não tinha dependentes que o pudessem acusar de negligência e, ao que tudo indicava, todos aqueles que deixara para trás

estavam muito melhor sem ele do que quando ele estava por perto para lhes dar apoio.

Por isso não havia nada por que se sentir culpado.

Mas havia limites para um homem fugir do seu destino e, ao fim do terceiro ano nos trópicos, teve de admitir que a novidade de uma vida exótica se tinha esvaído; para ser completamente franco, estava a ficar bastante farto do clima. A Índia tinha-lhe dado um propósito, um lugar no mundo para além das duas únicas coisas em que sempre se distinguira: fugir às suas obrigações e divertir-se.

Embarcara sem nada mais do que o nome de um amigo do exército que se havia mudado para Madrastra três anos antes. No espaço de um mês conseguira um cargo governamental e vira-se a tomar decisões importantes, a aplicar leis e políticas que moldavam verdadeiramente a vida dos homens.

Pela primeira vez, Michael finalmente compreendeu as razões pelas quais John gostava tanto do seu trabalho no parlamento britânico.

Mas a Índia não o fizera feliz. Dera-lhe uma certa paz, o que parecia bastante paradoxal, uma vez que nos últimos anos tivera três encontros com a morte, quatro se contasse com o encontro com a princesa indiana de faca em punho (Michael ainda afirmava que poderia tê-la desarmado sem ferir ninguém, mas era obrigado a admitir que o olhar dela era bastante assassino e ele há muito que aprendera a nunca, de forma alguma, subestimar uma mulher que acredita, por mais que erroneamente, ter sido desprezada.)

Todavia, pondo de lado os episódios perigosos, o tempo passado na Índia trouxera-lhe uma certa sensação de equilíbrio. Finalmente fizera algo para si mesmo, fizera algo *de si mesmo*.

Mas, acima de tudo, a Índia trouxera-lhe paz, pois não tinha de viver com a certeza constante de que Francesca estava ao virar da esquina.

A vida não era necessariamente melhor, com milhares de quilómetros a separá-lo de Francesca, mas era certamente mais fácil.

No entanto, chegara a hora de enfrentar os rigores de tê-la por perto, por isso fizera as malas, informara um criado visivelmente aliviado que estavam de regresso a Inglaterra, reservara uma luxuosa cabina de estibordo no *Princess Amelia* e rumara a casa.

Teria de enfrentá-la, claro. Não havia como escapar. Teria de olhar para aqueles olhos azuis que o haviam assombrado sem cessar e tentar ser amigo dela. Fora a única coisa que ela quisera durante aqueles dias negros após a morte de John e fora também a única coisa que ele tinha sido completamente incapaz de lhe dar.

Mas talvez agora, com a ajuda do tempo e o poder curativo da distância, ele conseguisse. Não se achava tão fora da realidade para esperar que ela tivesse mudado, que iria vê-la e descobrir que deixara de a amar... tinha a certeza absoluta de que *isso* nunca iria acontecer. Mas Michael acostumara-se finalmente a ouvir as palavras «conde de Kilmartin» sem olhar por cima do ombro à procura do primo. Talvez agora, com a dor menos pungente, ele fosse capaz de ser amigo de Francesca sem se sentir um ladrão, a congeminar planos para roubar o que cobiçara durante tanto tempo.

Esperava que também ela tivesse mudado e não lhe pedisse para cumprir os deveres de John em todos os sentidos, menos um.

Mesmo assim, estava contente por desembarcar em Londres em março, demasiado cedo no ano para Francesca ter chegado para passar a temporada.

Era um homem corajoso; tinha-o provado inúmeras vezes, dentro e fora do campo de batalha. Mas também era um homem suficientemente franco para admitir que a perspectiva de enfrentar Francesca o

aterrorizava de uma maneira que nenhum campo de batalha francês ou tigre de dentes afiados seria capaz.

Com sorte, talvez ela optasse por não passar a temporada social em Londres.

Isso seria uma bênção.

Estava escuro e Francesca não conseguia dormir. A casa estava terrivelmente gelada e o pior de tudo é que a culpa era dela. Oh, muito bem, não pela escuridão, não podia assumir a culpa disso.

Afinal, noite era noite e era um certo exagero pensar que era responsável pelo crepúsculo. Mas era culpa dela não ter dado tempo suficiente aos criados para prepararem a casa para a sua chegada.

Esquecera-se completamente de escrever a avisar que planeava vir para Londres um mês antes e, como resultado, Kilmartin House encontrava-se ainda com uma equipa de funcionários mínima e a provisão de carvão e de velas de cera de abelha era perigosamente baixa.

Tudo seria melhor no dia seguinte, assim que a governanta e o mordomo fizessem uma visita às lojas de Bond Street, mas por enquanto Francesca tremia na cama. O dia tinha sido extremamente frio, com um vento tempestuoso que o tornava muito mais frio do que era normal para o início de março. A governanta quisera mandar trazer todo o carvão disponível para a lareira de Francesca, mas condessa ou não, ela não podia permitir que o resto da casa congelasse às suas custas. O quarto da condessa era imenso e sempre fora difícil de aquecer adequadamente a menos que o resto da casa estivesse quente também.

A biblioteca. Era essa a solução. Era pequena e acolhedora, e se Francesca fechasse a porta, a lareira acesa iria manter o aposento quentinho e confortável. Além disso, havia um sofá onde se podia deitar. Era pequeno, mas ela também, e não poderia ser pior do que morrer congelada no quarto.

Decisão tomada, Francesca saltou da cama e atravessou o ar frio do quarto para pegar no robe que estava pousado nas costas de uma cadeira. Mas não era quente o suficiente. Francesca não pensara que fosse precisar de roupa mais pesada, mas sempre era melhor do que nada, pensando estoicamente no ditado «não há mau pão com boa fome», especialmente quando lhe parecia que os dedos dos pés se iam quebrar como pedaços de gelo.

Correu escada abaixo, as meias grossas de lã a escorregar nos degraus polidos. Tropeçou nos dois últimos, felizmente aterrando em pé, e depois correu pela passadeira do corredor até à biblioteca.

«Fogo, fogo, fogo», murmurou para si mesma. Tocaria para chamar alguém assim que chegasse à biblioteca. Em três tempos teria uma bela lareira a estalejar. Voltaria a sentir a ponta do nariz, a ponta dos dedos perderia aquele azul doentio e...

Abriu a porta.

Um grito *staccato* curto escapou-se-lhe dos lábios. A lareira já estava acesa e um homem em frente a ela aquecia as mãos, de braços estendidos.

Francesca procurou desesperadamente algo, qualquer coisa, que pudesse usar como arma.

Foi então que ele se virou.

– *Michael?*

Ele não sabia que ela estaria em Londres. Raios! Nem lhe passara pela cabeça que ela pudesse

estar em Londres. Não que tivesse feito diferença, mas pelo menos teria estado preparado. Poderia ter controlado a expressão facial, exibindo num sorriso irónico, ou poderia, pelo menos, ter-se certificado de que estava impecavelmente vestido e totalmente imerso no seu papel de *playboy* incorrigível.

Mas não, ali estava ele, de boca aberta, tentando não reparar que ela usava apenas um conjunto de camisa de noite e robe de um carmesim escuro, tão leve e diáfano que ele conseguia ver o contorno de...

Engoliu em seco. Não olhes. *Não* olhes.

– Michael – voltou ela a sussurrar.

– Francesca – disse ele, já que tinha de dizer alguma coisa. – O que fazes aqui?

Isso pareceu fazê-la recuperar o raciocínio e os movimentos.

– O que faço aqui? – repetiu. – Não sou eu que deveria estar na Índia. O que é que *tu* fazes aqui?

Ele encolheu os ombros com descontração.

– Achei que era hora de voltar para casa.

– Não podias ter escrito a avisar?

– A ti? – perguntou ele, de sobrancelha arqueada.

A intenção era ser um ataque direto. Ela não lhe escrevera uma única carta durante as suas viagens.

Ele escrevera-lhe três cartas, mas quando se tornou evidente que ela não pretendia responder, Michael passou a encaminhar toda a correspondência para a sua mãe e para a mãe de John.

– A qualquer um de nós – respondeu ela. – Alguém teria estado aqui para te receber.

– Tu estás aqui – salientou ele.

Ela mostrou má cara.

– Se soubéssemos que virias, teríamos preparado a casa para te receber.

Ele voltou a encolher os ombros. O movimento parecia encarnar a imagem que precisava desesperadamente de transmitir.

– Está preparada que chegue.

Ela abraçou o próprio corpo, bloqueando-lhe a visão dos seios, o que, ele tinha de admitir, talvez fosse o melhor.

– Pois podias ter escrito – disse ela finalmente, a voz cortando o ar da noite. – Teria sido cortês.

– Francesca – replicou ele, virando-lhe ligeiramente as costas para

continuar a aquecer as mãos no calor da lareira –, fazes alguma ideia de quanto tempo demora uma carta a chegar da Índia a Londres?

– Cinco meses – respondeu ela prontamente. – Quatro, se os ventos estiverem de feição.

Raios, ela tinha razão.

– Seja como for – disse ele mal-humorado –, no momento em que decidi regressar já não valia a pena enviar aviso prévio. A carta teria sido despachada no mesmo navio que eu.

– Deveras? Eu pensei que os navios de passageiros eram mais lentos do que os que levam o correio.

Ele suspirou, lançando-lhe um olhar enviesado por cima do ombro.

– Todos eles levam o correio. Mas será que isso tem realmente importância?

Por um instante pensou que ela iria responder afirmativamente, mas logo ela respondeu baixinho:

– Não, claro que não. O importante é que estás em casa. A tua mãe vai ficar muito feliz.

Ele desviou o rosto para que ela não lhe visse o sorriso sem humor.

– Sim, imagino que sim – murmurou.

– E eu... – Ela parou e aclarou a garganta. – Também estou muito contente por ter-te de volta.

Francesca parecia estar a tentar convencer-se disso com todas as suas forças, mas Michael decidiu por uma vez ser cavalheiro e não o apontar.

– Estás com frio? – perguntou.

– Não muito – respondeu ela.

– Mentirosa.

– Só um bocadinho.

Ele deu um passo para o lado, dando-lhe espaço para que se aproximasse do fogo. Quando não a ouviu aproximar-se, apontou para

o espaço vazio.

– Eu devia voltar para o meu quarto – disse ela.

– Pelo amor de Deus, Francesca, se estás com frio, aproxima-te do fogo. Eu não mordo.

Francesca cerrou os dentes e avançou, juntando-se-lhe à lareira. Mas manteve uma certa distância de segurança entre ambos.

– Estás com bom ar – comentou ela.

– Tu também.

– Passou muito tempo.

– Eu sei. Quatro anos, julgo.

Francesca engoliu em seco, desejando que não fosse tão difícil. Aquele era Michael, pelo amor de Deus. Não deveria ser difícil. Sim, tinham-se separado em maus termos, mas isso tinha acontecido durante aqueles dias de angústia logo após a morte de John. Todos sofriam nessa altura, comportando-se como animais feridos, atacando qualquer um que lhes cruzasse o caminho. Agora deveria ser diferente. Deus sabia as vezes que ela tinha pensado neste preciso momento. Michael não poderia ficar afastado para sempre, todos sabiam disso. Mas assim que lhe passara a raiva inicial, ela começara a alimentar a esperança de que, quando ele finalmente voltasse, seriam capazes de esquecer qualquer desentendimento entre eles.

E serem amigos novamente. Ela precisava disso, mais do que se dera conta.

– Tens planos para o futuro? – perguntou, principalmente porque o silêncio era horrível de mais.

– Por enquanto, só consigo pensar em aquecer-me – resmoneou ele baixinho.

Ela não conseguiu evitar um sorriso.

– Está exceccionalmente frio para esta época do ano.

– Já me tinha esquecido do frio terrível que consegue fazer aqui – resmungou ele, esfregando as mãos com força.

– Seria de pensar que a memória de um inverno escocês nunca te

escaparia – murmurou Francesca.

Ele virou-se para ela então, um sorriso irónico repuxando-lhe o canto da boca. Ele mudara, percebeu ela. Oh, havia diferenças óbvias que toda a gente iria notar. Estava bronzeado, de forma bastante escandalosa, e o cabelo, que fora sempre preto, agora ostentava alguns fios grisalhos.

Mas era mais do que isso. Os trejeitos da boca eram diferentes, mais firmes, se tal fazia sentido, e o porte esguio e gracioso parecia ter desaparecido. Ele sempre parecera tão à-vontade, tão naturalmente confortável na própria pele, mas agora parecia... tenso.

Rígido.

– Pois seria – murmurou ele em resposta, vendo-a fitá-lo; esquecer-se completamente ao que

estava a responder até acrescentar: – Voltei para casa por já não conseguir suportar o calor e agora aqui estou eu, prestes a perecer de frio.

– Em breve chegará a primavera – disse ela.

– Ah, sim, a primavera. Com os seus ventos meramente frios, em oposição aos gélidos do inverno.

Ela riu-se, absurdamente feliz por ter alguma coisa que a fazia rir na presença dele.

– A casa estará melhor amanhã – disse ela. – Eu cheguei hoje e, tal como tu, também não avisei que vinha. Mas Mrs. Parrish assegurou-me que a casa será reabastecida amanhã.

Ele assentiu com a cabeça e virou-se para aquecer as costas.

– O que estás a fazer aqui?

– Eu?

Ele apontou para a sala vazia, como explicação.

– Eu moro aqui – respondeu ela.

– Mas geralmente só vens em abril.

– Como é que sabes?

Por momentos, ele pareceu quase envergonhado.

– As cartas da minha mãe são muito detalhadas – justificou ele.

Francesca encolheu os ombros e aproximou-se um pouco mais do fogo. Não deveria ficar tão perto dele, mas, bolas, ainda estava cheia de frio, e o fino robe de pouco servia para o afastar.

– Isso foi uma resposta? – perguntou ele em voz indolente.

– Foi o que me apeteceu – respondeu ela com insolência. – Não é privilégio de uma senhora?

Ele virou-se novamente, provavelmente para se aquecer de lado, e ficou de frente para ela.

Parecia incrivelmente perto.

Ela moveu-se, uns centímetros apenas; não queria que ele percebesse como a proximidade dele a deixara perturbada.

Nem queria admiti-lo para si mesma.

– Eu pensei que o privilégio de uma senhora era mudar de ideias – disse ele.

– É privilégio de uma senhora fazer aquilo que quiser – retorquiu Francesca com insolência.

– *Touché* – murmurou Michael. Olhou-a de novo, desta vez com mais atenção. – Não mudaste nada.

Os lábios dela entreabriram-se.

– Como podes dizer isso?

– Porque estás exatamente como eu me lembrava. – Com um toque atrevido, apontou para o traje de noite revelador. – Exceto a roupa, claro.

Ela deu um passo atrás, chocada, abraçando o corpo com mais firmeza.

Foi um comentário algo sádico, mas Michael ficou bastante satisfeito consigo mesmo por a ter ofendido. Precisava que ela se afastasse, se colocasse fora do seu alcance. Ela ia ter de definir os limites.

Porque ele não tinha certeza se iria conseguir estar à altura da provação.

Mentira ao dizer que ela não tinha mudado. Estava diferente, de uma forma totalmente inesperada.

Diferente de uma forma que lhe agitava a própria alma.

Era algo na essência dela, e talvez fosse pura impressão, mas não era menos devastador. Ela emanava um ar de disponibilidade, a terrível e tortuosa consciência de que John se fora para sempre e a única coisa que impedia Michael de estender a mão e lhe tocar era a sua própria consciência.

Era quase engraçado.

Quase.

E ali estava ela, ainda inocente, ainda completamente ignorante do desejo mais profundo do homem ao lado dela: despi-la de todas aquelas camadas de seda e deitá-la na frente da lareira; afastar-lhe as coxas e afundar-se dentro dela...

Sorriu amargamente. Aparentemente, quatro anos pouco tinham feito para arrefecer aquele ardor impróprio.

– Michael?

Ele olhou para ela.

– O que é assim tão engraçado?

A pergunta dela, obviamente.

– Não ias entender.

– Não sabes se não tentares – provocou Francesca.

– Ah, é melhor não.

– Michael – insistiu ela.

Ele encarou-a e disse com uma frieza deliberada:

– Francesca, há coisas que nunca vais entender.

Os lábios dela entreabriram-se e, por um momento, ficou com ar de

que lhe tinham batido.

Ele sentiu-se tão mal como se o tivesse feito.

– Isso foi uma coisa terrível de se dizer – sussurrou ela.

Michael encolheu os ombros.

– Tu mudaste – disse ela.

O mais triste era que não. Não em nenhuma das maneiras que lhe poderiam ter tornado a vida mais fácil de suportar. Suspirou, odiando-se por não suportar a ideia de ela o odiar.

– Perdoa-me – pediu, passando a mão pelo cabelo. – Estou cansado, cheio de frio e sou um idiota.

Isso fê-la sorrir e, momentaneamente, ambos sentiram um regresso ao passado.

– Está tudo bem – assegurou ela com amabilidade, tocando-lhe no braço. – Fizeste uma longa viagem.

Ele prendeu a respiração. Francesca costumava fazer aquilo constantemente, tocar-lhe no braço, num gesto de pura amizade. Nunca em público, claro, e raramente quando estavam só os dois. John estava lá; estava sempre presente. E o gesto deixava-o sempre... *sempre...* abalado.

Mas nunca tanto como agora.

– Preciso de ir dormir – balbuciou ele.

Normalmente era mestre a esconder a perturbação, mas não estava preparado para vê-la esta noite, além de estar terrivelmente cansado.

Ela retirou a mão.

– Certamente não há um quarto preparado para ti. Devias ficar no meu. Eu vou dormir aqui.

– Não – apressou-se ele a responder, com muito mais veemência do que pretendia. – Eu durmo aqui, ou... Mas que inferno! – resmungou baixinho, atravessando a sala para puxar o cordão da campainha. De que valia ser o maldito conde de Kilmartin se não podia mandar preparar um quarto a qualquer hora da noite?

Além disso, tocar a campainha significava que um criado chegaria daí a minutos, o que, por sua vez, significava não ter de ficar sozinho com Francesca.

Não que nunca tivessem estado a sós antes, mas nunca à noite, e nunca com ela de camisa de noite e...

Puxou o cordão novamente.

– Michael – disse ela, parecendo quase divertida. – Tenho a certeza de que ouviram à primeira.

– Sim, bem, foi um dia longo – justificou ele. – Tempestade no Canal da Mancha, para cúmulo.

– Um dia destes vais ter de me contar das tuas viagens – disse ela suavemente.

Ele olhou para ela, levantando uma sobrancelha.

– Eu podia ter-te escrito acerca delas.

Os lábios dela contraíram-se por um instante. Era uma expressão que já lhe vira inúmeras vezes no rosto. Francesca estava a medir as palavras, a decidir se devia ou não espicaçá-lo com uma das suas lendárias alfinetadas.

Aparentemente, decidiu que não, porque disse:

– Eu estava um pouco zangada contigo por te teres ido embora.

Ele ficou sem ar. Só Francesca escolheria a sinceridade pura e dura em vez de uma resposta mordaz.

– Sinto muito – disse ele também com sinceridade, mesmo sabendo que não teria mudado nenhuma das atitudes que tomara. Ele precisava de partir. Ele *teve* de partir. Talvez isso significasse que era um cobarde; talvez significasse que tinha sido menos homem. Mas não estava pronto para ser o conde. Ele não era John, nunca poderia ser John. E essa era a única coisa que todos pareciam querer dele.

Até Francesca, daquela maneira meio enviesada.

Olhou para ela. Tinha a certeza de que ela ainda não compreendia a razão pela qual ele tinha partido. Talvez pensasse que sim, mas como poderia? Ela não sabia que ele a amava, era-lhe impossível entender a imensa culpa que ele sentia ao assumir a vida de John.

Mas nada disso era culpa dela. Ali a observá-la, de pé a olhar para o fogo, a um tempo frágil e orgulhosa, disse-o de novo.

– Sinto muito.

Ela reconheceu o pedido de desculpas com um leve aceno de cabeça.

– Eu devia ter-te escrito – disse ela, virando-se então para Michael, com os olhos cheios de tristeza e talvez uma leve menção a um pedido de desculpas. – Mas a verdade é que simplesmente não me apetecia. Pensar em ti fazia-me pensar no John e suponho que na altura precisava de não pensar tanto nele.

Michael não fingiu entender, mas, ainda assim, acenou com a cabeça.

Ela sorriu com melancolia.

– Divertíamos-nos tanto, nós os três, não era?

Ele voltou a anuir.

– Sinto falta dele – confessou, surpreendendo-se por ter sabido tão bem dizê-lo em voz alta.

– Sempre pensei que seria tão fantástico quando finalmente te casasses – acrescentou Francesca. –

Tenho a certeza de que terias escolhido alguém extraordinário e divertido. E que bons tempos teríamos passado os quatro.

Michael tossiu. Pareceu-lhe o melhor a fazer.

Ela olhou para cima, quebrado o devaneio.

– Estás a ficar constipado?

– Provavelmente. Devo estar às portas da morte no sábado, tenho a certeza.

Ela ergueu uma sobrancelha.

– Não estás à espera que eu trate de ti, pois não?

Era a abertura que ele precisava para passar ao tom de brincadeira com que se sentia mais confortável.

– Não vai ser necessário – disse ele com um gesto displicente. – Não

deverei precisar de mais do que três dias para atrair um bando de mulheres pouco recomendáveis para atender a todas as minhas necessidades.

Os lábios dela contraíram-se um pouco, mas estava claramente divertida.

– O mesmo de sempre, vejo.

Ele ofereceu-lhe um sorriso malandro.

– Ninguém muda verdadeiramente, Francesca.

Ela inclinou a cabeça, apontando para o corredor, onde ecoavam já os passos apressados de alguém. O laçao chegou e Francesca tomou conta de tudo, deixando Michael junto ao fogo, com um ar vagamente imperial enquanto acenava em concordância.

– Boa noite, Michael – despediu-se ela, assim que o laçao saiu para tratar de fazer o que ela instruía.

– Boa noite, Francesca – respondeu ele em voz baixa.

– É bom voltar a ver-te – disse ela. E então, como se precisasse de convencer um dos dois, ele não sabia qual, acrescentou: – É mesmo.

CAPÍTULO 6

...Desculpa-me por não ter escrito. Não, não é verdade. Eu não me arrependo. Não quero escrever. Eu não quero pensar em...

Da condessa de Kilmartin para o novo conde de Kilmartin, um dia após receber a primeira missiva, rasgada em pedacinhos e depois encharcada em lágrimas

Quando Michael se levantou na manhã seguinte, Kilmartin House parecia ter regressado à normalidade típica da casa de um conde. Todas as lareiras estavam acesas e um pequeno-almoço esplêndido tinha sido servido na sala de jantar informal, com ovos escalfados,

presunto, *bacon*, salsichas, torradas com manteiga e compota, assim como o seu prato favorito, cavala grelhada.

Mas Francesca não estava em parte alguma.

Quando perguntou por ela, foi-lhe entregue um bilhete dobrado que ela deixara para ele logo pela manhã. Aparentemente ela era da opinião que ficarem os dois a viver sozinhos em Kilmartin House podia dar origem a falatório, por isso decidira mudar-se para a residência da mãe no número cinco de Bruton Street até Janet ou Helen chegarem da Escócia. Todavia, convidava-o a visitá-la nesse dia, uma vez que considerava terem muito que conversar.

Michael supôs que ela tinha razão, por isso, quando terminou o pequeno-almoço (dando-se conta com espanto do quanto sentia falta dos iogurtes e panquecas indianas habituais na sua refeição da manhã), saiu e dirigiu-se para Bruton Street.

Optou por ir a pé. Não era muito longe e o ar tinha aquecido consideravelmente, já sem as rajadas gélidas do dia anterior. Mas, principalmente, ele queria absorver a paisagem urbana, lembrar-se dos ritmos de Londres. Nunca antes reparara nos cheiros e sons típicos da capital, em como o ruído dos cascos dos cavalos combinava com as exclamações alegres das vendedoras de flores e o ruído em surdina de vozes civilizadas. Notou o som dos próprios pés na calçada, o cheiro de castanhas assadas e o peso indefinido de fuligem no ar, tudo combinado numa mistura que era exclusiva de Londres.

Era quase esmagador, o que era estranho, porque se lembrava de ter sentido precisamente o mesmo quando desembarcou na Índia, quatro anos antes. O ar húmido, impregnado de especiarias e flores, chocou-lhe os sentidos. Sentira-o quase como um assalto, deixando-o grogue e desorientado.

Embora a sua reação a Londres não fosse assim tão dramática, ainda se sentia um pouco como um forasteiro, os sentidos fustigados por cheiros e sons que não deveriam ser-lhe tão estranhos.

Ter-se-ia tornado um estranho na sua própria terra? Parecia quase bizarro, mas enquanto caminhava pelas ruas apinhadas do mais exclusivo bairro comercial de Londres, não pôde deixar de pensar que chamava a atenção, que se alguém olhasse para ele saberia instantaneamente que ele era

diferente, subtraído de uma existência puramente britânica.

Ou talvez fosse por causa do bronzado, pensou, ao ver o seu reflexo na vitrina de uma loja.

Levaria semanas para desaparecer. Meses, talvez.

A mãe iria ficar escandalizada.

O pensamento fê-lo sorrir. Gostava de escandalizar a mãe. Não se tornara assim tão adulto para que *isso* deixasse de ser divertido.

Virou para a Bruton Street e passou as últimas casas antes do número cinco. Já lá tinha estado antes, claro. A mãe de Francesca sempre definira a palavra «família» no sentido mais lato possível do termo, por isso Michael vira-se sempre convidado, juntamente com John e Francesca, para variadíssimos eventos da família Bridgerton.

Quando chegou, Lady Bridgerton já estava na sala de estar verde e bege, a tomar chá à sua escrivaninha junto à janela.

– Michael! – exclamou, levantando-se com afeição óbvia. – Que bom ver-te!

– Lady Bridgerton – cumprimentou, tomando-lhe a mão e agradecendo-a com um beijo galante.

– Ninguém faz isso como tu – disse ela em tom de aprovação.

– É preciso cultivar as nossas melhores habilidades – murmurou ele.

– Nem imaginas o quanto nós, senhoras de uma certa idade, apreciamos que o faças.

– A certa idade sendo... – abriu um sorriso malandro – trinta e um?

Lady Bridgerton era o tipo de mulher cujo encanto aumentava com a idade, mas o sorriso que lhe ofereceu tornou-a absolutamente radiante.

– És *sempre* bem-vindo nesta casa, Michael Stirling.

Ele sorriu e, a um gesto dela, sentou-se numa cadeira de espaldar alto.

– Oh, meu Deus – disse ela com certo ar atrapalhado. – Peço que me perdoes. Imagino que deveria ter-te tratado por Kilmartin.

– Michael chega perfeitamente – assegurou ele.

– Eu sei que já faz quatro anos – continuou ela –, mas como não te tenho visto...

– Pode tratar-me pelo nome que quiser – disse ele em tom carinhoso.

Era estranho. Finalmente habituara-se a ser tratado por Kilmartin, adaptara-se à forma como o título se sobrepusera ao sobrenome. Mas isso fora na Índia, onde ninguém o conhecia como o simples Mr. Stirling, e talvez mais importante, nem conhecera John como conde. Ouvir o título nos lábios de Violet Bridgerton era desconcertante, especialmente porque ela se referia habitualmente a John, como era o costume de muitas sogras, como filho.

Mas se ela sentiu qualquer desconforto da parte dele, não mostrou nenhum indício.

– Se vais ser tão obsequioso, então eu também devo ser. Por favor, trata-me por Violet. Já é mais do que tempo de o fazeres.

– Oh, eu não seria capaz – apressou-se ele a responder.

E estava a falar a sério. Aquela era Lady Bridgerton. Ela era... bem, não sabia exatamente o que ela era, mas nunca poderia ser *Violet* para ele.

– Eu insisto, Michael – reiterou ela –, e estou certa de que sabes que costumo conseguir o que quero.

Não havia qualquer hipótese de ele ganhar a discussão, por isso apenas suspirou e disse:

– Eu não sei se consigo beijar a mão de uma Violet. Parece-me escandalosamente íntimo, não acha?

– Não te atrevas a deixar de o fazer.

– Vai haver falatório – alertou-a.

– Acredito que a minha reputação consegue resistir a isso.

– Ah, mas será que a minha consegue?

Ela soltou uma gargalhada.

– És um bom malandro!

Ele recostou-se na cadeira.

– Mereci essa.

– Queres um chá? – perguntou ela, fazendo sinal para o delicado bule de porcelana pousado na mesinha do lado oposto da sala. – Aquele já está frio, mas terei todo o gosto em mandar fazer outro.

– Eu adoraria – admitiu ele.

– Calculo que estejas desejoso de tomar chá, depois de tantos anos na Índia – comentou ela, levantando-se e atravessando a sala para tocar o cordão da campainha.

– Não é a mesma coisa – disse ele, levantando-se também. – Não sei explicar, mas o sabor do chá em Inglaterra é incomparável.

– Será talvez a qualidade da água?

Ele sorriu sub-repticiamente.

– A qualidade da mulher que o serve.

Ela riu-se.

– O senhor está a precisar de uma mulher. Imediatamente.

– Ah, sim? E porquê?

– Porque no teu estado atual, és um perigo para qualquer mulher solteira.

Ele não pôde resistir a uma última brincadeira.

– Espero que se inclua nessa categoria, Violet.

E então uma voz da porta:

– Estás a tentar namoriscar com a minha *mãe*?

Era Francesca, obviamente, impecavelmente vestida num traje de passeio cor de alface, adornado com um detalhe bastante complicado de renda belga. Parecia estar a esforçar-se muito para ser severa com ele.

Mas a não conseguir inteiramente.

Michael sorriu misteriosamente, enquanto observava as duas senhoras a ocuparem os seus lugares.

– Eu viajei pelo mundo inteiro, Francesca, e posso dizer com toda a segurança que são poucas as mulheres que dariam mais prazer de namoriscar do que a tua mãe.

– Pois convido-te agora para jantares connosco – anunciou Violet – e não vou aceitar um não como resposta.

Michael riu-se.

– Será uma honra.

Em frente a ele, Francesca murmurou:

– És incorrigível.

Michael dirigiu-lhe um sorriso delicado. Aquilo foi bom, decidiu. A manhã estava a desenrolar-se exatamente como esperava, com ele e Francesca a encarnarem os antigos papéis e hábitos. Ele era novamente o sedutor imprudente, ela fingia ralar com ele e tudo voltava a ser como antes de John ter morrido.

Na noite anterior fora apanhado de surpresa. Não esperava vê-la. E não conseguira assegurar que a sua imagem pública continuava intacta.

Não é que *tudo* fosse teatro. Ele sempre fora um pouco imprudente e provavelmente *era* um sedutor incorrigível. A mãe gostava muito de dizer que ele já era um sedutor aos quatro de idade.

Mas quando estava com Francesca era de vital importância que esse aspeto da sua personalidade permanecesse bem visível, para que ela nunca suspeitasse do que estava escondido.

– Quais são os teus planos, agora que voltaste? – perguntou Violet.

Michael virou-se para ela com o que sabia ser uma expressão inescrutável.

– Na verdade, ainda não sei – respondeu, envergonhado por ter de admitir para si mesmo que era mesmo verdade. – Imagino que vá demorar algum tempo para entender exatamente o que é esperado de mim no meu novo papel.

– Tenho a certeza de que a Francesca te pode ajudar nesse problema – disse Violet.

– Só se ela assim o desejar – respondeu Michael em voz serena.

– Claro que ajudo – disse Francesca, afastando-se ligeiramente para o lado quando a criada entrou com uma bandeja de chá. – Vou ajudar-te em tudo o que precisares.

– O serviço foi bastante rápido – murmurou Michael.

– Eu sou louca por chá – explicou Violet. – Passo o dia a bebê-lo, por isso o pessoal da cozinha mantém a água quase a ferver no fogão.

– Queres chá? – perguntou Francesca, uma vez que assumira a tarefa de o servir.

– Sim, obrigado – respondeu Michael.

– Ninguém conhece Kilmartin como a Francesca – prosseguiu Violet, com todo o orgulho de uma mãe-coruja. – Estou certa de que será inestimável para ti.

– Estou certo de que tem toda a razão – respondeu Michael, aceitando uma chávena de chá de Francesca. Ela lembrara-se de como ele o tomava: com leite e sem açúcar. Por alguma razão, isso agradou-lhe imenso. – Ela é a condessa há seis anos, e durante quatro deles teve de ser o conde também. – Ao notar o olhar de espanto de Francesca, acrescentou: – Em todos os sentidos, menos no nome. Ora, admite, Francesca, deves saber que é verdade.

«*E* que é um elogio – acrescentou ainda. – Tenho uma grande dívida para contigo que jamais poderei pagar. Não poderia ter ficado tanto tempo longe se não soubesse que o condado estava em mãos tão capazes.

Francesca corou verdadeiramente, o que o surpreendeu. Conhecia-a há tantos anos e podia contar pelos dedos de uma mão as vezes que a vira corar.

– Obrigada – murmurou ela. – Não foi difícil, garanto.

– Talvez, mas tens a minha gratidão, mesmo assim.

Levou a chávena aos lábios, permitindo às senhoras redireccionarem a conversa.

O que fizeram. Violet fez-lhe perguntas sobre o tempo que ele passou na Índia e quando se deu conta estava a contar-lhes histórias de palácios e princesas, caravanas e pratos com caril. Deixou de parte os saqueadores e a malária, decidindo que não eram temas de conversa

apropriados para uma sala de estar.

Algum tempo depois, percebeu o quanto estava a divertir-se. Talvez tivesse tomado a decisão certa, pensou, enquanto ouvia Violet contar sobre um baile de tema indiano a que fora no ano anterior.

Talvez fosse realmente bom estar em casa.

Uma hora mais tarde, Francesca viu-se de braço dado com Michael a passear por Hyde Park. O sol tinha conseguido furar as nuvens e quando ela declarara não poder resistir a um tempo tão agradável, Michael não teve outro remédio a não ser oferecer-se para a acompanhar num passeio.

– Como nos velhos tempos – comentou ela, inclinando o rosto para o sol. Provavelmente ia ficar com um bronzado medonho ou, no mínimo, sardas, mas supôs que pareceria sempre pálida como porcelana ao lado de Michael, cuja pele o caracterizava imediatamente como um recém-chegado dos trópicos.

– Passear a pé, queres dizer? – questionou ele. – Ou referes-te à tua habilidade em me manipulares para que te acompanhe?

Ela tentou manter uma cara séria.

– Às duas coisas, claro. Tu costumavas passear muito comigo. Sempre que o John estava ocupado.

– É verdade.

Caminharam em silêncio por uns momentos e então ele disse:

– Fiquei um pouco surpreso ao descobrir que te tinhas ido embora esta manhã.

– Espero que compreendas a razão que me levou a sair – disse ela. – Eu não queria, claro; voltar à casa da minha mãe faz-me sentir como se tivesse regressado à infância. – Os lábios apertaram-se em descontentamento. – Eu adoro-a, mas já me habituei a ser dona da minha própria casa.

– Queres que eu vá viver para outro sítio?

– Não, claro que não – apressou-se ela a responder. – Tu és o conde.

Kilmartin House pertence-te.

Além disso, a Helen e a Janet saíram uma semana depois de mim; devem chegar em breve e então poderei voltar para lá.

– Ergue esse queixo, Francesca. Tenho a certeza de que vais sobreviver.

Ela lançou-lhe um olhar de soslaio.

– Nada que tu ou qualquer homem, aliás, seja capaz de entender, mas prefiro o meu estatuto de mulher casada ao de debutante. Quando estou no Número Cinco, com a Eloise e a Hyacinth a viverem lá, é como se tivesse regressado à minha primeira temporada, com todas as regras e códigos de acompanhantes.

– Nem todas – lembrou ele. – Se isso fosse verdade, não terias autorização para dar este passeio comigo.

– Verdade – consentiu ela. – Especialmente contigo, imagino.

– O que é que isso quer dizer?

Ela riu-se.

– Oh, tem paciência, Michael. Achas realmente que a tua reputação iria ficar limpa como uma parede caiada só porque estiveste fora do país durante quatro anos?

– Francesca...

– Tu és uma *lenda*.

Ele mostrou-se chocado.

– É verdade – disse ela, curiosa sobre o porquê de ele estar tão surpreendido. – Meu Deus, as mulheres ainda falam de ti.

– Não a ti, espero – murmurou ele.

– Oh, a mim acima de todas as outras. – Ela sorriu com malícia. – Todas querem saber quando

planeias regressar. E vai ser ainda pior assim que descobrirem que estás de volta. Devo dizer que é um papel estranho, o de confidente do mais notório libertino de Londres.

– Confidente, hã?

– Que outra coisa lhe chamarias?

– Não, tens razão; confidente é uma palavra perfeitamente apropriada. É só que, se achas que te confidencieei *tudo*...

Francesca atirou-lhe um olhar irritado. Era mesmo típico dele, não terminar as frases de propósito, deixando-a com a mente inundada de perguntas.

– Imagino então que não tenhas partilhado connosco todas as notícias da Índia – resmoneou.

Ele limitou-se a abrir um sorriso. Diabólico.

– Muito bem. Permite-me, então, que direcione a conversa para áreas mais respeitáveis. O que pretendes fazer agora que estás de regresso? Vais assumir o teu lugar no parlamento?

Ele parecia não ter pensado nisso.

– É o que o John teria querido – disse ela, ciente de estar a ser tremendamente manipuladora.

Michael olhou-a com ar severo, e ela percebeu na expressão que ele não gostara da tática que utilizara.

– Também vais ter de casar – continuou Francesca.

– Pretendes assumir o papel de casamenteira? – perguntou ele, irritado.

Francesca encolheu os ombros.

– Se quiseres. Estou certa de que não poderia fazer um trabalho pior do que tu.

– Pelo amor de Deus! – resmungou ele. – Cheguei há exatamente um dia. Será que precisamos de tratar disso agora?

– Não, claro que não – disse ela. – Mas em breve. Não estás a ir para novo.

Michael ficou a olhar para ela em estado de choque.

– Não me consigo imaginar a permitir que qualquer outra pessoa fale

comigo nesses termos.

– Não te esqueças da tua mãe – retorquiu ela com um sorriso satisfeito.

– Tu – disse ele, desta vez com vigor – *não* és a minha mãe.

– Graças a Deus – devolveu ela. – Já teria morrido de um ataque do coração há anos. Eu não sei como ela sobrevive.

Ele estacou.

– Eu não sou assim *tão* mau.

Francesca encolheu os ombros com delicadeza.

– Não és?

Ele emudeceu. Ficou absolutamente sem palavras. Tinham tido aquela conversa inúmeras vezes, mas havia algo diferente agora. Havia uma pungência no tom dela, uma estocada nas palavras que nunca estivera lá antes.

Ou talvez ele nunca tivesse notado.

– Oh, não fiques tão chocado, Michael – disse ela, dando-lhe uma palmadinha no braço com a mão livre. – Claro que tens uma reputação terrível, mas também és infinitamente encantador, e por essa razão tudo te é perdoado.

Seria assim que ela o via? E porque estava surpreendido? Era exatamente a imagem que ele havia cultivado.

– E agora que és o conde – continuou ela –, as mães vão atropelar-se umas às outras para ver quem

consegue emparelhar-te com uma das suas preciosas filhas.

– Já tenho medo – disse ele baixinho. – Muito medo.

– E deves ter – assegurou ela, sem qualquer traço de solidariedade. – Vai ser um frenesim, acredita em mim. A tua sorte é que tive uma conversa particular com a minha mãe esta manhã e fi-la jurar que não ia atirar-te a Eloise ou a Hyacinth aos pés. E olha que o faria – acrescentou ela, saboreando claramente a conversa.

– Se bem me lembro, tu costumavas adorar atirar as tuas irmãs aos

meus pés.

Os lábios dela crispavam-se um pouco.

– Isso foi há muitos anos – disse ela, agitando a mão no ar como se pudesse afastar as palavras dele com o vento. – Nunca combinarias.

Ele nunca tivera qualquer desejo de cortejar uma das irmãs de Francesca, mas não podia deixar escapar a oportunidade de a provocar.

– Com a Eloise? – perguntou. – Ou com a Hyacinth?

– Nem uma nem outra – foi a resposta, tão pronta e petulante que o fez sorrir. – Mas eu encontro-te alguém, não te aflijas.

– Pareço-te aflito?

Ela continuou como se ele não tivesse falado.

– Acho que te vou apresentar a Penelope, uma amiga da Eloise.

– Miss Featherington? – perguntou ele, lembrando-se vagamente de uma jovem um pouco rechonchuda que nunca falava.

– Ela também é minha amiga, claro – acrescentou Francesca. – Acredito que és capaz de gostar dela.

– Ela já aprendeu a falar?

Francesca fitou-o.

– Vou ignorar esse comentário. A Penelope é uma jovem adorável e muito inteligente, assim que se ultrapassa a timidez inicial.

– E quanto tempo é que *isso* leva? – resmoneou ele.

– Acho que ela seria excelente para te equilibrar – afirmou Francesca.

– Francesca – disse ele, de forma bastante enérgica –, estás proibida de fazeres de cupido comigo.

Estamos entendidos?

– Bem, alguém...

– E não digas que alguém tem de o fazer – cortou ele.

Sinceramente, ela continuava o mesmo livro aberto de anos atrás. Sempre a querer gerir a vida dele.

– Michael – disse ela, a palavra saindo como um suspiro que era muito mais sofrido do que deveria.

– Cheguei à cidade há um dia – reiterou ele. – Um dia. Estou cansado e não quero saber se está sol; ainda estou cheio de frio e as minhas malas nem sequer foram desfeitas. Por favor, dá-me pelo menos uma semana antes de começares a planear o meu casamento.

– Uma semana? – perguntou ela em tom dissimulado.

– Francesca – disse ele, em tom de advertência.

– Pronto, está bem – aquiesceu ela com indiferença. – Mas não te atrevas a dizer que eu não te avisei. Quando fores às reuniões sociais e as jovens te encostarem à parede com as mães a reboque a entrar a matar...

Ele estremeceu com a imagem. E ao tomar consciência de que a previsão estava provavelmente correta.

– Vais implorar a minha ajuda – terminou ela, erguendo o olhar para ele com uma expressão irritantemente satisfeita.

– Tenho a certeza que sim – disse Michael, lançando-lhe um sorriso paternalista que sabia que ela ia detestar. – E quando isso acontecer, eu prometo que vou ficar devidamente prostrado de arrependimento, expiação e vergonha ou qualquer outra emoção desagradável que me queiras atribuir.

Ela soltou uma gargalhada, o que o comoveu muito mais do que deveria. Ele conseguia sempre fazê-la rir.

Virando-se para ele, Francesca sorriu e deu-lhe uma palmadinha no braço.

– É bom ter-te de volta.

– É bom estar de volta – concordou ele.

Disse as palavras automaticamente, mas percebeu que eram sinceras. Era *mesmo* bom. Difícil, mas bom. Mas mesmo sendo difícil não valia a pena reclamar. Não era certamente nada a que não estivesse acostumado.

Estavam bastante embrenhados em Hyde Park agora e ia ficando cada vez mais cheio de gente.

Embora as árvores já tivessem começado a brotar, o ar ainda estava frio o suficiente para que as pessoas a passear não procurassem a sombra.

– Devia ter trazido pão para as aves – murmurou Francesca.

– No Serpentine? – perguntou Michael com espanto.

Já passara muitas vezes em Hyde Park com Francesca e ambos tendiam a evitar a margem do Serpentine como a peste. Estava sempre cheia de amas e crianças, a gritar como pequenos selvagens (frequentemente mais as amas do que as crianças) e Michael conhecia pelo menos uma pessoa que levava com um pedaço de pão na cabeça.

Aparentemente ninguém avisara o mini jogador de críquete que devia partir o pão em pedaços mais pequenos... e menos perigosos.

– Eu gosto de atirar pão às aves – afirmou Francesca, um pouco na defensiva. – Além do mais, hoje não deve haver muitas crianças. Ainda está um pouco de frio.

– Para mim e para o John isso nunca foi impedimento – declarou Michael valentemente.

– Sim, bem, são escoceses – retorquiu ela. – O vosso sangue circula muito bem meio congelado.

Ele sorriu.

– Um bando de gente saudável, nós escoceses.

Era uma piada privada. Com tanta mistura de casamentos, a família era pelo menos tanto inglesa como escocesa, talvez até mais, mas estando a propriedade Kilmartin firmemente situada nos condados de fronteira, os Stirling agarravam-se à sua herança escocesa como uma questão de honra.

Encontraram um banco não muito longe do Serpentine, sentaram-se e ficaram a observar os patos na água.

– Seria de pensar que eles encontrassem um sítio mais quente – comentou Michael. – A França, talvez.

– E perder toda a comida que as crianças lhes atiram? – Francesca

sorriu com ironia. – Eles não são estúpidos.

Ele encolheu os ombros. Longe dele fingir grandes conhecimentos sobre o comportamento das aves.

– O que achaste do clima na Índia? – quis saber Francesca. – É tão quente como dizem?

– Ainda mais – respondeu ele. – Ou talvez não. Não sei. Imagino que as descrições sejam perfeitamente fiéis. O problema é que nenhum inglês consegue realmente entender o que significam até chegar lá.

Ela olhou-o com curiosidade.

– É mais quente do que possas alguma vez imaginar – concluiu ele, em explicação.

– Soa como se... bem, não sei como soa – admitiu ela.

– Mas o calor não é tão difícil de suportar como os insetos.

– Soa horrível – decidiu Francesca.

– Provavelmente não irias gostar. Pelo menos, não para uma estadia prolongada.

– Mas eu gostava de viajar – confessou ela baixinho. – Sempre planeei fazê-lo.

Ficou em silêncio, acenando com a cabeça de uma forma bastante distraída, subindo e baixando o queixo durante tanto tempo que ele teve a certeza de que ela se esquecera de que estava a fazê-lo.

Então percebeu que os olhos de Francesca estavam fixos no horizonte. Estava atenta a alguma coisa, mas ele não foi capaz de perceber a quê. Não havia nada de interessante na paisagem, exceto uma ama de olhar pisco a empurrar um carrinho de bebé.

– Para que estás a olhar? – perguntou ele por fim.

Ela não respondeu, apenas continuou a olhar.

– Francesca?

Ela virou-se para ele.

– Eu quero um bebé.

CAPÍTULO 7

...esperava já ter recebido uma carta tua, mas é notório que não se pode confiar no correio quando tem de viajar de tão longe. Ainda na semana passada ouvi alguém contar da chegada de uma mala postal com dois anos de atraso; muitos dos destinatários já haviam retornado a Inglaterra. A minha mãe disse-me por carta que estás bem e totalmente recuperada da provação por que passaste; fico feliz em saber. O meu trabalho aqui continua a ser desafiante e recompensador. Fixei residência fora da cidade propriamente dita, tal como a maioria dos europeus aqui em Madrasta.

Contudo, gosto de visitar a cidade; é bastante grega na aparência; ou melhor, aquilo que imagino que seja grego, já que nunca visitei a Grécia. O céu é azul, tão azul que quase cega, quase a coisa mais azul que já vi.

Do conde de Kilmartin para a condessa de Kilmartin, seis meses após a sua chegada à Índia

–Perdão?

Ela deixara-o tão chocado que quase cuspiu a palavra. Não fizera o anúncio com o intuito de obter aquele género de reação, mas agora a vê-lo ali sentado com a boca aberta de pasmo, não pôde deixar de sentir um certo regozijo.

– Eu quero um bebé – repetiu ela com um encolher de ombros. – É assim tão espantoso?

Os lábios dele literalmente mexeram-se antes de conseguir articular qualquer som.

– Bem... não... mas...

– Tenho vinte e seis anos.

– Eu sei quantos anos tens – disse ele, um pouco impaciente.

– Faço vinte e sete no final de abril. Não acho que seja assim tão estranho querer uma criança.

Os olhos dele ainda mantinham uma qualidade vítrea e vazia.

– Não, claro que não, mas...

– Eu não deveria ter de te dar explicações!

– Eu não estava a pedir que o fizesses – disse ele, fitando-a como se lhe tivesse nascido mais uma cabeça.

– Peço desculpa – murmurou ela. – Exagerei na reação.

Michael não respondeu, o que a deixou irritada. No mínimo, podia tê-la contradito. Teria sido uma mentira, mas ainda assim, seria a atitude gentil e cortês a ter. Até que o silêncio se tornou simplesmente insuportável e ela murmurou:

– Muitas mulheres querem filhos.

– Certo – concordou ele, tossindo a palavra. – Claro. Mas... não achas que devias querer primeiro um marido?

– Obviamente. – Ela fulminou-o com um olhar exasperado. – Porque achas que vim para Londres mais cedo?

Ele olhou-a sem entender.

– Vim ver se compro um marido – explicou ela, falando como se ele fosse um imbecil.

– Que forma tão mercenária de pôr a coisa – murmurou ele.

Ela contraiu os lábios.

– É o que é. E o melhor seria acostumares-te a isso, para o teu próprio bem. É precisamente desta forma que em breve as senhoras falarão sobre *ti*.

Ele ignorou a última frase.

– E já tens algum cavalheiro em mente?

Ela abanou a cabeça.

– Ainda não. Mas imagino que alguém apareça quando eu começar à procura. – Tentava soar despreocupada, mas a verdade é que a voz dela ia descendo tanto de tom como de volume. – Os meus irmãos devem ter amigos – murmurou por fim.

Ele olhou para ela e, em seguida, recostou-se no banco, fitando a água.

– Choquei-te? – perguntou Francesca.

– Bem... sim.

– Normalmente, eu teria um grande prazer nisso – disse ela, os lábios curvando-se de ironia.

Ele não respondeu, mas revirou ligeiramente os olhos.

– Não posso ficar de luto pelo John eternamente – disse ela. – Quero dizer, posso, e essa é a minha vontade, mas... – parou, odiando sentir que estava à beira das lágrimas. – E a pior parte é que talvez eu não possa *ter* filhos. Demorei dois anos a ficar grávida do John e vê como estraguei tudo.

– Francesca – disse ele quase com fúria –, não podes culpar-te pelo aborto.

Ela soltou um riso amargo.

– Podes imaginar? Casar-me com alguém só para poder ter um bebé e depois não conseguir?

– Isso acontece constantemente – disse ele com suavidade.

Era verdade, mas não a fazia sentir-se melhor. *Ela* tinha uma escolha. Não era obrigada a casar; ficaria muito bem amparada e independente financeiramente, graças a Deus, se permanecesse viúva.

Se ela se casasse... não, *quando* ela se casasse (tinha mesmo de meter a ideia na cabeça), não seria por amor. Não ia ter um casamento como o que partilhara com John; uma mulher simplesmente não encontrava um amor assim duas vezes na vida.

Ia casar para ter um filho e não havia qualquer garantia de que conseguisse.

– Francesca?

Ela não olhou para ele, apenas ficou ali sentada a pestanejar, tentando desesperadamente ignorar as lágrimas que lhe queimavam os olhos.

Michael estendeu-lhe um lenço, mas ela não queria reconhecer o gesto. Se o aceitasse, *teria* de chorar. Nada mais a impediria.

– Eu tenho de seguir em frente – disse ela em tom desafiador. – Devo. O John foi-se e eu...

Foi então que a coisa mais estranha aconteceu. Mas *estranho* não era a palavra certa. Chocante, talvez, ou transformador, ou talvez não houvesse uma palavra para o tipo de surpresa que nos rouba a pulsação do corpo, deixando-nos imóveis e incapazes de respirar.

Francesca virou-se para ele. Devia ser uma coisa simples. Já olhara para Michael antes, centenas...

não, milhares de vezes. Ele podia ter passado os últimos quatro anos na Índia, mas ela conhecia-lhe o rosto, conhecia-lhe o sorriso. Na verdade, sabia tudo sobre ele...

Só que desta vez foi diferente. Ela virou-se para ele, mas não esperava que ele já estivesse a olhar para ela. Nem esperava que ele estivesse tão perto que conseguia ver-lhe os pontinhos cor de carvão dos olhos.

Mas, acima de tudo, não esperava que o seu olhar recaísse nos lábios dele. Eram cheios, voluptuosos e primorosamente delineados, e ela

conhecia-lhes a forma tão bem como dos seus próprios lábios, mas nunca antes tinha realmente *olhado* para eles, percebido a maneira como a sua cor não era exatamente uniforme ou como a curva do lábio inferior era sensual e...

Levantou-se. Tão depressa que quase perdeu o equilíbrio.

– Tenho de ir – disse, chocada por ouvir a própria voz e não a de algum demónio bizarro. – Tenho um compromisso. Esqueci-me completamente.

– É claro – disse ele, levantando-se também.

– Com a costureira – acrescentou ela, como se os pormenores tornassem a mentira mais convincente. – Toda a minha roupa é em cores de luto aliviado.

Ele concordou com a cabeça.

– Não combinam contigo.

– Muito simpático da tua parte salientares esse facto – retorquiu ela, irritada.

– Devias usar azul – sugeriu ele.

Ela assentiu com a cabeça bruscamente, ainda perturbada e aborrecida.

– Estás bem? – perguntou ele.

– Perfeitamente – rosnou ela. Notando que ninguém se deixaria enganar pelo seu tom de voz, acrescentou, com mais cuidado: – Eu estou bem. Garanto. Só detesto atrasar-me.

Isso era verdade e ele sabia, por isso esperou que ele aceitasse a justificação como motivo para o seu descontrolo.

– Muito bem – disse ele, em tom descontraído, e Francesca foi a tagarelar todo o caminho até Bruton Street. Tinha de fingir que estava tudo bem, pensou quase em delírio. Não podia permitir que ele percebesse o que tinha realmente acontecido dentro dela no banco junto ao Serpentine.

Ela sabia que Michael era muito atraente, muito atraente, mesmo. Mas fora sempre uma ideia abstrata. Michael era atraente, assim como o seu irmão Benedict era alto e a mãe tinha uns olhos lindos.

Mas, de repente... Mas agora...

Olhara para ele e vira algo inteiramente novo.

À frente dela estava um *homem*.

E isso deixou-a tremendamente assustada.

Francesca acreditava no conceito de que a melhor linha de ação neste caso era fazer coisas, por isso quando entrou no número cinco após o seu passeio, procurou a mãe e informou-a de que precisava de ir à modista imediatamente. O melhor a fazer era transformar a sua mentira numa verdade o mais depressa possível.

A mãe ficou felicíssima por ver Francesca sair dos cinzentos e alfazemas do luto aliviado e em menos de uma hora já estavam as duas confortavelmente sentadas na elegante carruagem de Violet, a caminho das lojas exclusivas em Bond Street. Normalmente, Francesca teria ficado toda eriçada com a interferência de Violet; ela era perfeitamente capaz de escolher o seu próprio guarda-roupa, mas hoje achou a presença da mãe estranhamente reconfortante.

Não que a mãe não fosse geralmente um consolo. A questão é que Francesca tendia a preferir ser independente, assim como a não ser vista como «uma daquelas jovens Bridgerton». E, de uma forma

muito estranha, aquela ida à modista era bastante desconcertante. Teria sido precisa tortura para fazê-la admitir isso, mas Francesca estava pura e simplesmente aterrorizada.

Mesmo que não tivesse decidido que era hora de se casar novamente, pôr o luto de viúva de parte era sinal de uma grande mudança, uma mudança para a qual não sabia se estava preparada.

Olhou para a manga quando se sentou na carruagem. Não podia ver o tecido do vestido porque estava coberto pelo casaco, mas sabia que era cor de alfazema. Sabê-lo era reconfortante, algo sólido e fiável. Usava aquela cor, ou cinzento, há três anos. E só preto durante um ano antes disso.

Tornara-se uma espécie de marca, percebeu, um uniforme. Não tinha de se preocupar com quem era, uma vez que a roupa o proclamava tão alto.

– Mãe? – disse ela, antes sequer de tomar consciência de que tinha uma pergunta a fazer.

Violet virou-se para ela com um sorriso.

– Sim, querida?

– Porque nunca voltou a casar?

Os lábios de Violet entreabriram-se e, para grande surpresa de Francesca, os olhos ficaram marejados de lágrimas.

– Sabes que é a primeira vez que algum de vós me pergunta isso? – disse Violet baixinho.

– Não pode ser – contestou Francesca. – Tem a certeza?

Violet assentiu.

– Nenhum dos meus filhos me fez essa pergunta. Não é coisa que se esqueça.

– Pois não, é claro que não – apressou-se Francesca a compor. Mas era tudo tão... estranho.

Pensando bem, descuidado, até. Porque é que nunca ninguém lhe perguntara isso? Francesca considerava ser a pergunta mais pertinente que se possa imaginar. E, mesmo que nenhum dos filhos de Violet se tivesse preocupado em saber a resposta por simples curiosidade pessoal, não percebiam como era importante para Violet?

Será que não queriam *conhecer* a própria mãe? Conhecer-las verdadeiramente?

– Quando o teu pai morreu... – começou Violet. – Bem, eu não sei do que te lembras, mas foi muito repentino. Nenhum de nós esperava. – Ela deu uma risadinha triste e Francesca perguntou-se se alguma vez seria capaz de se rir sobre a morte de John, mesmo que o riso fosse tingido de tristeza.

– Uma picada de abelha – prosseguiu Violet, e Francesca percebeu que, ainda agora, mais de vinte anos após a morte de Edmund Bridgerton, a mãe se mostrava surpreendida ao falar sobre isso.

– Quem teria imaginado? – disse Violet, abanando a cabeça. – Eu não sei se te lembras bem dele, mas o teu pai era um homem muito grande. Tão alto como o Benedict e talvez até mais largo de ombros.

Ninguém pensaria que uma abelha... – Interrompeu-se, tirando um impecável lenço branco e levando-o aos lábios, enquanto aclarava a garganta. – Bem, foi inesperado. Não sei mais o que dizer, exceto... – Virou-se para a filha com olhos dolorosamente sábios. – Exceto que imagino que entendas melhor do que ninguém.

Francesca assentiu, sem sequer tentar conter a sensação ardente das lágrimas.

– Mas continuando – disse Violet muito depressa, obviamente ansiosa para seguir com a conversa

–, depois de ele morrer, eu senti-me... atordoada. Sentia-me no meio de uma névoa. Nem tenho bem a certeza de como vivi aquele primeiro ano. Ou mesmo os que vieram depois. Portanto, casamento era algo que nem me passava pela cabeça.

– Eu sei – concordou Francesca baixinho. Ela sabia bem como era.

– E depois disso... bem, não sei o que aconteceu. Talvez não tenha encontrado ninguém com quem

sentisse vontade de partilhar a minha vida. Talvez eu amasse demasiado o teu pai. – Ela encolheu os ombros. – Talvez nunca tenha visto necessidade. Afinal de contas, a minha posição era muito diferente da tua. Não te esqueças de que eu era mais velha e já mãe de oito filhos. E o teu pai tinha deixado todos os assuntos muito bem resolvidos. Eu sabia que nunca nos faltaria nada.

– O John também deixou Kilmartin num estado excelente – apressou-se a dizer Francesca.

– Claro que sim – disse Violet, acariciando-lhe a mão. – Perdoa-me. Eu não quis insinuar nada.

Mas tu não tens oito filhos, Francesca. – O tom dos olhos dela mudou, tornando-se um azul ainda mais profundo. – E tu tens demasiado tempo à tua frente para o passares sozinha.

Francesca abanou a cabeça em assentimento.

– Eu sei – disse ela. – Eu sei. Mas eu não consigo... não consigo...

– O que é que não consegues? – perguntou Violet com todo o carinho.

– Eu não consigo... – Francesca baixou o olhar. Não sabia porquê, mas

por algum motivo não era capaz de tirar os olhos do chão. – Eu não consigo livrar-me da sensação de que estou a fazer algo errado, de que estou a desonrar a memória do John, a desonrar o nosso casamento.

– O John teria desejado que fosses feliz.

– Eu sei. Eu sei. É claro que sim. Mas entenda... – Voltou a erguer o olhar, esquadrinhando o rosto da mãe por alguma coisa, não sabia o quê, talvez aprovação, talvez apenas amor; havia algo de reconfortante em buscar algo que já sabia que ia encontrar. – Nem sequer estou à procura disso –

acrescentou. – Sei que não vou encontrar alguém como o John. Já aceitei isso. Mas parece-me errado casar por menos.

– Não vais encontrar alguém como o John, isso é verdade – disse Violet. – Mas podes encontrar um homem que te faça igualmente feliz, só que de uma forma diferente.

– A mãe não encontrou.

– Não, eu não – concordou ela –, mas também não fiz sequer o esforço de procurar.

– Lamenta não o ter feito?

Violet abriu a boca, mas nenhum som saiu, nem mesmo o ruído da respiração. Finalmente, respondeu:

– Não sei, Francesca. Sinceramente, não sei. – E depois, porque o momento precisava de alguma leveza, acrescentou: – Eu certamente não queria mais filhos!

Francesca não pôde deixar de sorrir.

– Eu quero – confessou ela em voz baixa. – Eu quero um bebé.

– Foi o que eu pensei.

– Porque nunca me perguntou, então?

Violet inclinou ligeiramente a cabeça e respondeu com outra pergunta.

– Porque nunca me perguntaste sobre o motivo de eu nunca ter voltado a casar?

Francesca sentiu os lábios abrirem-se de choque. Embora não devesse ficar de todo surpreendida com a perspicácia da mãe.

– Se fosses a Eloise, acho que teria dito alguma coisa – acrescentou Violet. – Ou qualquer uma das tuas irmãs, pensando bem. Mas tu... – Sorriu com nostalgia. – Tu não és como elas. Nunca foste.

Mesmo em criança já te destacavas. E precisavas da tua distância.

Num impulso, Francesca estendeu a mão e apertou a da mãe.

– Eu adoro-a, sabia?

Violet sorriu.

– Já suspeitava que sim.

– Mãe!

– Está bem, é claro que eu sabia. Como podias não me amar se eu te amo tanto, tanto?

– Eu não o disse – confessou Francesca, sentindo-se culpada pela omissão. – Pelo menos, não recentemente.

– Não faz mal. – Violet devolveu o aperto de mão. – Tens tido outras coisas em que pensar.

Sem motivo aparente, a frase fez Francesca rir-se por entre dentes.

– Isso é um belo eufemismo, devo dizer.

Violet apenas sorriu.

– Mãe? Posso fazer-lhe mais uma pergunta? – deixou escapar Francesca.

– Claro.

– Se eu não encontrar ninguém... não como o John, é claro, mas que não seja inteiramente adequado para mim. Se eu não encontrar ninguém assim e me casar com alguém de quem goste bastante, mas talvez não ame... acha que faço mal?

Violet ficou em silêncio alguns instantes antes de responder.

– Infelizmente só tu podes saber a resposta a essa pergunta – disse por

fim. – Eu nunca diria que não, é claro. Metade da alta sociedade, mais de metade, aliás, tem casamentos assim, e muitos deles são perfeitamente satisfatórios. Mas terás de ser tu a fazer esse julgamento quando o dia chegar.

Todas as pessoas são diferentes, Francesca. Suspeito que saibas disso melhor do que ninguém. E

quando um homem te pedir em casamento, terás de o julgar segundo os méritos dele e não por algum padrão arbitrário que estabeleceste previamente.

Ela tinha razão, mas Francesca estava tão farta de a vida ser tão confusa e complicada que aquela não era a resposta que queria ouvir.

E nada daquilo focava o problema que calava mais fundo no seu coração. O que aconteceria se ela realmente encontrasse alguém que a fizesse sentir como se sentira com John? Não conseguia imaginar esse cenário; parecia-lhe completamente improvável.

Mas e se isso acontecesse? Como poderia viver consigo própria, então?

Havia algo de muito gratificante em estar de mau humor, por isso Michael decidiu deixar-se mergulhar nele completamente.

Chutou uma pedra todo o caminho até casa.

Rosnou a qualquer um que chocou com ele na rua.

Abriu a porta de casa com tal ferocidade que ela bateu na parede de pedra por trás. Ou melhor, teria batido, se o chato do mordomo não estivesse sempre tão atento e não tivesse aberto a porta antes de os dedos de Michael tocarem a maçaneta.

Mas *pensou* em escancarar a porta com toda a força, o que já de si lhe dava uma certa satisfação.

Depois subiu as escadas em passo duro até ao quarto, que ainda estava demasiado parecido com o quarto de John, não que pudesse fazer alguma coisa sobre o assunto naquele momento, e arrancou as botas.

Ou tentou.

Maldição!

– Reivers! – gritou.

O criado apareceu, ou melhor, pareceu mais que se materializou, na porta.

– Sim, senhor?

– Dás-me uma ajuda com as botas? – resmungou Michael, sentindo-se um pouco infantil.

Três anos no exército e quatro na Índia e não conseguia tirar as malditas botas? O que é que se passava com Londres que reduzia um homem a néscio subserviente? Lembrou-se que Reivers também costumava tirar-lhe as botas da última vez que vivera em Londres.

Olhou para baixo. As botas *eram* diferentes. Diferentes estilos para diferentes ocasiões, supôs, e Reivers sempre tivera um orgulho incrivelmente ridículo no seu trabalho. Obviamente queria trajar Michael no melhor da moda de Londres. Ele teria...

– Reivers? – disse Michael em voz baixa. – Onde é que desencantaste estas botas?

– Senhor?

– Estas botas. Não as reconheço.

– Nós ainda não recebemos todas as suas malas do navio, senhor. Como não tinha nada apropriado para Londres, fui buscar estas aos pertences do anterior conde...

– *Cristo!*

– Senhor? Sinto muito se não lhe agradam. Lembrei-me de que ambos calçavam o mesmo número e pensei que iria querer...

– Tira-mas. Imediatamente.

Michael fechou os olhos e sentou-se num cadeirão de couro – o cadeirão de *John* – estupefacto com a ironia da situação. O seu pior pesadelo a tornar-se realidade, no sentido mais literal da palavra.

– Com certeza, senhor.

Reivers parecia ofendido, mas pôs-se rapidamente a trabalhar na remoção das botas.

Michael apertou a cana do nariz com o polegar e o indicador e soltou um longo suspiro antes de falar novamente.

– Eu prefiro não usar nenhuma peça do guarda-roupa do anterior conde – disse com ar cansado.

Sinceramente, não fazia ideia por que razão a roupa de John ainda estava ali; já deveria ter sido tudo dado aos criados ou doado a instituições de caridade há anos. Mas supôs que a decisão era de Francesca, não dele.

– Com certeza, senhor. Vou tratar disso imediatamente.

– Muito bem – resmungou Michael.

– Devo mandar retirar tudo?

Retirar? Pelo amor de Deus, não estavam a falar de tóxicos.

– Está tudo muito bem onde está – disse Michael. – Só não use nada comigo.

– Certo.

Reivers engoliu em seco e a sua maçã de Adão agitou-se em constrangimento.

– O que é que se passa agora, Reivers?

– Bom, senhor, o que se passa é que todo o vestuário do anterior lorde Kilmartin ainda está aqui.

– Aqui? – perguntou Michael sem expressão.

– Aqui – confirmou Reivers, lançando um olhar ao quarto.

Michael afundou-se no cadeirão. Não que quisesse apagar da face da Terra a última lembrança do primo; *ninguém* sentia tanto a falta de John como ele, ninguém.

Bem, exceto talvez Francesca, concedeu, mas o caso dela era diferente.

Mas não sabia como ia conseguir conduzir a sua vida rodeado de forma tão completa e asfixiante pelos pertences de John. Já lhe ficara com o título, gastava-lhe o dinheiro, vivia na casa dele. Será que também seria obrigado a usar os seus malditos sapatos?

– Arruma tudo – ordenou ele a Reivers. – Amanhã. Esta noite não quero ser incomodado.

Além de que, provavelmente, seria melhor alertar Francesca das suas intenções.

Francesca.

Suspirou, levantando-se assim que o criado saiu. Maldição! Reivers esquecera-se de levar as botas. Michael pegou nelas e depositou-as do lado de fora da porta. Talvez estivesse a exagerar, mas que inferno, não queria ter de olhar para as botas de John nas próximas seis horas.

Depois de fechar a porta com determinação, dirigiu-se sem rumo certo até à janela. O peitoril era largo e profundo e ele debruçou-se pesadamente sobre ele, observando pelas cortinas transparentes a paisagem desfocada da rua lá em baixo. Afastou o tecido fino para o lado, os lábios esboçando um sorriso amargo ao ver uma ama a puxar uma criança pelo passeio.

Francesca. Ela queria um bebé.

Não sabia porque estava tão surpreso. Se pensasse racionalmente, não deveria ficar. Ela era uma mulher, pelo amor de Deus; é claro que queria ter filhos. Não era o que todas queriam? Embora racionalmente nunca se tivesse convencido de que ela iria ficar eternamente a penar pela morte de John, também nunca pusera a hipótese de ela poder realmente querer voltar a casar um dia.

Francesca e John. John e Francesca. Eles eram um só, ou pelo menos tinham sido, e embora a morte de John, infelizmente, tivesse facilitado imaginar um sem o outro, era completamente diferente de pensar num deles com outra pessoa.

E depois, claro, havia o pequeno problema de se arrepiar todo só de pensar em Francesca com outro homem, uma reação que o assaltava sempre.

Estremeceu. Ou foi um calafrio? Raios, esperava que não fosse um calafrio.

Supôs que ia ter simplesmente de se habituar à ideia. Se Francesca queria ter filhos, então ela precisava de um marido, e, por mais que lhe custasse, Michael não podia fazer nada acerca disso.

Teria sido muito melhor se ela tivesse tomado essa decisão e tratado

desse abominável assunto no ano anterior, poupando-lhe a náusea de ter de testemunhar todo o desenrolar do namoro. Se ela simplesmente se tivesse casado no ano *anterior*, estaria tudo terminado e pronto.

Fim da história.

Mas agora ele ia ter de *assistir*. Talvez até mesmo aconselhar.

Maldição!

Sentiu outro calafrio. Raios! Talvez fosse apenas frio. Afinal de contas, era março, e este estava especialmente frio, mesmo com a lareira acesa.

Afrouxou o plastrão, que começava a sentir inexplicavelmente apertado, mas acabou por arrancá-lo de uma vez. Sentia-se mal como o diabo, com calor e com frio ao mesmo tempo, e estranhamente desequilibrado.

Sentou-se. Parecia-lhe o melhor a fazer.

E então desistiu simplesmente de fazer de conta que estava bem. Despiu-se e enfiou-se na cama.

Ia ser uma longa noite.

CAPÍTULO 8

...foi maravilhoso fantástico muito bom gostei de receber notícias tuas. Fico contente por estares a sair-te bem. O

John ficaria muito orgulhoso de ti. Sinto a tua falta. Sinto a falta dele. Sinto a tua falta. Algumas flores ainda florescem.

Não é bom que algumas flores ainda floresçam?

Da condessa de Kilmartin para o conde de Kilmartin, uma semana após receber a segunda missiva dele, primeiro rascunho, nunca terminado, nunca enviado

–OMichael não disse que vinha jantar connosco esta noite?

Francesca olhou para a mãe, que estava em pé diante dela com um ar preocupado. Na verdade, ela estava a pensar exatamente o mesmo, curiosa por saber o que o atrasara.

Passara a maior parte do dia temendo a chegada dele, mesmo que Michael não fizesse ideia nenhuma da perturbação que ela sentira naquele momento no parque. Deus do céu, ele provavelmente nem percebera que *tinha* havido um «momento».

Era a primeira vez na vida que Francesca ficava grata pela obtusidade geral dos homens.

– Sim, ele disse que vinha – respondeu ela, mexendo-se, desconfortável, na cadeira.

Estava há já algum tempo na sala de estar com a mãe e duas das irmãs a fazer horas, à espera que o convidado chegasse.

– Será que lhe dissemos as horas? – questionou-se Violet.

Francesca assentiu.

– Eu confirmei as horas com ele quando me deixou aqui depois do nosso passeio no parque.

Estava absolutamente certa dessa conversa, até porque se lembrava claramente de ter sentido o estômago contorcer-se quando mencionaram o assunto. Ela não queria vê-lo de novo... pelo menos, não tão depressa, mas o que podia fazer? A mãe tinha-o convidado.

– O mais provável é ter-se atrasado – disse Hyacinth, a irmã mais nova de Francesca. – Não me espanta. Homens como ele estão sempre atrasados.

Francesca virou-se para ela num repente.

– O que é que isso quer dizer?

– Eu sei tudo sobre a reputação dele.

– O que tem a reputação dele a ver com isso? – perguntou Francesca irritada. – E de qualquer maneira, o que sabes tu desse assunto? Ele deixou Inglaterra anos antes de teres debutado.

Hyacinth encolheu os ombros, espetando uma agulha no bordado

extremamente desmazelado.

– As pessoas ainda falam dele – explicou ela com toda a descontração.
– As mulheres desmaiavam como idiotas à simples menção do seu nome, se queres saber.

– Não há outra maneira de desmaiar – interveio Eloise, que, embora um ano mais velha do que Francesca, ainda era solteira.

– Bem, libertino ou não – disse Francesca com picardia –, ele foi sempre extremamente pontual.

Nunca consentira que os outros falassem mal de Michael. Ela podia suspirar e queixar-se e repisar os defeitos dele, mas era totalmente inaceitável que Hyacinth, cujo conhecimento de Michael era baseado inteiramente em rumores e insinuações, fizesse um julgamento tão radical.

– Acredita no que quiseses – disse Francesca com assertividade, porque não ia permitir que Hyacinth tivesse a última palavra –, mas ele nunca chegaria tarde a um jantar nesta casa. Ele tem a mãe em muito alta consideração.

– E a consideração que tem por ti? – provocou Hyacinth.

Francesca lançou um olhar mortífero à irmã, que, de cabeça baixa para o bordado, sorria de troça.

– Ele...

Não, ela não ia fazê-lo. Não ia entrar numa discussão com a irmã mais nova, não quando podia realmente ter acontecido alguma coisa. Apesar do seu comportamento nem sempre ser dos mais respeitáveis, Michael sempre fora extremamente educado e atencioso, ou pelo menos sempre o fora na presença dela. E nunca teria chegado a um jantar para o qual fora convidado – ela olhou para o relógio em cima da lareira – com mais de trinta minutos de atraso. Não sem, no mínimo, avisar.

Levantou-se, alisando a saia cinza-claro com gestos enérgicos.

– Vou a Kilmartin House – anunciou.

– Sozinha? – perguntou Violet.

– Sozinha – respondeu Francesca com convicção. – Afinal de contas, é

a minha casa. Não creio que as más-línguas vão dar importância a uma visita rápida.

– Sim, sim, é claro – aceitou a mãe. – Mas não te demores.

– Mãe, eu sou viúva. E não pretendo passar lá a noite. Apenas pretendo averiguar o bem-estar de Michael. Não vai haver problema, garanto.

Violet assentiu, mas pela expressão dela, Francesca percebeu que ela teria gostado de dizer mais.

Era assim há anos – Violet a querer reassumir o seu papel de mãe-coruja para com a filha viúva tão jovem, mas a conter-se, tentando respeitar a sua independência.

Nem sempre conseguia resistir a interferir, mas esforçava-se, e Francesca ficava-lhe grata por isso.

– Queres que vá contigo? – perguntou Hyacinth, os olhos iluminando-se.

– Não! – exclamou Francesca, a surpresa da pergunta tornando-lhe o tom um pouco mais veemente do que pretendia. – Por que diabo querias vir?

Hyacinth encolheu os ombros.

– Curiosidade. Gostava de conhecer o Alegre Libertino.

– Já conheces – lembrou Eloise.

– Sim, mas isso foi há séculos – disse Hyacinth com um suspiro dramático –, antes de eu saber o que é um libertino.

– Também não sabes agora – cortou Violet.

– Ah, mas eu...

– Tu *não* sabes o que é um libertino – repetiu Violet.

– Está bem, pronto. – Hyacinth voltou-se para a mãe com um sorriso enjoativo de tão doce. – Eu não sei o que é um libertino. Eu também não sei vestir-me nem lavar os dentes.

– Eu bem que vi a Polly ajudá-la com o vestido de noite ontem – murmurou Eloise do sofá.

– Ninguém consegue entrar num vestido de noite sozinha – retorquiu Hyacinth.

– Estou de saída – anunciou Francesca, mesmo sabendo que ninguém prestara atenção.

– O que estás a fazer? – exigiu saber Hyacinth.

Francesca parou, até que percebeu que Hyacinth não estava a falar com ela.

– Estou só a examinar os teus dentes – disse Eloise com doçura inocente.

– Meninas! – ralhou Violet, embora Francesca imaginasse que Eloise não levaria a bem aquela generalização, tendo ela já vinte e sete anos.

E, de facto não, mas Francesca aproveitou a irritação de Eloise e a réplica posterior como a oportunidade perfeita para sair discretamente e pedir a um lacaios para mandar trazer a carruagem.

As ruas não estavam muito movimentadas; era cedo, e a alta sociedade ainda demoraria uma ou duas horas a sair para as festas e bailes. A carruagem atravessou rapidamente Mayfair e em menos de um quarto de hora Francesca subia os degraus da frente de Kilmartin House, em St. James. Como de costume, um lacaios abriu a porta antes que ela pudesse levantar a aldraba e Francesca entrou apressada.

– O conde de Kilmartin está? – perguntou, percebendo com um pequeno choque de surpresa que era a primeira vez que se referia a Michael como tal.

Era estranho, mas, para ser sincera, era bom, a forma como as palavras lhe tinham vindo naturalmente aos lábios. Já era mais do que tempo de todos se habituarem à mudança. Ele era o conde agora e nunca mais voltaria a ser o simples Mr. Stirling.

– Acredito que sim – respondeu o lacaios. – Ele chegou no início da tarde e não fui informado da sua saída.

O semblante de Francesca fechou-se e ela dispensou o lacaios com um gesto antes de subir a escada. Se Michael estava de facto em casa, devia estar lá em cima, pois se estivesse no gabinete do piso térreo, o lacaios teria notado a sua presença.

Subiu ao primeiro andar e atravessou a passos largos o corredor em

direção à suíte do conde, as suas botas silenciosas no sumptuoso tapete Aubusson.

– Michael? – chamou em voz suave ao chegar perto do quarto. – Michael?

Não houve resposta, por isso aproximou-se da porta, reparando que não estava completamente fechada.

– Michael? – voltou a chamar, um pouco mais alto.

Não ia pôr-se a berrar o nome dele pela casa. Além do mais, se ele estivesse a dormir, não queria acordá-lo. Provavelmente, ainda estava exausto da longa viagem e fora demasiado orgulhoso para confessar quando Violet o convidara para jantar.

Ainda sem resposta, abriu a porta mais uns centímetros.

– Michael?

Ouviu alguma coisa. Um sussurro, talvez. Ou um gemido.

– Michael?

– Frannie?

Era definitivamente a voz dele, mas nunca ouvira aquela entoação saída dos seus lábios.

– Michael?

Apressou-se a entrar e encontrou-o todo encolhido na cama, com o ar mais doente que alguma vez vira noutro ser humano. John nunca tinha estado doente. Simplesmente tinha ido para a cama uma noite e não acordara.

– Michael! – exclamou ela, aflita. – O que se passa?

– Oh, nada de mais – disse ele em voz rouca. – Só uma constipação, imagino.

Francesca olhou para ele com ar duvidoso. Tinha o cabelo escuro colado à testa, da transpiração, a pele estava corada e sarapintada e o calor que irradiava da cama impressionou-a.

Já para não falar que ele cheirava a doença. Era um cheiro terrível, suado e ligeiramente pútrido, do tipo que, se tivesse uma cor, seria

certamente verde vômito. Francesca estendeu a mão e tocou-lhe na testa, recuando instantaneamente ao sentir a febre.

– Isso *não* é uma constipação – afirmou perentoriamente.

Os lábios dele esticaram-se numa aproximação hedionda a um sorriso.

– Uma constipação muito má?

– Michael Stuart Stirling!

– Deus do céu, pareces a minha mãe.

Ela não se sentia exatamente mãe dele, especialmente depois do que acontecera no parque, e foi quase um alívio vê-lo tão fraco e tão pouco atraente. Apagava toda a tensão do que quer que fosse que tinha sentido naquela tarde.

– Michael, o que é que tens?

Ele encolheu os ombros e enterrou-se mais fundo debaixo das cobertas, o corpo inteiro a tremer como varas verdes.

– Michael! – Francesca estendeu a mão e agarrou-lhe o ombro. Não muito gentilmente. – Não te atrevas a usar um dos teus truques habituais comigo. Eu sei exatamente como funcionas. Finges sempre que nada interessa, que a água há de sempre correr debaixo da ponte...

– A água corre debaixo da ponte – murmurou ele. – É um facto incontestável.

– Michael! – Ter-lhe-ia dado uma bofetada se ele não estivesse tão doente. – Não te atrevas a minimizar a situação, estamos entendidos? Insisto que me digas agora o que se passa contigo!

– Eu vou estar melhor amanhã – disse ele.

– Oh, *certo* – resmungou Francesca, com todo o sarcasmo que conseguiu reunir, que no momento era bastante.

– Vou, sim – insistiu ele, mudando de posição em desassossego, cada movimento marcado por um gemido. – Durante o dia de amanhã vou estar bem.

A maneira como disse aquelas palavras soou profundamente estranha a Francesca.

– E depois de amanhã? – perguntou, semicerrando os olhos.

Uma risada rouca emergiu algures debaixo das cobertas.

– Bem, depois de amanhã volto a estar doente como um cão, é claro.

– Michael – disse ela novamente, o medo obrigando-a a baixar a voz –, o que é que tens?

– Não adivinhaste? – Ele pôs a cabeça para fora do lençol, e parecia tão doente que ela teve de se controlar para não chorar. – Eu tenho malária.

– Oh, meu Deus! – exclamou Francesca num suspiro, recuando literalmente um passo. – Oh, meu Deus!

– É a primeira vez que te ouço blasfemar – observou ele. – Provavelmente devia sentir-me lisonjeado por ser por minha causa.

Ela não fazia ideia de como ele conseguia ser tão insolente numa altura daquelas.

– Michael, eu... – Francesca estendeu a mão e depois recolheu-a, sem saber o que fazer.

– Não te preocupes – assegurou ele, encolhendo-se ainda mais quando o seu corpo foi sacudido por outra onda de tremores. – Não é contagioso.

– Não é? – Ela pestanejou. – Quero dizer, pois claro que não é. – E mesmo que fosse, isso não deveria tê-la impedido de cuidar dele. Era Michael. Ele era... bem, era-lhe difícil definir precisamente o que ele era para ela, mas sabia que tinham um vínculo inquebrável, eles os dois, e parecia que quatro anos e milhares de quilómetros pouco tinham feito para o enfraquecer.

– É o ar – explicou ele em voz cansada. – É preciso respirar o ar pútrido para apanhar a doença. É

por isso que lhe chamam malária. Se fosse possível apanhá-la de outra pessoa, por esta altura já teríamos infetado toda a Inglaterra.

Ela fez que sim com a cabeça à sua explicação.

– Tu estás... estás... – Não podia perguntar; não sabia como.

– Não – disse ele. – Pelo menos eles acham que não.

Ela sentiu o alívio inundá-la e teve de se sentar. Não conseguia imaginar um mundo sem ele.

Mesmo enquanto Michael estivera longe, ela sempre soube que ele estava *lá*, a partilhar o mesmo planeta com ela, a caminhar na mesma terra. E mesmo naqueles primeiros tempos após a morte de John, quando ela o odiara por tê-la abandonado, mesmo quando estava tão zangada com ele que só lhe apetecia chorar, sentia um certo conforto em saber que ele estava vivo e bem, e que voltaria para ela num ápice se lhe pedisse.

Ele estava ali. E estava vivo. E sem John... bem, ela não sabia como alguém poderia esperar que ela perdesse os dois.

Michael estremeceu de novo, violentamente.

– Precisas de tomar algum remédio? – perguntou ela, acordando do devaneio. – *Tens* algum remédio?

– Já tomei – respondeu ele a bater os dentes.

Mas ela tinha de fazer alguma coisa. Não chegara ao ponto de se desprezar e pensar que talvez pudesse ter feito algo para evitar a morte de John; mesmo no pior momento do seu sofrimento, não tinha seguido *esse* caminho, mas sempre odiara que tudo tivesse acontecido na sua ausência. Na verdade, fora a única coisa importante que John fizera sem ela. E mesmo que Michael só estivesse doente, e não a morrer, ela não ia permitir que ele sofresse sozinho.

– Deixa-me ir buscar outro cobertor – disse.

Sem esperar resposta, foi a toda a pressa ao seu quarto, atravessando a porta de comunicação, e puxou a colcha da cama. Era cor-de-rosa e provavelmente ofenderia a sua sensibilidade masculina, assim que ele chegasse a um estado de sensibilidade, mas isso era problema *dele*, decidiu.

Quando voltou ao quarto, Michael estava tão quieto que achou que tivesse adormecido, mas ele conseguiu despertar o suficiente para dizer obrigado quando ela lhe colocou a colcha por cima.

– O que posso fazer mais? – perguntou ela, puxando uma cadeira de madeira para junto da cama e sentando-se.

– Nada.

– Deve haver alguma coisa – insistiu ela. – Certamente não chega apenas esperar que passe.

– Chega, sim – disse ele fracamente. – É só esperar que passe.

– Não posso acreditar que isso seja verdade.

Ele abriu um olho.

– É tua intenção desafiar toda a comunidade médica?

Ela cerrou os dentes e curvou-se para a frente na cadeira.

– Tens a certeza de que não precisas de mais remédio?

Ele negou com a cabeça gemendo com o esforço.

– Só daqui a algumas horas.

– Onde é que ele está? – perguntou ela.

Se a única coisa que podia fazer era localizar o medicamento e ficar pronta para lho dar, então seria exatamente isso que faria.

Ele moveu a cabeça ligeiramente para a esquerda. Francesca acompanhou o movimento e viu a mesinha do outro lado do quarto, onde um frasco medicinal se encontrava pousado em cima de um jornal dobrado. Levantou-se imediatamente e foi buscá-lo, lendo o rótulo, enquanto caminhava de volta para a sua cadeira.

– Quinino – murmurou ela. – Já ouvi falar disto.

– Um milagre da medicina – disse Michael. – Ou, pelo menos, é o que dizem.

Francesca olhou para ele com ar de dúvida.

– Basta olhares para mim – disse ele com um sorriso débil e torto. – Sou a prova viva.

Ela inspecionou o frasco novamente, observando o pó mexer-se quando o inclinou.

– Ainda não estou convencida.

Ele tentou mexer um ombro, num gesto jovial.

– Eu não estou morto.

– Isso não tem graça nenhuma.

– Não, é a *única* coisa engraçada – corrigiu ele. – Temos de nos rir daquilo que podemos. Pensa bem, se eu morresse, o título iria para... como é que a Janet sempre diz?

– Para aquele lado horrível da família, os Debenham – terminaram os dois em conjunto, e Francesca apanhou-se, incredivelmente, a sorrir.

Ele conseguia sempre fazê-la sorrir.

Estendeu a mão e pegou na dele.

– Nós vamos ultrapassar isto – declarou.

Ele fez que sim com a cabeça e fechou os olhos.

Mas quando achou que adormecera, ouviu-o sussurrar:

– É melhor contigo aqui.

Na manhã seguinte, Michael acordou a sentir-se razoavelmente revigorado, e mesmo não estando ainda no seu melhor, pelo menos parecia bem melhor do que na noite anterior. Ficou alarmado ao ver Francesca ainda sentada na cadeira junto à cama, com a cabeça caída para o lado. Ela parecia desconfortável em todos os sentidos que um corpo *podia* parecer desconfortável, desde a maneira rígida como estava sentada na cadeira ao ângulo estranho do pescoço e à estranha torção do tronco.

Mas estava a dormir. A rressonar, até, o que ele achou enternecedor. Nunca a imaginara a rressonar e, infelizmente, já a imaginara adormecida mais vezes do que gostaria de confessar.

Supôs que tinha sido de mais esperar conseguir esconder a doença; Francesca era demasiado perspicaz e, certamente, demasiado intrometida. E mesmo preferindo que ela não se preocupasse com ele, a verdade é que a sua presença tinha sido um conforto na noite anterior. Não deveria ter sido ou, pelo menos, ele não deveria ter deixado que fosse, mas não conseguia evitar.

Ouviu-a mexer-se e rolou para o lado para ver melhor. Nunca a tinha

visto acordar, pensou. Não sabia porque achava isso tão estranho; não que a conhecesse intimamente. Talvez fosse porque, em

todos os seus devaneios, em todas as suas fantasias, nunca a tivesse imaginado assim – o leve ruído saído do fundo da garganta ao mudar de posição, o suspiro subtil ao bocejar ou mesmo o delicado bailado das pálpebras na agitação de se abrirem.

Ela era linda.

Ele sabia disso, naturalmente, sabia-o há muitos anos, mas nunca antes o sentira tão profundamente, tão entranhado nos ossos.

Não era o cabelo, aquela massa castanha rica e exuberante que ele raramente tinha o privilégio de ver solta. Também não eram os olhos, de um azul tão radiante que impelia os homens a escrever poesia... muito para eterna diversão de John, lembrou-se Michael. Nem era a forma do seu rosto ou a estrutura óssea; se fosse esse o caso, seria obcecado com a beleza de todas as mulheres Bridgerton; todas elas diamantes de primeira qualidade, pelo menos por fora.

Era algo na maneira como ela se movia.

Alguma coisa na maneira de respirar.

Alguma coisa na maneira de ela simplesmente *ser*.

E não achava que alguma vez o fosse superar.

– Michael – murmurou ela, esfregando os olhos.

– Bom dia – cumprimentou ele, esperando que ela confundisse a aspereza da voz dele com exaustão.

– Parece melhor.

– E sinto-me melhor.

Francesca engoliu em seco e fez uma pausa antes de dizer:

– Já estás acostumado a isso.

Ele acenou com a cabeça.

– Não chegaria ao ponto de dizer que não me importo com a doença, mas sim, já estou acostumado a ela. Já sei o que fazer.

– Quanto tempo mais vai continuar?

– É difícil de dizer. Vou ter febre mais ou menos dia sim, dia não até simplesmente... parar. Uma semana no total, talvez duas. Três se for terrivelmente azarado.

– E depois?

Ele encolheu os ombros.

– Depois passa e espero que não volte a acontecer.

– Isso pode acontecer? – perguntou ela, endireitando-se na cadeira. – Desaparecer de vez?

– É uma doença estranha e inconstante.

Os olhos dela estreitaram-se.

– Não te atrevas a compará-la com uma mulher.

– Não me tinha ocorrido até tocares no assunto.

Os lábios dela contraíram-se ligeiramente, mas depois ela relaxou e perguntou:

– Quanto tempo se passou desde o teu último... – Ela pestanejou. – O que chamas a isso?

Michael encolheu os ombros.

– Eu chamo-lhes ataques. Certamente a sensação é semelhante. Passaram seis meses.

– Bem, isso é bom! – Ela mordiscou o lábio inferior. – Não é?

– Considerando que só se tinham passado três da vez anterior, sim, acho que sim.

– Quantas vezes já te aconteceu?

– Esta é a terceira vez. Tudo somado, não é muito mau, em comparação com o que já vi.

– Achas que dizeres isso me serve de consolo?

– Serve-me a mim – afirmou ele sem rodeios. – Como modelo de

virtude cristã que sou.

Francesca estendeu a mão abruptamente e tocou-lhe na testa.

– Estás bem mais fresco – comentou ela.

– Sim, e ficarei. É uma doença extremamente consistente. Bem, pelo menos, quando se está no meio dela. Seria bom saber quando esperar uma recaída.

– E vais voltar a ter febre amanhã? Assim, de repente?

– Assim, de repente – confirmou ele.

Ela pareceu ficar a considerar uns instantes e depois disse:

– Sabes que não vais poder esconder isto da tua família, não sabes?

Ele tentou sentar-se na cama.

– Pelo amor de Deus, Francesca, *não* digas à minha mãe e...

– Elas estão para chegar a qualquer momento – cortou ela. – Quando deixei a Escócia, elas disseram que sairiam uma semana depois de mim, e se bem conheço a Janet, isso significa apenas três dias. Esperas mesmo que elas não reparem que estás convenientemente...

– Inconvenientemente – interrompeu ele, mordaz.

– Seja qual for – reagiu ela com brusquidão. – Achas realmente que elas não vão perceber que ficas para morrer dia sim, dia não? Pelo amor de Deus, Michael, reconhece-lhes um pouco de inteligência, pelo menos.

– Muito bem – cedeu ele, deixando-se cair contra as almofadas. – Mas mais ninguém. Não tenho vontade nenhuma de me tornar a aberração de Londres.

– Estás longe de ser a primeira pessoa a ter malária.

– Eu não quero a piedade de ninguém – resmungou ele. – Especialmente a tua.

Francesca recuou como se tivesse recebido um golpe, e ele obviamente sentiu-se um bruto.

– Perdoa-me – disse ele. – Não foi isso que quis dizer.

Ela fitou-o de olhos arregalados.

– Eu não quero a tua piedade – disse ele arrependido –, mas os teus cuidados e os teus votos de melhoras são muito bem-vindos.

Os olhos dela não o encararam, mas Michael percebeu que ela estava a tentar decidir se acreditava nele.

– Estou a ser sincero – acrescentou, sem energia para esconder o esgotamento na voz. – Fiquei feliz por estares aqui. Já passei por isto antes.

Francesca lançou-lhe um olhar aguçado, como se fizesse uma pergunta, mas ele não conseguiu descobrir qual.

– Já passei por isto antes – repetiu ele –, mas desta vez foi... diferente. Melhor. Mais fácil. –

Soltou um longo suspiro, aliviado por ter encontrado a palavra correta. – Mais fácil. Foi mais fácil.

– Oh! – Ela ajeitou-se na cadeira. – Fico... contente.

Ele olhou para as janelas. Estavam tapadas por pesadas cortinas, mas podia ver lampejos da luz do sol a espreitar pelos lados.

– A tua mãe não estará preocupada contigo?

– Oh, *não!* – exclamou Francesca, levantando-se tão depressa que bateu com a mão na mesinha de cabeceira. – Ui!

– Estás bem? – perguntou Michael por uma questão de educação, já que era muito claro que se tinha magoado a sério.

– Hã... – Ela sacudia a mão, tentando conter a dor. – Esqueci-me completamente da minha mãe. Ela esperava-me ontem à noite.

– Não lhe mandaste um bilhete?

– Mandei – respondeu ela. – Disse-lhe que estavas doente, mas ela escreveu de volta a dizer que iria passar por cá de manhã para oferecer ajuda. Que horas são? Tens relógio? Claro que tens relógio

– lembrou-se, virando-se freneticamente para o pequeno relógio sobre a lareira.

Aquele tinha sido o quarto de John; ainda era o quarto de John, de

tantas maneiras. É claro que sabia onde estava o relógio.

– Ainda são oito horas – disse ela com um suspiro de alívio. – A minha mãe nunca se levanta antes das nove, a menos que haja uma emergência, e esperemos que não conte esta como sendo uma. Tentei não mostrar o meu pânico no bilhete.

Conhecendo Francesca, ela devia ter redigido a carta com toda a calma e sangue-frio por que era conhecida. Michael sorriu. Provavelmente mentira e dissera que contratara uma enfermeira.

– Não há motivos para pânico – disse ele.

Ela lançou-lhe um olhar inquieto.

– Disseste que não querias que ninguém soubesse que tens malária.

Ele ficou boquiaberto. Nunca imaginara que ela respeitasse tão ao pé da letra os seus desejos.

– Eras capaz de esconder da tua mãe? – perguntou em voz baixa.

– Claro. A decisão de lhe contar é tua, não minha.

Era realmente muito tocante, bastante carinhoso até...

– Eu acho que és louco – acrescentou ela em tom crítico.

Bom, talvez carinhoso não fosse a palavra certa.

– Mas vou respeitar a tua vontade. – Pousou as mãos nas ancas e olhou-o com uma expressão que só podia ser descrita como melindre.

– Como pudeste pensar que eu faria outra coisa?

– Não faço a mais pequena ideia – murmurou ele.

– Francamente, Michael – resmungou Francesca. – Eu não sei o que se passa contigo.

– Será o meu ar alagadiço? – tentou ele brincar.

Ela lançou-lhe um olhar significativo.

– Vou voltar para casa da minha mãe – anunciou ela, calçando os botins cinzentos. – Se não o fizer, podes ter a certeza de que não tarda nada ela aparece aqui com todo o corpo docente do Colégio Real de Medicina a reboque.

Ele ergueu uma sobancelha.

– É isso que ela faz quando ficas doente?

Francesca deixou escapar um pequeno som que era uma mistura de desdém e uma resmungadela, e todo ele irritação.

– Volto em breve. Não saias daqui.

Ele ergueu as mãos, gesticulando com um certo sarcasmo para o leito de enfermo.

– Bem, nunca fiando – resmoneou ela.

– A tua fé na minha força sobre-humana é comovente.

Ela parou na porta.

– Eu juro, Michael, és o paciente às portas da morte mais chato que já conheci.

– Vivo para te divertir! – gritou ele quando ela já ia no corredor, bastante certo de que se ela tivesse alguma coisa para atirar à porta, o teria feito. Com imenso vigor.

Michael recostou-se nas almofadas e sorriu. Podia ser um paciente chato, mas ela era uma enfermeira muito caprichosa.

O que para ele era perfeito.

CAPÍTULO 9

...é possível que as nossas cartas se tenham cruzado no correio, mas parece-me mais provável que simplesmente não queiras escrever-me. Eu aceito isso e desejo-te toda a felicidade do mundo. Não volto a incomodarte. Espero que saibas que estou aqui para ti, se mudares de ideias.

Do conde de Kilmartin para a condessa de Kilmartin, oito meses após a sua chegada à Índia Não foi fácil esconder a sua doença. A alta sociedade não apresentou problemas; Michael limitou-se a recusar todos os convites e Francesca espalhou a justificação de que ele desejava instalar-se na sua nova casa antes de assumir o seu lugar na

sociedade.

A questão dos criados foi mais difícil. Eles falavam, e muitas vezes com criados de outras casas, de modo que Francesca teve de se certificar que só os mais fiéis ficavam a par do que se passava no quarto de Michael. Era complicado, especialmente porque ainda não vivia oficialmente em Kilmartin House, pelo menos não até que Janet e Helen chegassem, o que Francesca fervorosamente esperava que acontecesse o mais depressa possível.

Mas a parte mais difícil, as pessoas mais diabolicamente curiosas e difíceis de enganar, tinha de ser a família de Francesca. Nunca era fácil tentar manter um segredo na família Bridgerton, e esconder alguma coisa daquela matilha era, para colocá-lo com franqueza, um maldito pesadelo.

– Porque é que vais lá todos os dias? – perguntou Hyacinth ao pequeno-almoço.

– Eu moro lá – respondeu Francesca, dando uma dentada num queque, o que qualquer pessoa de bom senso teria tomado como um sinal de que não queria adiantar conversa.

Mas Hyacinth nunca fora conhecida pelo seu bom senso.

– Tu moras aqui – ressaltou ela.

Francesca engoliu, bebeu um gole de chá, a evidente demora mostrando a intenção de preservar o seu ar exterior composto.

– Eu durmo aqui – contrapôs com frieza.

– Não é essa a definição de onde moras?

Francesca espalhou uma grande quantidade de compota no queque.

– Estou a comer, Hyacinth.

A irmã mais nova encolheu os ombros.

– Eu também, mas isso não me impede de manter uma conversa inteligente.

– Eu vou matá-la – disse Francesca, para ninguém em particular. O que era provavelmente uma coisa boa, já que não havia mais ninguém presente.

– Estás a falar com quem? – exigiu saber Hyacinth.

– Céus! – exclamou Francesca sem rodeios. – Acredito que me foi dada licença divina para te matar.

– Humpf! – foi a resposta de Hyacinth. – Se fosse assim tão fácil, eu teria pedido permissão para exterminar metade da alta sociedade há anos.

Francesca decidiu naquele instante que nem todas as declarações de Hyacinth exigiam uma réplica.

De facto, poucas exigiam.

– Ah, Francesca! – era a voz de Violet, interrompendo, felizmente, a conversa. – Aí estás tu!

Francesca viu a mãe entrar na sala de pequeno-almoço, mas antes que pudesse dizer uma palavra, Hyacinth começou a falar.

– A Francesca estava prestes a matar-me.

– Excelente sentido de oportunidade da minha parte, então – comentou Violet, sentando-se e virando-se para Francesca. – Estás a planear ir a Kilmartin House esta manhã?

Francesca assentiu com a cabeça e disse:

– Eu moro lá.

– Eu acho que ela mora aqui – retorquiu Hyacinth, acrescentando uma dose generosa de açúcar ao chá.

Violet ignorou-a.

– Então vou contigo.

Francesca quase deixou cair o garfo.

– Porquê?

– Quero ver o Michael – respondeu Violet, com um encolher de ombros delicado. – Hyacinth, passas-me os queques, por favor?

– Eu ainda não sei que planos ele tem para hoje – apressou-se a dizer Francesca.

Michael tinha tido um ataque na noite anterior, a sua quarta febre da malária, para ser mais precisa, e tinham esperança de que fosse o último do ciclo. Mas mesmo que a recuperação caminhasse a passos largos, ainda era provável que o aspeto dele fosse terrível. A pele, graças a Deus, não tinha um aspeto bilioso – Michael tinha-lhe explicado que era muitas vezes um sinal de que a doença estava a progredir para o seu estágio fatal –, mas ele ainda apresentava um ar adoentado e Francesca sabia que se a mãe o visse, ficaria horrorizada. E furiosa.

Violet Bridgerton não gostava que lhe escondessem nada. Especialmente quando se tratava de uma questão sobre a qual se podia usar o termo «vida ou morte» sem se ser acusado de exagero.

– Se ele não estiver disponível, volto para casa – disse Violet. – A compota, por favor, Hyacinth.

– Eu também vou – anunciou Hyacinth.

Oh, *meu Deus!* A faca de Francesca cortou o queque com toda a força. Ela ia ter de drogar a irmã.

Era a única solução.

– Não te importas se eu também for, pois não? – perguntou Hyacinth a Violet.

– Não tinhas planos com a Eloise? – perguntou Francesca rapidamente.

Hyacinth parou, pensou, pestanejando algumas vezes.

– Acho que não.

– Compras? Na casa de chapéus?

Hyacinth parou outra vez para pensar.

– Não, estou até bastante certa de que não. Acabei de comprar um novo chapéu, na semana passada. Adorável! Verde, com um lindo debrum branco cru. – Ficou a olhar para a torrada um momento e, em seguida, estendeu a mão para a compota. – Estou farta de fazer compras –

acrescentou.

– Nenhuma mulher fica farta de fazer compras – disse Francesca, com

um toque de desespero.

– Esta mulher, sim. Além disso, o conde... – Hyacinth interrompeu-se, voltando-se para a mãe. –

Posso tratá-lo por Michael?

– Terás de lhe perguntar isso a ele – respondeu Violet, levando à boca uma garfada de ovos.

Hyacinth virou-se para Francesca.

– Há uma semana que ele está em Londres e ainda não o vi. As minhas amigas não param de me fazer perguntas sobre ele e eu não tenho nada para dizer.

– Não é educado coscuvilhar, Hyacinth – alertou Violet.

– Não é coscuvilhar – reclamou Hyacinth. – É a divulgação verdadeira de informações.

Francesca sentiu o seu próprio queixo cair.

– Mãe – comentou, abanando a cabeça –, acho sinceramente que devia ter parado nos sete.

– Filhos, queres tu dizer? – perguntou Violet, beberricando o chá. – Às vezes pergunto-me o mesmo.

– Mãe! – exclamou Hyacinth.

Violet apenas lhe sorriu.

– Sal?

– A mãe precisou de oito tentativas para chegar à perfeição – declarou Hyacinth, empurrando o saleiro na direção da mãe com uma decisiva falta de graciosidade.

– Isso significa que também estás a pensar ter oito filhos? – perguntou Violet com doçura.

– Meu Deus, é claro que não! – exclamou Hyacinth. Com grande convicção. E nem ela nem Francesca conseguiram resistir a uma risada depois disso.

– Não é educado blasfemar, Hyacinth – alertou Violet, usando o

mesmo tom de quando a alertara para a coscuvilhice.

– O que achas de passarmos lá pouco depois do meio-dia? – perguntou Violet a Francesca, assim que o momento de brincadeira se esgotou.

Francesca olhou para o relógio. Teria apenas uma hora para tornar Michael apresentável. E a mãe tinha dito *nós*. Como em mais do que uma pessoa. O que significava que pretendia realmente levar Hyacinth, que tinha a capacidade de transformar qualquer situação embaraçosa num verdadeiro pesadelo.

– Eu vou agora – disse Francesca num repente, levantando-se. – Para ver se ele está disponível.

Para sua surpresa, a mãe também se levantou.

– Acompanho-te à porta – disse Violet. Assertiva.

– Hã... acompanha?

– Sim.

Hyacinth começou a levantar-se.

– Sozinha – disse Violet, sem sequer olhar para Hyacinth.

Hyacinth voltou a sentar-se. Até ela era sábia o suficiente para não discutir quando a mãe combinava o seu sorriso sereno com um tom de aço.

Francesca deu passagem à mãe e caminharam ambas em silêncio até chegarem ao átrio principal, onde ela esperou que um laçao lhe fosse buscar o casaco.

– Há alguma coisa que me queiras dizer? – perguntou Violet.

– Não sei do que está a falar.

– Eu acho que sabes.

– Asseguro-lhe que não – declarou Francesca, lançando à mãe o seu olhar mais inocente.

– Tens passado muito tempo em Kilmartin House – disse Violet.

– Eu moro lá – salientou Francesca pelo que lhe parecia ser a centésima vez.

– Não neste exato momento e preocupo-me que as pessoas comecem a falar.

– Ninguém disse uma palavra sobre o assunto – argumentou Francesca. – Não li nada nas colunas de mexericos e se as pessoas andassem a comentar, eu tenho a certeza de que uma de nós já saberia.

– Só porque as pessoas se mantêm caladas hoje, não significa que o vão fazer amanhã – alertou Violet.

Francesca soltou um suspiro irritado.

– Não é como se eu fosse uma virgem por casar.

– Francesca!

Francesca cruzou os braços.

– Desculpe-me por falar com tanta franqueza, mãe, mas é verdade.

O laçao apareceu com o casaco de Francesca e informou-a de que a carruagem chegaria num instante. Violet esperou até que ele saísse para ir esperar a sua chegada e, virando-se para Francesca, perguntou:

– O teu relacionamento com o conde é de que tipo, precisamente?

Francesca ficou chocada.

– Mãe!

– Não é uma pergunta leviana – disse Violet.

– É a pergunta mais ridícula... não, a pergunta mais estúpida que já ouvi. O Michael é meu primo!

– Ele era primo do teu marido – corrigiu Violet.

– E meu primo também – retorquiu Francesca com brusquidão. – E meu amigo. Deus do céu, de todas as pessoas... Eu não posso nem imaginar... o Michael!

Mas a verdade era que ela *podia* imaginar. A doença de Michael mantivera tudo esquecido; tinha andado tão ocupada a tratar e a cuidar dele que conseguira evitar pensar naquele momento avassalador no parque, quando olhara para ele e algo se acendera dentro dela.

Algo que ela achava ter morrido dentro dela quatro anos antes.

Mas ouvir a *mãe* recordá-la... Meu Deus, era muito humilhante. Era impossível, humanamente impossível poder sentir atração por Michael. Era errado. Era muito errado. Era... bem, era simplesmente *errado*. Não havia outra palavra que o descrevesse melhor.

– Mãe – começou Francesca, tendo todo o cuidado para manter a voz inexpressiva –, o Michael não se tem sentido bem. Eu disse-lhe isso.

– Sete dias é muito tempo para uma constipação.

– Talvez seja alguma coisa da Índia – justificou Francesca. – Eu não sei. Mas acho que está praticamente recuperado. Tenho estado a ajudá-lo a instalar-se aqui em Londres. Ele esteve muito tempo fora como bem sabes e tem muitas responsabilidades novas como conde. Achei ser meu dever ajudá-lo. – Olhou para a mãe com uma expressão resoluta e bastante satisfeita com o seu discurso.

Mas Violet apenas disse: – Eu vou lá ter daqui a uma hora – e foi-se embora.

Deixando Francesca num estado de verdadeiro pânico.

Michael estava a desfrutar de uns momentos de paz e sossego, não que tivesse sido privado de

calma, mas a malária fazia pouco para permitir o descanso do corpo, quando Francesca irrompeu pelo quarto, de olhos arregalados e sem fôlego.

– Tens duas opções – disse ela, ou melhor, arquejou.

– Só duas? – murmurou ele, mesmo não fazendo a menor ideia do que se tratava.

– Não faças piadas.

Ele arrastou-se para uma posição sentada.

– Francesca – perguntou ele com cautela, uma vez que pela sua experiência era sempre aconselhável proceder com cautela quando uma mulher estava naquele estado. – Estás b...

– A minha mãe está a vir para cá – anunciou ela, cortando-lhe a

palavra.

– Para cá?

Ela acenou com a cabeça.

Não era a situação ideal, mas dificilmente merecedora do comportamento frenético de Francesca.

– Porquê? – perguntou ele com cortesia.

– Ela acha... – Francesca parou, recuperando o fôlego. – Ela acha... Oh, céus, não vais acreditar.

Como ela não entrou em mais detalhes sobre o assunto, Michael arregalou os olhos e estendeu as mãos num gesto de impaciência, como quem diz: *Explica, por favor*.

– Ela pensa – disse Francesca, estremecendo ao virar-se para ele – que estamos a ter um caso.

– Apenas uma semana após o meu regresso a Londres – murmurou ele, pensativo. – Sou mais rápido do que imaginava.

– Como podes brincar com isto?! – exclamou Francesca.

– Como é que tu não brincas? – devolveu ele.

Mas era óbvio que ela nunca poderia rir-se de uma coisa daquelas. Para ela era impensável. Para ele era...

Bem, algo completamente diferente.

– Estou chocadíssima – declarou ela.

Michael ofereceu-lhe um sorriso e um encolher de ombros, mesmo começando a sentir a ferroadada.

Naturalmente, não esperava que Francesca pensasse nele dessa maneira, mas uma reação tão chocada não fazia um homem sentir-se *bem* acerca da sua virilidade.

– Quais são as minhas duas opções? – perguntou abruptamente.

Ela ficou a olhar para ele.

– Disseste que eu tenho duas opções.

Ela pestanejou, e teria ficado com um ar adoravelmente confuso, não fosse ele ainda estar um pouco irritado com a ira dela para lhe conceder o crédito de algo tão caridoso.

– Eu... não me lembro – disse ela finalmente. – Oh, meu Deus! – gemeu. – O que é que eu vou fazer?

– Acalmares-te pode ser um bom começo – disse ele, com assertividade suficiente para a fazer encará-lo. – Para e pensa, Frannie. Somos *nós*. A tua mãe vai perceber a tolice desse pensamento assim que pensar melhor sobre o assunto.

– Foi o que eu lhe disse – respondeu ela com fervor. – Quero dizer, pelo amor de Deus. Consegues imaginar?

A verdade é que conseguia imaginar perfeitamente, e esse sempre fora o problema.

– É a coisa mais insondável – murmurou Francesca, andando pelo quarto. – Como se eu... – Virou-se, apontando para ele com movimentos exagerados. – Como se *tu*... – Parou, colocou as mãos nas

ancas e, em seguida, desistiu claramente da tentativa de estar quieta e voltou a andar pelo quarto. –

Como pode ela sequer considerar tal coisa?

– Acho que nunca te vi assim tão descontrolada – comentou Michael.

Francesca estacou e olhou para ele como se ele fosse um imbecil. Com duas cabeças.

E talvez uma cauda.

– Devias esforçar-te para te acalmares – aconselhou Michael, embora soubesse que as suas palavras fossem ter o efeito oposto. As mulheres detestavam que lhes dissessem para se acalmarem, especialmente as mulheres como Francesca.

– Acalmar? – repetiu ela, virando-se para ele como se estivesse possuída por todo um exército de fúrias. – Estás a dizer para eu me *acalmar*? Meu Deus, Michael, ainda estás com febre?

– Nem um pouco – respondeu ele com ar despreocupado.

– Entendes o que te estou a dizer?

– Perfeitamente – resmungou ele tão educadamente quanto possível a qualquer homem que acabou de ter a sua masculinidade posta em causa.

– É de doidos – disse ela. – Simplesmente insano. Isto é, olha para ti.

Francamente, mais lhe valia pegar numa faca e castrá-lo ali mesmo.

– Sabes, Francesca – disse ele com brandura estudada –, há muitas mulheres em Londres que teriam todo o prazer em ter um caso comigo, como dizes.

A boca dela, que ainda estava aberta depois da última explosão, fechou-se.

Francesca ergueu as sobrancelhas e recostou-se nas almofadas.

– Algumas poderiam considerar um privilégio.

Ela fitou-o.

– *Algumas* mulheres – continuou ele, sabendo muito bem que nunca deveria lançar a isca sobre esse assunto – são até capazes de se envolver em confronto físico apenas pela simples oportunidade...

– Para! – explodiu ela. – Meu Deus, Michael, uma visão tão empolada dos teus talentos é muito pouco atraente.

– Já me disseram que é merecida – disse ele com um sorriso lânguido.

Ela corou intensamente.

Ele adorou. Podia amá-la, mas odiava o que ela lhe fazia e não era assim tão generoso que ocasionalmente não tirasse alguma satisfação em vê-la tão atormentada.

Afinal de contas, era apenas uma fração do que *ele* sentia no dia a dia.

– Não quero saber das tuas façanhas amorosas – disse Francesca obstinadamente.

– Engraçado, costumavas querer saber delas constantemente. – Ele fez uma pausa, vendo-a contorcer-se. – O que é que me perguntavas sempre?

– Eu não...

– *Conta-me uma das tuas histórias perversas* – disse ele, fazendo o seu melhor para parecer que a frase lhe surgira de forma espontânea, quando era óbvio que nunca se esquecia de nada que ela lhe dissesse.

– *Conta-me uma das tuas histórias perversas* – repetiu, desta vez mais lentamente. – Era isso. Tu gostavas quando eu era perverso. Foste sempre tão curiosa sobre as minhas façanhas.

– Isso foi antes...

– Antes de quê, Francesca?

Houve uma pausa estranha antes de ela responder.

– Antes disto – murmurou ela. – Antes de agora, antes de tudo.

– E como devo entender isso?

A resposta dela foi apenas um olhar feroz.

– Muito bem – disse ele. – Acho que é melhor arranjar-me para a visita da tua mãe. Não deve ser assim tão complicado.

Francesca olhou-o, duvidosa.

– Mas estás com um ar horrível.

– Eu sabia que havia uma razão para eu te adorar tanto – comentou ele secamente. – Realmente não preciso de me preocupar em cair no pecado da vaidade contigo por perto.

– Michael, não brinques.

– Infelizmente, não estou a brincar.

Ela fez-lhe cara feia.

– Posso levantar-me agora – disse-lhe ele – e expor-te a partes do meu corpo que imagino que prefiras não ver ou podes sair e aguardar a minha presença gloriosa lá em baixo.

Ela fugiu.

O que o deixou intrigado. A Francesca que ele conhecia não fugia de nada.

Aliás, nem teria saído sem ao menos fazer uma tentativa de ter a última palavra.

Mas, acima de tudo, não podia acreditar que ela o deixara escapar sem crítica quando ele se autointitulou glorioso.

*

Francesca não chegou a receber uma visita da mãe. Nem vinte minutos depois de ela sair do quarto de Michael, chegou um bilhete de Violet a informar que Colin, o irmão de Francesca, acabara de chegar a Londres depois de uma viagem de vários meses pelo Mediterrâneo e que teria de adiar a visita. Mais tarde, nesse dia, tal como Francesca havia previsto no início da doença de Michael, Janet e Helen chegaram a Londres, apaziguando as preocupações de Violet sobre Francesca e Michael e a falta de uma dama de companhia.

As mães, como Francesca e Michael há muito se tinham habituado a chamar-lhes, ficaram extasiadas com a inesperada aparição de Michael, embora tenha bastado um olhar às suas feições adoentadas para que ambas se precipitassem em cuidados maternos extremos que forçaram Michael a chamar Francesca de lado e a pedir-lhe para não o deixar sozinho com qualquer uma das senhoras. Na verdade, o momento da chegada das mães foi bastante afortunado, porque Michael teve num dia relativamente saudável na presença delas antes de ser acometido por outro ataque de febre.

Francesca tinha conversado com elas e explicado tudo sobre a natureza da doença antes de o ataque seguinte chegar, de modo que, no momento em que puderam ver um ataque de malária em toda a sua horrível glória, estavam preparadas.

Ao contrário de Francesca, elas eram mais favoráveis, ou antes, estavam francamente ansiosas por manter a doença em segredo. Era difícil imaginar que um rico e belo conde não pudesse ser considerado um excelente partido pelas mulheres solteiras de Londres, mas a malária nunca era um ponto a favor na conquista de uma mulher.

E se havia uma coisa que Janet e Helen estavam determinadas a ver antes do fim do ano, era Michael no altar de uma igreja, colocando o anel no dedo de uma nova condessa.

Francesca estava realmente aliviada por poder sentar-se e ouvir as mães pregar a Michael sobre o

casamento. Pelo menos desviava-lhes a atenção *dela*. Não fazia ideia de como elas reagiriam aos seus próprios planos conjugais, esperava que ficassem felizes por ela, mas a última coisa que queria era mais duas mães casamenteiras a tentar emparceirá-la com todos os pobres

solteiros patéticos do mercado matrimonial.

Deus do céu, já tinha de aturar o suficiente da sua *própria* mãe, que certamente não iria ser capaz de resistir à tentação de se intrometer assim que Francesca revelasse a vontade de encontrar um marido este ano.

Francesca mudou-se, então, para Kilmartin House e toda a família Stirling passou a viver num pequeno casulo, com Michael a recusar todos os convites com a promessa de que retomaria a vida social assim que se instalasse devidamente após a longa viagem. As três mulheres saíam ocasionalmente para reuniões sociais, e embora Francesca soubesse que lhe iriam fazer perguntas sobre o novo conde, nem ela estava preparada para o volume e para a frequência.

Todos, ao que parecia, estavam loucos por ver o Alegre Libertino, especialmente agora que se encontrava envolto em mistério.

E que herdara um condado. Nunca esquecendo isso. Nem as cem mil libras que o acompanhavam.

Francesca abanou a cabeça ao pensamento. Nem Mrs. Radcliffe poderia ter concebido um herói mais perfeito para uma das suas histórias. Ia ser uma loucura quando ele se recuperasse.

E então, de repente, foi exatamente isso que aconteceu.

Bom, talvez não tão de repente, pensou Francesca; as febres tinham vindo a diminuir em intensidade e duração. Mas a sensação era de que um dia ele ainda parecia pálido e enfermo e no seguinte voltara a ser o homem saudável e vigoroso de sempre, deambulando pela casa, ansioso por escapar para a luz do sol.

– É do quinino – disse Michael, com um encolher de ombros preguiçoso quando ela comentou a mudança da aparência ao pequeno-almoço. – Era capaz de o tomar seis vezes por dia, se o maldito sabor não fosse tão nojento.

– Olha a linguagem, por favor, Michael – ralhou a mãe em voz baixa, espetando o garfo numa salsicha.

– Já provou quinino, mãe? – perguntou ele.

– Claro que não.

– Então prove – sugeriu ele – e logo veremos como fica a *sua*

linguagem.

Francesca ocultou uma risada com o guardanapo.

– *Eu* já provei – anunciou Janet.

Todos os olhos se voltaram para nela.

– Provou? – perguntou Francesca com espanto.

Nem ela tivera essa ousadia. Só o cheiro fora suficiente para manter sempre o frasco bem arrolhado.

– É claro – respondeu Janet. – Estava curiosa. – Virou-se para Helen, confirmando: – É realmente nojento.

– Pior do que aquela mistela terrível que a cozinheira nos fez tomar no ano passado para o... –

Helen lançou um olhar a Janet que claramente queria dizer *tu sabes o que quero dizer*.

– Muito pior – afirmou Janet.

– Fez o preparado? – perguntou Francesca. O pó devia ser misturado com água purificada, mas supôs que Janet poderia ter simplesmente colocado um pouco na língua.

– Claro. Não é assim que se deve fazer?

– Algumas pessoas gostam de o misturar com *gin* – disse Michael.

Helen estremeceu visivelmente.

– Não deve ser pior do que tomado sozinho – sugeriu Janet.

– Ainda assim – contrapôs Helen –, se é para o misturar com bebidas espirituosas, pelo menos, que seja um bom *whisky*.

– E estragar o *whisky*? – brincou Michael, servindo-se profusamente de ovos.

– Não pode ser tão mau – disse Helen.

– É, sim – foi a resposta em uníssono de Michael e Janet.

– É verdade – acrescentou Janet. – Não posso imaginar arruinar um

bom *whisky* dessa forma. *Gin* sempre é uma solução a meio-termo.

– Já provou *gin*? – perguntou Francesca, curiosa, uma vez que não era um tipo de bebida considerado adequado para as classes mais altas, especialmente para as mulheres.

– Uma ou duas vezes – admitiu Janet.

– E eu que pensava que sabia tudo sobre si – murmurou Francesca.

– Eu tenho os meus segredos – respondeu Janet alegremente.

– Esta é uma conversa muito estranha para se ter à mesa do pequeno-almoço – declarou Helen.

– Concordo – disse Janet e, virando-se para o sobrinho, mudou de assunto, dizendo: – Michael, estou muito feliz em ver-te a pé e com um ar tão bom e saudável.

Ele inclinou a cabeça, agradecendo-lhe o elogio.

Ela limpou os cantos da boca delicadamente com o guardanapo.

– Mas agora deves assumir as tuas responsabilidades como conde.

Ele soltou um resmungo queixoso.

– Não sejas petulante – ralhou Janet. – Ninguém te vai pendurar pelos polegares. Só ia dizer que tens de ir ao alfaiate mandar fazer trajes de noite adequados.

– Tem a certeza de que não posso antes doar os meus polegares?

– São polegares adoráveis – respondeu Janet –, mas acredito que prestam melhor serviço a toda a humanidade ligados às tuas mãos.

Michael fitou-a com firmeza.

– Vamos ver: as minhas tarefas para hoje, as primeiras desde que me levantei do leito de enfermo, devo acrescentar, incluem uma reunião com o primeiro-ministro sobre assumir o meu assento no parlamento, uma reunião com o advogado da família para que eu possa rever as nossas finanças e uma reunião com o principal administrador das nossas propriedades, que me disseram ter vindo a Londres com o propósito expresso de discutir o estado das sete propriedades da nossa família. Em que momento, atrevo-me a perguntar, quer que eu inclua uma visita ao alfaiate?

As três mulheres emudeceram.

– Talvez eu deva informar o primeiro-ministro que terei de adiar o nosso encontro para quinta-feira? – sugeriu ele em tom suave.

– Quando é que marcaste todos esses compromissos? – perguntou Francesca, um pouco envergonhada por ficar tão espantada com a diligência dele.

– Achas que passei as duas últimas semanas a olhar para o teto?

– Bem, não – respondeu ela, embora, na verdade, não lhe tivesse passado pela cabeça o que ele andara a fazer. A ler, supôs. Era o que ela teria feito.

Sem mais argumentos do outro lado, Michael empurrou a cadeira para trás.

– Se as senhoras me derem licença – pediu ele, pousando o guardanapo –, acredito que já estabelecemos que tenho um dia cheio pela frente.

Mas ainda não se levantara completamente, quando Janet disse calmamente:

– Michael? O alfaiate.

Ele estacou.

Janet sorriu com doçura.

– Amanhã seria perfeitamente aceitável.

Francesca achou ter ouvido os dentes ele rangerem.

Janet inclinou apenas a cabeça.

– Precisas de novos trajes de noite. Certamente não sonharias faltar ao baile de aniversário de Lady Bridgerton?

Francesca meteu rapidamente uma garfada de ovos à boca para que ele não a apanhasse a sorrir.

Janet fora extremamente ardilosa. A festa de aniversário da mãe era o único evento a que Michael se sentiria definitivamente obrigado a ir. Para tudo o resto podia arranjar uma desculpa sem grandes preocupações.

Mas Violet?

Francesca *acreditava* que não.

– Quando é? – perguntou ele com um suspiro.

– No dia onze de abril – respondeu Francesca com voz doce. – Toda a gente vai lá estar.

– Toda a gente? – repetiu ele.

– Toda a família Bridgerton.

A expressão de Michael iluminou-se visivelmente.

– E todos os outros – acrescentou ela com um encolher de ombros.

Ele lançou-lhe um olhar penetrante.

– Defina todos.

Os olhos dela encontraram os dele.

– Toda a gente.

Ele afundou-se na cadeira.

– Será que nunca posso ter paz e sossego?

– Claro que sim – respondeu Helen. – Acabaste de ter, aliás. Toda a semana passada. Chamámo-lhe malária.

– E eu ansioso por recuperar a saúde – resmungou ele.

– Não te preocupes – interveio Janet. – Tenho a certeza de que vais divertir-te muito.

– E quem sabe conhecer uma jovem encantadora – ajudou Helen.

– Ah, sim – murmurou Michael –, não nos esqueçamos do verdadeiro propósito da minha vida.

– Não é um propósito assim tão mau – disse Francesca, incapaz de resistir à oportunidade de o provocar.

– É assim que pensas? – perguntou ele, virando a cabeça para a encarar.

Os olhos fixaram-se nos dela com uma atenção assustadora, deixando Francesca com a sensação extremamente desagradável de que talvez não devesse tê-lo provocado.

– Bem, sim – foi a resposta ela, já que era tarde para voltar atrás.

– E qual é o *teu* propósito? – perguntou ele com doçura.

Pelo canto do olho, Francesca viu que Janet e Helen assistiam à troca de palavras com ávida e indisfarçável curiosidade.

– Oh, são vários – respondeu Francesca com um aceno jovial da mão.

– De momento, terminar o pequeno-almoço. Está delicioso, não concordas?

– Ovos escalfados com acompanhamento de mães intrometidas?

– Não te esqueças aqui da tua prima – acrescentou ela, condenando-se de imediato assim que as palavras lhe saíram da boca. Tudo no comportamento de Michael quase gritava para que ela não o provocasse, mas não conseguia evitar.

Poucas coisas no mundo lhe davam mais prazer do que provocar Michael Stirling e momentos assim eram simplesmente demasiado tentadores para resistir.

– E quais são os teus planos para a temporada? – perguntou Michael, inclinando ligeiramente a cabeça numa expressão irritantemente paciente.

– Devo começar por ir à festa de aniversário da minha mãe.

– E o que vais fazer lá?

– Oferecer as minhas felicitações.

– Só isso?

– Bem, não lhe vou perguntar quantos anos faz, se é isso que queres saber – retorquiu Francesca.

– Oh, não – exclamou Janet, seguido pelo igualmente fervoroso – Não faças isso – de Helen.

Viraram-se as três para Michael com idênticas expressões apreensivas. Era a vez de ele falar, afinal de contas.

– Estou de saída – anunciou ele, a cadeira raspando no chão quando se levantou.

Francesca abriu a boca para dizer algo provocador, uma vez que a sua primeira inclinação fora sempre provocá-lo quando estava naquele estado, mas viu-se sem palavras.

Michael tinha mudado.

Não que antes fosse irresponsável. Apenas não tinha responsabilidades. E realmente nunca lhe ocorrera que ele pudesse estar tão à altura das circunstâncias assim que regressasse a Inglaterra.

– Michael! – chamou ela, a voz suave captando de imediato a sua atenção. – Boa sorte com Lord Liverpool.

Os olhos de ambos cruzaram-se e nos dele ela viu um brilho. Estima, talvez, ou gratidão.

Ou talvez não fosse nada tão específico. Talvez fosse apenas um momento de compreensão muda.

Do tipo que tinha com John.

Francesca engoliu em seco, perturbada pela súbita percepção. Estendeu a mão para a chávena de chá com um movimento lento e propositado, como se o controlo sobre o próprio corpo pudesse estender-se à mente também.

O que acabara de acontecer?

Ele era apenas Michael, não era?

Apenas o seu amigo, o seu confidente de longa data.

Não era só isso?

Não era?

CAPÍTULO 10

.....

Nada mais do que pontos aleatórios, causados pela batida da caneta da condessa de Kilmartin no papel, duas semanas após receber a terceira missiva do conde de Kilmartin

–Ele está aqui?

– Ele não está aqui.

– Tens a certeza?

– Certeza absoluta.

– Mas ele vem?

– Ele disse que vinha.

– Ah. Mas quando é que ele vem?

– Não faço ideia.

– Não fazes?

– Não, não faço.

– Ah, está bem. Então... Oh, olha! Ali está a minha filha. Foi bom verte, Francesca.

Num gesto deselegante que só cometia na mais grave das circunstâncias, Francesca revirou os olhos enquanto observava Mrs. Featherington, uma das mais notórias coscuvilheiras da sociedade, caminhar em passo periclitante ao encontro da filha, Felicity, que conversava amigavelmente com um jovem bem-apessoado, embora sem título nobiliárquico, numa das margens do salão.

A conversa teria sido divertida, não fora ser a sétima vez... não, oitava, não podia esquecer a sua mãe... que fora obrigada a tê-la. E a conversa era sempre a mesma, literalmente, à exceção do facto de nem toda a gente ter o nível de intimidade suficiente para a tratar pelo nome próprio.

Assim que Violet Bridgerton tornara conhecido que o esquivo conde de Kilmartin pretendia fazer o seu reaparecimento na sua festa de aniversário... bem, bastava dizer que Francesca tinha a certeza absoluta de que nunca mais ficaria a salvo de interrogatórios, pelo

menos não de pessoas com qualquer tipo de ligação a uma mulher solteira.

Michael já era o partido mais requisitado da temporada e ainda nem sequer aparecera.

– Lady Kilmartin!

Ela olhou para cima. Lady Danbury aproximava-se. Não havia senhora idosa mais excêntrica e franca a agradecer os salões de baile de Londres, mas Francesca gostava dela, por isso sorriu à condessa, notando como os convidados de ambos os lados fugiam a toda a pressa para parte incerta.

– Lady Danbury – cumprimentou Francesca –, que bom vê-la esta noite. Está a divertir-se?

Lady D bateu com a bengala no chão, sem motivo aparente.

– Divertir-me-ia muito mais se alguém me dissesse quantos anos faz a sua mãe.

– Eu não ousaria.

– Pfft! Qual é o problema? Ela não é certamente tão velha como eu.

– E quantos anos *tem* a senhora ? – perguntou Francesca, num tom de voz tão doce quanto o sorriso era endiabrado.

O rosto encarquilhado de Lady D abriu-se num sorriso.

– Eh, eh, eh, muito inteligente que a menina é. Não pense que lhe vou dizer.

– Então certamente vai entender se eu exercer a mesma lealdade para com a minha mãe.

– Humpf! – bufou Lady Danbury em jeito de resposta, batendo com a bengala no chão para maior ênfase. – De que serve uma festa de aniversário se ninguém sabe o que estamos a comemorar?

– O milagre da vida e da longevidade?

Lady Danbury bufou e, em seguida, perguntou:

– Onde está o seu novo conde?

Não tinha mesmo papas na língua.

– Ele não é o *meu* conde – salientou Francesca.

– Bem, é mais seu do que de qualquer outra pessoa.

Provavelmente era verdade, embora Francesca não estivesse disposta a admiti-lo a Lady Danbury, por isso respondeu apenas:

– Imagino que sua senhoria poria objeção a ser rotulado como sendo de outro que não dele próprio.

– Sua senhoria, hã? Um tratamento bastante formal, não acha? Pensei que vocês os dois eram amigos.

– E somos – afirmou Francesca. Mas isso não significava que se pusesse a tratá-lo pelo nome próprio em público. Era só o que faltava pôr-se a suscitar rumores. Não se a ideia era manter a sua reputação intocada na busca por marido. – Ele era o amigo mais próximo do meu marido – disse ela, incisiva. – Eles eram como irmãos.

Lady Danbury pareceu desiludida com a caracterização branda de Francesca da sua relação com Michael, mas limitou-se a contrair os lábios enquanto esquadrihava a multidão.

– Esta festa precisa de animação – resmoneou ela, voltando a bater com a bengala.

– Procure não dizer isso à minha mãe – murmurou Francesca.

Violet passara semanas a prepará-la e a verdade é que ninguém poderia apontar um defeito que fosse à festa. A iluminação era suave e romântica, a música pura perfeição e até a comida era boa, o que era uma raridade num baile londrino. Francesca já tinha comido dois *éclairs* e passara o resto do tempo a planejar a melhor estratégia para regressar à mesa de *buffet* sem parecer gulosa.

O problema era que passava a vida a ser interpelada por matronas curiosas.

– Oh, a culpa não é da sua mãe – explicou Lady D. – Ela não é responsável pelo número excessivo de idiotas na nossa sociedade. Logo ela, que criou oito filhos e nem um de vós saiu obtuso. –

Lançando a Francesca um olhar incisivo, acrescentou: – Foi um elogio, por sinal.

– Estou comovida.

A boca de Lady Danbury apertou-se numa linha assustadoramente séria.

– Vou ter de fazer alguma coisa – anunciou.

– Acerca de quê?

– Da festa.

Uma sensação horrível tomou conta de Francesca. Pelo que sabia, Lady Danbury não tinha por

hábito arruinar uma festa dada por outra pessoa, mas a velha senhora era suficientemente engenhosa para provocar danos sérios se assim o decidisse.

– O que, exatamente, pretende fazer? – perguntou Francesca, tentando não mostrar o pânico na voz.

– Oh, não olhe para mim como se estivesse prestes a matar-lhe o gato.

– Eu não tenho gato.

– Pois eu tenho, e asseguro-lhe de que perderia completamente a cabeça se alguém tentasse fazer-lhe mal.

– Lady Danbury, de que *diabos* está a falar?

– Oh, não faço ideia – respondeu a velha senhora com um gesto irritado da mão. – Mas pode ter a certeza de que se fizesse, já o teria feito. Mas nunca seria capaz de fazer uma cena na festa da sua mãe. – Ergueu o queixo bruscamente e agradeceu Francesca com uma fungadela desdenhosa. – Como se eu fizesse alguma coisa que ferisse os sentimentos da sua querida mamã.

De alguma forma, a afirmação de Lady Danbury pouco fez para aliviar a apreensão de Francesca.

– Certo. Mas, faça o que fizer, por favor, tenha cuidado.

– Francesca Stirling – disse Lady D com um sorriso malicioso –, a menina está preocupada com o meu bem-estar?

– Não com o seu – respondeu Francesca com petulância –, mas tremo só de pensar no de todos nós.

Lady Danbury soltou uma sonora gargalhada.

– Muito bem dito, Lady Kilmartin. Acredito que merece um alívio. Da minha presença –

acrescentou ela, para o caso de Francesca não ter compreendido o comentário.

– A senhora *é* o meu alívio – murmurou Francesca.

Mas Lady D, que já perscrutava a multidão, obviamente não a ouviu, pois com um ar bastante resoluto, declarou:

– Está decidido: vou atazanar o seu irmão.

– Qual? – Não que não merecessem todos um pouco de tortura.

– Aquele – anunciou ela apontando para Colin. – Ele não acabou de chegar da Grécia?

– Na verdade foi de Chipre.

– Grécia, Chipre, é tudo a mesma coisa.

– Não para eles, imagino – murmurou Francesca.

– Para quem? Para os gregos, quer dizer?

– Ou para os cipriotas.

– Pfft! Se algum deles aparecer por cá esta noite, que me explique a diferença. Até lá, prefiro comprazer-me na minha ignorância. – E com isto, Lady Danbury bateu com a bengala no chão uma última vez antes de se virar para Colin e berrar: – Mr. Bridgerton!

Francesca observou deliciada a tentativa desesperada do irmão de fingir que não a ouvira. Sentia uma certa satisfação por Lady D ter escolhido torturar Colin, ele merecia, sem dúvida, mas agora que estava sozinha novamente, dava-se conta de que Lady Danbury lhe fornecera uma defesa bastante eficaz contra a multidão de mães casamenteiras que a viam como única ligação a Michael.

Deus do Céu, já via três a aproximarem-se.

Hora de escapar. Já. Francesca rodou de imediato nos calcanhares e começou a andar em direção à irmã, Eloise, fácil de detetar pelo verde vivo do vestido. Na verdade, a vontade secreta de Francesca era

ignorar Eloise inteiramente e continuar direta para a porta, mas se era para levar a sério a

questão do casamento, então tinha de circular e dar a entender que estava no mercado para arranjar um novo marido.

Não que alguém fosse dar importância até que Michael decidisse finalmente mostrar a cara.

Francesca poderia ter anunciado o seu plano de ir para a África profunda e dedicar-se ao canibalismo, que o comentário de todos teria sido: «E o conde vai acompanhá-la?»

– Boa noite! – disse Francesca, juntando-se ao pequeno grupo da irmã. Era tudo família. Eloise conversava amigavelmente com as duas cunhadas, Kate e Sophie.

– Oh, olá, Francesca – cumprimentou Eloise. – Onde estás...

– Não comeces *tu* com isso.

– O que foi? – perguntou Sophie, os olhos cheios de preocupação.

– Se mais uma pessoa me pergunta sobre o Michael, eu juro que a minha cabeça vai explodir.

– Isso iria certamente alterar o teor da noite – comentou Kate.

– Sem falar nas tarefas de limpeza do pessoal – acrescentou Sophie.

Francesca literalmente rosnou.

– Bem, onde é que ele está? – exigiu saber Eloise. – E não me olhes como se...

– Se estivesse prestes a matar-te o gato?

– Eu não tenho gato. De que diabo estás a falar?

Francesca suspirou.

– Eu não sei. Ele disse que viria.

– Se ele for inteligente, anda a esconder-se nos corredores – comentou Sophie.

– Meu Deus, talvez tenhas razão – disse Francesca; podia facilmente

imaginá-lo a passar ao largo do salão de baile e a ir refugiar-se na sala de fumo.

Por outras palavras, afastado de todas as mulheres.

– Ainda é cedo – interveio Kate para ajudar.

– Não me parece nada cedo – resmungou Francesca. – Eu quero é que chegue depressa, para que as pessoas parem de me fazer perguntas sobre ele.

Eloise riu-se na cara da irmã, como a traidora diabólica que era.

– Oh, pobre Francesca, tão iludida que ela é! – troçou Eloise – Quando ele chegar, as perguntas vão redobrar. Simplesmente vão mudar de «Onde é que ele está?» para «Conte-nos mais».

– Temo que ela tenha razão – asseverou Kate.

– Oh, meu Deus! – gemeu Francesca, à procura de uma parede onde se pudesse encostar.

– Tu acabaste de blasfemar? – perguntou Sophie, pestanejando de surpresa.

Francesca suspirou.

– Parece que ando a fazê-lo com alguma frequência ultimamente.

Sophie lançou-lhe um olhar amigo e de repente exclamou:

– Tu estás vestida de azul!

Francesca olhou para o seu novo vestido de noite. Gostava bastante dele, na verdade, não que mais alguém tivesse notado além de Sophie. Era um dos seus tons preferidos de azul, entre o cobalto e o marinho. O vestido era simples e elegante, com um decote debruado por uma fita de seda levemente drapeada de um azul mais claro. Sentia-se uma princesa, ou se não uma princesa, no mínimo, consideravelmente menos uma viúva intocável.

– Terminaste finalmente o luto? – perguntou Sophie.

– Bem, eu já terminei o luto há alguns anos – balbuciou Francesca.

Agora que finalmente pusera de lado os cinzentos e alfazemas, sentia-se um pouco pateta por se ter agarrado a eles durante tanto tempo.

– Nós sabíamos que já saías de casa – disse Sophie –, mas nunca mudavas de estilo de roupa e...

bom, não tem importância. Estou tão contente por te ver de azul!

– Isso significa que consideras a hipótese de casar novamente? – perguntou Kate. – Já *faz* quatro anos.

Francesca estremeceu. Tão típico de Kate ir direitinha ao cerne da questão. Mas se queria ter sucesso no seu empreendimento, não podia manter os seus planos em segredo para sempre, por isso, disse simplesmente:

– Sim.

Por um momento, ninguém falou. E depois, claro, falaram todas ao mesmo tempo, dando os parabéns e oferecendo conselhos e muitos outros disparates que Francesca não tinha a certeza de querer ouvir. Mas tudo foi dito com a melhor e mais amorosa das intenções, por isso apenas sorriu e assentiu e aceitou as felicitações.

E, no fim de tudo, Kate disse:

– Claro que temos de pôr um plano em ação.

Francesca ficou horrorizada.

– Perdão?

– O vestido azul é um excelente sinal das tuas intenções – explicou Kate –, mas achas realmente que os homens de Londres são suficientemente perspicazes para perceber? Claro que não! –

declarou, respondendo à própria pergunta antes que alguém o fizesse. – Eu podia pintar o cabelo da Sophie de preto e a maioria dos homens não iria sequer notar.

– O Benedict certamente notaria – salientou Sophie com lealdade.

– Sim, bem, ele é teu marido e, além disso, é pintor. Tem o olho treinado para reparar. A maioria dos homens... – Kate interrompeu-se, parecendo ligeiramente irritada com o desvio da conversa. –

Bom, percebem o que quero dizer, não é?

– Claro – murmurou Francesca.

– O problema aqui – continuou Kate – é que a maior parte da humanidade tem mais cabelo do que inteligência. Se o teu desejo é que as pessoas fiquem cientes de que voltaste ao mercado matrimonial, vais ter de o deixar bem claro. Ou melhor, nós teremos de o deixar claro por ti.

Francesca teve visões pavorosas das suas parentes a perseguir os homens até os pobres coitados correrem desesperados para as portas.

– O que pretendes fazer exatamente?

– Oh, pelo amor de Deus, não ponhas cá para fora o jantar!

– Kate! – exclamou Sophie.

– Tens de admitir que ela parecia estar prestes a fazê-lo.

Sophie revirou os olhos.

– Bem, sim, mas não precisavas de ter comentado em voz alta.

– Eu gostei do comentário – disse Eloise em defesa da cunhada.

Francesca fulminou-a com um olhar, uma vez que sentia uma necessidade imensa de fulminar *alguém* com o olhar, e era sempre mais fácil fazê-lo a parentes de sangue.

– Seremos mestras do tato e da discrição – declarou Kate.

– Confia em nós – acrescentou Eloise.

– Certamente não posso impedir-vos – disse Francesca.

Reparou que nem Sophie a contradisse.

– Muito bem – cedeu ela. – Vou ver se consigo fugar um último *éclair*.

– Acho que já acabaram – disse Sophie, lançando-lhe um olhar compassivo.

A desilusão de Francesca foi notória.

– E os biscoitos de chocolate?

– Também.

– O que é que restou?

– O bolo de amêndoa.

– O que sabe a pó?

– Esse mesmo – foi a vez de Eloise falar. – Foi a única sobremesa que a mãe não provou com antecedência. Eu avisei, é claro, mas ninguém me ouve.

Francesca sentiu-se desanimar. Era tão patética que a promessa de um doce fora a única coisa a dar-lhe ânimo naquele momento.

– Anima-te, Frannie – disse Eloise, levantando ligeiramente o queixo ao olhar para a multidão. –

Estou a ver o Michael.

E lá estava ele. Do lado oposto da sala, com um ar pecaminosamente elegante no seu traje de noite preto. Cercado por mulheres, o que não causou a menor surpresa a Francesca. Metade eram as que o perseguiam para o casamento, fosse para si ou para as filhas. A outra metade, reparou Francesca, eram jovens e casadas, e perseguiam-no com um objetivo completamente diferente.

– Tinha-me esquecido de como ele é bonito – murmurou Kate.

Francesca arregalou-lhe os olhos.

– Ele está muito bronzeado – acrescentou Sophie.

– Esteve na Índia – disse Francesca. – É claro que está bronzeado.

– Estás com um pavio muito curto esta noite – comentou Eloise.

Francesca dominou-se até as feições parecerem uma máscara de impassibilidade.

– Só estou farta que me perguntem sobre ele, é isso. Ele não é o meu tema preferido de conversa.

– Mas porquê? Zangaram-se, foi? – perguntou Sophie.

– Não, claro que não – respondeu Francesca, percebendo tardiamente que tinha dado a impressão errada. – Mas não fiz mais nada senão falar dele a noite toda. Já estou num ponto em que não me incomodaria nada falar sobre o tempo.

– Humm.

– Sim.

– Certo. Compreendo.

Francesca ficou sem saber quem disse o quê, especialmente quando percebeu que as quatro estavam ali embasbacadas a olhar para Michael e para o bando de mulheres que o cercava.

– Ele é bonito – suspirou Sophie. – Aquele belo cabelo preto.

– Sophie! – exclamou Francesca.

– O que foi? É verdade! – defendeu-se Sophie. – Não disseste nada à Kate quando ela fez o mesmo comentário.

– Vocês são as duas casadas – resmungou Francesca.

– Isso significa que *eu* posso comentar os encantos dele? – perguntou Eloise. – Como solteirona que sou.

Francesca virou-se para a irmã, mostrando toda a sua incredulidade.

– O Michael é o último homem com quem quererias casar.

– Porquê? – perguntou Sophie, mas Francesca notou que Eloise também estava atenta à resposta.

– Porque ele é um libertino terrível – justificou Francesca.

– Curioso – murmurou Eloise. – Ficaste bastante enfurecida quando a Hyacinth disse a mesma coisa há duas semanas.

Só Eloise para se lembrar de *tudo*.

– A Hyacinth não sabia o que estava a dizer – respondeu Francesca. – Nunca sabe, aliás. E além disso, estávamos a falar da pontualidade dele, não de ser ou não adequado para casar.

– E o que é que o torna tão mau partido? – perguntou Eloise.

Francesca fitou a irmã mais velha com toda a seriedade. Eloise estava louca se achava que Michael era um bom partido para ela.

– Não respondes? – provocou Eloise.

– Ele nunca seria fiel a uma mulher – disse Francesca – e duvido que estejas disposta a aguentar infidelidades.

– Não – murmurou Eloise –, a não ser que ele estivesse disposto a aguentar graves lesões físicas.

As quatro ficaram em silêncio depois disto, continuando o escrutínio descarado de Michael e do grupo de mulheres que o acompanhava. Ele inclinou-se e murmurou algo ao ouvido de uma delas, fazendo-a corar e soltar um risinho abafado, que escondeu com a mão.

– É um excelente sedutor – comentou Kate.

– Tem um certo ar – confirmou Sophie. – Aquelas mulheres não têm hipótese.

Nesse momento, ele sorriu a uma das mulheres, um sorriso lento e insinuante que provocou um suspiro até mesmo nas mulheres Bridgerton.

– Não temos nada melhor para fazer além de espiar o Michael? – perguntou Francesca, indignada.

Kate, Sophie e Eloise entreolharam-se, surpreendidas.

– Não.

– Não.

– Não me parece – concluiu Kate. – Não agora, pelo menos.

– Tu devias ir lá falar com ele – sugeriu Eloise, dando a Francesca uma cotovelada de incentivo.

– Ora essa, porquê?

– Porque ele está cá.

– Assim como uma centena de outros homens – respondeu Francesca – e eu preferiria casar com qualquer um deles.

– Eu só vejo três a quem podia eventualmente ponderar prometer obediência – resmoneou Eloise –

e nem em relação a esses tenho a certeza.

– Seja como for – disse Francesca, não querendo conceder a vitória a Eloise –, o meu objetivo aqui é encontrar um marido, por isso não vejo como pavonear-me à frente do Michael me trará qualquer benefício.

– E eu a pensar que estávamos aqui para desejar um feliz aniversário à mãe – murmurou Eloise.

Francesca lançou-lhe um olhar furioso. De todos os Bridgerton, ela e Eloise eram as mais próximas em idade, exatamente um ano de intervalo. Francesca daria a vida por Eloise, claro, e nenhuma outra mulher conhecia mais dos seus segredos e pensamentos íntimos, mas metade do tempo tinha vontade de estrangular a irmã.

Incluindo agora. Especialmente agora.

– A Eloise tem razão – disse Sophie a Francesca. – Devias ir lá cumprimentar o Michael. É uma questão de educação, considerando a longa estadia fora do país.

– Como se não vivêssemos na mesma casa há mais de uma semana – ironizou Francesca. – Já chega de cumprimentos.

– Sim, mas não em público – esclareceu Sophie – e não na casa da tua família. Se não vais lá falar com ele, todos vão comentar o facto amanhã. Vão pensar que existe alguma desavença entre os dois.

Ou pior, que tu não o aceitas como o novo conde.

– Mas é claro que aceito – contradisse Francesca. – E mesmo que não aceitasse, que importância teria? Não há qualquer dúvida na linha de sucessão.

– Precisas de mostrar a todos que o tens em alta estima – insistiu Sophie. Então virou-se para Francesca com ar inquisitivo. – A não ser, é claro, que não tenhas.

– Não, é claro que tenho – disse Francesca com um suspiro.

Sophie estava certa. Sophie estava sempre certa quando se tratava de questões de decoro. Devia ir cumprimentar Michael. Ele merecia ser acolhido calorosamente em Londres de forma oficial e pública, por mais ridículo que lhe parecesse, considerando que havia passado as últimas semanas a cuidar dele e a ajudá-lo a ultrapassar as febres da malária. Só não lhe agradava nada a ideia de ter de atravessar aquela multidão de admiradoras.

Sempre achara a reputação de Michael divertida. Provavelmente por se sentir bastante afastada de tudo isso, acima disso, até. Chegara a ser uma espécie de piada entre os três: ela, John e Michael.

Ele nunca levava nenhuma das mulheres a sério e, por isso, ela também não.

Mas agora não assistia a tudo da sua confortável e segura posição de senhora muito bem casada. E

Michael já não era o simples Alegre Libertino, uma pessoa que não faz nada na vida e que mantém a sua posição na sociedade usando de humor e charme.

Agora ele era um conde e ela era viúva, e de repente sentiu-se pequena e indefesa.

Não era culpa dele, claro. Sabia disso, assim como sabia que... bem, assim como sabia que ele daria um marido terrível um dia. Mas, de alguma forma, não conseguia bloquear a raiva que sentia, se não em relação a ele, então ao bando de mulheres aos risinhos que o rodeava.

– Francesca? – chamou Sophie. – Queres que uma de nós vá contigo?

– O quê? Não. Claro que não. – Francesca empertigou-se, com vergonha de ter sido apanhada com a cabeça nas nuvens pelas irmãs.

– Eu consigo tratar do Michael sozinha – afirmou com segurança.

Deu dois passos na direção dele, mas virou-se para trás dizendo a Kate, Sophie e Eloise: – Depois de tratar de mim.

Sem mais, virou-se e dirigiu-se para a casa de banho. Se ia ter de sorrir e ser educada no meio do grupo de mulheres tontas de Michael, poderia muito bem fazê-lo sem sentir que tinha de andar aos pulinhos.

Mas ao virar as costas ainda ouviu o murmúrio de Eloise: – Cobarde.

Francesca fez-se valer de toda a sua força de vontade para não se virar e trespassar a irmã com uma resposta contundente.

Bom, disso e do facto de temer que Eloise tivesse razão.

E era humilhante pensar que havia a possibilidade de se ter tornado cobarde por causa de Michael, logo por causa dele.

CAPÍTULO 11

...Tive notícias do Michael. A verdade é que já me escreveu três vezes. Eu ainda não respondi. Terias ficado desiludido comigo, tenho a certeza. Mas eu...

Da Condessa de Kilmartin para o seu falecido marido, dez meses após a partida de Michael para a Índia, papel amassado com um resmungo «Isto é de doidos» e atirado para o fogo

Michael vira Francesca no instante em que entrara no salão de baile. Estava do outro lado da sala, a conversar com as irmãs, usando um vestido azul e um novo penteado.

Também se apercebeu do instante em que ela saiu, pela porta noroeste, provavelmente para ir à casa de banho, que ele sabia ser ao fundo do corredor.

O pior de tudo era ter a certeza absoluta de que estaria igualmente consciente do seu retorno, mesmo encontrando-se a conversar com cerca de uma dúzia de outras mulheres, todas elas convencidas de que ele lhes dava a sua total atenção.

Era como uma doença, um sexto sentido. Não podia estar no mesmo espaço que Francesca e não saber onde ela estava. Era assim desde o instante em que se conheceram e a única coisa que o tornava suportável era saber que ela não fazia a menor ideia.

Era uma das coisas que mais tinha apreciado na Índia. Ela não estava lá; ele nunca tinha de estar *consciente* da sua presença. Mas, ainda assim, ela perseguia-o. De vez em quando vislumbrava a mesma tonalidade de castanho do cabelo de Francesca, faiscando à luz das velas tal como o dela, ou alguém se ria e, por uma fração de segundo, parecia-lhe o riso dela. Ficava sem respiração e de imediato o seu olhar procurava-a, mesmo *sabendo* que ela não estava lá.

Era um inferno e, geralmente, digno de uma bebida forte. Ou de uma noite passada com a mais recente concubina.

Ou ambas.

Mas isso acabara e agora estava de volta, em Londres, e espantava-o perceber como era fácil deixar-se cair no seu antigo papel de sedutor despreocupado. Quase nada mudara na cidade; alguns rostos

diferentes, talvez, mas no seu conjunto a *alta sociedade* permanecia a mesma. A festa de aniversário de Lady Bridgerton era exatamente o que ele esperava, embora fosse obrigado a admitir ter ficado um pouco surpreso com o nível de curiosidade despertado pela sua reaparição em Londres. Aparentemente, o Alegre Libertino transformara-se no Garboso Conde, e nos primeiros quinze minutos após a sua chegada, fora abordado por nada menos do que oito matronas da sociedade... não, nove, não se podia esquecer da própria Lady Bridgerton, todas elas ansiosas por caírem nas suas boas graças e, é claro, apresentá-lo às suas adoráveis filhas solteiras.

Não sabia se era divertido ou se tinha ido parar ao inferno.

Divertido, decidiu, pelo menos por agora. Daí a uma semana, não tinha dúvidas de que seria o

inferno.

Depois de mais quinze minutos de apresentações, reapresentações e propostas, apenas ligeiramente veladas (feitas, graças a Deus, por uma viúva e não por uma das debutantes ou respetiva mãe), ele anunciou a sua intenção de localizar a anfitriã e, pedindo licença, afastou-se da multidão.

E ali estava ela. Francesca. Quase do outro lado do salão, claro, o que significava que teria de atravessar a multidão extenuante se queria falar com ela. Ela estava deslumbrante, com um vestido de um azul-escuro, e deu-se conta que, depois de toda a conversa dela sobre ter de comprar um novo guarda-roupa, aquela era a primeira vez que a via sem as cores do luto aliviado.

Em seguida, chegou a outra conclusão. Francesca deixara o luto definitivamente. E ia voltar a casar. E ia soltar risadas e namoriscar e usar azul e arranjar um marido.

E tudo iria acontecer provavelmente no espaço de um mês. Assim que ela tornasse evidente a sua intenção de se voltar a casar, seria um corupio de homens a bater-lhe à porta. Que homem poderia *não* querer casar-se com ela? Ela podia já não ser tão jovem como as outras mulheres à procura de marido, mas tinha algo que faltava às jovens debutantes... uma centelha, uma vivacidade, um brilho de inteligência no olhar que lhe enriquecia a beleza.

Ainda estava sozinha, à entrada da porta. Surpreendentemente, ninguém parecia ter notado a sua entrada, então Michael decidiu enfrentar as multidões e ir até ela.

Mas ela viu-o primeiro, e embora não exatamente sorrindo, os lábios curvaram-se, os olhos brilharam de reconhecimento, e ao vê-la caminhar até ele, a sua respiração parou.

Não deveria ficar surpreendido, mas ainda ficava. Sempre que achava saber tudo sobre ela, que já tinha a contragosto memorizado cada detalhe, algo dentro dela faiscava e mudava e Michael voltava a apaixonar-se.

Nunca conseguiria escapar daquela mulher. Nunca conseguiria escapar dela e nunca a poderia ter.

Mesmo sem a existência de John, era impossível, simplesmente imoral. Havia demasiado entre eles.

Demasiado tinha acontecido e ele nunca seria capaz de afastar a sensação de a ter roubado de alguma maneira.

Ou pior, que tinha desejado que toda a desgraça acontecesse. Que tinha desejado a morte de John, que queria o título e Francesca e tudo o mais.

Aproximou-se também, encontrando-a a meio do caminho.

– Francesca – murmurou, fazendo com que a voz saísse suave e agradável –, é um prazer ver-te.

– A ti também – respondeu ela, sorrindo, agora.

Mas foi um tipo de sorriso divertido, e ele teve a sensação inesperada de que ela troçava dele.

Todavia, pareceu-lhe não valer a pena salientar esse facto; serviria apenas para revelar como estava em sintonia com cada expressão dela. Por isso disse apenas:

– Estás a divertir-te?

– Claro. E tu?

– Também.

Ela arqueou uma sobrancelha.

– Mesmo no teu atual estado de solidão?

– Perdão?!

Francesca encolheu os ombros despreocupadamente.

– A última vez que te vi, estavas rodeado de mulheres.

– Se me viste, porque não me vieste salvar?

– Salvar? – disse ela com uma risada. – Qualquer um podia ver que te estavas a divertir.

– Ah, sim?

– Oh, por favor, Michael – retorquiu ela, lançando-lhe um olhar incisivo. – Vives para namoriscar e seduzir.

– Por essa ordem?

Ela encolheu os ombros.

– Não é por acaso que és o Alegre Libertino.

Ele sentiu o maxilar contrair-se. O comentário deixou-o irritado, e tomar consciência disso agravou ainda mais a irritação.

Francesca estudou-lhe o rosto, perto o suficiente para fazê-lo querer contorcer-se de desconforto, e então o dela irrompeu num sorriso.

– Tu não gostas – disse ela devagar, quase sem fôlego ao entender. – Oh, meu Deus, tu não gostas.

Ela parecia ter acabado de ter uma epifania de proporções bíblicas, mas como era às custas dele, tudo o que conseguiu fazer foi mostrar má cara.

Então Francesca riu-se, o que tornou tudo ainda pior.

– Oh, meu Deus – repetiu ela, pousando literalmente a mão na barriga de tanto rir. – Faz-te sentir como uma raposa numa caçada e não gostas nem um pouco. Oh, é simplesmente divino. Depois de todas as mulheres que perseguiu...

Ela percebera tudo mal, é claro. Ele não se importava que as matronas da sociedade o tivessem rotulado de melhor partido da temporada e que o perseguissem em conformidade. Esse era exatamente o tipo de coisa sobre a qual lhe era fácil manter o sentido de humor.

Não se importava se lhe chamavam Alegre Libertino. Não se importava se o consideravam um sedutor inútil.

Mas quando Francesca dizia a mesma coisa...

Era como ácido.

E o pior de tudo era que não podia culpar mais ninguém além de si próprio. Cultivara aquela reputação durante anos, gastara horas incontáveis a brincar e a seduzir, e depois a assegurar-se de que Francesca via, para que nunca adivinhasse a verdade.

Talvez também o tivesse feito por si mesmo, porque se ele era o Alegre Libertino, pelo menos ele era *alguma coisa*. A alternativa era ser nada mais do que um idiota patético, perdidamente apaixonado pela mulher de outro homem. Que inferno... ele era *bom* a ser o homem capaz de seduzir com um sorriso. Merecia ter algo na vida em que fosse bom.

– Não podes dizer que não te avisei – disse Francesca, parecendo muito satisfeita consigo mesma.

– Não é assim tão mau estarmos cercados de mulheres bonitas – disse ele, principalmente para a irritar. – Ainda melhor quando é tão fácil.

Funcionou, porque os cantos da boca dela contraíram-se de desprazer.

– Tenho a certeza de que deve ser delicioso, mas devias ter cuidado para não te esqueceres de ti mesmo – aconselhou ela, cortante. – Estas não são as mulheres a que estás habituado.

– Eu não sabia que tinha mulheres habituais.

– Sabes exatamente o que quero dizer, Michael. Os outros podem achar que foste um completo facínora, mas eu conheço-te melhor do que eles.

– Oh, a sério? – Ele quase soltou uma gargalhada. Ela pensava que o conhecia bem, mas não sabia nada. Nunca saberia a verdade.

– Há quatro anos tinhas regras que não quebravas – continuou Francesca. – Nunca seduzias ninguém que pudesse ser irremediavelmente prejudicado pelas tuas ações.

– E o que te faz pensar que estou prestes a começar agora?

– Oh, não acho que o farias de propósito – disse ela –, mas antes, nem sequer chegavas perto de jovens à procura de casamento. Não havia sequer a possibilidade de dares um passo em falso e acidentalmente arruinar uma delas.

O sentimento vago e acutilante de irritação que estivera latente dentro dele começou a crescer e a fervilhar.

– Que tipo de pessoa achas que sou, Francesca? – perguntou ele, todo o corpo tenso com algo que não conseguia definir. Odiava que ela pensasse isso dele, *odiava*.

– Michael...

– Achas-me realmente tão fraco que possa *acidentalmente* arruinar a reputação de uma jovem?

Os lábios dela entreabriram-se e tremeram um pouco antes de responder.

– Fraco, não, Michael, claro que não. Mas...

– Imprudente, então – continuou ele.

– Não, também não é isso. Só acho que...

– O quê, Francesca? – questionou impiedosamente. – O que *é* que pensas de mim?

– Penso que és um dos melhores homens que conheço – respondeu ela em voz baixa.

Maldição. Só ela para o comover com uma simples frase. Fitou-a, sem palavras, tentando descobrir que *raio* queria ela dizer com aquilo.

– É isso que eu penso – prosseguiu ela com um encolher de ombros. – Mas também penso que és insensato e que consegues ser inconstante e que vais destroçar mais corações durante esta primavera do que serei capaz de contar.

– Não é da tua responsabilidade contá-los – disse ele, a voz calma e implacável.

– Não é, pois não? – Ela olhou para ele e sorriu com ironia. – Mas vou acabar por fazê-lo na mesma, não é?

– E porquê?

Ela não pareceu ter resposta à pergunta, e quando ele já estava convencido de que não iria dizer mais nada, Francesca sussurrou:

– Porque não vou ser capaz de resistir.

Vários segundos se passaram. Eles simplesmente ficaram ali, encostados à parede, como se estivessem apenas a observar a festa. Finalmente, Francesca quebrou o silêncio e disse:

– Devias dançar.

Ele virou-se para ela.

– Contigo?

– Sim. Uma vez, pelo menos. Mas também deves dançar com alguém elegível, alguém com quem pudesses casar.

Alguém com quem pudesse casar. Qualquer uma, menos ela.

– Para a sociedade, isso será um sinal de que estás, pelo menos, aberto à possibilidade de matrimónio – acrescentou Francesca. Sem comentários da parte dele, ela insistiu: – Não estás?

– Aberto ao matrimónio?

– Sim.

– Se o dizes – foi a resposta irreverente. Tinha de se mostrar altivo. Era a única maneira de

mascarar a amargura que o assolava.

– A Felicity Featherington – anunciou Francesca, apontando na direção de uma jovem muito bonita a cerca de dez metros de distância. – Ela seria uma excelente escolha. É muito sensata. Não se vai apaixonar por ti.

Ele olhou-a com sarcasmo.

– Deus me livre de me apaixonar.

Francesca ficou boquiaberta e de olhos arregalados.

– É isso que queres? – perguntou. – Apaixonar-te?

Ela pareceu encantada com a perspectiva. Encantada por ele poder encontrar a mulher perfeita.

Pronto, ali estava. A sua fé num poder superior restaurada. Sinceramente, momentos de tal nível de perfeita ironia não aconteciam por acaso.

– Michael? – insistiu Francesca, de olhos brilhantes e curiosos, claramente querendo algo dele, algo maravilhoso e bom.

E tudo que ele queria era gritar.

– Não faço ideia – respondeu em tom cáustico. – O raio da mais pequena ideia.

– Michael... – Ela parecia destroçada, mas, pela primeira vez, ele não se importou.

– Se me dás licença – disse bruscamente –, acredito que tenho uma Featherington com quem dançar.

– Michael, o que se passa? – perguntou ela. – O que é que eu disse?

– Nada – respondeu ele. – Nada, mesmo.

– Não sejas assim.

Ao virar-se para ela, sentiu algo percorrê-lo, uma dormência que, sem saber como, lhe fez voltar a deslizar uma máscara sobre o rosto, permitindo-lhe sorrir com facilidade e olhá-la com a sua lendária expressão de pálpebras semicerradas. Era novamente o libertino, talvez não tão alegre, mas sempre o sedutor cortês.

– Assim como? – perguntou ele, os lábios contorcendo-se na mistura perfeita de inocência e condescendência. – Estou a fazer exatamente o que me pediste. Dança com uma Featherington, não foi isso? Só estou a seguir as tuas instruções ao pé da letra.

– Estás zangado comigo – sussurrou ela.

– Claro que não – disse ele, mas ambos sabiam que o tom de Michael era descontraído de mais, suave de mais. – Apenas aceitei que tu, Francesca, sabes mais do que eu. Eu a tentar dar ouvidos à minha própria consciência este tempo todo, e para quê? Só Deus sabe onde estaria se te tivesse escutado anos atrás.

Ela arquejou de choque e recuou.

– Preciso de ir – disse ela.

– Então vai – disse ele.

Ela ergueu ligeiramente o queixo.

- Há muitos homens aqui.
- Muitos mesmo.
- Preciso de encontrar um marido.
- Devias – concordou ele.

Francesca cerrou os lábios e, em seguida, acrescentou:

- Quem sabe se não encontro um esta noite.

Ele quase lhe lançou um sorriso zombeteiro. Ela tinha de ter sempre a última palavra.

- É bem possível – retorquiu ele no preciso segundo em que a sabia a pensar que a conversa tinha terminado.

Nessa altura ela já estava longe o suficiente para não conseguir virar-se para trás e gritar uma última réplica. Mas ele viu a maneira como Francesca parou e os ombros ficaram tensos e soube que o ouvira.

Encostou-se à parede e sorriu. Era preciso retirar os prazeres simples da vida de onde se podia.

No dia seguinte, Francesca acordou a sentir-se péssima. E pior, não conseguia reprimir um frémito extremamente irritante de culpa, apesar de ter sido Michael a tratá-la de forma tão ofensiva na noite anterior.

Sinceramente, o que é que ela dissera para provocar uma reação tão indelicada da parte dele? E

que direito tinha Michael de agir tão mal com ela? Ela limitara-se apenas a expressar um pouco de alegria por ele procurar um casamento verdadeiro e cheio de amor, em vez de passar os dias em deboche fútil.

Mas, aparentemente, estava enganada. Michael passara a noite inteira, antes e depois da conversa deles, a seduzir cada mulher na festa. Fora tão enjoativo, que chegara ao ponto de achar que ia ficar doente.

Mas o pior de tudo era ter sido incapaz de se impedir de contar as conquistas dele, tal como previra. *Uma, duas, três*, murmurava, observando-o a seduzir um trio de irmãs com um sorriso.

Quatro, cinco, seis, lá iam duas viúvas e uma condessa. Era repugnante, e Francesca estava desgostosa consigo mesma por ter ficado tão hipnotizada.

De vez em quando, ele olhava para ela. Um daqueles olhares intencionais, trocistas, que a punham a pensar que ele sabia o que ela estava fazendo, que saltava de mulher em mulher apenas para que ela pudesse somar até à próxima dúzia ou assim.

Porque é que tinha confessado tal coisa? No que é que estava a pensar?

Se é que estava a pensar em alguma coisa? Parecia a única explicação. Certamente não tinha a intenção de lhe confessar que não conseguia deixar de contabilizar a quantidade de corações destroçados à volta dele. As palavras escaparam-se-lhe dos lábios antes de se dar conta que as estava a pensar.

E, mesmo agora, não abarcava o seu total significado.

Porque é que se importava? Por que diabo se importaria com o número de mulheres que lhe caíam nos braços? Nunca se importara antes.

E só ia piorar. As mulheres eram loucas por Michael. Se as regras da sociedade fossem invertidas, pensou Francesca com ironia, a sala de estar de Kilmartin House estaria a transbordar de flores, todas elas endereçadas ao Garboso Conde.

Mesmo assim ia ser terrível. Francesca ia ser inundada de visitas hoje, disso estava certa. Todas as mulheres de Londres iriam visitá-la na esperança de ver Michael entrar na sala de estar. Francesca ia ter de suportar um sem-fim de perguntas, insinuações ocasionais e...

– Deus do céu! – Parou, espreitando para a sala de estar com os olhos hesitantes. – O que é tudo isto?

Flores. Por toda a parte.

O seu pesadelo tornava-se realidade. Teria alguém mudado as regras da sociedade e esquecido-se de avisar?

Violetas, íris e margaridas. Tulipas importadas. Orquídeas de estufa. E rosas. Rosas por todo o lado. De todas as cores. O cheiro era quase avassalador.

– Priestley! – chamou Francesca, vislumbrando o mordomo do outro

lado da sala a pousar uma jarra alta de bocas-de-lobo numa mesa. – Para quem são todas estas flores?

Ele deu à jarra um último ajuste, torcendo um caule da flor cor-de-rosa para a afastar da parede e, em seguida, virou-se e caminhou em direção a ela.

– São para si, minha senhora.

Ela pestanejou, confusa.

– Para mim?

– Sim, minha senhora. Gostaria de ler os cartões? Deixei-os nos arranjos para que possa identificar quem enviou o quê.

– Oh!

Parecia ser tudo o que conseguia dizer. Sentiu-se uma pateta, a mão a tapar a boca aberta, a olhar para todas as flores.

– Se preferir – continuou Priestley –, posso retirar cada cartão e anotar na parte de trás de que arranjo o retirei. Assim poderá lê-los todos de uma vez. – Como Francesca não respondeu, ele sugeriu: – Talvez prefira sentar-se à sua secretária? Terei todo o prazer em levar-lhe os cartões.

– Não, não – apressou-se ela a responder, ainda a sentir-se perplexa com tudo aquilo. Ela era viúva, Deus do Céu. Os homens não deveriam mandar-lhe flores. Ou deveriam?

– Minha senhora?

– Eu... eu... – Virou-se para Priestley, endireitou as costas e forçou a mente a regressar à realidade.

Ou, pelo menos, tentou. – Vou então, hã, dar uma olhadela aos... – Esticou a mão para o *bouquet* mais próximo, um adorável e delicado arranjo de jacintos-bravos e flores-de-noiva. «Uma pálida metáfora dos seus olhos», dizia o cartão. Estava assinado pelo marquês de Chester.

– Oh! – exclamou Francesca. A mulher de Lord Chester tinha morrido dois anos antes. Toda a gente sabia que ele estava à procura de uma noiva.

Incapaz de conter a estranha sensação de vertigem que crescia dentro dela, avançou para um arranjo de rosas e pegou no cartão, esforçando-

se para não parecer demasiado ansiosa na frente do mordomo.

– De quem será este? – disse em voz alta, com uma casualidade estudada.

Um soneto. De Shakespeare, se estava bem recordada. Assinado pelo visconde de Trevelstam.

Trevelstam? Só tinham sido apresentados uma única vez. Ele era jovem, muito bem-apessoado, e corriam rumores de que o pai tinha esbanjado a maior parte da fortuna da família. O novo visconde teria de casar com alguém rico. Pelo menos era o que corria à boca solta.

– Deus do céu!

Francesca virou-se para ver Janet atrás dela.

– O que é isto? – perguntou Janet.

– Acho que essas foram as minhas palavras exatas ao entrar na sala – murmurou Francesca.

Entregou a Janet os dois cartões, observando-a atentamente enquanto ela lia as frases escritas numa caligrafia perfeita.

Janet perdera o seu único filho, com a morte de John. Como reagiria ao facto de Francesca ser

cortejada por outros homens?

– Meu Deus! – disse Janet, olhando para ela. – Parece-me que és a Incomparável desta temporada.

– Oh, não seja tonta – disse Francesca, corando.

Corando? Meu Deus, o que é que lhe estava a acontecer? Ela não corava. Nem no ano do seu debute corara, quando realmente tinha sido uma Incomparável.

– Estou velha de mais para isso – respondeu num murmúrio.

– Pelos vistos, não – disse Janet.

– Há mais no átrio – anunciou Priestley.

– Já leste todos os cartões? – perguntou Janet a Francesca.

– Ainda não. Mas imagino...

– Que sejam mais do mesmo?

Francesca assentiu com a cabeça.

– Isto incomoda-a?

Janet sorriu com tristeza, mas os olhos eram afáveis e sábios.

– Se eu desejo que ainda fosses casada com o meu filho? Claro. Se quero que passes o resto da vida casada com a memória dele? Claro que não. – Estendeu a mão e segurou uma das mãos de Francesca nas suas. – És como uma filha para mim, Francesca. O meu desejo é que sejas feliz.

– Eu nunca desonraria a memória de John – assegurou Francesca.

– Claro que não. Se fosses esse tipo de pessoa, ele nunca se teria casado contigo. Nem –

acrescentou ela com um olhar mordaz – eu teria permitido.

– Eu quero ter filhos – disse Francesca. De alguma forma, sentia necessidade de o explicar, para ter certeza de que Janet entendia que o que ela realmente queria era ser mãe, não necessariamente esposa.

Janet assentiu, afastando-se ligeiramente enquanto enxugava os olhos com as pontas dos dedos.

– Devíamos ler o resto dos cartões – disse, o tom despachado indicando que gostaria de mudar de assunto – e talvez prepararmo-nos para uma invasão de visitas à tarde.

Francesca seguiu-a enquanto ela se acercava de um enorme arranjo de tulipas e tirava o cartão.

– Na minha opinião, as visitas serão mulheres – comentou Francesca –, a fazer perguntas sobre o Michael.

– É uma possibilidade – respondeu Janet. Segurando o cartão, perguntou: – Posso?

– Claro.

Janet leu as palavras e, erguendo depois os olhos, disse:

– Cheshire.

Francesca engasgou-se de choque.

– Quer dizer, o duque?

– O próprio.

Francesca até pousou a mão no coração.

– Palavra que estou abismada – disse, num suspiro. – O duque de Cheshire.

– Tu, minha cara, és claramente o partido da temporada.

– Mas eu...

– Que diabo é isto?

Era Michael, agarrando uma jarra que quase derrubara e parecendo extremamente mal-humorado.

– Bom dia, Michael – cumprimentou Janet alegremente.

Ele retribuiu o cumprimento com um aceno de cabeça e, virando-se para Francesca, resmungou:

– Pareces estar prestes a jurar fidelidade ao teu senhor soberano.

– E esse serias tu, imagino? – disparou ela, rapidamente deixando cair a mão. Nem se apercebera de que ainda a tinha pousada no coração.

– Se tivesses sorte – murmurou ele.

Francesca limitou-se a fuzilá-lo com o olhar.

Ele retribuiu com um sorriso.

– Vamos abrir uma loja de flores?

– Não, mas é evidente que poderíamos – respondeu Janet. – São para a Francesca – acrescentou em tom solícito.

– Pois claro que são para a Francesca – resmungou ele –, mas, sinceramente, quem seria idiota o suficiente para enviar rosas?

– Eu gosto de rosas – disse Francesca.

– Toda a gente manda rosas – desdenhou ele. – São banais e fora de moda, e... – fez um gesto para as amarelas enviadas por Trevelstam – quem mandou estas?

– Trevelstam – respondeu Janet.

Michael soltou um ronco escarninho e encarou Francesca.

– Não vais casar-te com *ele*, pois não?

– Provavelmente não, mas não vejo o que...

– Ele não tem um tostão – disse Michael.

– Como é que sabes? – perguntou Francesca. – Nem há um mês gastei.

Michael encolheu os ombros.

– Já fui ao meu clube.

– Bem, isso pode ser verdade, mas não é culpa dele – sentiu-se Francesca impelida a apontar. Não que sentisse grande lealdade para com Lord Trevelstam, mas, ainda assim, procurava ser justa, e era do conhecimento geral que o jovem visconde passara o último ano a tentar reparar os danos que o seu pai perdulário provocara na fortuna da família.

– Não te casas com ele e ponto final – declarou Michael.

Ela *devia* ter ficado incomodada com a arrogância dele, mas a verdade era que estava mais divertida do que qualquer outra coisa.

– Muito bem – disse ela, os lábios contraindo-se para não rir. – Eu escolho outra pessoa.

– Ainda bem – resmungou ele.

– Ela tem muitos por onde escolher – incitou Janet.

– É verdade – foi a resposta cáustica de Michael.

– Vou ter de ir buscar a Helen – disse Janet. – Ela não vai querer perder isto.

– Não creio que as flores voem pela janela fora antes que ela se levante – disse Michael.

– Claro que não – respondeu Janet docemente, dando-lhe uma palmadinha maternal no braço.

Francesca sufocou rapidamente uma risada. Michael iria detestar e Janet sabia.

– Ela adora flores – disse Janet. – Posso pegar num dos arranjos e levar-lho?

– Claro – respondeu Francesca.

Janet estendeu a mão para as rosas de Trevelstam, mas parou.

– Oh, não, é melhor não levar este – disse ela, voltando-se para encarar Michael e Francesca. –

Ele pode aparecer hoje e não queremos que pense que banimos as flores dele para algum canto

distante da casa.

– Oh, certo – murmurou Francesca –, tem razão.

Michael apenas resmungou.

– Seja como for, é melhor eu ir contar-lhe o que está a acontecer – concluiu Janet, e apressou-se a subir as escadas.

Michael espirrou e, em seguida, olhou para um arranjo particularmente inócuo de gladiólos.

– Vamos ter de abrir uma janela – resmungou.

– E congelar?

– Eu visto um casaco – continuou no seu tom quezilento.

Francesca sorriu, embora a vontade fosse de abrir um sorriso rasgado.

– Estás com ciúmes? – perguntou timidamente.

Ele virou-se e quase a derrubou com uma expressão estupefacta.

– Não de *mim* – corrigiu ela a toda a pressa, quase corando com o pensamento. – Meu Deus, isso não!

– O quê, então? – perguntou ele, a voz calma e bem articulada.

– Bem, é só que... quero dizer... – Apontou para as flores, uma demonstração clara da sua popularidade repentina. – Ambos temos mais ou menos o mesmo objetivo esta temporada, não é?

Michael fitou-a sem entender.

– *Casar* – explicou ela. Deus do céu, estava particularmente obtuso esta manhã.

– E isso quer dizer...

Ela soltou um suspiro impaciente.

– Eu não sei se pensaste nisso, mas eu naturalmente presumi que serias apenas tu a ser implacavelmente perseguido. Nunca sonhei que eu... Bem...

– Que surgisses como um prémio a ser ganho?

Não era a melhor maneira de colocar a coisa, mas não era exatamente impreciso, por isso, ela disse apenas: – Bem, sim, suponho que sim.

Por um momento Michael ficou calado, mas fitou-a com um ar estranho, quase oblíquo, e então disse num tom tranquilo:

– Um homem teria de ser um idiota chapado para não querer casar contigo.

Francesca sentiu a sua própria boca formar uma oval de surpresa.

– Oh! – disse, sem palavras. – Isso é... isso é... bem é a melhor coisa que me podias ter dito neste momento.

Ele suspirou e passou a mão pelo cabelo. Francesca decidiu não lhe dizer que ele acabara de depositar uma risca de pólen amarelo no cabelo preto.

– Francesca – disse ele, parecendo cansado, abatido e algo mais que não conseguiu definir.

Arrependido?

Não, era impossível. Michael não era do tipo de se arrepender de nada.

– Eu nunca te levaria a mal isto. Tu... – Aclarou a garganta. – Tens todo o direito de ser feliz.

– Eu... – Foi um momento estranhíssimo, especialmente depois das palavras tensas da noite anterior. Ela não fazia a mais pálida ideia do que responder, por isso simplesmente mudou de assunto e disse: – A tua vez vai chegar.

Ele olhou-a com curiosidade.

– Na verdade já chegou – continuou ela. – Ontem à noite. Fui sitiada por muito mais admiradoras

tuas do que admiradores meus. Se as mulheres pudessem enviar flores, estaríamos completamente submersos nelas.

Michael sorriu, mas o sentimento não lhe chegou aos olhos. Não parecia zangado, apenas... vazio.

Essa estranha observação chocou-a.

– Hum, ontem à noite – começou ele, ajeitando o plastrão –, se eu disse alguma coisa que te incomodou...

Ela observou-lhe o rosto. Um rosto tão querido, de que conhecia cada detalhe. Quatro anos pouco faziam para esbater a memória, aparentemente. Mas algo estava diferente agora. Ele tinha mudado, mas ela não sabia como.

E não sabia porquê.

– Está tudo bem – assegurou.

– Mesmo assim – disse ele com a voz rouca –, peço desculpa.

Mas durante todo o dia, Francesca ficou a pensar se ele sabia exatamente por que razão estava a pedir desculpa. Nem se libertou da sensação de que ela própria também não sabia.

CAPÍTULO 12

... é ridículo escrever-te, mas acho que depois de tantos meses no Oriente, a minha perspetiva sobre a morte e a vida após a morte deslizou para algo que teria feito o vigário MacLeish fugir aos gritos para as colinas. Tão longe de Inglaterra é quase possível fingir que ainda estás vivo e capaz de receber esta carta, como as muitas que te enviei de França. Mas, então,

alguém me chama e eu lembro-me de que o Kilmartin agora sou eu e que tu estás num lugar inalcançável pelo serviço de correios.

Do conde de Kilmartin para o seu falecido primo, e anterior conde, um ano e dois meses após a sua partida para a Índia, carta escrita até ao fim e depois queimada lentamente na chama de uma vela. Não era que gostasse de se sentir uma besta, refletiu Michael ao girar o copo de *brandy* no clube, mas parecia que, ultimamente, pelo menos na presença de Francesca, não conseguia evitar comportar-se de outra forma. Como na festa de aniversário da mãe dela, por exemplo; ela ali a mostrar-se tão *feliz* por ele, encantada por ele ter pronunciado a palavra *amor* na sua presença, e ele simplesmente perdera as estribeiras.

Porque sabia como a mente dela funcionava e sabia que ela já estava num frenesim de pensamento, a tentar escolher a mulher perfeita para ele, quando a verdade era...

Bem, a verdade era demasiado patética para pôr em palavras.

Mas ele tinha pedido desculpa e, embora pudesse jurar a pés juntos que não voltaria a portar-se como um idiota, o mais provável era voltar a ter de pedir desculpa no futuro, e a reação dela seria certamente atribuir tudo à natureza irritadiça de Michael, sem pensar que ele era um modelo de bom humor e de serenidade quando John estava vivo.

Bebeu um gole de *brandy*. Ao diabo com tudo.

Bom, em breve todo este absurdo acabaria. Ela ia encontrar alguém, casar e sair de casa.

Continuariam amigos, claro, Francesca não era do tipo de permitir outra coisa, mas pelo menos não a veria todos os dias à mesa do pequeno-almoço. Nem sequer a veria com a frequência com que a via antes da morte de John. O novo marido não permitiria que ela passasse tanto tempo na companhia dele, primos por afinidade ou não.

– Stirling! – ouviu alguém exclamar, seguido da ligeira tosse habitual que precedia a correção. –

Kilmartin, quero dizer. Peço desculpa.

Michael olhou para cima e viu Sir Geoffrey Fowler, um colega dos tempos de Cambridge.

– Não tem importância – asseverou ele, apontando para a cadeira em frente.

– Esplêndido ver-te – disse Sir Geoffrey, sentando-se. – Espero que a viagem de regresso tenha sido aceitável.

Encetaram uma conversa de circunstância até Sir Geoffrey chegar ao ponto que lhe interessava.

– Ouvi dizer que Lady Kilmartin está à procura de marido – disse ele.

Michael sentiu-se como se tivesse levado um soco. Não interessava a atroz exposição de flores na sala de estar de casa; continuava a soar bastante desagradável saído da boca de alguém.

Alguém jovem, razoavelmente bem-parecido e, obviamente, à procura de mulher.

– Hum... sim – respondeu finalmente. – Acredito que sim.

– Excelente!

Sir Geoffrey esfregou as mãos em expectativa, deixando Michael com o enorme desejo de lhe dar um soco.

– Ela vai ser muito exigente – disse Michael com impertinência.

Sir Geoffrey não pareceu importar-se.

– Vais conceder-lhe um dote?

– O quê? – rosnou Michael.

Meu Deus, ele agora era o parente do sexo masculino mais próximo, não era? Provavelmente tinha de a conduzir ao altar no dia do casamento.

Que inferno!

– E então? Vais? – insistiu Sir Geoffrey.

– É claro – respondeu Michael a contragosto.

Sir Geoffrey inalou de maneira apreciativa.

– O irmão dela também se ofereceu para fazer o mesmo.

– A família Stirling vai cuidar dela – disse Michael com rispidez.

Sir Geoffrey encolheu os ombros.

– Parece que os Bridgerton também.

Michael cerrou os dentes com força.

– Não fiques tão irritado – disse Sir Geoffrey. – Com um dote duplo, ela vai estar fora das tuas mãos em três tempos. Tenho a certeza de que estás ansioso por te livrares dela.

Michael inclinou a cabeça, tentando decidir de que lado o nariz de Sir Geoffrey acomodaria melhor um soco.

– Ela é certamente um fardo para ti – prosseguiu Sir Geoffrey alegremente. – Só as roupas devem custar uma fortuna.

Michael pôs-se a pensar nas ramificações legais de estrangular um cavaleiro do reino. Certamente nada com que não conseguisse viver.

– Além de que, quando *tu* casares – continuou Sir Geoffrey, obviamente sem se aperceber que Michael já fechava os dedos e lhe media o pescoço –, a tua nova condessa não vai querê-la na casa.

Não pode haver duas galinhas no comando da casa, certo?

– Certo – respondeu Michael, tenso.

– Muito bem, então – concluiu Sir Geoffrey, levantando-se. – Foi bom falar contigo, Kilmartin.

Tenho de ir. Preciso de dar a notícia ao Shively. Não que eu queira concorrência, claro, mas a verdade é que não será segredo muito tempo, seja como for. Mais vale ser eu a espalhar a notícia.

Michael atirou-lhe um olhar petrificante, mas Sir Geoffrey estava demasiado entusiasmado com o mexerico para notar. Michael olhou para o copo. Certo. Tinha bebido tudo. Raios!

Fez sinal ao empregado para lhe trazer outro, depois recostou-se com toda a intenção de ler o jornal em que tinha pegado ao entrar, mas antes que pudesse ler as manchetes, ouviu o seu nome mais uma vez. Fez o esforço mínimo necessário para esconder a irritação e olhou para cima.

Trevelstam. O das rosas amarelas. Michael sentiu o jornal amassar-se

entre os dedos.

– Kilmartin – disse o visconde.

Michael dirigiu-lhe um aceno de cabeça.

– Trevelstam. – Conheciam-se; não muito bem, mas o suficiente para que uma conversa amigável não fosse algo inesperado. – Sente-se – disse, apontando para a cadeira em frente.

Trevelstam sentou-se, pousando a bebida já a meio na mesa.

– Como vai? – perguntou o visconde. – Não o tenho visto muito depois do seu regresso.

– Vai-se andando – resmungou Michael. Considerando que era obrigado a sentar-se com um nêscio que queria casar-se com o dote de Francesca. Não, duplo dote. Da maneira como os mexericos se espalhavam, era provável que Trevelstam já tivesse ouvido a notícia de Sir Geoffrey.

Trevelstam era um pouco mais sofisticado do que Sir Geoffrey; conseguiu manter uma conversa durante um total de três minutos, fazendo perguntas sobre a viagem de Michael à Índia, a viagem de regresso, *et cetera, et cetera, et cetera*. Mas depois, é claro, chegou ao verdadeiro objetivo.

– Fui visitar Lady Kilmartin esta tarde – anunciou ele.

– Ah, sim? – murmurou Michael.

Não voltara a casa desde que saíra de manhã. A última coisa que queria era estar presente e assistir ao desfile de pretendentes de Francesca.

– Assim foi. Ela é uma mulher adorável.

– Isso é – concordou Michael, satisfeito porque a bebida chegara finalmente.

E logo depois menos satisfeito quando percebeu que chegara dois minutos antes e ele já a bebera toda.

Trevelstam pigarreou.

– Certamente está ciente da minha intenção de a cortejar.

– Estou ciente disso agora. – Michael olhou para o copo, tentando determinar se teriam restado algumas gotas de *brandy*.

– Eu não sabia se o deveria informar a si ou ao irmão dela das minhas intenções.

Michael estava certo de que Anthony Bridgerton, o irmão mais velho de Francesca, seria bastante capaz de arrancar pela raiz quaisquer propostas de casamento inadequadas, mas mesmo assim disse:

– Basto eu.

– Bom, muito bom – murmurou Trevelstam, tomando um gole da sua bebida. – Eu...

– Trevelstam! – exclamou uma voz ribombante. – E o Kilmartin, também!

Era o grande e corpulento Lord Hardwick, se ainda não bêbado, também não exatamente sóbrio.

– Hardwick – cumprimentaram os dois homens à sua chegada.

Hardwick pegou numa cadeira, arrastando-a pelo chão até encontrar um lugar à mesa.

– Que bom ver-vos, que bom ver-vos – disse, sem fôlego. – Excelente noite, não acham?

Excelente. Realmente excelente, sem dúvida.

Michael não fazia ideia do que ele estava a falar, mas assentiu com a cabeça, ainda assim. Melhor isso do que perguntar-lhe o que é que ele queria dizer; Michael estava certo de que não teria paciência para ouvir a explicação.

– O Thistleswaite está ali a aceitar apostas sobre os cães da rainha e... Oh! Também ouvi falar de Lady Kilmartin. Boas conversas esta noite – disse ele, acenando com a cabeça em aprovação. – Boas conversas, de facto. Odeio quando isto está demasiado sossegado.

– E como vão os cães da rainha? – perguntou Michael.

– Fora do luto, pelo que sei.

– Os cães?

– Não, Lady Kilmartin! – exclamou Hardwick com uma gargalhada. – Eh, eh, eh. Essa foi boa, Kilmartin.

Michael fez sinal para que lhe trouxessem outra bebida. Ia precisar.

– Estava vestida de azul na outra noite, estava sim – disse Hardwick. – Toda a gente viu.

– E muito bonita – acrescentou Trevelstam.

– É verdade, é verdade – concordou Hardwick. – Uma boa mulher. Eu iria atrás dela se não estivesse já acorrentado a Lady Hardwick.

Graças a Deus, decidiu Michael.

– Ela esteve de luto pelo velho conde durante quanto tempo? – perguntou Hardwick. – Seis anos?

Como o «velho conde» tinha apenas vinte e oito anos na altura da sua morte, Michael achou o comentário um pouco ofensivo, mas não parecia fazer muito sentido tentar mudar o mau juízo e o mau comportamento de Lord Hardwick numa fase tão avançada da vida; a julgar pelo tamanho e vermelhidão da pele, era óbvio que estava capaz de cair para o lado a qualquer momento. De facto agora seria uma boa altura, se Michael tivesse sorte.

Lançou um olhar discreto para o outro lado da mesa. Ainda vivo.

Que chatice.

– Quatro anos – disse de forma sucinta. – O meu primo morreu há

quatro anos.

– Quatro, seis, não interessa – disse Hardwick com um encolher de ombros. – É muito tempo para as viúvas andarem de preto.

– Parece-me que ela já andava de luto aliviado há algum tempo – informou Trevelstam.

– Eh? A sério? – Hardwick tomou um gole da bebida e limpou a boca de forma bastante descuidada a um lenço. – Vai dar ao mesmo, se pensarmos bem. Ela não andava à procura de marido até agora.

– Não – concordou Michael, principalmente porque Hardwick tinha realmente parado de falar por alguns segundos.

– Os homens vão andar atrás dela como abelhas ao mel – previu Hardwick, arrastando o esse final de *abelhas*, até parecer terminar com quatro zês. – Abelhas ao mel, é o que vos digo. Toda a gente sabe que ela era muito dedicada ao velho conde. Toda a gente.

A bebida de Michael chegou. Graças a Deus.

– E não houve cheiro a escândalo ligado ao nome dela desde a morte dele – acrescentou Hardwick.

– Não houve, não senhor – reiterou Trevelstam.

– Não é como algumas das viúvas que andam por aí – continuou Hardwick, tomando outro gole da bebida. Riu-se de forma obscena e deu uma cotovelada a Michael. – Se é que me faço entender.

Michael limitou-se a beber.

– É como... – Hardwick inclinou-se, a papada balançando e acompanhando a expressão cada vez mais lasciva. – É como...

– Pelo amor de Deus, homem, diga lá de uma vez – resmungou Michael.

– Eh? – fez Hardwick.

Michael respondeu com uma carranca.

– Eu digo-vos como é – continuou Hardwick com um olhar malicioso. – É como receber uma virgem que já sabe o que fazer.

Michael fitou-o.

– O que é que acabou de dizer? – perguntou, com o ar mais calmo do mundo.

– Eu disse...

– Eu teria cuidado para não repetir, se fosse si – aconselhou Trevelstam rapidamente, lançando um olhar apreensivo à expressão mortífera de Michael.

– Eh?! Não é nenhum insulto – disse Hardwick, engolindo o resto da bebida. – Ela foi casada, portanto não é intocada, mas depois não andou aí...

– Cale-se *imediatamente* – vociferou Michael.

– Eh?! Só digo o que toda a gente diz.

– Não na minha presença – rosnou Michael. – Não, se prezam a própria saúde.

– Bem, é melhor do que dizer que ela não é como uma virgem – disse Hardwick com uma gargalhada. – Se é que me faço entender.

Michael lançou-se a ele.

– Pelo amor de Deus, homem! – gritou Hardwick, caindo ao chão. – Que diabo se passa consigo?

Michael não sabia exatamente como as suas mãos tinham chegado ao pescoço de Hardwick, mas percebeu que gostava de as ter lá.

– Não se atreva a pronunciar o nome dela novamente – sibilou. – Está a ouvir?

Hardwick assentiu freneticamente, mas o movimento cortou-lhe ainda mais o ar e as bochechas começaram a ficar roxas.

Michael soltou-o e levantou-se, esfregando as mãos uma na outra, como tentando limpar alguma imundice.

– Não vou tolerar que falem de Lady Kilmartin com tal desrespeito, estamos entendidos? – disse ele.

Hardwick assentiu. Um gesto repetido por um bom número de espectadores.

– Ainda bem – declarou Michael, decidindo que era um bom momento

para se ir embora.

Com sorte, Francesca já se teria deitado quando chegasse a casa. Ou isso ou teria saído. Qualquer coisa, desde que não tivesse de vê-la.

Caminhou em direção à saída, mas ao entrar no corredor, ouviu o seu nome ser pronunciado mais uma vez. Virou-se, perguntando-se que homem seria idiota o suficiente para o vir incomodar em tal estado.

Colin Bridgerton. O irmão de Francesca. Maldição.

– Kilmartin – cumprimentou Colin, o belo rosto ornamentado com o seu habitual meio sorriso.

– Bridgerton.

Colin fez um gesto leve para a mesa agora virada.

– Foi um espetáculo e peras.

Michael não respondeu. Colin Bridgerton sempre o irritara. Ambos partilhavam o mesmo tipo de reputação – a de malandro despreocupado. Mas, enquanto Colin era o queridinho das mães da sociedade, que se derretiam todas com o seu charme, Michael sempre fora (ou pelo menos era até passar a ser conde) tratado com um pouco mais de cautela.

Mas Michael há muito que suspeitava que havia um pouco mais de substância debaixo daquela capa de jovialidade de Colin; talvez fosse por serem tão semelhantes em muitos aspetos, mas Michael sempre temera que, se alguém fosse capaz de se aperceber da verdade dos seus sentimentos por Francesca, esse alguém seria Colin.

– Eu estava ali tranquilo a beber quando ouvi a confusão – disse Colin, apontando para uma sala privada. – Vem, junta-te a mim.

Michael apenas queria sair dali o mais depressa possível, mas Colin era irmão de Francesca, o que os tornava uma espécie de parentes, e que, por sua vez, exigia pelo menos um esforço de boas maneiras. Por isso cerrou os dentes e entrou na sala privada, com a intenção de tomar uma bebida e ir-se embora em menos de dez minutos.

– Uma noite agradável, não achas? – disse Colin, assim que Michael se sentou, fingindo estar confortável. – Tirando o Hardwick, claro. – Recostou-se na cadeira, com uma graciosidade descontraída. – Ele é uma besta.

Michael concordou com um ligeiro aceno, tentando não reparar que o irmão de Francesca o observava como sempre fazia, um olhar astuto cuidadosamente encoberto por um ar de inocência encantadora. Colin inclinou a cabeça ligeiramente para o lado, quase como se estivesse à procura do melhor ângulo para lhe perscrutar a alma, pensou Michael com cinismo.

– Ao diabo com tudo – murmurou Michael baixinho e tocou para chamar um empregado.

– O que disseste? – perguntou Colin.

Michael virou-se lentamente para o encarar.

– Queres outra bebida? – perguntou ele, tentando que as palavras saíssem o mais claras possível, considerando que tinha de as espremer por entre os dentes cerrados.

– Parece-me uma excelente ideia – respondeu Colin com toda simpatia e bom humor.

Michael não acreditou nem por um instante naquela fachada.

– Tens planos para o resto da noite? – quis saber Colin.

– Nenhuns.

– Por coincidência, eu também não – murmurou Colin.

Maldição. Mais uma vez. Seria realmente pedir muito só uma hora de sossego?

– Obrigado por defenderes a honra da Francesca – disse Colin em voz baixa.

O primeiro impulso de Michael foi rosnar que não precisava de agradecimentos; era responsabilidade dele, bem como de qualquer Bridgerton defender a honra de Francesca, mas os olhos verdes de Colin pareciam extraordinariamente perscrutadores naquela noite, por isso achou por bem aceitar com um aceno de cabeça apenas.

– A tua irmã merece ser tratada com respeito – disse, por fim, certificando-se que a voz saía suave e inexpressiva.

– Pois merece – concordou Colin, inclinando a cabeça.

As bebidas chegaram. Michael lutou contra a vontade de beber a sua

de um só gole, mas ainda assim, o trago que bebeu foi grande o suficiente para lhe queimar a garganta.

Colin, por outro lado, deixou escapar um suspiro de satisfação e recostou-se.

– Excelente *whisky* – comentou apreciativamente. – A melhor coisa da Grã-Bretanha, na verdade.

Ou uma delas, pelo menos. Não se consegue arranjar nada parecido em Chipre.

Michael murmurou apenas uma resposta. Pareceu-lhe que bastava.

Colin bebeu outro gole, saboreando claramente a bebida.

– Ahhh! – fez ele, pousando o copo na mesa. – Quase tão bom como uma mulher.

Michael resmungou novamente, levando o copo aos lábios.

Ato contínuo, Colin disse: – Devias casar com ela de uma vez, sabes disso, não sabes?

Michael quase se engasgou.

– Perdão?!

– Casar com ela – repetiu Colin com um encolher de ombros. – Não me parece complicado.

Provavelmente era esperar de mais que Colin estivesse a falar de outra pessoa que não Francesca, mas Michael decidiu espetar ainda mais a faca no próprio peito e, no tom mais frio que conseguiu, perguntou:

– A quem te referes, se posso perguntar?

Colin ergueu as sobrancelhas.

– Precisamos mesmo de entrar nesse jogo?

– Eu não me posso casar com a Francesca – balbuciou Michael.

– Porquê?

– Porque... – interrompeu-se. Havia uma centena de razões por que não podia casar com ela, nenhuma das quais podia dizer em voz alta.

Assim, respondeu apenas: – Ela foi casada com o meu primo.

– Tanto quanto sei, não há nada de ilegal nisso.

Não, mas havia tudo de imoral. Desejava Francesca há tanto tempo, amava-a há uma eternidade, ou assim lhe parecia, mesmo quando John ainda era vivo. Havia enganado o primo da forma mais vil possível; não iria agravar a traição roubando-lhe a mulher.

Isso seria completar o terrível círculo que o levava a ser o conde de Kilmartin, um título que nunca deveria ter sido dele. *Nada* daquilo deveria ter sido dele. E, à exceção das malditas botas que ele obrigara Reivers a atirar para o fundo do guarda-fatos, Francesca era a única coisa que restava de John que ele *não tinha* tornado sua.

A morte de John trouxera-lhe uma enorme riqueza. Dera-lhe poder, prestígio e o título de conde.

Se lhe desse Francesca também, como poderia agarrar-se ao fio de esperança de que não tinha de alguma forma, mesmo que apenas em sonhos, desejado que aquilo acontecesse?

Como poderia viver consigo mesmo, então?

– Ela tem de casar com alguém – sugeriu Colin.

Michael olhou para cima, ciente de ter permanecido embrenhado nos seus pensamentos durante algum tempo. E de que Colin estivera a observá-lo durante todo esse tempo. Encolheu os ombros, tentando manter uma expressão arrogante, mesmo desconfiando que não iria enganar o homem do outro lado da mesa.

– Ela vai fazer o que quiser – disse ele. – É o que sempre faz.

– Ela corre o risco de se precipitar – murmurou Colin. – Quer ter filhos enquanto é tempo.

– Ela ainda tem tempo.

– É verdade, mas pode pensar o contrário. E pode preocupar-se que os outros pensem que já é velha de mais, também. Afinal de contas, ela não concebeu com o teu primo. Bem, não com sucesso.

Michael teve de agarrar a ponta da mesa para não se levantar. Poderia ter tido Shakespeare ao seu lado para traduzir e ainda assim não seria capaz de explicar por que razão o comentário de Colin o enfurecia

tanto.

– Se ela se precipitar num casamento – acrescentou Colin, quase com irreverência –, pode acabar por escolher alguém que seja cruel para ela.

– A Francesca? – ironizou Michael. Talvez outra mulher cometesse esse erro, mas não a tua Francesca.

Colin encolheu os ombros.

– Pode acontecer.

– Mesmo que acontecesse – retorquiu Michael –, ela nunca se manteria num casamento assim.

– Que escolha teria?

– Estamos a falar da *Francesca* – disse Michael. O que realmente deveria explicar tudo.

– Suponho que tenhas razão – aceitou Colin, sorvendo a bebida. – Ela podia sempre refugiar-se em casa da família Bridgerton. Nós certamente nunca a forçaríamos a voltar para um cônjuge cruel. –

Pousou o copo na mesa e recostou-se. – Bom, mas também não vale a pena pormo-nos a discutir esta questão, não é?

Havia algo estranho na voz de Colin, algo escondido e provocador. Michael ergueu os olhos rapidamente, incapaz de resistir ao impulso de tentar encontrar na expressão do outro homem pistas para as suas intenções.

– E porquê? – questionou.

Colin tomou outro gole da bebida. Michael notou que o volume de líquido no copo parecia nunca descer.

Colin brincou com o copo uns momentos antes de levantar os olhos e fixá-los em Michael. Para qualquer outra pessoa, poderia parecer uma expressão branda, mas havia algo no olhar de Colin que fazia Michael ter vontade de se contorcer na cadeira. Eram afiados e penetrantes, e, embora diferentes na cor, possuíam o formato exato dos de Francesca.

Era arrepiante.

– Porque é que não vale a pena discutir a questão? – murmurou Colin

com ar pensativo. – Bem, porque evidenciaste de forma tão clara que não queres casar-te com ela.

Michael abriu a boca para replicar de imediato, mas fechou-a de repente quando se deu conta (com um choque considerável) que estivera prestes a dizer «É claro que quero!».

E queria.

Queria casar-se com ela.

Só achava que não seria capaz de viver com a própria consciência se o fizesse.

– Está tudo bem? – perguntou Colin.

Michael pestanejou.

– Perfeitamente, porquê?

A cabeça de Colin inclinou-se ligeiramente para o lado.

– Por um momento, pareceste... – Abanou a cabeça em negação. – Não é nada.

– O que foi, Bridgerton? – quase explodiu Michael.

– Surpreendido – disse Colin. – Parecias surpreendido. Foi estranho, pensei.

Meu Deus, mais um momento com Colin Bridgerton e o desgraçado desvendaria todos os segredos de Michael. Michael empurrou a cadeira para trás.

– Tenho de ir – anunciou abruptamente.

– Compreendo – disse Colin com jovialidade, como se toda a conversa tivesse versado cavalos e o tempo.

Michael levantou-se e despediu-se com um breve aceno de cabeça. Não era uma despedida muito amigável, considerando que eram uma espécie de parentes, mas era o melhor que Michael conseguia, dadas as circunstâncias.

– Pensa no que eu disse – murmurou Colin, quando Michael chegou à porta.

Michael soltou uma risada dura, empurrando a porta e saindo para o corredor. Como se

conseguisse pensar noutra coisa.

O resto da vida.

CAPÍTULO 13

...tudo aqui em casa está bem e Kilmartin prospera sob o comando de Francesca. Ela continua de luto pelo John, como todos nós, é claro, e, tenho a certeza de que tu também. Podias considerar escrever-lhe diretamente. Eu sei que ela sente a tua falta. Eu transmito-lhe todas as tuas histórias, mas estou certa de que lhas relatarias de uma forma diferente do que fazes à tua mãe.

De Helen Stirling para o filho, o conde de Kilmartin, dois anos após a sua partida para a Índia Oresto da semana passou num borrão extremamente irritante de flores, doces e uma exibição chocante de poesia, recitada em voz alta nos degraus de entrada da sua casa, recordou Michael com um arrepio.

Francesca, ao que parecia, suplantava todas as jovens debutantes. O número de homens a disputar-lhe a mão poderia não duplicar a cada dia, mas era certamente o que parecia a Michael, que estava constantemente a tropeçar em algum pretendente apaixonado no átrio.

Era suficiente para dar a um homem vontade de vomitar. De preferência em cima do pretendente apaixonado.

Obviamente também ele tinha as suas admiradoras, mas como não era de bom-tom uma senhora visitar um cavalheiro, ele geralmente só tinha de lidar com elas quando assim o decidia, e não quando elas insistiam em fazer visitas sem aviso prévio e sem mais motivo aparente do que comparar os olhos dele a...

Bom, ao que possivelmente se poderia comparar uns olhos cinzentos normais. Era uma analogia estúpida, apesar de Michael ter sido forçado a ouvir mais do que um homem recitar rapsódias aos olhos de Francesca.

Por amor de Deus, não teria nenhum deles um único pensamento original na cabeça? Já esquecendo o facto de *todos* fazerem menção aos seus olhos, pelo menos um deles poderia ter tido a criatividade de os comparar a algo diferente do que a água ou o céu.

Michael bufou de aversão. Qualquer um que dedicasse algum tempo a realmente olhar para os olhos de Francesca, teria percebido que eles possuíam uma cor única.

Como se o céu se lhes pudesse comparar.

Além disso, o enjoativo desfile de pretendentes de Francesca tornou-se ainda mais difícil de suportar devido à total incapacidade de Michael parar de pensar na sua conversa recente com o irmão dela.

Casar com Francesca? Nunca se permitira pensar em tal.

Mas agora ela agarrava-se a ele com um fervor e intensidade que o deixavam tonto.

Casar com Francesca. Meu Deus. Tudo nessa ideia era censurável.

Mas ele queria tanto.

Era um inferno observá-la, um inferno falar com ela, um inferno viver na mesma casa que ela.

Pensara que era difícil antes, amar alguém que nunca poderia ser seu, mas isto...

Isto era mil vezes pior.

Colin sabia.

Ele tinha de saber. Senão, porque teria sugerido tal ideia?

Michael agarrara-se à sua sanidade mental todos estes anos por uma simples razão: ninguém sabia que ele estava apaixonado por Francesca.

Só que, aparentemente, iria ser-lhe negado o último pingo de dignidade.

Agora Colin sabia, ou pelo menos suspeitava, e Michael não conseguia anular aquele sentimento de pânico que lhe crescia no peito.

Colin sabia, e Michael ia ter de fazer alguma coisa acerca disso.

Meu Deus, e se ele dissesse a Francesca? Essa dúvida era a que mais lhe ocupava a mente, ainda agora, ali nas margens do salão de baile dos Burwick, quase uma semana depois do seu encontro memorável com Colin.

– Ela está linda esta noite, não está?

Era a voz da mãe no seu ouvido; ele esquecera-se de fingir que não estava a olhar para Francesca.

Virou-se para Helen e fez uma pequena vénia em cumprimento.

– Mãe – murmurou.

– Não está? – insistiu Helen.

– Sim, claro – concordou, com a rapidez suficiente para que ela pensasse que estava apenas a ser educado.

– O verde combina com ela.

Tudo combinava com Francesca, mas não estava disposto a revelá-lo à própria mãe, por isso limitou-se a concordar com um aceno de cabeça e um murmúrio.

– Devias dançar com ela.

– Certamente – disse ele, bebendo um gole de champanhe. Ele *queria* marchar pelo salão de baile e retirá-la à força do meio da pequena multidão de admiradores chatos, mas não podia mostrar tanta emoção à frente da mãe. Então, concluiu com um: – *Depois* de terminar a minha bebida.

Helen contraiu os lábios.

– Nessa altura, o cartão de dança de Francesca certamente já estará preenchido. Devias ir agora.

Michael virou-se para a mãe e sorriu, exatamente o género de sorriso malandro criado para lhe afastar da mente tudo aquilo em que ela pudesse estar a cismar.

– Porque é que eu faria isso – perguntou, pousando a taça de champanhe numa mesa próxima –, quando posso dançar consigo?

– És um patife – disse Helen, mas não protestou quando ele a puxou para dançar.

Michael sabia que iria pagar caro por aquela decisão no dia seguinte; as matronas da sociedade já o cercavam a preparar o ataque, e não havia nada de que gostassem mais do que um libertino que mostrava adoração pela mãe.

A dança era animada, o que não permitia muita conversa. Mas por entre as curvas e contracurvas, inclinações e vênias da dança, ia vendo de relance Francesca, radiante no seu vestido cor de esmeralda. Ninguém parecia notar que ele a observava, o que lhe convinha muito bem, mas quando a música atingiu o penúltimo crescendo, Michael foi forçado a fazer uma volta final que o colocou de costas para ela.

E quando voltou à posição anterior, ela tinha desaparecido.

Ele franziu o sobrolho. Parecia-lhe estranho. Talvez tivesse ido à casa de banho, mas, como louco patético que era, observava-a atentamente há tempo suficiente para saber que ela o fizera há uns meros vinte minutos.

Terminou a dança com a mãe, despediu-se dela e dirigiu-se casualmente até ao lado norte do salão, onde tinha visto Francesca pela última vez. Teve de se mover rapidamente, para que ninguém conseguisse atacá-lo de surpresa. Mas manteve os ouvidos atentos enquanto atravessava a multidão.

No entanto, ninguém parecia estar a falar dela.

Quando chegou ao local onde ela tinha estado, reparou nas portas de sacada, que deviam dar para o jardim das traseiras. Estavam fechadas e as cortinas corridas; afinal era apenas abril, e não estava suficientemente quente para deixar entrar o ar da noite, mesmo com uma multidão de trezentas pessoas a aquecer o ambiente. Michael ficou instantaneamente desconfiado; já atraíra um número considerável de mulheres para jardins para não estar ciente do que podia acontecer a coberto da noite.

Deslizou para o exterior da casa com toda a discrição. Se Francesca se encontrava de facto no jardim das traseiras com um homem, a última coisa que queria era uma multidão atrás dele.

O barulho da festa parecia pulsar através das portas envidraçadas, mas apesar disso, a noite estava tranquila.

Então ouviu a voz dela.

E sentiu uma dor acutilante.

Ela soava feliz, percebeu, mais do que satisfeita por estar na companhia do homem que a atraía para a escuridão. Michael não conseguiu distinguir as palavras, mas ouviu-a rir. Um som musical e cristalino, que acabou num murmúrio coquete e lhe dilacerou a alma.

Michael pousou a mão na maçaneta da porta. Devia afastar-se. Ela não o queria ver.

Mas não conseguia, sentia-se preso ao chão.

Ele nunca, nunca, a espiara com John. Nem uma só vez se pusera a escutar uma conversa em que não era suposto estar incluído. Se por acaso isso acontecia, afastava-se imediatamente. Mas agora era diferente. Não conseguia explicar porquê, mas era diferente, e não foi capaz de obrigar os próprios pés a dar meia-volta.

Só mais um minuto, jurou a si mesmo. Apenas isso. Mais um minuto para se assegurar de que ela não estava num situação perigosa e...

– Não, não.

A voz de Francesca.

As orelhas dele arrebitaram e Michael deu alguns passos na direção da voz. Ela não parecia assustada, mas acabara de dizer *não*. Claro, podia estar a rir-se de alguma piada ou talvez de algum mexerico tolo.

– Eu tenho mesmo de... Não!

Não foi preciso mais nada para Michael agir.

*

Francesca sabia que não devia ter vindo para o jardim com Sir Geoffrey Fowler, mas ele tinha sido educado e encantador e ela estava a sentir-se um pouco acalorada no salão apinhado de gente. Uma decisão que nunca teria tomado como debutante solteira, mas das viúvas não era esperado um

comportamento semelhante e, além disso, Sir Geoffrey tinha dito que deixaria a porta entreaberta.

Tudo correria de maneira agradável durante os primeiros minutos. Sir Geoffrey fê-la rir, sentir-se bonita e era quase doloroso perceber o quanto sentira falta disso. Por isso deixara-se levar pelo momento, rindo e namoriscando. Queria sentir-se mulher novamente, talvez não

no sentido mais completo da palavra, mas... era assim tão repreensível apreciar a embriaguez arrebatadora de saber que era desejada?

Talvez estivessem todos apenas atrás do seu infame dote duplo, talvez pretendessem apenas a união com duas das mais notáveis famílias da Grã-Bretanha, afinal Francesca era tanto uma Bridgerton como uma Stirling. Mas durante uma só noite encantadora, ia permitir-se acreditar que era tudo sobre *ela*.

Mas, então, Sir Geoffrey aproximara-se. Francesca recuara tão discretamente quanto possível, mas ele deu mais um passo na sua direção, e depois outro, e, quando se deu conta, estava encostada a uma árvore enorme, com as mãos de Sir Geoffrey plantadas no tronco, de ambos os lados da sua cabeça e desconfortavelmente perto.

– Sir Geoffrey – disse Francesca, esforçando-se para manter a boa educação –, temo que tenha havido um mal-entendido. Será melhor regressarmos à festa agora.

Manteve a voz graciosa e amigável, não querendo provocar nele uma reação de que se arrependesse mais tarde.

A cabeça dele desceu mais uns centímetros em direção a ela.

– Porque iria eu querer fazer uma coisa dessas? – murmurou ele.

– Não, não – recusou ela, desviando-se para o lado quando ele chegou mais perto –, as pessoas vão dar pela minha falta. – Que diabo, ia ter de lhe pisar o pé com toda a força, ou pior, atacá-lo naquele sítio que os irmãos lhe tinham ensinado quando ainda era uma menina inexperiente. – Sir Geoffrey – disse, fazendo uma última tentativa de civilidade –, tenho mesmo de...

Foi então que aquela boca húmida, mole e totalmente indesejada pousou sobre a dela.

– Não! – conseguiu ela exclamar.

Mas ele estava determinado a esmagá-la com os lábios. Francesca torcia-se para um lado e para o outro, mas ele era mais forte do que ela imaginara e claramente não tinha nenhuma intenção de a deixar escapar. Ainda a debater-se, conseguiu manobrar a perna de maneira a poder acertar-lhe com o joelho na virilha, mas antes de o fazer, Sir Geoffrey pareceu... pura e simplesmente... desaparecer.

– Oh!

O som de perplexidade voou-lhe dos lábios involuntariamente. Ouviu uma agitação, um barulho repugnante e bastante parecido com nós de dedos a bater em carne e um grito sentido de dor. No momento em que Francesca tomou consciência do que estava a acontecer, já Sir Geoffrey se encontrava esparramado no chão, a praguejar com muita veemência, com um homem de grande porte a dominá-lo, a bota firmemente plantada no peito de Sir Geoffrey.

– Michael?! – exclamou Francesca, incapaz de acreditar no que via.

– Basta uma palavra tua – disse Michael numa voz que ela nunca imaginara poder cruzar-lhe os lábios – e esmago-lhe as costelas.

– Não! – respondeu Francesca a toda a pressa. Não se teria sentido culpada por dar uma joelhada a Sir Geoffrey entre as pernas, mas não queria que Michael *matasse* o homem.

E pela expressão no rosto de Michael, tinha a certeza absoluta de que o teria feito com prazer.

– Não é necessário – disse ela, aproximando-se de Michael, mas recuando de imediato quando viu

o brilho feroz nos seus olhos. – Hã, talvez pudéssemos pedir-lhe para se ir embora?

Michael ficou ainda um momento a fitá-la. Um olhar duro, com uma tal intensidade que a deixou de respiração suspensa. Em seguida, ele pressionou mais a bota contra o peito de Sir Geoffrey. Não muito, mas o suficiente para fazer o homem gemer de dor.

– Tens a certeza? – rosnou Michael.

– Sim, por favor, não há necessidade de o magoar – disse Francesca. Deus do céu, seria um verdadeiro pesadelo se alguém os apanhasse naquela situação. A reputação dela ficaria manchada e só Deus sabia o que diriam de Michael, por atacar um barão tão respeitado. – Eu não devia ter vindo aqui com ele – acrescentou.

– Não, não devias – concordou Michael com severidade –, mas isso não lhe dá o direito de te coagir desta maneira. – Num gesto repentino, tirou a bota do peito de Sir Geoffrey e levantou o homem trémulo em peso. Agarrando-o pelas lapelas, encostou-o à árvore e aproximou-se, ameaçador, até os dois ficarem quase nariz com nariz.

– Não é assim tão agradável ser encurralado, pois não? – escarneceu

Michael.

Sir Geoffrey não disse nada, limitando-se a olhá-lo aterrorizado.

– Tem alguma coisa a dizer a esta senhora?

Sir Geoffrey abanou a cabeça freneticamente, negando.

Michael fê-lo bater com a cabeça contra a árvore.

– Pense melhor! – rosnou.

– Peço desculpa! – guinchou Sir Geoffrey.

Parecia uma menina, pensou Francesca com toda a calma. Sabia que ele não daria um bom marido, mas aquilo encerrava a discussão.

No entanto, Michael ainda não estava completamente satisfeito.

– Se o senhor tiver o atrevimento de se aproximar de Lady Kilmartin novamente, prometo que o esventro com as minhas próprias mãos.

Francesca até se encolheu.

– Estamos entendidos? – vociferou Michael.

Outro guincho e desta vez Sir Geoffrey parecia prestes a chorar.

– Desapareça daqui – ordenou Michael, empurrando o homem aterrorizado para longe. – E

aproveitando o embalo, experimente sair da cidade durante pelo menos um mês.

Sir Geoffrey olhou para ele em estado de choque.

Michael ficou perigosamente parado, até que encolheu um dos ombros com ar insolente e acrescentou em tom baixo:

– Ninguém vai ter saudades.

Francesca percebeu que estava a sustentar a respiração. Ele parecia aterrorizador, mas também magnífico, e algo se agitou dentro dela ao perceber que nunca o vira assim.

Nunca sequer sonhara que ele pudesse *ser* assim.

Sir Geoffrey fugiu, atravessando o relvado e saindo pelo portão das

traseiras, deixando Francesca a sós com Michael; sozinha e, pela primeira vez desde que o conhecia, sem uma palavra a dizer.

Exceto, talvez – Sinto muito.

Michael virou-se para ela com uma ferocidade que quase a fez cambalear.

– Não peças desculpa – disse ele, cortante.

– Não, claro que não – disse ela –, mas eu devia ter pensado que...

– *Ela* é que devia ter pensado – retorquiu ele em tom feroz.

Era verdade, e Francesca não ia assumir a culpa de ser atacada, mas ao mesmo tempo, achou melhor não alimentar ainda mais a fúria de Michael, pelo menos para já. Nunca o vira daquela maneira. Na verdade, nunca tinha visto ninguém assim – possuído por uma ira tão furiosa que parecia prestes a estilhaçar-se em mil pedaços. Julgara que ele estava descontrolado, mas ao observá-lo agora, ali tão quieto que até lhe dava medo de respirar, percebeu que o oposto era verdade.

Michael agarrava-se ao seu autocontrolo como um torno a uma bancada; se não fosse assim, Sir Geoffrey estaria desfeito no chão agora.

Francesca abriu a boca para dizer mais, algo apaziguador ou até engraçado, mas viu-se muda, sem capacidade para mais do que fitá-lo, àquele homem que julgava conhecer tão bem.

Havia algo de quase hipnotizante naquele momento e não conseguia tirar os olhos dele. Ele respirava com dificuldade, obviamente ainda a esforçar-se para controlar a raiva, contudo notou com curiosidade que ele não estava totalmente *lá*. Parecia olhar para algum horizonte distante, a visão desfocada e parecia quase...

Em sofrimento.

– Michael? – sussurrou ela.

Nenhuma reação.

– Michael?

Desta vez, estendeu a mão e tocou-lhe; ele encolheu-se e virou-se numa chicotada tão rápida que ela cambaleou.

– O que foi? – perguntou ele com rispidez.

– Nada – gaguejou ela, sem saber o que pretendia dizer, nem saber sequer se *tinha* algo a dizer que não o nome dele.

Michael fechou os olhos um momento, depois abriu-os, esperando claramente que ela dissesse mais.

– Acho que é melhor eu ir para casa – anunciou Francesca.

A festa perdera todo o encanto; só lhe apetecia fechar-se no seu casulo, onde tudo era seguro e familiar.

Porque, de repente, Michael não era nem um nem outro.

– Eu apresento as tuas desculpas lá dentro – disse ele, tenso.

– Depois mando a carruagem de volta para ti e para as mães – acrescentou Francesca.

A última vez que reparou, Janet e Helen estavam a divertir-se bastante. Não queria interromper-lhes a noite.

– Acompanho-te até ao portão de trás ou preferes passar pelo salão de baile?

– O portão de trás, acho – respondeu ela.

Ele assim fez, acompanhando-a até à carruagem, a mão dele a queimar-lhe as costas durante todo o caminho. Mas quando chegou junto da carruagem, em vez de aceitar a ajuda dele para subir, encarou-o com uma pergunta repentina a queimar-lhe os lábios.

– Como sabias que eu estava no jardim? – perguntou.

Ele não disse nada. Ou talvez não tivesse tido a rapidez que ela desejava.

– Estavas a observar-me? – insistiu ela.

Os lábios dele curvaram-se, não exatamente num sorriso, nem mesmo num começo de sorriso.

– Eu estou sempre a observar-te – declarou ele em tom sombrio.

E ela ficou com *aquilo* a martelar-lhe na cabeça o resto da noite.

CAPÍTULO 14

...A Francesca disse que tinha saudades minhas? Ou a mãe é que deduziu?

Do conde de Kilmartin para a mãe, Helen Stirling, dois anos e dois meses após a sua partida para a Índia Três horas mais tarde, Francesca estava sentada no seu quarto de Kilmartin House quando ouviu Michael entrar. Janet e Helen tinham voltado para casa um pouco mais cedo, e quando Francesca as encontrara (um tanto de propósito) no corredor, elas informaram-na de que Michael decidira prolongar a noite com uma ida ao clube.

Muito provavelmente para *a* evitar, decidiu, embora não houvesse razão para ele esperar vê-la a uma hora tão tardia. Ainda assim, Francesca deixara o baile naquela noite com a distinta impressão de que Michael não desejava a sua companhia. Ele havia defendido a sua honra com toda a bravura e ímpeto de um verdadeiro herói, mas só conseguia sentir que o fizera quase com relutância, como se fosse algo que *tinha* de fazer, não algo que queria fazer.

E pior ainda, que ela era alguém cuja companhia ele era obrigado a suportar, e não a amiga querida que ela sempre achara ser.

Isso doía, percebeu.

Francesca prometera a si mesma que, quando regressasse a casa, não faria nada. Iria só ficar à escuta dos passos dele a atravessar o corredor até ao quarto. (Era franca o suficiente consigo mesma para admitir que não estava acima, ou antes, que era fundamentalmente incapaz de resistir a escutar às escondidas.) Depois iria correr até à pesada porta de carvalho que ligava os dois quartos (trancada de ambos os lados desde que ela regressara de casa da mãe; não que tivesse receio de Michael, mas decoro era decoro) e ficar à escuta mais alguns minutos.

Não fazia ideia do que iria ouvir, nem porque sentia necessidade de ouvir os passos dele a deambular pelo quarto, mas simplesmente tinha de o fazer. Algo havia mudado naquela noite. Ou talvez nada tivesse mudado, o que poderia ser pior. Seria possível que Michael nunca tivesse sido o homem que ela julgara ser? Poderia ela ter estado tão próxima dele durante tanto tempo, contando-o como um dos seus

amigos mais queridos, mesmo quando estiveram afastados, e ainda não o *conhecer*?

Nunca sonhara que Michael pudesse guardar segredos dela. Logo *dela*! De todos os outros, talvez, mas não dela.

Isso fazia-a sentir-se bastante confusa e desalinhada. Quase como se alguém tivesse chegado a Kilmartin House e enfiado um monte de tijolos debaixo da parede sul, deixando o mundo com uma inclinação ébria. Não importava o que fizesse, não importava o que pensasse, sentia-se sempre a deslizar. Para onde, não sabia, mas não se atreveu a arriscar um palpite.

O terreno já não lhe era firme debaixo dos pés, isso era certo.

O quarto dela ficava virado para a frente de Kilmartin House, e quando estava tudo sossegado, Francesca conseguia ouvir a porta de entrada fechar-se, desde que a pessoa o fizesse com força suficiente. Não precisava de a bater, mas...

Bem, qualquer que fosse a firmeza necessária, era evidente que Michael estava a exercê-la, porque ela ouviu o som oco revelador, seguido de um ruído baixo de vozes, provavelmente Priestley a conversar com ele enquanto lhe levava o casaco.

Michael estava em casa, o que significava que ela podia finalmente ir para a cama e, pelo menos, fazer de conta que dormia. Ele estava em casa, o que significava que era hora de dar a noite por encerrada. Devia esquecer tudo, seguir em frente, talvez fingir que nada tinha acontecido...

Mas quando ouviu os passos dele a subir as escadas, fez a única coisa que nunca esperaria fazer...

Abriu a porta e saiu para o corredor.

Não fazia ideia do que estava a fazer. A mais pequena ideia. No momento em que os seus pés descalços tocaram o tapete do corredor, ela estava tão chocada com as próprias ações que se viu um tanto petrificada e sem ar.

Michael parecia exausto. E incrédulo. E lindo de parar o coração, o plastrão ligeiramente frouxo e o cabelo preto retinto caindo em madeixas onduladas sobre a testa. O que a deixou a pensar... quando é que começara a reparar na beleza dele? Sempre soubera que era bonito, mas num sentido abstrato, nunca fora uma consciência real.

Mas agora...

Ficou de respiração suspensa. Agora, a beleza dele parecia encher o ar ao seu redor, rodopiar-lhe pela pele, provocando-lhe calor e calafrios, tudo ao mesmo tempo.

– Francesca – disse Michael, o nome mais uma indicação de cansaço do que de qualquer outra coisa.

E é claro que ela não tinha nada para dizer. Era tão fora do normal agir daquela maneira, precipitar-se a fazer algo sem o ter previamente pensado, mas a verdade é que não se sentia particularmente normal essa noite. Estava inquieta, confusa, e o único pensamento que teve (se é que teve algum) antes de sair para o corredor fora que tinha de o *ver*. Apenas um vislumbre e talvez ouvir-lhe a voz. Se pudesse convencer-se de que ele realmente *era* a pessoa que ela julgara conhecer, então talvez ela ainda fosse a mesma pessoa, também.

Porque ela não se sentia a mesma.

E isso deixava-a sem chão.

– Michael – respondeu, encontrando finalmente a voz. – Eu... Boa noite!

Ele fitou-a, erguendo uma sobrancelha ante a sua declaração particularmente sem sentido.

Ela aclarou a garganta.

– Eu queria assegurar-me de que estavas... hã... bem.

O fim da frase soou fraco, até mesmo para os seus ouvidos, mas foi o melhor advérbio que conseguiu encontrar tão em cima da hora.

– Estou bem – assegurou ele com a voz rouca. – Cansado.

– É claro – disse ela. – Claro, claro.

Ele sorriu, um gesto totalmente sem humor.

– Claro.

Francesca engoliu em seco, tentou sorrir, mas saiu forçado.

– Eu não te agradeci – começou.

– Por quê?

– Por teres ido em meu auxílio – respondeu ela, pensando que deveria ser óbvio. – Eu teria... bom, eu ter-me-ia defendido. – Ao olhar irónico dele, acrescentou, um tanto na defensiva: – Os meus irmãos ensinaram-me como.

Michael cruzou os braços e olhou para ela de uma forma vagamente paternalista.

– Nesse caso, tenho a certeza de que o terias transformado num soprano em dois tempos.

Ela apertou os lábios, contrariada.

– Independentemente disso – continuou, decidindo não fazer comentários ao sarcasmo –, foi um alívio não ter de, hã... – Ela corou. Oh, Deus, odiava corar.

– De lhe dar uma joelhada nas joias da família? – terminou Michael em tom prestativo, um canto da boca curvando-se num sorriso zombeteiro.

– Isso mesmo – concordou de má vontade, convencida de que o seu rosto tinha passado de cor-derosa diretamente para carmesim, ignorando todos os tons de rosa, fúcsia e vermelho intercalares.

– Não tens de quê – disse ele abruptamente, com um aceno de cabeça indicativo de fim de conversa. – Agora, se me dás licença...

Fez menção de se dirigir para a porta do seu quarto, mas Francesca não estava pronta para terminar a conversa (e só o próprio diabo sabia porquê).

– Espera! – exclamou ela, engolindo em seco quando percebeu que agora ia ter de *dizer* alguma coisa.

Ele deu meia-volta, lentamente e com uma estranha ponderação.

– Sim?

– Eu... eu só...

Ele esperou enquanto ela gaguejava, até finalmente dizer:

– Não pode esperar até amanhã?

– Não! Espera! – E desta vez ela estendeu a mão e agarrou-lhe o braço.

Ele congelou.

– Porque estás tão zangado comigo? – sussurrou ela.

Michael limitou-se a abanar a cabeça, como se não pudesse acreditar na pergunta. Mas não tirou os olhos da mão dela no seu braço.

– Do que estás a falar? – perguntou.

– Porque estás tão zangado comigo? – repetiu ela, percebendo que nem sabia que se sentia assim até as palavras lhe escaparem dos lábios. Mas alguma coisa não estava bem entre eles e ela tinha de saber porquê.

– Não sejas ridícula – murmurou ele em resposta. – Eu não estou zangado contigo. Estou apenas cansado e quero-me deitar.

– Estás, sim. Tenho a certeza de que estás. – O tom dela crescia de convicção. Agora que o dissera, sabia que era verdade. Ele tentava escondê-lo, e tornara-se bastante bom a pedir desculpa quando isso vinha ao de cima, mas havia raiva dentro dele, e era dirigida a ela.

Michael colocou a mão sobre a dela. Francesca quase se engasgou com o calor do contacto, mas ele limitou-se a retirar a mão dela do seu braço e a deixá-la cair.

– Eu vou dormir – anunciou.

Virando-lhe as costas, começou a afastar-se.

– Não! Não podes ir!

Ela correu atrás dele, sem pensar, sem qualquer prudência...

E entrou no quarto de Michael.

Se ele não estava zangado antes, ficou agora.

– O que estás a fazer? – exigiu saber.

– Não podes simplesmente dispensar-me – protestou ela.

Ele fitou-a, inflexível.

– Estás no meu quarto – disse em voz baixa. – Sugiro que saias.

– Não até me explicares o que está a acontecer.

Michael manteve-se completamente imóvel. Cada músculo petrificado, numa postura dura e rígida, e ainda bem, porque se ele se permitisse mover, se se sentisse capaz disso, ter-se-ia lançado sobre ela. E sabe-se lá o que faria quando a agarrasse.

Fora empurrado até ao limite. Primeiro pelo irmão dela, depois por Sir Geoffrey e agora por Francesca, ali na frente dele sem perceber nada.

O mundo dele tinha sido virado do avesso por uma única sugestão.

Porque não te casas com ela?

Oscilava diante dele como uma maçã madura, uma possibilidade perversa que ele não tinha o direito de agarrar.

John, martelava a sua consciência. *John. Lembra-te do John.*

– Francesca – começou ele, a voz dura e controlada –, já passa da meia-noite e estás no quarto de um homem com quem não és casada. Sugiro que saias.

Mas ela não o fez. Raios, nem sequer se mexeu. Ficou ali, a menos de um metro da porta ainda aberta, a olhar para ele como se nunca o tivesse visto antes.

Ele tentou não reparar que o cabelo dela estava solto. Tentou não ver que ela estava com a roupa de dormir. Era recatada, sim, mas também era feita para ser removida, e o olhar dele não parava de descer para a bainha de seda, que lhe roçava o peito do pé, permitindo-lhe uma visão tentadora dos dedos dos pés.

Meu Deus, estava a olhar-lhe para os dedos dos pés. Os *dedos dos pés*. A que ponto chegara a sua vida?

– Porque estás zangado comigo? – perguntou ela novamente.

– Não estou – retorquiu ele. – Só quero que te ponh... – Conteve a má-criação no último instante. –

Que saias do meu quarto.

– É porque quero voltar a casar? – perguntou ela, a voz embargada pela emoção. – É isso?

Ele não sabia o que responder, por isso limitou-se a olhar para

Francesca.

– Achas que estou trair o John – disse ela em tom acusador. – Achas que eu devia passar o resto dos meus dias de luto pelo teu primo.

Michael cerrou os olhos.

– Não, Francesca – disse ele, cansado –, eu nunca...

Mas ela já não o ouvia.

– Achas que não lamento tê-lo perdido? – perguntou. – Achas que não penso nele todos os dias?

Achas que me sinto *bem* em saber que casar-me novamente será um insulto ao sacramento?

Ele observou-a. Respirava com dificuldade, dominada pela raiva e talvez pela dor também.

– O que eu tinha com o John – continuou ela, o corpo inteiro a tremer agora –, não vou encontrar

com nenhum dos homens que me mandam flores. Sinto como se fosse uma profanação, uma profanação egoísta considerar sequer casar-me novamente. Se não desejasse tanto um bebé... se este *maldito* desejo não fosse tão...

Parou de falar, talvez pela emoção se tornar avassaladora, talvez apenas pelo choque de ter praguejado em voz alta. Ficou ali, a pestanejar, os lábios entreabertos e trémula, como se pudesse quebrar-se em mil pedaços a um simples toque.

Ele devia ter sido mais solidário. Devia ter tentado confortá-la. E teria feito as duas coisas, se estivessem em qualquer outro aposento que não o seu quarto. Mas assim, tudo o que conseguiu fazer foi tentar controlar a respiração.

E controlar-se a si próprio.

Ela olhou-o com aqueles olhos azuis imensos de fazer parar o coração, mesmo à luz das velas.

– Tu não compreendes – disse ela, virando-se de costas e caminhando até junto de uma cómoda.

Inclinou-se pesadamente contra ela, os dedos agarrando a madeira

com força. – Tu simplesmente não compreendes – sussurrou, ainda de costas voltadas para ele.

De alguma forma aquilo foi a gota de água. Ela entrara de rompante, a exigir respostas a perguntas que não compreendia, invadira-lhe o quarto, levava-o ao limite e agora ia simplesmente *dispensá-lo*?

Virar-lhe as costas e dizer que *ele* não compreendia?

– Não compreendo o quê? – perguntou, pouco antes de atravessar o quarto. Os passos foram silenciosos mas rápidos e, de repente, estava mesmo atrás dela, perto o suficiente para tocar, perto o suficiente para agarrar aquilo que queria e...

Ela virou-se.

– Tu...

E então parou. Não emitiu um único som. Nada, exceto encontrar os olhos dele e ali ficar.

– Michael? – sussurrou, por fim.

Ele não sabia o significado daquela palavra. Era uma pergunta? Uma súplica?

Ela ficou ali, imóvel, como único som a respiração que lhe cruzava os lábios. E os olhos postos no rosto dele.

Michael sentiu um formigueiro nos dedos. O corpo a queimar. Ela estava perto. Nunca estivera tão perto. E se ela fosse qualquer outra pessoa, ele teria jurado que ela queria ser beijada.

Os lábios estavam entreabertos, os olhos turvos. E o queixo parecia inclinar-se para cima, como se à espera, desejando, imaginando quando é que ele finalmente se curvaria para lhe selar o destino.

Sentiu-se dizer alguma coisa. O nome dela, talvez. O peito foi ficando apertado e o coração batia forte; de repente, o impossível tornou-se o inevitável, e ele percebeu que desta vez não iria parar.

Desta vez não se tratava de autocontrolo ou sacrifício ou culpa.

Desta vez, era por ele.

E ele ia beijá-la.

Quando ela pensou sobre isso mais tarde, a única desculpa que conseguia arranjar era que não sabia que ele estava mesmo atrás dela. O tapete era macio e espesso, e ela não tinha ouvido os passos de Michael acima do rugido do sangue nos seus ouvidos. Não sabia de nada disso, *não poderia* saber, porque senão *nunca* se teria virado, com a intenção de o silenciar com algum comentário mordaz. Ia dizer algo horrível e ofensivo, com o propósito de o fazer sentir-se mal e

culpado, mas quando se virou...

Ele estava mesmo ali.

Perto, tão perto. A uns meros centímetros. Há anos que ninguém estava tão perto dela, e nunca, *nunca* Michael.

Não conseguiu falar, não conseguiu pensar, não conseguiu fazer nada além de respirar e fitar aquele rosto, percebendo com uma intensidade avassaladora o quanto queria que ele a beijasse.

Michael.

Meu Deus, ela desejava Michael.

Foi como uma faca a trespassá-la. Não devia sentir aquilo. Não devia desejar *ninguém*. Mas Michael...

Ela devia ter-se ido embora. Maldição, devia ter fugido a sete pés. Mas alguma coisa a firmara ao chão. E não conseguiu tirar os olhos dos dele, apenas humedeceu os lábios e, quando as mãos dele pousaram nos seus ombros, aceitou sem protesto.

Nem sequer se mexeu.

E talvez até se tenha inclinado um pouco, algo dentro dela reconhecendo o momento, a dança sutil entre homem e mulher.

Há muito tempo que não se deixava inclinar para um beijo, mas, aparentemente, algumas coisas o corpo nunca esquecia.

Ele tocou-lhe no queixo, erguendo-lhe o rosto apenas uma fração de centímetro.

Ainda assim, ela não disse não.

Fitou-o, humedeceu os lábios e esperou...

Esperou o momento, o primeiro toque, porque, por mais terrível e errado que fosse, ela sabia que seria perfeito.

E foi.

Os lábios dele roçaram os seus numa carícia leve e suave. Era o tipo de beijo que seduzia pela sutileza, provocando-lhe arrepios pelo corpo todo, deixando-a desesperada por mais. Algures nos cantos mais nebulosos da sua mente, ela sabia que era indecoroso, que era mais do que indecoroso, que era uma loucura. Mas não conseguiria escapar, nem que o próprio fogo do inferno a perseguisse.

Estava hipnotizada, paralisada por aquele toque. Não conseguia forçar-se a fazer outro movimento, a convidá-lo de qualquer outra forma que não com o oscilar suave do seu corpo, mas também não fez qualquer tentativa para romper o contacto.

Apenas esperou, de respiração suspensa, que ele fizesse algo mais.

E ele fez. A mão de Michael encontrou o fundo das suas costas e espalhou-se ali, os dedos uma tentação de calor inebriante. Ele não a puxou exatamente para si, mas a pressão estava lá, e o espaço entre ambos foi-se esfumando até ela sentir o suave roçar do traje de noite dele através da seda do robe.

E sentiu a subida da temperatura no seu próprio corpo. Como lava líquida.

Sentiu-se pecaminosa.

Os lábios dele tornaram-se mais exigentes e os dela entreabriram-se, permitindo-lhe uma maior exploração. Ele aproveitou a oferta, a língua mergulhando numa dança perigosa, provocadora e tentadora, aticando-lhe o desejo até ela sentir as pernas fracas e não ter outra escolha senão agarrar-se aos braços dele para o abraçar, para o tocar voluntariamente, para lhe mostrar que estava naquele beijo, que também participava.

Que queria aquilo.

Ele murmurou o seu nome, a voz rouca de desejo e ânsia e algo mais, algo sofrido, mas Francesca só conseguia agarrar-se a ele e deixá-lo beijá-la, e que Deus a ajudasse, beijá-lo também.

A mão dela subiu-lhe até ao pescoço, deleitando-se com o calor suave daquela pele. Ele usava agora o cabelo um pouco mais comprido e ela

sentiu-o enrolar-se-lhe nos dedos, espesso e... Oh, Deus, como queria afundar-se nele.

A mão de Michael nas costas dela começou a subir, deixando um rasto de fogo por onde passava.

Os dedos acariciaram-lhe o ombro, deslizaram pelo braço e, em seguida, encontraram o peito.

Francesca imobilizou-se.

Mas Michael estava demasiado perdido para perceber; tocou-lhe num seio e gemeu de forma audível quando pôs a mão em concha.

– Não – sussurrou ela.

Aquilo era de mais, era demasiado íntimo.

Era demasiado... *Michael*.

– Francesca – murmurou ele, os lábios deslizando ao longo da face até à orelha.

– Não – disse ela, libertando-se. – Eu não posso.

Não queria olhar para ele, mas não podia deixar de o fazer. E quando o fez, arrependeu-se.

O queixo dele estava ligeiramente descido, acompanhando a inclinação do rosto, mas Michael ainda a fitava com olhos lancinantes e intensos.

E ela sentiu-se queimada.

– Eu não posso fazer isto – sussurrou.

Ele não disse nada.

As palavras vieram mais rápidas, mas pouco diversificadas.

– Eu não posso. Não posso. Não posso... eu... eu...

– Então vai – disse ele, num tom cortante. – Agora.

Ela fugiu.

Fugiu para o quarto e, no dia seguinte, fugiu para casa da mãe.

E no dia a seguir, fugiu para a Escócia.

CAPÍTULO 15

...Fico contente que a tua vida esteja a prosperar na Índia, mas gostaria que considerasses voltar para casa. Todos nós sentimos a tua falta, e não te esqueças de que tens responsabilidades que não consegues assumir de tão longe.

De Helen Stirling para o filho, o conde de Kilmartin, dois anos e quatro meses após a sua partida para a Índia Francesca sempre fora capaz de mentir muito bem e ainda melhor quando podia evitar o contacto frente a frente e fazê-lo por escrito, refletiu Michael ao ler a breve carta que ela deixara a Helen e Janet justificando a sua partida.

Uma emergência que exigia a sua atenção imediata tinha surgido em Kilmartin, escrevera Francesca, passando a descrever o surto de uma febre eruptiva nas ovelhas com um detalhe admirável. Pedia para que não se preocupassem, que estaria de volta em breve, e prometia trazer alguns frascos da esplêndida compota de framboesa da cozinha de lá, que, como todos sabiam, era inigualável a qualquer outra feita em Londres.

Não importava que Michael nunca tivesse ouvido falar de uma ovelha que tivesse contraído febre eruptiva, nem de qualquer outro animal de criação, já agora. Curioso, onde é que as ovelhas apresentariam as manchas da febre?

Foi tudo muito engenhoso e muito fácil, e Michael perguntou-se se Francesca não teria mesmo arranjado maneira de Janet e Helen estarem fora da cidade durante o fim de semana apenas para poder escapulir-se sem ter de se despedir pessoalmente.

Sim, porque *aquilo* era uma fuga. Não havia dúvidas. Michael não acreditou por um minuto que houvesse uma emergência em Kilmartin. Se esse fosse o caso, Francesca teria sentido o dever de o informar. Ela podia administrar a propriedade há anos, mas ele era o conde, e ela não era do tipo de usurpar ou minar a sua posição agora que Michael estava de volta.

Além disso, ele tinha-a beijado; mais do que isso, tinha visto a

expressão dela depois de a ter beijado.

Se ela pudesse ter fugido para a Lua, tê-lo-ia feito.

Janet e Helen não pareceram muito preocupadas por ela ter ido, embora não parassem de dizer o quanto sentiam falta da companhia dela.

Quanto a Michael, passava horas sentado no seu escritório, a pensar em métodos de autoflagelação.

Ele tinha-a beijado. *Beijado.*

Não era a melhor maneira de agir para um homem que tentava esconder os verdadeiros sentimentos, pensou com ironia.

Há seis anos que a conhecia. Seis anos, a manter tudo sob a superfície, desempenhando o seu papel na perfeição. Seis anos, e arruinara tudo com um simples beijo.

Embora o beijo não tivesse tido nada de simples.

Como era possível um beijo ser capaz de exceder cada uma das suas fantasias? E com seis anos para fantasiar, imaginara beijos verdadeiramente notáveis.

Mas aquilo... era mais. Era melhor. Era...

Era Francesca.

Curioso como esse facto mudava tudo. Um homem podia pensar numa mulher todos os dias, durante anos, imaginar a sensação de tê-la nos braços, mas nunca, nunca se comparava à realidade.

O resultado era que agora estava pior do que nunca. Sim, beijara-a; sim, tinha sido o beijo mais espetacular da sua vida.

Mas também, sim, estava tudo acabado.

E não iria voltar a acontecer.

Agora que finalmente se tornara real, agora que tivera o gosto da perfeição, a agonia era maior do que nunca. Agora ele sabia exatamente o que estava a perder; compreendia com uma clareza torturante o que nunca seria dele.

E nada jamais seria igual.

Nunca mais seriam amigos. Francesca não era o tipo de mulher capaz de encarar um momento de intimidade de ânimo leve. E como detestava constrangimentos de qualquer natureza, iria envidar todos os esforços para evitar a presença dele.

Maldição! Ela fugira para a Escócia só para se ver livre dele. Uma mulher não podia mostrar a sua opinião de forma mais clara do que essa.

E o bilhete que lhe deixara... bem, era muito menos loquaz do que o que deixara a Janet e Helen.

Foi um engano. Perdoa-me.

Por que diabo pensava ela que precisava de perdão estava para além do seu entendimento. *Ele* tinha-a beijado . Podia ter sido ela a tomar a iniciativa de entrar no quarto dele contra a sua vontade, mas Michael era homem suficiente para saber que ela não o fizera na esperança de que ele a atacasse. Estava apenas preocupada porque o julgava zangado com ela, pelo amor de Deus.

Francesca agira precipitadamente, mas só porque se importava com ele e valorizava a amizade de ambos.

E agora até isso ele tinha conseguido arruinar.

Ainda não sabia bem como tudo tinha acontecido. Estava a olhar para ela; não conseguia tirar os olhos dela. O momento estava-lhe cauterizado na mente – o robe de seda rosa, a forma como dedos dela se contraíram ao falar com ele. O cabelo solto, caindo-lhe em cascata sobre um ombro e os olhos enormes e húmidos de emoção.

E então ela virou-lhe as costas.

Foi aí que aconteceu. Foi quando tudo mudou. Algo emergiu dentro dele, algo impossível de identificar, e os seus pés avançaram. Sem saber como, viu-se do outro lado do aposento, a meros centímetros de distância, perto o suficiente para tocar, perto o suficiente para arrebatá-lo.

Foi então que ela se virou.

E ele ficou perdido.

Não havia como readquirir o controlo ou escutar a razão. Quaisquer que tivessem sido as amarras que tinham mantido o desejo dele preso durante tantos anos, elas simplesmente evaporaram e ele teve de a beijar.

Fora tão simples quanto isso. Nenhum poder de decisão estivera envolvido, nenhum livre-arbítrio.

Talvez se ela tivesse dito não, talvez se ela tivesse recuado e se afastado. Mas não fizera nada disso; simplesmente ficara ali, à espera, a respiração como único som entre eles.

Teria ela ficado à espera do beijo? Ou teria ficado à espera que ele recuperasse a razão e se afastasse?

Nada disso importava agora, pensou bruscamente, amassando uma folha de papel entre os dedos. O

chão à volta da secretária estava agora pejado de folhas de papel amassado. O humor dele era destrutivo e as folhas eram alvos fáceis.

Pegou num cartão branco creme pousado na base protetora da secretária e olhou para ele antes de preparar os dedos para mais uma matança. Era um convite.

Interrompeu o movimento e lançou-lhe um olhar mais atento. Era para aquela noite e ele provavelmente tinha aceitado. Tinha a certeza de que Francesca planeava ir; a anfitriã era uma amiga dela de longa data.

Talvez devesse arrastar o seu ser patético para o andar de cima e vestir-se para a noite. Talvez devesse sair e arranjar uma esposa. Provavelmente não o curaria daquilo que o afligia, mas mais cedo ou mais tarde teria de o fazer. E devia ser melhor para a alma do que ficar ali sentado à secretária a beber.

Levantou-se e leu novamente o convite. Suspirou. Realmente não queria passar a noite a conviver com uma centena de pessoas que iriam perguntar-lhe por Francesca. Com a sorte que tinha, os Bridgerton estariam na festa, ou pior, as mulheres Bridgerton, que eram terrivelmente parecidas, com os seus cabelos castanhos e sorrisos amplos. Nenhuma delas se comparava a Francesca, claro; as irmãs eram quase exageradamente simpáticas, alegres e extrovertidas. Não tinham a aura de mistério de Frannie, o brilho irónico que lhe coloria os olhos.

Não, ele não queria passar a noite entre gente educada.

Então decidiu tratar do problema como fizera tantas outras vezes.

Arranjando uma mulher para passar a noite.

Três horas mais tarde, Michael estava na porta de entrada do clube, com um humor terrivelmente bilioso.

Tinha ido à La Belle Maison, que, no fundo, não passava de um bordel, mas que de entre os bordéis era bastante elegante e discreto e no qual se podia confiar que as mulheres eram asseadas e que estavam ali voluntariamente. Michael tinha sido um convidado ocasional durante os anos que vivera em Londres; a maioria dos homens que conhecia havia visitado La Belle, como gostavam de lhe chamar, numa ou outra altura da vida. Até John lá tinha ido, antes de se casar com Francesca.

Fora recebido com grande cordialidade pela madame, tratado como um filho pródigo. Ele tinha uma boa reputação, como ela fizera questão de explicar, e tinham sentido falta da presença dele. As mulheres sempre o adoraram, comentando com frequência que ele era um dos poucos que parecia preocupar-se com o prazer delas, e não só com o seu.

Por alguma razão, a lisonja apenas lhe deixou um sabor amargo na boca. Não se sentia um amante notável naquele momento; estava farto da sua reputação de libertino e, para ser franco, não se importava muito se agradava a alguém ou não naquela noite. Só queria uma mulher capaz de lhe

deixar a mente delirantemente em branco, mesmo que por uns escassos minutos.

Tinham a rapariga certa para ele, arrulhou a madame. Era nova e muito requisitada, e ele iria adorá-la. Michael limitara-se a encolher os ombros, deixando-se levar até junto de uma beldade loira e delicada que lhe foi assegurado ser «a melhor».

O gesto de lhe estender a mão fora logo interrompido. Ela não servia. Era demasiado loira. Ele não queria uma loira.

Muito bem, foi-lhe dito, e ato contínuo surgiu uma morena deslumbrante.

Demasiado exótica.

Uma ruiva?

Completamente errado.

E lá foram surgindo, uma após outra, mas eram ou muito jovens ou muito velhas ou muito roliças ou muito franzinas, até que, por fim, escolheu uma aleatoriamente, decidido a simplesmente fechar os malditos olhos e acabar logo com aquilo.

Aguentou-se dois minutos.

A porta tinha-se fechado atrás dele e Michael sentiu-se logo mal, quase em pânico, e deu-se conta de que não iria conseguir.

Não conseguia fazer amor com uma mulher. Era terrível. Castrador. Que inferno, mais valia ter agarrado numa faca e feito de si mesmo um eunuco.

Antes, retirava prazer das mulheres para esquecer *uma* mulher. Mas agora que a tinha saboreado, mesmo sendo apenas um beijo fugaz, estava arruinado.

Por isso decidira vir ali ao clube, onde não tinha de se preocupar em ver ninguém do sexo feminino. O objetivo era limpar o rosto de Francesca da sua mente, e estava bastante esperançoso de que o álcool funcionasse onde as deliciosas meninas da La Belle Maison tinham falhado.

– Kilmartin.

Michael levantou os olhos. Colin Bridgerton.

Maldição!

– Bridgerton – resmungou ele em cumprimento.

Irre, mil vezes irre! Colin Bridgerton era a última pessoa que queria ver agora. Até o fantasma de Napoleão a aparecer do além e a rasgar-lhe a garganta com um florete teria sido preferível.

– Senta-te – convidou Colin, apontando para a cadeira em frente.

Não havia maneira de escapar; podia ter mentido e dito que vinha encontrar-se com alguém, mas, mesmo assim, não tinha desculpa para não se sentar com Colin e tomar uma bebida rápida enquanto esperava. Sem saída, Michael cerrou os dentes e sentou-se, esperando que Colin tivesse outro compromisso que exigisse a sua presença daí a

uns... três minutos.

Colin pegou no seu copo e observou-o com diligência curiosa, fazendo depois rodar o líquido âmbar várias vezes antes de beber um pequeno gole.

– Soube que a Francesca voltou para a Escócia.

Michael respondeu com um murmúrio e um aceno de cabeça.

– Surpreendente, não achas? Com a temporada ainda tão no começo.

– Não tenho a pretensão de saber o que ela pensa.

– Não, não, claro que não – disse Colin com suavidade. – Nenhum homem com o mínimo de inteligência teria a pretensão de conhecer a mente feminina.

Michael não fez comentários.

– Ainda assim, só se passaram... o quê... duas semanas desde que ela veio de lá?

– Mais ou menos isso – respondeu Michael com rispidez. Francesca chegara a Londres exatamente no mesmo dia que ele.

– Sim, claro. Tu sabes disso, não é?

Michael atirou a Colin um olhar aguçado. Onde raio queria ele chegar?

– Ah, bem – continuou Colin, encolhendo apenas um ombro, num gesto de quem não quer saber. –

Tenho a certeza de que em breve vai estar de volta. Não é provável que arranje marido lá na Escócia, afinal de contas, e esse é o objetivo dela para esta primavera, não é?

Michael assentiu secamente, vislumbrando uma mesa do outro lado da sala. Estava vazia. Tão vazia. Tão abençoadamente vazia.

Era capaz de se imaginar um homem muito feliz naquela mesa.

– Não estamos muito conversadores, esta noite, pois não? – perguntou Colin, destruindo-lhe a sua (reconhecidamente fraca) fantasia.

– Não – respondeu Michael, não apreciando nada o leve tom de

condescendência na voz do outro homem –, não *estamos*.

Colin soltou uma risada entre dentes e terminou a bebida.

– Estava só a fazer um teste – explicou ele, recostando-se na cadeira.

– Para ver se eu me dividia espontaneamente em dois seres separados?
– resmungou Michael.

– Não, claro que não – disse Colin com um sorriso tranquilo e enganador. – Posso ver isso muito claramente. Estava apenas a testar o teu humor.

Michael arqueou uma sobrancelha hostil.

– E a tua conclusão foi...?

– Que está como habitualmente – respondeu Colin, implacável.

A resposta de Michael foi uma carranca, antes de o empregado chegar com as bebidas.

– À felicidade – brindou Colin, erguendo o copo.

Vou estrangulá-lo, decidiu Michael nesse instante. *Vou-me debruçar sobre a mesa e apertar-lhe o pescoço até aqueles olhos verdes irritantes saltarem das órbitas.*

– Não brindas à felicidade? – perguntou Colin.

Michael soltou um murmúrio incoerente e bebeu o líquido de uma só golada.

– O que estás a beber? – perguntou Colin para fazer conversa, inclinando-se para espreitar o copo de Michael. – Deve ser coisa da boa.

Michael lutou contra o impulso de lhe acertar com o copo agora vazio na cabeça.

– Muito bem – rendeu-se Colin com um encolher de ombros –, brindo à minha própria felicidade, então.

Bebeu um gole, recostou-se e, em seguida, levou o copo aos lábios novamente.

Michael lançou uma olhadela ao relógio.

– Não é uma coisa boa eu não ter compromisso nenhum? – cogitou Colin.

Michael pousou o copo na mesa com um som alto e oco.

– Existe algum sítio aonde pretendas chegar com essa conversa? – exigiu saber.

Por um momento, parecia que Colin, uma pessoa normalmente capaz de aborrecer qualquer um de morte com uma verborreia interminável quando queria, ia permanecer em silêncio. Mas então, quando Michael estava prestes a desistir de qualquer capa de boas maneiras e simplesmente levantar-se e ir-se embora, ele disse:

– Já decidiste o que vais fazer?

Michael manteve-se imóvel.

– Como assim?

Colin sorriu com condescendência suficiente para que Michael tivesse vontade de lhe dar um soco.

– Relativamente à Francesca, é claro – esclareceu ele.

– Não acabámos de confirmar que ela deixou o país? – disse Michael com cautela.

Colin encolheu os ombros.

– A Escócia não é assim tão longe.

– É o suficiente – murmurou Michael. Certamente o suficiente para deixar bem claro que ela não queria nada com ele.

– Ela vai ficar sozinha – disse Colin com um suspiro.

Michael semicerrou os olhos e encarou-o com toda a dureza.

– Eu ainda acho que devias... – Colin interrompeu-se, e Michael estava convencido que o fizera de propósito. – Bem, tu sabes qual é a minha opinião – concluiu finalmente Colin, beberricando do seu copo.

E Michael simplesmente desistiu de ser educado.

– Raios, tu não sabes de nada, Bridgerton.

Colin ergueu as sobrelanceiras aos modos ríspidos de Michael.

– Curioso – murmurou ele –, passo a vida a ouvir isso. Normalmente vindo das minhas irmãs.

Michael conhecia bem aquela tática. A manobra evasiva de Colin era exatamente do mesmo tipo que ele próprio costumava usar com toda a displicência. E era talvez por essa razão que a sua mão direita formara um punho debaixo da mesa. Nada tinha o poder de irritar mais do que o reflexo do seu próprio comportamento noutra pessoa.

Mas, oh, meu Deus, a cara de Colin estava tão perto.

– Outro *whisky*? – sugeriu Colin, arruinando de forma eficaz a linda visão que Michael estava a ter de olhos pisados.

Michael estava no estado de espírito perfeito para beber até esquecer, mas *não* na companhia de Colin Bridgerton, por isso soltou apenas um conciso «Não» e empurrou a cadeira para trás.

– Tu entendes, Kilmartin – disse Colin com uma voz tão suave que era quase assustadora –, que não existe nenhuma razão para que não possas casar com ela. Nenhuma. Exceto, é claro –

acrescentou, quase como uma reflexão tardia –, as razões que tu próprio inventas.

Michael sentiu algo rasgar-se dentro do peito. O coração, talvez, mas estava a ficar tão habituado à sensação que era um milagre que ainda notasse.

E Colin, com aqueles malditos olhos, recusava-se simplesmente a calar a boca.

– Se não queres casar com ela – concluiu Colin, pensativo –, então não queres casar com ela.

Mas...

– Ela pode dizer que não – ouviu-se Michael a dizer. A voz soava-lhe áspera, sufocada, estranha aos próprios ouvidos.

Pelo amor de Deus, se saltasse para cima da mesa e declarasse ao mundo o seu amor por Francesca, não poderia ter sido mais óbvio.

Colin inclinou a cabeça uma fração de centímetro para o lado, apenas o suficiente para mostrar que compreendia o significado oculto nas

palavras de Michael.

– Pode – concordou num murmúrio. – Na verdade, o mais provável é que assim seja. As mulheres têm uma certa tendência a fazê-lo da primeira vez que as pedimos em casamento.

– E quantas vezes já propuseste casamento?

Colin abriu um sorriso vagaroso.

– Só uma vez, na verdade. Por coincidência, esta tarde.

Era a única coisa – verdadeiramente, a única coisa – que Colin poderia ter dito para acalmar completamente as emoções tumultuosas de Michael.

– Perdão?! – exclamou Michael, boquiaberto pelo choque.

Aquele era Colin Bridgerton, o mais velho dos irmãos Bridgerton solteiros. Ele era praticamente um profissional a evitar o casamento.

– Pois é, meu caro – disse Colin em tom suave. – Achei que era mais do que tempo, embora suponha que a honestidade seja devida nesta situação e, nesse caso, devo confessar que ela não me obrigou a pedir duas vezes. Mas se te faz sentir melhor, precisei de alguns minutos para a persuadir a dizer *sim*.

Michael só conseguia olhá-lo abismado.

– A primeira reação dela ao meu pedido foi cair redonda no chão de surpresa – admitiu Colin.

Michael lutou contra o impulso de olhar em redor para ver se estava perdido no meio de alguma farsa teatral sem se ter apercebido.

– Hã... e ela está bem? – perguntou.

– Oh, muito bem – respondeu Colin, pegando na bebida.

Michael pigarreou.

– Posso perguntar a identidade da ditosa senhora?

– Penelope Featherington.

A que não fala? Michael quase deixou escapar. Não podia imaginar um par mais estranho do que aquele.

– Agora *realmente* deixei-te surpreso – disse Colin, bem-humorado, felizmente.

– Eu não sabia que estavas a pensar assentar – improvisou Michael apressadamente.

– Nem eu – disse Colin com um sorriso. – Engraçado como as coisas funcionam.

Michael abriu a boca para lhe desejar felicidades, mas em vez disso, ouviu-se perguntar:

– A Francesca já sabe?

– Fiquei noivo *esta* tarde – lembrou-lhe Colin, um tanto perplexo.

– Ela vai querer saber.

– Imagino que sim. Eu certamente atormentei-a o suficiente em criança para lhe dar o pretexto de agora cogitar algum tipo de tortura relacionada com o casamento só para mim.

– Alguém precisa de lhe contar – disse Michael energicamente, ignorando o passeio de Colin pelas memórias de infância.

Colin recostou-se na cadeira com um suspiro descontraído.

– Imagino que a minha mãe lhe vá enviar uma carta.

– A tua mãe vai estar muito ocupada. Não vai estar nas suas prioridades.

– Não me atrevo a especular acerca disso.

Michael franziu o sobrolho.

– Alguém lhe devia contar.

– Pois devia – concordou Colin com um sorriso. – Eu até ia lá, há muito tempo que não vou à

Escócia, mas infelizmente vou estar muito ocupado aqui em Londres, considerando que me vou casar e tudo isso. O que é, naturalmente, a razão de toda esta conversa, não é?

Michael lançou-lhe um olhar aborrecido. Detestava quando Colin Bridgerton se dava ares de manipulador inteligente, mas não viu como

poderia destituí-lo dessa noção sem admitir que desejava desesperadamente viajar até à Escócia para ver Francesca.

– Quando é o casamento? – perguntou.

– Ainda não sei – respondeu Colin. – Em breve, espero.

Michael acenou com a cabeça.

– Então a Francesca tem de ser informada já.

Colin sorriu lentamente.

– Pois tem, não tem?

Michael lançou-lhe um olhar carrancudo.

– Não precisas de casar com ela enquanto estiveres lá para o norte – provocou Colin –, apenas informá-la das minhas núpcias iminentes.

Michael recordou a fantasia de há pouco de estrangular Colin Bridgerton e achou a ideia ainda mais tentadora do que antes.

– Então, até depois – despediu-se Colin ao ver Michael dirigir-se para a porta. – Daqui a mais ou menos um mês, certo?

O que significava que ele esperava que Michael *não* estivesse em Londres tão cedo.

Michael praguejou entre dentes, mas não o contradisse. Podia odiar-se a si mesmo, mas agora que tinha uma desculpa para ir atrás de Francesca, não conseguiria resistir a fazer a viagem.

A pergunta era: seria ele capaz de lhe resistir *a ela*?

Ou, mais precisamente, será que queria?

Alguns dias mais tarde, Michael estava à porta de entrada de Kilmartin, a casa onde crescera. Há alguns anos que não ia ali, mais de quatro, para ser preciso, e não conseguiu evitar a emoção que se apoderou dele ao dar-se conta de que tudo *aquilo* – a casa, as terras, o legado – era dele. Embora a sua mente já tivesse absorvido a informação, o seu coração ainda não.

A primavera não parecia ter chegado ainda às regiões fronteiriças da

Escócia e o ar, apesar de já não ser cortante, ainda era frio o bastante para o fazer esfregar as mãos enluvadas. O tempo estava enevoado e o céu cinzento, mas havia algo na atmosfera que calava fundo no seu coração, lembrando à sua alma exaurida que *ali*, não Londres nem a Índia, era a sua casa.

Mas aquele sentimento de pertença não lhe valia de muito ao preparar-se para o que estava por vir.

Chegara a hora de enfrentar Francesca.

Tinha ensaiado aquele momento mil vezes desde a conversa com Colin Bridgerton em Londres. O

que lhe diria, como iria persuadi-la. E achava que já tinha uma solução. Porque antes de convencer Francesca, tinha de se convencer a si mesmo.

Ele ia casar com ela.

Teria de levá-la a concordar, é claro; não podia obrigá-la a casar. O mais provável era ela apresentar inúmeras razões por que era uma ideia louca, mas no fim de tudo, ia convencê-la.

Eles iam casar.

Casar.

Fora o único sonho que nunca se permitira considerar.

Mas quanto mais pensava nisso, mais fazia sentido. Ia pôr de lado o facto de a amar, de que a amava há anos. Ela não precisava de saber de nada disso; dizer-lho só iria constrangê-la e fazê-lo sentir-se um idiota.

Mas se a sua argumentação fosse colocada em termos práticos, se explicasse porque fazia *sentido* que se casassem, tinha a certeza de que seria capaz de a pôr a pensar sobre o assunto. Francesca podia não entender o sentimento por trás, porque ela própria não o tinha, mas era uma pessoa sensata e dava ouvidos à razão.

E agora que finalmente se permitia imaginar passar uma vida ao lado dela, não ia desistir. *Tinha* de o transformar em realidade. Simplesmente tinha de o fazer.

E seria bom. Poderia nunca tê-la por completo – ela nunca lhe

entregaria o coração, sabia disso –, mas teria a maior parte dela, e isso seria o suficiente.

Era certamente mais do que tinha agora.

E até metade de Francesca... bem, isso seria o êxtase.

Não seria?

CAPÍTULO 16

...mas, tal como escreveu, Francesca está a administrar Kilmartin com uma mestria admirável. Não é minha pretensão fugir aos meus deveres e asseguro-lhe que se não tivesse uma substituta tão capaz, regressaria imediatamente.

Do conde de Kilmartin para a mãe, Helen Stirling, dois anos e seis meses após a sua partida para a Índia, escrito com o resmungo: «Ela não respondeu à minha pergunta.»

Francesca não gostava de pensar em si mesma como uma pessoa cobarde, mas quando as suas opções eram cobarde ou tola, ela escolhia a primeira. Com prazer.

Porque só uma tola teria permanecido em Londres – na mesma casa – com Michael Stirling depois de experimentar aquele beijo.

Tinha sido...

Não, Francesca não queria pensar sobre isso. Quando pensava, inevitavelmente acabava a sentir-se culpada e envergonhada, porque não deveria nutrir aqueles sentimentos por Michael.

Não por Michael.

Não planeara sentir desejo por *ninguém*. Aliás, o mais que esperava num marido era uma sensação suave e aprazível... um beijo agradável nos lábios, mas que não a afetasse em mais nenhum outro sítio.

Isso teria sido suficiente.

Mas agora... Mas aquilo...

Michael tinha-a beijado. Ele beijara-a, e pior, ela retribuía o beijo, e desde então só conseguia imaginar os lábios dele nos seus e depois imaginá-los por toda a parte. E à noite, sozinha na sua cama enorme, os sonhos tornavam-se mais vivos e a sua mão deslizava pelo corpo, até parar antes de atingir o destino final.

Recusava-se... Não, ela não podia fantasiar com Michael. Era pecaminoso. Seria péssimo sentir aquele tipo de desejo por qualquer outra pessoa, mas por Michael...

Ele era primo de John. Fora o melhor amigo dele. O melhor amigo dela, também. E ela não devia tê-lo beijado.

Mas tinha sido magnífico, pensou com um suspiro.

Por isso fora obrigada a escolher cobarde em vez de tola e fugir para a Escócia. Porque não acreditava na sua capacidade de lhe resistir novamente.

Encontrava-se em Kilmartin há quase uma semana, tentando envolver-se na rotina do quotidiano da propriedade da família. Havia sempre muito a fazer: contas para rever, rendeiros a visitar, mas não encontrava a mesma satisfação que costumava ter nessas tarefas. A rotina deveria tê-la deixado mais calma, mas em vez disso, só a deixava mais inquieta, e tinha dificuldades em concentrar-se, em obrigar a mente a focar-se numa única coisa.

Andava nervosa e distraída, e metade do tempo parecia não saber o que fazer consigo mesma, no sentido mais literal e físico da palavra. Não conseguia ficar parada, e por isso adquirira o hábito de calçar as suas botas mais confortáveis, sair de Kilmartin e palmilhar os campos durante horas a fio até ficar exausta.

Não que isso a fizesse dormir melhor à noite, mas pelo menos tentava.

Neste momento, por exemplo, era isso que fazia com grande vigor, tendo acabado de subir a custo a maior colina de Kilmartin. Respirando com dificuldade por causa do esforço, lançou uma olhadela ao céu escuro, tentando calcular as horas e a probabilidade de chover.

Era tarde, provavelmente.

Franziu o sobrolho. Devia voltar para casa.

O caminho de regresso não era longo, bastava-lhe descer a colina e atravessar um campo relvado.

Mas quando finalmente chegou ao imponente pórtico frontal de Kilmartin, já começara a choviscar e tinha o rosto levemente salpicado de gotas de chuva. Tirou o chapéu e sacudiu-o, contente por se ter lembrado de o pôr antes de sair, algo que nem sempre fazia, e preparava-se para subir para o quarto, onde pretendia deliciar-se com um chocolate quente e biscoitos, quando Davies, o mordomo, apareceu diante dela.

– Minha senhora? – disse ele, chamando-lhe claramente a atenção.

– Sim?

– Tem uma visita.

– Uma visita?

Francesca sentiu a testa franzir-se ao pensamento. A maioria das pessoas que poderia aparecer de visita em Kilmartin já tinha ido para Edimburgo ou para Londres para passar a temporada.

– Não exatamente uma visita, minha senhora.

Michael. Tinha de ser. Não podia dizer que estava surpreendida, não exatamente. Já pusera a hipótese de ele vir atrás dela, embora tivesse partido do princípio que se o fizesse ou seria de imediato ou não o faria de todo. Agora, uma semana volvida, chegara à conclusão de que poderia estar a salvo das atenções dele.

A salvo da sua própria resposta a elas.

– Onde é que ele está? – perguntou a Davies.

– O conde?

Ela assentiu com a cabeça.

– À sua espera na sala de estar rosa.

– Chegou há muito tempo?

– Não, minha senhora.

Francesca assentiu em jeito de dispensa e, em seguida, forçou os pés a atravessar o átrio até à sala de estar. Não devia ter tanto medo do

reencontro. Afinal era apenas Michael, pelo amor de Deus.

O problema é que tinha a sensação de que ele nunca mais seria *apenas Michael*.

De qualquer forma, era óbvio que já imaginara o que lhe diria um milhão de vezes. Mas todos os chavões e explicações pareciam-lhe bastante inadequados agora que era confrontada com a perspectiva de realmente os dizer em voz alta.

Que bom ver-te, Michael, podia dizer, fingindo não ter acontecido nada.

Ou... *Por favor, compreende que nada vai mudar...* embora tudo tivesse mudado.

Ou podia fazer uso de bom humor e começar com algo do tipo: *Acreditas na tolice de tudo isto?*

Só que duvidava que algum dos dois tivesse achado uma tolice.

Chegou à conclusão que teria de inventar à medida que a conversa se desenrolasse e cruzou a porta da famosa e encantadora sala de estar rosa de Kilmartin.

Ele estava de pé junto à janela – estivera a observá-la, talvez? – e não se virou quando ela entrou.

Parecia cansado da viagem, com a roupa ligeiramente amarrotada e o cabelo despenteado. Será que tinha vindo a cavalo até à Escócia? Só um tolo ou um homem a perseguir alguém até Gretna faria isso. Mas ela já viajara com Michael vezes suficientes para saber que provavelmente se juntara ao cocheiro na frente da carruagem durante boa parte da viagem. Ele sempre detestara carruagens fechadas em viagens longas e mais de uma vez preferira viajar à chuva ao invés de permanecer encurralado com o resto dos passageiros.

Ela não disse o nome dele. Poderia tê-lo feito, supôs. Não estava a ganhar tempo; em breve, ele iria virar-se para trás. Mas, por enquanto, só queria habituar-se à presença dele, para se certificar de que mantinha a respiração controlada, de que não ia fazer algo verdadeiramente insensato como desatar a chorar ou, igualmente provável, romper num risinho tolo e nervoso.

– Francesca – disse ele, ainda de costas.

Sentira a presença dela. Ela arregalou os olhos, embora não devesse

ter ficado admirada. Desde que deixara o exército que Michael tinha uma capacidade quase felina de sentir o que o rodeava.

Provavelmente fora o que o mantivera vivo durante a guerra. Aparentemente, ninguém seria capaz de o atacar pelas costas.

– Sim – confirmou ela. E então, achando que devia dizer mais, acrescentou: – Espero que tenhas feito uma boa viagem.

Ele virou-se.

– Sim, muito boa.

Ela engoliu em seco, tentando não reparar como ele era bonito. Já lhe tirara o fôlego em Londres, mas aqui na Escócia, era diferente. Mais selvagem, mais poderoso.

Muito mais perigoso para a alma.

– Aconteceu alguma coisa em Londres? – perguntou ela, esperando haver algum motivo prático para a visita. Porque se não havia, então ele tinha vindo só por *ela* e isso deixava-a aterrorizada.

– Não, nada – respondeu ele –, mas trago notícias.

Francesca inclinou a cabeça, à espera que ele continuasse.

– O teu irmão ficou noivo.

– O Colin? – perguntou, espantada. O irmão era tão dedicado à sua vida de solteirão inveterado que não teria ficado chocada se ele lhe dissesse que o sujeito afortunado era na verdade o seu irmão mais novo, Gregory, mesmo sendo quase dez anos mais novo do que Colin.

Michael confirmou com um aceno de cabeça.

– Da Penelope Featherington.

– Da Penel... Oh, meu Deus, isso é realmente uma surpresa. Mas uma agradável, devo dizer. Acho que ela combina tremendamente bem com ele.

Michael deu um passo em direção a ela, com as mãos cruzadas atrás nas costas.

– Achei que gostarias de saber.

E não podia ter escrito uma carta?

– Obrigada – respondeu ela. – Agradeço a tua consideração. Há muito que não temos um casamento na família. Não, desde o...

Meu, ambos se deram conta do que ela estava prestes a dizer.

O silêncio pairou na sala como um hóspede indesejado, até que ela o quebrou, dizendo, finalmente:

– Bem, já passou muito tempo. A minha mãe deve estar felicíssima.

– Está, sim – confirmou Michael. – Ou, pelo menos, assim me disse o teu irmão. Eu não tive a oportunidade de conversar com ela.

Francesca aclarou a garganta, procurando depois fingir à vontade naquele estranho quadro, fazendo um leve gesto ondulante com a mão e perguntando:

– Vais ficar muito tempo?

– Ainda não decidi – disse ele, dando mais um passo na direção dela. – Depende.

Francesca engoliu em seco.

– De quê?

Ele reduziu para metade a distância entre eles.

– De ti – respondeu ele em voz baixa.

Ela sabia o que Michael queria dizer, ou pelo menos, achava que sim, mas a última coisa que queria fazer naquele momento era confirmar o que ficara implícito em Londres, por isso recuou um passo, o máximo que podia sem literalmente fugir da sala, e fez-se despercebida.

– Não sejas tonto – disse ela. – Kilmartin é tua. Podes ir e vir quando bem entenderes. Eu não tenho nenhum controlo sobre as tuas ações.

Os lábios dele curvaram-se num sorriso irónico.

– É isso que pensas? – murmurou ele.

Ela percebeu que Michael tinha encurtado a distância entre eles mais uma vez.

– Vou mandar preparar um quarto para ti – apressou-se a dizer. – Qual preferes?

– Não importa.

– Os aposentos do conde, então – declarou ela, consciente da própria tagarelice. – É o teu direito.

Eu mudo-me para um dos quartos ao fundo do corredor. Ou... hã... para a outra ala – acrescentou num murmúrio.

Ele avançou mais um passo.

– Isso pode não ser necessário.

Os olhos dela voaram para os dele. O que estava a sugerir? Certamente, não achava que um único beijo em Londres lhe daria licença para se valer da porta de ligação entre o quarto do conde e o da condessa?

– Fecha a porta – pediu ele, apontando para a porta aberta atrás de Francesca.

Ela olhou para trás, mesmo sabendo exatamente o que veria.

– Eu não tenho a certeza se...

– Eu tenho – disse ele. E numa voz que era veludo sobre aço, disse: – Fecha-a.

Ela obedeceu. Estava bastante certa de que era uma má ideia, mas fê-lo assim mesmo. O que quer que ele planeava dizer-lhe, era melhor não ser ouvido por uma frota de criados.

Mas assim que os seus dedos largaram a maçaneta, ela contornou-o e fugiu para o meio da sala, pondo uma distância mais confortável e todo um conjunto de sofás entre ambos.

A reação dela pareceu diverti-lo, mas ele não fez troça. Em vez disso, limitou-se a dizer:

– Tenho pensado muito desde que saíste de Londres.

Ela também, mas não lhe parecia valer a pena mencionar o facto.

– Eu não tinha a intenção de te beijar – disse ele.

– Não! – disse ela, alto de mais. – Isto é, não, claro que não.

– Mas agora que o fiz... Agora que *nós* o fizemos...

Francesca estremeceu ao uso do plural. Ele não ia permitir que ela fingisse não ter sido uma participante voluntária.

– Agora que está feito – continuou ele –, certamente compreendes que tudo mudou.

Ela ergueu o olhar para ele, então; até aí concentrara-se muito no tecido de damasco com motivos de flor-de-lis rosa e creme do sofá.

– Sim – disse ela, tentando ignorar o nó que começava a sentir na garganta.

Os dedos de Michael dobraram-se no rebordo de mogno de uma cadeira estilo Hepplewhite.

Francesca olhou de relance para as mãos dele; os nós dos dedos estavam brancos.

Ele estava nervoso, percebeu com espanto. Não esperava isso. Não se lembrava de alguma vez o ter visto nervoso. Ele era sempre um modelo de elegância urbana, o charme fácil e tranquilo, um comentário sagaz sempre a sair-lhe num sussurro dos lábios.

Mas agora parecia diferente. Despojado. Nervoso. Isso fazia-a sentir... não exatamente melhor, mas talvez um pouco menos a única idiota da sala.

– Dediquei uma boa dose de ponderação ao assunto – disse ele.

Estava a repetir-se. Isso era muito estranho.

– E cheguei a uma conclusão que até a mim deixou surpreendido – continuou –, embora agora que lá cheguei, esteja bastante convencido de que é o melhor caminho a seguir.

A cada palavra de Michael, o autodomínio ficava mais visível, o à-vontade maior. Não que ela o *quisesse* a sentir-se mal... bom, talvez quisesse; era justo depois do que *ela* passara na última semana. Mas sentia um certo alívio em saber que o constrangimento não era unilateral, que ele ficara tão perturbado e abalado como ela.

Ou se não, pelo menos, que não ficara insensível.

Michael aclarou a garganta e moveu ligeiramente o queixo, esticando o pescoço.

– Eu acho – concluiu, o olhar de repente incisivo sobre ela com uma limpidez singular – que devemos casar.

O quê?

Os lábios de Francesca entreabriram-se.

O quê?

E então, finalmente, ela disse: – *O quê?*

Não um « *Não percebi o que disseste* », nem mesmo um mais sucinto « *Perdão?* ». Apenas « *O*

quê? ».

– Se ouvires os meus argumentos, vais ver que fazem sentido – disse ele.

– Enlouqueceste?

Ele recuou ligeiramente.

– Não, não enlouqueci.

– Eu não posso casar-me contigo, Michael.

– Porquê?

– Porquê? Porque... porque... porque não posso! – explodiu ela finalmente. – Pelo amor de Deus!

Tu, mais do que ninguém, deverias compreender a loucura de tal sugestão.

– Posso até concordar contigo numa primeira reflexão, sei que parece altamente irregular, mas se

ouvires os meus argumentos, vais ver que fazem sentido.

Ela ficou boquiaberta.

– Como é que podem fazer sentido? Eu não consigo pensar noutra coisa que faça *menos* sentido!

– Não terias de mudar de casa – começou ele, salientando os pontos com os dedos –, podes manter o título e a posição.

Ambos convenientes, mas dificilmente uma razão válida para se casar com *Michael*, que... bem...

era *Michael*.

– Vais poder entrar num casamento a saber que vais ser tratada com carinho e respeito –

acrescentou. – Podes levar meses a chegar à mesma conclusão sobre um outro homem, e mesmo assim, será que poderias realmente ter a certeza? Afinal de contas, as impressões iniciais podem ser enganadoras.

Ela escrutinou-lhe o rosto, tentando ver se havia alguma coisa, *qualquer coisa*, por trás daquelas palavras. Tinha de haver algum tipo de razão, porque ela simplesmente não conseguia entender que ele estava a propor-lhe casamento. Era uma loucura. Era...

Meu Deus, ela nem sabia o que era. Haveria alguma palavra passível de se aplicar a algo que muito simplesmente lhe retirava a terra debaixo dos pés?

– Pretendo dar-te filhos – disse ele em voz baixa. – Ou, pelo menos, tentar.

Ela corou. De repente, sentiu o rosto transformar-se num escarlate furiosamente quente. Não queria imaginar-se na cama com ele. Passara a última semana a tentar com todas as forças do seu ser não fazer isso.

– O que ganhas tu? – sussurrou ela.

Michael pareceu ficar momentaneamente alarmado pela pergunta, mas recuperou rapidamente e respondeu:

– Ganho uma esposa que administra as minhas propriedades há anos. Não sou assim tão orgulhoso para não tirar proveito do teu conhecimento especializado.

Ela assentiu com a cabeça. Só uma vez, mas foi o suficiente para indicar que ele podia continuar.

– Eu já te conheço e confio em ti – prosseguiu ele. – E julgo estar certo

ao afirmar que não me irás trair.

– Eu não consigo pensar sobre isso agora – disse ela, levando as mãos ao rosto.

Sentia a cabeça a andar à roda com tudo aquilo e tinha a horrível sensação de que nunca iria recuperar totalmente.

– Faz sentido – insistiu Michael. – Só precisas de considerar...

– Não – disse ela, desesperadamente à procura de um tom resolutivo. – Nunca iria funcionar. Tu sabes que não. – Virou-se de costas, não querendo olhar para ele. – Não posso acreditar que tenhas sequer posto essa hipótese.

– Eu também não, quando a ideia me surgiu pela primeira vez – admitiu ele. – Mas depois, não consegui esquecê-la e rapidamente percebi que fazia todo o sentido.

Francesca pressionou os dedos contra as têmporas. Pelo amor de Deus, porque é que ele continuava a insistir naquilo de «fazer sentido»? Se pronunciasse as palavras mais uma vez, ela era capaz de gritar.

E como podia estar tão calmo? Não sabia como ele *deveria* agir; ela nunca imaginara *aquela* momento. Mas alguma coisa naquele recitar frio de uma proposta de casamento a consumia por dentro. Ele estava tão sereno, tão composto. Um pouco nervoso, talvez, mas com as emoções

completamente equilibradas e descomprometidas.

Ao passo que ela se sentia como se o mundo pudesse sair de órbita e desaparecer.

Não era justo.

E naquele momento, pelo menos, odiava-o por fazê-la sentir-se assim.

– Eu vou lá para cima – anunciou abruptamente. – Falamos sobre isso amanhã.

Quase conseguiu. Já ia a mais de meio caminho da porta quando sentiu a mão dele no braço, o aperto suave mas com uma segurança implacável.

– Espera – pediu Michael, e ela não conseguiu mexer-se.

– O que queres? – sussurrou.

Não estava a olhar para ele, mas podia imaginar-lhe o rosto, a forma como o cabelo preto lhe caía sobre a testa, os olhos semicerrados e emoldurados por pestanas tão longas, capazes de fazer um anjo chorar.

E os lábios. Acima de tudo, via-lhe os lábios, de contornos finos e perfeitos, perpetuamente curvados naquela sua expressão diabólica, como se ele *soubesse* das coisas, como se entendesse o mundo de uma forma que os simples e inocentes mortais nunca conseguiriam.

A mão dele subiu pelo seu braço até chegar ao ombro e, em seguida, um dos dedos traçou uma linha descendente pelo pescoço, tão leve como uma pena.

A voz, quando se ouviu, foi baixa e rouca, e ela sentiu-a bem no âmago do seu ser.

– Não queres outro beijo?

CAPÍTULO 17

...sim, claro. A Francesca é maravilhosa. Mas tu já sabias, não é?

De Helen Stirling para o filho, o conde de Kilmartin, dois anos e nove meses após a sua partida para a Índia Michael não sabia quando se tornara evidente para ele que teria de a seduzir. Tentara apelar-lhe ao raciocínio, àquele sentido prático e sensato que lhe era tão inato, mas não estava a funcionar.

Também não podia usar o sentimento, porque esse, ele sabia, era unilateral.

Por isso, teria de ser paixão.

Ele desejava-a... Oh, meu Deus, como a desejava! Com uma intensidade que não tinha sequer imaginado antes de a ter beijado na semana anterior, em Londres. Mas, mesmo sentindo o sangue rugir de desejo e, sim, amor, manteve a mente arguta e calculista; ele sabia que para conseguir criar um elo inquebrável entre os dois, teria de usar a paixão. Teria de torná-la sua, de tal forma que ela não pudesse negar.

Não podia apenas tentar convencê-la com palavras, pensamentos e ideias. Corria o risco de ela procurar desvencilhar-se também com palavras, fazendo de conta que os sentimentos não estavam lá.

Mas se a tornasse sua, se deixasse a sua marca nela da forma mais física possível, ele ficaria para sempre dentro dela.

E ela seria dele.

Ela escapuliu-se dos dedos que a seguravam, recuando devagarinho até ficar a alguns passos dele.

– Não queres outro beijo, Francesca? – murmurou, avançando em direção a ela com a sua graciosidade predatória.

– Foi um erro – disse ela, com a voz trémula.

Recuou mais uns centímetros, só parando quando ficou encostada a uma mesa.

Ele avançou.

– Não se casarmos.

– Eu não posso casar contigo, tu sabes disso.

Michael pegou na mão dela e começou a acariciar preguiçosamente a pele com o polegar.

– E porque não?

– Porque eu... tu... porque tu és tu.

– É verdade – disse ele, levando a mão à boca e beijando a palma. Então passou a língua ao longo do pulso, só porque podia. – E pela primeira vez em muito tempo – continuou, olhando-a por entre as pestanas – não há ninguém que eu preferisse ser agora.

– Michael – sussurrou ela, arqueando o corpo para trás.

Mas ela desejava-o também. Michael percebia pela respiração dela.

– Michael, não ou Michael, sim? – perguntou ele num murmúrio, beijando-lhe o interior do cotovelo.

– Eu não sei – gemeu ela.

– Aceito.

Ele subiu mais a mão, tocando-lhe no queixo até ela não ter outra escolha senão erguer o rosto.

E ele não teve outra escolha senão mostrar toda a sua paixão por aquele colo.

Beijou-a lenta e minuciosamente, sem poupar um centímetro de pele ao seu ataque sensual. Subiu até à linha do maxilar, depois até ao lóbulo da orelha, descendo em seguida até à orla do corpete, segurando-o entre os dentes. Ouviu o suspiro chocado de Francesca, mas ela não lhe disse para parar, por isso foi puxando, puxando até libertar um seio.

Meu Deus, como gostava da moda feminina atual.

– Michael? – sussurrou ela.

– Silêncio. – Não queria ter de responder a perguntas. Não a queria a pensar o suficiente para fazer perguntas.

Deslizou a língua ao longo da parte inferior do seio, saboreando a essência doce e salgada da pele, depois estendeu a mão e segurou-o. Tocara-lhe através do vestido da primeira vez que se tinham beijado e pensara que era o céu, mas nada comparado com a sensação de tê-la, quente e nua, na sua mão.

– Oh, céus – gemeu ela. – Oh...

Ele soprou no mamilo ao de leve.

– Queres que te beije?

Olhou para cima. Sabia que era um risco aguardar a resposta de Francesca. Talvez nem devesse ter feito a pergunta, mas embora a sua intenção fosse seduzir, não conseguia decidir-se a fazê-lo sem pelo menos uma palavra afirmativa dela.

– Queres? – murmurou de novo, adoçando a pergunta com uma breve carícia da língua no mamilo.

– Sim – explodiu ela. – Sim, por favor, sim!

Ele abriu um sorriso lento e lânguido, saboreando o momento. Então, depois de a deixar estremecer de antecipação um segundo mais do que talvez fosse justo, inclinou-se e tomou-a na boca, derramando anos e

anos de desejo naquele seio, concentrando-se perversamente num inocente mamilo.

Ela não ia ter possibilidade de escapar.

– Oh, meu Deus! – ofegou Francesca, apoiando-se na mesa ao sentir o corpo inteiro arquear para trás. – Oh, meu Deus! Oh, Michael! Oh, meu Deus!

Ele aproveitou aquela demonstração apaixonada para deslizar as mãos para as ancas e levantá-la até ela ficar sentada na mesa, as pernas afastadas para o receber no seu berço feminino.

Uma imensa satisfação percorreu-lhe as veias, enquanto o corpo reclamava o seu próprio prazer.

Adorava poder fazer-lhe aquilo, poder fazê-la gritar e gemer e exclamar de desejo. Ela era tão forte, sempre tão sofisticada e composta, mas agora ela era pura e simplesmente sua, uma escrava do desejo, cativeira do seu toque experiente.

Ele beijou, devorou, mordiscou, provocou. Torturou-a até a ver capaz de explodir. A respiração dela era ruidosa e ofegante e os gemidos cada vez mais incoerentes.

E enquanto isso, as mãos dele moviam-se silenciosamente pelas pernas dela, primeiro tocando os

tornozelos, depois as pernas, empurrando as saias para cima com toda a lentidão até se juntarem num monte amarrotado acima dos joelhos.

Só então se afastou, concedendo-lhe um brevíssimo indulto.

Ela olhou para ele, os olhos vidrados, os lábios rosados entreabertos. Não disse nada e ele não a achou sequer *capaz* de dizer o que quer que fosse. Mas viu-lhe as perguntas nos olhos. Ela podia estar muda, mas ainda estava a alguns minutos de distância da insanidade total.

– Achei que seria cruel torturá-lo mais tempo – disse ele, acariciando levemente o mamilo entre o polegar e o indicador.

Ela gemeu.

– Tu gostas disto. – Foi uma afirmação, não particularmente sofisticada, mas aquela era Francesca, não uma mulher sem nome, cujo corpo ele usava enquanto, de olhos fechados, imaginava o rosto

de Francesca. De cada vez que ela soltava um gemido de prazer, o seu coração disparava de alegria. –

Tu gostas disto – repetiu, sorrindo de satisfação.

– Sim – sussurrou ela. – Sim.

Ele inclinou-se até os lábios lhe roçarem a orelha.

– Vais gostar disto também.

– O quê? – perguntou ela, deixando-o surpreendido.

Julgara-a demasiado envolvida para fazer perguntas em voz alta.

Levantou-lhe um pouco mais as saias, apenas o suficiente para que não voltassem a cair-lhe no colo.

– Queres ouvir-me dizê-lo, não queres? – murmurou ele, deslizando as mãos até interromper o movimento um pouco acima os joelhos. Apertou-lhe as coxas com suavidade, descrevendo círculos com os polegares sobre a pele. – Queres saber.

Francesca assentiu com a cabeça.

Ele aproximou-se um pouco mais, encostando os lábios aos dela, perto o suficiente para a sentir, mas longe o suficiente para falar.

– Sempre foste tão curiosa – murmurou. – Fazias tantas perguntas.

Correu os lábios ao longo da face até à orelha, sussurrando sempre.

– Michael – disse ele, suavizando a voz para imitar a dela –, conta-me algo picante. Conta-me uma das tuas histórias perversas.

Francesca corou. Ele não podia vê-la corar, mas sentia, sentia o fluxo quente de sangue à pele.

– Mas eu nunca te disse o que querias ouvir, não é? – continuou ele, mordiscando-lhe o lóbulo da orelha ao de leve. – Sempre te deixei fora da porta do quarto.

Fez uma pausa, não porque esperava uma resposta, apenas porque queria ouvi-la respirar.

– Imaginavas? – sussurrou. – Ias-te embora e imaginavas o que eu não te contava? – Aproximou-se um pouquinho mais só para ela lhe sentir

os lábios moverem-se como um sussurro junto ao ouvido. –

Queres saber o que eu fazia de perverso?

Não a faria responder; não seria justo. Mas também não conseguia impedir a sua mente de voltar atrás e lembrar as inúmeras vezes que a provocara com amostras das suas aventuras.

No entanto, nunca tinha sido ele a trazer o assunto à baila; fora *sempre* ela a perguntar.

– Queres que te conte? – murmurou. Sentiu o ligeiro sobressalto dela e soltou um riso de satisfação. – Não delas, Francesca. De ti. Só de ti.

Ela virou-se, fazendo os lábios dele deslizarem ao longo da face. Afastou-se para poder ver-lhe o

rosto e a pergunta estava estampada nos olhos dela.

O que queres dizer?

Ele moveu as mãos, exercendo pressão suficiente nas coxas para as abrir só mais uns pecaminosos centímetros.

– Queres que te conte o que vou fazer agora? – Inclinou-se para poder passar a língua pelo mamilo, que intumescera no ar fresco do fim de tarde. – A ti? – acrescentou.

Ela engoliu em seco. Ele decidiu interpretar a reação como um sim.

– Há tantas opções – continuou em voz rouca, subindo as mãos mais uns centímetros nas pernas. –

Nem sei por onde começar.

Parou para olhar para ela um momento. Francesca respirava com dificuldade, os lábios entreabertos e inchados dos beijos. Estava hipnotizada, completamente enfeitiçada por ele.

Michael inclinou-se mais uma vez, para a outra orelha, para se assegurar de que as palavras se infiltravam cálidas e húmidas na alma dela.

– Mas acho que terei de começar por onde precisas mais de mim. Primeiro beijo-te... – pressionou os polegares na carne macia do interior das suas coxas – *aqui*.

Ficou em silêncio apenas um segundo, o tempo suficiente para ela tremer de desejo.

– Gostavas disso? – murmurou ele, a pergunta intencionalmente um tormento e uma provocação. –

Sim, vejo que gostarias. Mas isso não seria suficiente para nenhum de nós – refletiu. – Então, claramente, terei de te beijar *aqui*. – Os polegares avançaram até atingirem a fenda quente entre as pernas, e ele pressionou com delicadeza, para que ela percebesse o significado exato das suas palavras. – Acho que ias gostar quase tanto de um beijo aqui – acrescentou – como... – deslizou ao longo do sulco, descendo, descendo, cada vez mais perto do centro dela, mas sem o tocar ainda – eu de te beijar.

A respiração dela saiu um pouco mais ofegante.

– Vou precisar de me demorar – murmurou ele –, alternar talvez entre os lábios e a língua. Passá-la ao longo desta tua orla. – Usou a ponta do dedo para demonstrar as palavras. – E enquanto isso, vou-te abrindo mais e mais. Assim, talvez?

Recuou, como se a admirar a sua obra. A visão dela era incrivelmente erótica. Estava sentada na ponta da mesa, as pernas abertas para ele, embora ainda não no ponto para o que pretendia fazer. A saia do vestido ainda lhe pendia entre as coxas, protegendo-a da visão dele, mas, de alguma forma, a imagem tornava-se quase mais tentadora. Ele não precisava de a ver, percebeu, não ainda. Aquela posição era sensual o suficiente, ainda mais erótica devido ao seio exposto ao seu olhar, o mamilo rosado e tenso e a implorar por mais.

Mas nada, nada poderia ter-lhe instigado mais desejo do que a visão do rosto de Francesca. Lábios entreabertos, olhos tão escurecidos pela paixão que eram azul-cobalto. Cada respiração parecia pedir-lhe...

Possui-me.

Foi quase o bastante para o levar a abandonar a perversa sedução e mergulhar dentro dela sem mais delongas.

Mas não, tinha de fazer aquilo devagar. Tinha de a provocar, de a torturar, de a levar às alturas do êxtase e mantê-la lá enquanto pudesse. Tinha de assegurar que ambos entendiam que aquilo era algo sem o qual seria *impossível* viver.

Mas, ainda assim, era duro... não, *ele* estava duro, e a contenção era

tão difícil de manter.

– O que achas, Francesca? – murmurou, oferecendo às coxas um último aperto. – Acho que ainda não estás aberta o suficiente para mim, não é?

Ela emitiu um som. Michael nunca saberia como descrevê-lo, apenas que o deixou em chamas.

– Talvez mais assim – disse ele com toda a suavidade, empurrando lenta e inexoravelmente, até ela ficar totalmente aberta para o receber. A saia ficou esticada sobre as coxas e ele manifestou o incômodo com uma interjeição e um murmúrio: – Isto não pode ser confortável. Deixa-me ajudar-te.

Enfiou os dedos sob a bainha e subiu-lhe a saia até à cintura.

E ela ficou completamente exposta.

No entanto, ele ainda não podia vê-la, não com os olhos implacavelmente fixos no rosto dela. Mas a simples consciência da posição fez com que ambos se arrepiassem, ele de desejo, ela de expectativa, e ele teve de exercer todo o seu controlo. Ainda não era hora. Seria em breve, com certeza; dentro dele havia uma certeza absoluta de que morreria se não a tornasse sua naquela noite.

Mas, por enquanto, o objetivo ainda era Francesca. E o que ele podia fazê-la sentir.

Pousou-lhe os lábios na orelha.

– Não tens frio, pois não?

A única resposta foi a respiração entrecortada.

Ele levou um dedo ao seu ponto mais feminino e começou a acariciá-lo.

– Eu nunca deixaria que tivesses frio – sussurrou. – Isso seria muito pouco cavalheiresco da minha parte.

As carícias deslizavam em círculos, lentas e ardentes contra a carne de Francesca.

– Se estivéssemos lá fora – refletiu ele –, podia oferecer-te o meu casaco. Mas aqui... – deslizou um dedo para dentro, apenas o suficiente para a fazer ofegar – só posso oferecer a minha boca.

Ela fez outro som incoerente que era pouco mais do que um grito estrangulado.

– Sim – disse ele com malícia –, isto é o que eu faria contigo. Beijar-te-ia aqui, exatamente no ponto onde te daria mais prazer.

Ela não podia fazer nada mais além de respirar.

– Imagino que usaria primeiro os lábios – murmurou Michael –, mas depois teria de usar a língua para te poder explorar mais fundo. – Demonstrou com os dedos o que planeava fazer com a boca. –

Mais ou menos assim, imagino, mas muito mais quente. – Passou a língua ao longo do interior da orelha. – E mais húmido.

– Michael – gemeu ela.

Ela disse o nome dele. E nada mais. Estava a chegar cada vez mais perto do abismo.

– Ia saborear tudo – sussurrou ele. – Até à última gota de ti. E então, quando estivesse certo de te ter explorado completamente, afastar-te-ia ainda mais. – Abriu-lhe um pouco mais as coxas da forma mais perversa possível. Levemente, com as pontas dos dedos tocou-lhe o centro carnudo. – Apenas para garantir que não me tinha escapado nenhum canto secreto.

– Michael – gemeu ela novamente.

– Quem sabe quanto tempo demoraria a beijar-te? – murmurou ele. – Posso até não ser capaz de parar. – Baixou ligeiramente o rosto, para poder acariciar-lhe o pescoço. – Podes não querer que eu pare. – Fez uma pausa, depois deslizou outro dedo para dentro dela e sussurrou: – Queres que eu pare?

Estava a brincar com o fogo de cada vez que lhe fazia uma pergunta, de cada vez que lhe dava a oportunidade de dizer não. Se fosse mais frio, mais calculista, simplesmente avançaria com a

sedução, possuindo-a antes que ela pudesse começar a pensar nas suas ações. Ficaria perdida na onda de paixão e, antes que se desse conta, ele estaria dentro dela, e ela seria, por fim e indelevelmente, sua.

Mas algo dentro dele sabia que não poderia ser assim tão cruel, não com Francesca. Precisava da aprovação dela, mesmo não sendo mais do que um aceno de cabeça ou um gemido. Talvez ela se arrependesse

mais tarde, mas mesmo assim, não queria que ela fosse capaz de dizer, nem para si mesma, que fora um ato impensado, que não tinha dito sim.

E *ele* precisava do sim. Amava-a há tantos anos, sonhava em tocá-la há tanto tempo. E agora que o momento tinha finalmente chegado, não se sabia capaz de suportar caso ela não tivesse a certeza absoluta. Havia limites para as vezes que o coração de um homem podia ficar despedaçado e ele tinha a impressão de que o seu não sobreviveria a mais uma.

– Queres que pare? – sussurrou de novo, e desta vez parou. Não retirou as mãos, deixando-as imóveis e permitindo-lhe um momento de silêncio para que ela pudesse responder. Afastou um pouco a cabeça, apenas o suficiente para que ela tivesse de olhar para ele. Ou se não isso, pelo menos ele estaria a olhar para ela.

– Não – sussurrou ela, sem levantar completamente os olhos para ele.

Michael sentiu o coração dar um pulo.

– Então é melhor eu começar a fazer tudo o que prometi – murmurou.

E, cumprindo a palavra, caiu de joelhos e beijou-a. Beijou-a e sentiu-a estremecer, beijou-a e ouviu-a gemer. Beijou-a e sentiu-

-a agarrar-lhe o cabelo e puxá-lo em desespero, beijou-a sentindo-a deixar-se ir, as mãos violentamente à procura de um ponto de apoio.

Beijou-a de todas as maneiras que lhe prometera e beijou-a até ela quase atingir o clímax.

Quase.

Devia tê-lo feito, devia ter ido até ao fim, mas simplesmente não foi capaz. Tinha de a ter.

Desejava-o há tanto tempo, queria fazê-la gritar o seu nome e estremecer nos seus braços. Mas quando isso acontecesse, da primeira vez, pelo menos, queria estar dentro dela. Queria senti-la a rodeá-lo e queria...

Raios, era assim que queria e se isso significava perder o controlo, pois que fosse.

Com as mãos trémulas, abriu as calças em desespero, libertando

finalmente toda a sua masculinidade.

– Michael – sussurrou ela.

Os olhos de Francesca, fechados até àquele momento, abriram-se quando ele se afastou. Ela olhou para o corpo dele, os olhos arregalando-se. Não havia dúvidas do que estava prestes a acontecer.

– Eu preciso de ti – disse ele com voz rouca. Mas ela não disse nada, apenas olhou para ele, por isso ele insistiu: – Preciso de ti agora.

Mas não na mesa. Nem ele era tão hábil. Então pegou nela ao colo, estremecendo de prazer ao senti-la abraçá-lo com as pernas e pousou-a no tapete felpudo. Não era uma cama, mas seria impossível ele conseguir chegar a uma cama e, para ser franco, não lhe parecia que qualquer um dos dois se importasse. Voltou a empurrar-lhe a saia até à cintura e posicionou-se sobre ela.

Depois entrou.

Tinha pensado ir devagar, mas ela estava tão molhada e pronta para ele, que ele simplesmente deslizou para dentro dela, ouvindo-a tragar o ar.

– Magoei-te? – perguntou em voz rouca.

Ela abanou a cabeça.

– Não pares – gemeu. – Por favor.

– Nunca – prometeu ele. – Nunca.

Ele começou a mover-se e ela acompanhou cada movimento, ambos tão excitados que foram precisos meros momentos para que explodissem.

Ele, um homem experiente que já dormira com inúmeras mulheres, de repente percebeu que nunca passara de um rapazinho imberbe.

Porque *nunca* tinha sido assim.

As experiências que tivera foram com o corpo. *Aquela* fora com a alma.

...absolutamente.

De Michael Stirling para a mãe, Helen, três anos após a sua partida para a Índia A manhã seguinte foi uma das piores da vida de Francesca, tanto quanto ela se lembrava.

Tudo o que queria fazer era chorar, mas mesmo isso parecia impossível. As lágrimas eram para os inocentes, e esse era um adjetivo que ela nunca mais poderia usar para se descrever.

Sentia ódio de si mesma esta manhã, ódio por ter traído o seu coração, cada um dos seus princípios, e tudo por um momento de paixão perversa.

Odiava ter sentido desejo por um homem que não era John e odiava *ainda mais* que esse desejo tivesse sido além de qualquer coisa que sentira com o marido. O leito matrimonial tinha sido um local de risos e paixão, mas nada, *nada* poderia tê-la preparado para a emoção pecaminosa que sentira quando Michael lhe sussurrara ao ouvido todas aquelas coisas perversas que lhe queria fazer.

Ou para a explosão que se seguiu, quando ele cumpriu as suas promessas.

Odiava que aquilo tivesse acontecido e odiava que tivesse acontecido com Michael, porque, de algum modo, isso fazia tudo parecer triplamente errado.

E acima de tudo, odiava-o a *ele*, porque lhe pedira permissão, porque a cada passo, mesmo enquanto aqueles dedos a torturavam sem piedade, ele se certificara de que ela aceitava de livre vontade, para não poder depois alegar que tinha sido arrebatada, que ficara impotente contra a força da própria paixão.

E agora, na manhã seguinte, Francesca percebeu que já não conseguia diferenciar entre cobarde e idiota, pelo menos não no que a ela dizia respeito.

Era claramente ambas as coisas, muito possivelmente com mais um «*imatura*» atirado à fogueira.

Tudo o que lhe apetecia fazer era fugir.

Ela podia enfrentar as consequências das suas ações.

Na verdade, era isso que *devia* fazer.

Mas em vez disso, tal como antes, fugiu.

Não podia deixar Kilmartin; afinal de contas, tinha acabado de chegar e, a menos que estivesse preparada para rumar a norte atravessando as Ilhas Orkney até à Noruega, estava ali presa.

Mas *podia* sair de casa, que foi precisamente o que fez aos primeiros raios da aurora, isto depois do seu desempenho patético na noite anterior, saindo da sala de estar rosa aos tropeções, uns dez minutos depois das intimidades com Michael, a murmurar incoerências e desculpas, barricando-se no quarto durante o resto da noite.

Não queria enfrentá-lo ainda.

Deus do céu, não achava que fosse *conseguir*.

Ela, que sempre se orgulhara da sua capacidade de manter o sangue-frio e o bom senso, tinha sido reduzida a uma idiota gaguejante, a resmungar baixinho como uma lunática, com medo de enfrentar o homem que, obviamente, não podia evitar para sempre.

Mas se pudesse evitá-lo por um dia, disse a si mesma, já era alguma coisa. E quanto a amanhã...

bem, poderia preocupar-se com o amanhã noutra altura. Amanhã, talvez. Por enquanto só queria fugir dos problemas.

Agora tinha quase a certeza de que a coragem era uma virtude muito exagerada.

Não sabia para onde queria ir; qualquer sítio que pudesse ser classificado como *fora* servia, qualquer sítio onde pudesse pensar que as hipóteses de encontrar Michael eram francamente diminutas.

Foi então que, já convencida de que nenhum poder superior estava inclinado a jamais lhe mostrar benevolência, começou a chover, uma hora depois de ter iniciado a caminhada, primeiro apenas uns chuviscos, que se transformaram rapidamente numa verdadeira carga de água. Francesca abrigou-se debaixo de uma árvore de grande porte, resignada a ter de esperar que a chuva parasse, mas depois de vinte minutos a alternar o peso do corpo de pé para pé, desistiu e sentou-se na terra húmida deixando de se preocupar com questões de asseio.

Ia ter de ficar ali algum tempo; mais lhe valia estar confortável, já que

não ia ficar nem seca, nem quente.

Obviamente, foi assim que Michael a encontrou, quase duas horas depois.

Meu Deus! Seria de esperar que ele viesse à procura dela. Seria pedir muito que um homem se portasse como um canalha quando realmente importava?

– Há espaço para mim aí em baixo? – gritou ele por cima do ruído da chuva.

– Não para ti e para o cavalo – resmungou ela.

– O que disseste?

– Não! – gritou ela.

Ele não lhe deu ouvidos, claro, e conduziu o cavalo até debaixo da árvore, descendo e amarrando-o sem grandes preocupações a um ramo baixo.

– Meu Deus, Francesca – disse ele sem preâmbulos. – Que diabo estás a fazer cá fora?

– Bom dia para ti também – resmoneou ela.

– Fazes alguma ideia de há quanto tempo ando à tua procura?

– Há tanto tempo quanto o que eu estou abrigada debaixo desta árvore, imagino – retorquiu ela.

Supunha que devia ficar feliz por ele a ter vindo resgatar, o seu corpo tremelicante estava certamente ansioso para saltar para o cavalo e ir embora, mas a cabeça ainda estava de mau humor e bastante disposta a contrariar só porque sim.

Nada conseguia pôr uma mulher num estado de espírito pior do que um bom ataque de desdém de si mesma.

Embora *ele* certamente não ficasse incólume no desastre que fora a noite anterior, pensou bastante irritada. E se ele assumia que o rosário de pedidos de desculpa irracionais, desfiado após o ato, o absolvía, estava muito enganado.

– Bom, vamos lá, então – disse Michael bruscamente, apontando para o cavalo.

Ela manteve o olhar fixo para além do ombro dele.

– A chuva está a diminuir.

– Na China, talvez.

– Eu estou perfeitamente bem – mentiu ela.

– Oh, pelo amor de Deus, Francesca – resmungou ele em tom seco –, podes odiar-me o quanto quiseres, mas não sejas tonta.

– É tarde de mais para isso – respondeu ela entre dentes.

– Talvez – concordou ele, demonstrando uma capacidade auditiva irritantemente aguçada –, mas eu estou gelado e quero ir para casa. Acredita no que quiseres, mas neste momento desejo muito mais uma chávena de chá quente do que a ti.

Isso deveria tranquilizá-la, mas a única vontade que teve foi de lhe atirar uma pedra à cabeça.

Mas então, talvez só para provar que a sua alma não descia já para um local bem mais quente, a chuva abrandou o suficiente para emprestar uma certa verdade à sua mentira.

– O sol vai abrir a qualquer instante – disse ela, apontando para a chuva. – Eu fico bem.

– E pretendes ficar no meio do campo durante seis horas até que o teu vestido seque? – perguntou ele em tom vagaroso. – Ou preferes um caso lento e persistente de febre pulmonar?

Ela encarou-o pela primeira vez.

– És um homem horrível – disse.

Michael soltou uma gargalhada.

– *Essa* é a primeira coisa verídica que disseste durante toda a manhã.

– Será que não entendes que eu quero ficar sozinha? – contrapôs ela.

– Será que não entendes que eu *não* quero que morras de pneumonia? Sobe para o cavalo, Francesca – ordenou, no mesmo tom que ela o imaginou a usar com as tropas em França. – Quando chegarmos a casa estás à vontade para te trancares no quarto durante duas semanas, se assim te aprouver, mas, por enquanto, podemos simplesmente sair da

chuva?

Era tentador, claro, mas acima de tudo era enfurecedor porque o que ele dizia fazia sentido e a última coisa que ela queria agora era dar-lhe *razão* sobre o quer que fosse. Especialmente por desconfiar de que precisaria de bem mais do que duas semanas para ultrapassar o que tinha acontecido na noite anterior.

Ia precisar de uma vida inteira.

– Michael – sussurrou ela, esperando poder ser capaz de apelar à parte dele que se apiedasse de mulheres patéticas e trémulas: – Eu não posso estar contigo agora.

– Numa viagem de vinte minutos? – retorquiu ele.

E então, antes que ela tivesse a presença de espírito de sequer protestar, ele agarrou nela e pô-la em cima do cavalo.

– Michael! – protestou Francesca.

– Infelizmente – disse ele em tom seco –, não o disseste no mesmo tom de ontem à noite.

Ela deu-lhe uma sapatada.

– Eu mereci – disse ele, montando atrás dela e fazendo uma manobra diabólica que a obrigou, pela forma da sela, a ficar meio sentada no colo dele –, mas não como tu mereces ser castigada pela tua insensatez.

Ela arquejou.

– Se me querias ajoelhado aos teus pés a implorar perdão – disse ele, os lábios escandalosamente perto do seu ouvido –, não te devias ter portado como uma pateta e desatado a caminhar à chuva.

– Não estava a chover quando saí – justificou-se ela com infantilidade, deixando escapar um «Oh!»

de surpresa quando ele impeliu o cavalo a andar.

Desejou ter outra coisa a que se agarrar para se equilibrar que não as coxas dele.

Ou que o braço dele não lhe envolvesse com tanta firmeza o tronco, nem tão acima. Pelo amor de Deus, tinha os seios praticamente

pousados no antebraço de Michael.

Já não pensando que estava aninhada firmemente entre as pernas dele, com o traseiro encostado diretamente à...

Bem, supôs que a chuva era boa para uma coisa. Ele tinha de estar murcho e frio, o que ajudava imenso a que sua imaginação não corresse solta e a manter o seu corpo traidor sob controle.

O problema é que o tinha visto na noite anterior, tinha visto Michael de uma forma que nunca pensara ver, logo ele, em toda a sua esplêndida glória masculina.

E essa era a pior parte. Uma expressão como *esplêndida glória masculina* devia ser uma piada, ser dita com sarcasmo e um sorriso astucioso e perverso.

Mas no caso de Michael, encaixava perfeitamente.

Ele encaixara perfeitamente.

E ela tinha perdido os últimos pedacinhos de sanidade que ainda possuía.

Cavalgaram em silêncio, ou se não precisamente silêncio, pelo menos não falaram. Mas havia outros sons, muito mais perigosos e enervantes. Francesca estava ciente da respiração dele, baixa e sussurrante junto à sua orelha, e era capaz de jurar que conseguia ouvir-lhe o coração a bater contra as suas costas. E então...

– Maldição!

– O que foi? – perguntou ela, tentando virar-se para olhar para ele.

– O *Felix* está a coxear – murmurou ele, saltando da sela.

– Ele está bem? – perguntou ela, preocupada, aceitando a oferta muda de a ajudar a desmontar também.

– Vai ficar bem – asseverou Michael, ajoelhando-se na chuva para inspecionar a pata esquerda da frente do garanhão. Os joelhos afundaram-se imediatamente na terra enlameada, arruinando-lhe as calças de montar. – Mas não pode levar-nos aos dois. Infelizmente, nem vai conseguir levar-te só a ti.

– Levantou-se e olhou para o horizonte, tentando determinar em que zona da propriedade se encontravam. – Vamos ter de nos abrigar na

casa do jardineiro – disse ele, afastando com impaciência o cabelo encharcado dos olhos, que voltou a deslizar para a testa.

– A casa do jardineiro? – repetiu Francesca, embora soubesse muito bem do que ele estava a falar.

Era uma casa pequena, de um só quarto, desabitada desde que o jardineiro atual, cuja esposa dera recentemente à luz gémeos, se havia mudado para uma casa maior, do outro lado de Kilmartin. – Não podemos ir para casa? – perguntou ela, um pouco desesperada. A última coisa que precisava era de ficar a sós com Michael, presa numa pequena casa aconchegante, e se bem se lembrava, com uma cama enorme.

– A pé, vai levar-nos mais de uma hora – explicou ele em tom sombrio – e a tempestade está a piorar.

Raios! Ele tinha razão. O céu adquirira uma tonalidade esquisita e esverdeada, as nuvens tocadas por aquela estranha luz que antecede uma tempestade de extrema violência.

– Está bem – aceitou ela, tentando engolir a apreensão. Não sabia o que a assustava mais: pensar em ficar presa fora de casa no meio de uma tempestade ou presa dentro de uma pequena cabana com Michael.

– Se corrermos, podemos estar lá em apenas alguns minutos – disse Michael. – Ou melhor, tu podes correr. Eu vou ter de levar o *Felix*. Não sei quanto tempo ele vai demorar a fazer o trajeto.

Francesca sentiu os olhos estreitarem-se ao olhar para ele.

– Não fizeste de propósito, pois não?

Ele encarou-a com uma expressão tenebrosa, que combinava na perfeição com o terrível raio que riscou o céu.

– Desculpa – apressou-se a dizer, arrependendo-se de imediato do que dissera. Havia certas coisas das quais *nunca* se acusava um cavalheiro britânico, sendo a mais importante lesionar um animal de forma deliberada, *qualquer* que fosse o motivo. – Peço desculpa – acrescentou, no exato momento em que um trovão sacudiu a terra. – A sério que sim.

– Sabes como chegar lá? – gritou ele por cima da tempestade.

Ela assentiu com a cabeça.

– Podes acender a lareira enquanto esperas por mim?

– Posso tentar.

– Então, vai – disse ele, seco. – Corre e aquece-te. Não demoro muito.

Francesca obedeceu, embora não tivesse certeza se corria para a casa ou para longe dele.

E considerando o facto de ele estar poucos minutos atrás dela, teria realmente importância?

Mas, enquanto corria, sentindo as pernas a doer e os pulmões a queimar, a resposta a essa pergunta não pareceu relevante. A dor do esforço tomou conta dela, igualada apenas pelas alfinetadas da chuva no rosto. Mas tudo lhe parecia estranhamente apropriado, como se fosse exatamente isso que ela merecia.

Provavelmente sim, pensou, infeliz.

No momento em que Michael abriu a porta da pequena casa, estava encharcado até aos ossos e tremia como um louco. Demorara muito mais tempo do que havia previsto a conduzir *Felix* até à casa do jardineiro e depois, claro, ainda tinha sido confrontado com a tarefa de encontrar um lugar decente para amarrar o cavalo ferido, já que não podia deixá-lo debaixo de uma árvore durante uma tempestade.

Finalmente conseguiu formar uma tenda improvisada no que costumava ser um galinheiro, mas o resultado foi entrar na casa de campo com as mãos a sangrar e as botas salpicadas com uma substância malcheirosa que a chuva, inexplicavelmente, não conseguira lavar.

Francesca estava ajoelhada junto à lareira, a tentar produzir uma faísca. Pelo som dos seus resmungos, não estava a ter muito sucesso.

– Deus do céu! – exclamou. – O que te aconteceu?

– Tive problemas para encontrar um sítio onde amarrar o *Felix* – explicou Michael com brusquidão. – Por isso tive de lhe construir um abrigo.

– Com as tuas próprias mãos?

– Não tinha outras ferramentas – disse ele, encolhendo os ombros.

Ela olhou nervosamente pela janela.

– Será que ele vai ficar bem?

– Espero que sim – respondeu Michael, sentando-se num banquinho de três pernas para tirar as botas. – Não podia simplesmente dar-lhe uma palmada no dorso e mandá-lo para casa com a pata

ferida.

– Não, claro que não – concordou ela. E então o seu rosto assumiu uma expressão horrorizada, e ela levantou-se de um salto, perguntando aflita: – E tu *estás* bem?

Normalmente, ele teria agradecido a preocupação, mas seria muito mais fácil se soubesse de que diabo estava ela a falar.

– Perdão? – perguntou educadamente.

– A malária – explicou ela, com um toque de urgência. – Estás encharcado e acabaste de ter um ataque. Não quero que... – Parou, aclarando a garganta e endireitando visivelmente os ombros. – A minha preocupação não significa que esteja mais propensa a ser caridosa contigo do que estava há uma hora, mas não desejo que sofras uma recaída.

Ele ainda considerou mentir para conquistar a solidariedade dela, mas disse apenas:

– Não é assim que funciona.

– Tens a certeza?

– Absoluta. Uma constipação não provoca ataques de malária.

– Oh! – Ela precisou de um algum tempo para digerir a informação. – Bom, nesse caso... – As palavras esmoreceram e os lábios apertaram-se em desagrado. – Continua, então – disse, em jeito de conclusão.

Michael ofereceu-lhe uma saudação insolente e, em seguida, voltou a atenção para as botas, tirando a segunda com um puxão firme antes de pegar nelas com cuidado e ir pô-las junto à porta.

– Não toques nisto – avisou ele, distraído, indo até à lareira. – Estão nojentas.

– Não consegui acender o fogo – disse ela, ainda de pé junto à lareira, com ar desajeitado. –

Desculpa. Não tenho muita experiência nesta área, infelizmente. Mas encontrei alguma lenha seca ali no canto.

Apontou para a lareira, onde tinha colocado um par de troncos.

Ele tratou de acender a lareira, com as mãos ainda a arder um pouco por causa dos arranhões que sofrera ao limpar as silvas do galinheiro para abrigar *Felix*. Na verdade, até agradecia pela dor. Por mais pequena que fosse, sempre lhe dava algo para pensar que não a mulher atrás dele.

Ela estava furiosa.

Ele devia ter esperado isso. A verdade é que tinha, mas o que não esperava era o quanto isso lhe feria o orgulho e, para ser sincero, o coração. Sabia, obviamente, que ela não ia de repente declarar o seu amor eterno por ele depois de um só episódio de paixão implacável, mas uma pequena parte dele nutria a esperança vã que assim fosse.

Quem diria que ao fim de tantos anos de mau comportamento se ia transformar num romântico incorrigível?

Mas Francesca ia acabar por ceder, tinha quase a certeza disso. Tinha de ceder. Ela ficara comprometida... bastante, aliás, pensou com uma certa satisfação. E embora não fosse virgem, tinha importância para uma mulher de princípios como Francesca.

O que o deixava com uma decisão a tomar: esperava que a fúria lhe passasse ou provocava-a e pressionava até ela aceitar a inevitabilidade da situação? Esta última iria certamente deixá-lo pisado e ofegante, mas achava que era a opção que apresentava maior hipótese de sucesso.

Se a deixasse sozinha, ela iria racionalizar tudo até à exaustão, ou talvez até encontrar uma maneira de fingir que nada tinha acontecido.

– Conseguiu acendê-la? – ouviu-a perguntar do outro lado da sala.

Ele abanou uma faísca durante mais uns segundos e depois soltou um suspiro satisfeito quando uma pequena chama cor de laranja começou a tremeluzir e a arder.

– Vou ter de cuidar do fogo um pouco mais – disse ele, virando-se

para olhar para ela –, mas sim, em breve teremos um fogo bastante bom.

– Ainda bem – disse ela de forma sucinta. Recuou alguns passos até ficar encostada à cama. – Eu fico aqui.

Ele não pôde deixar de abrir um sorriso irónico. A casa tinha um único aposento. Onde acharia ela que poderia ir?

– Tu – continuou ela, com ar de governanta insuportável – podes ficar ali.

Ele seguiu o dedo que ela apontava para o canto oposto.

– A sério? – disse ele em tom indolente.

– Eu acho que é melhor.

Michael encolheu os ombros.

– Está bem.

– Está bem?

– Está bem. – E então levantou-se e começou a despir-se.

– O que estás a fazer? – perguntou Francesca, chocada.

Ele sorriu para dentro, mantendo-se de costas para ela.

– A manter-me no meu canto – disse, atirando as palavras descontraídas por cima do ombro.

– Estás a tirar a roupa – observou ela, conseguindo soar chocada e ativa, ao mesmo tempo.

– Eu sugiro que faças o mesmo – aconselhou Michael, franzindo o sobrolho ao reparar que tinha uma mancha de sangue na manga. Raios, as mãos estavam mesmo uma desgraça.

– Era só o que faltava – replicou Francesca.

– Agarra nisto, sim? – disse ele, atirando-lhe a camisa.

Ela soltou um gritinho quando a camisa lhe acertou no peito, o que o deixou bastante satisfeito.

– Michael! – exclamou ela, atirando-lhe a peça de roupa de volta.

– Desculpa – disse ele na sua voz mais impenitente. – Pensei que gostarias de a usar como pano de limpeza.

– Volta a vestir a camisa – resmungou ela.

– E congelar? – perguntou ele, erguendo uma sobrancelha arrogante. – Com malária ou sem malária, não pretendo apanhar uma constipação. Além disso, não é nada que não tenhas visto antes. –

E ao ouvir o longo suspiro dela, acrescentou: – Não, espera. Peço desculpa. Não chegaste a ver, pois não? Ontem à noite não tive tempo para tirar mais nada exceto as calças, não foi?

– Sai – disse ela, a voz baixa e furiosa.

Ele riu-se baixinho e inclinou a cabeça para a janela, que vibrava com o som da chuva contra o vidro.

– Não me parece, Francesca. Infelizmente, estás presa aqui comigo enquanto a tempestade durar.

Como que para provar o argumento, a pequena cabana abanou até aos alicerces com a força de um trovão.

– Talvez queiras virar as costas – disse Michael em tom de conversa e, vendo os olhos dela arregalarem-se ligeiramente sem compreender, acrescentou: – Vou tirar as calças.

Francesca soltou um pequeno murmúrio de indignação, mas virou-se.

– Ah, e tira o cobertor da cama – pediu ele em voz alta, despindo a roupa encharcada. – Estás a

encharcá-lo.

Por um segundo, achou que ela iria plantar o traseiro ainda mais firmemente contra o cobertor, só para o desafiar, mas o bom senso deve ter prevalecido porque ela levantou-se e puxou a colcha da cama, sacudindo quaisquer gotas que pudessem ter caído.

Ele aproximou-se, bastando-lhe quatro passadas largas, e puxou o cobertor que estava por baixo.

Não era tão grosso como a colcha que ela segurava, mas servia.

– Estou tapado – avisou, assim que ficou a salvo no seu canto.

Ela virou-se. Lentamente e com apenas um olho aberto.

Michael lutou contra a vontade de abanar a cabeça em reprovação. A verdade é que tudo lhe parecia um exagero, dado o que acontecera na noite anterior. Mas se agarrar-se aos fragmentos da sua virtude virginal a fazia sentir-se melhor, ele estava disposto a permitir-lhe essa bênção... pelo resto da manhã, pelo menos.

– Estás a tremer – notou ele.

– Estou com frio.

– Pois claro que estás. O teu vestido está ensopado.

Ela não respondeu, limitando-se a atirar-lhe um olhar que dizia claramente não ter planos de remover qualquer peça de vestuário.

– Faz como quiseses – disse ele –, mas, pelo menos, vem sentar-te perto do fogo.

Ela mostrou-se hesitante.

– Pelo amor de Deus, Francesca! – exclamou ele, com a paciência por um fio. – Dou-te a minha palavra de honra que não vou atacar-te. Pelo menos não esta manhã nem sem a tua permissão.

Por alguma razão isso fê-la corar ainda com mais vigor, mas ainda devia ter algum respeito por ele e pela sua palavra porque atravessou a sala e sentou-se perto do fogo.

– Está mais quente? – perguntou, só para a provocar.

– Bem mais.

Durante os minutos seguintes, Michael ocupou-se a alimentar o fogo, tendo o cuidado de garantir que as chamas não se extinguiriam e lançando olhares furtivos ao perfil dela de vez em quando.

Algun tempo depois, quando a expressão de Francesca se suavizou um pouco, ele decidiu tentar a sorte e disse muito baixinho:

– Não chegaste a responder à minha pergunta de ontem à noite.

Ela não se virou.

– Que pergunta?

– Acredito que te pedi em casamento.

– Não, não pediste – respondeu ela, com a voz bastante calma. – Informaste-me que achavas que devíamos casar e então passaste a explicar porquê.

– Ah, sim? – murmurou ele. – Que negligente da minha parte.

– Não tomes isso como um convite para fazeres o pedido agora – disse ela bruscamente.

– Achas que devo desperdiçar este momento tão romântico? – articulou em voz arrastada.

Ele não podia ter certeza, mas julgou ver os lábios de Francesca contraírem-se numa breve alusão a humor contido.

– Muito bem – disse ele, no seu tom mais magnânimo –, não vou pedir-te para casares comigo. Mas recordo-te que qualquer cavalheiro iria insistir nisso, depois do que aconteceu...

– Se fosses um cavalheiro – interrompeu ela –, aquilo não teria acontecido.

– Éramos dois participantes, Francesca – lembrou-lhe suavemente.

– Eu sei – respondeu ela num tom de voz tão amargo que Michael lamentou tê-la provocado.

Infelizmente, assim que tomou a decisão de parar de a provocar, ficou sem nada para dizer. O que não abonava nada a seu favor, mas paciência. Então manteve-se em silêncio, apertando o cobertor de lã mais firmemente ao corpo quase despido e deitando-lhe olhadelas subreptícias de vez em quando, tentando perceber se ela começava a ficar gelada de mais.

Por mais que lhe custasse, ia manter-se de boca fechada, só para lhe poupar os sentimentos, mas se ela pusesse em risco a saúde... bom, nesse caso, não havia promessa que valesse.

Mas Francesca não estava a tremer, nem mostrava sinais de estar cheia de frio, exceto pela maneira como segurava as várias partes da saia na direção do fogo, numa tentativa inútil de secar o tecido.

De vez em quando ficava com um ar de quem ia dizer alguma coisa,

mas logo depois voltava a fechar a boca, humedecendo os lábios com a língua e soltando pequenos suspiros.

E então, sem sequer olhar para ele, ela disse:

– Eu vou pensar.

Ele arqueou uma sobrancelha, esperando que ela dissesse mais alguma coisa.

– No pedido de casamento – esclareceu, não tirando os olhos do fogo.
– Mas não te vou dar uma resposta agora.

– Podes estar a carregar um filho meu – disse ele em voz baixa.

– Estou ciente disso. – Ela colocou os braços à volta dos joelhos dobrados e abraçou-os. – Dou-te a resposta quando a tiver.

Michael enterrou as unhas nas palmas das mãos. Fizera amor com ela, em parte para forçar o casamento, não poderia contornar esse desagradável facto, mas não com o propósito expresso de a engravidar. Pensara uni-la a ele pela paixão, não por causa de uma gravidez não planeada.

E agora ela estava essencialmente a dizer-lhe que a única razão que a levaria a casar-se com ele era a existência de um bebé.

– Percebo – disse ele, achando que a voz saíra extraordinariamente calma, dada a fúria ardente que lhe corria no sangue.

Fúria que provavelmente não tinha o direito de sentir, mas que não podia ser negada e que não era cavalheiro suficiente para ignorar.

– Que pena eu ter prometido que não te atacava esta manhã, então – disse ele num tom perigoso, incapaz de resistir a um sorriso predatório.

A cabeça dela voltou-se para o encarar.

– Eu podia... como dizer – refletiu ele, coçando o queixo levemente –, selar o acordo. Ou, no mínimo, divertir-me imenso a tentar.

– Michael...

– Mas que bom para mim – interrompeu ele – que, de acordo com meu relógio –, continuou, tirando o relógio do bolso do casaco pousado na mesa perto dele –, só faltam cinco minutos para o meio-dia.

– Não farias isso – sussurrou ela.

Não tinha graça nenhuma, mas ele sorriu assim mesmo.

– Não me deixas outra escolha.

– Porquê? – perguntou ela.

Embora ele não fizesse a mais pequena ideia do que ela estava a perguntar, respondeu com o pouco

de verdade ao qual não podia escapar:

– Porque preciso.

Os olhos dela arregalaram-se.

– Dás-me um beijo, Francesca?

Ela negou com a cabeça.

Ela estava a bem mais de um metro dele, ambos sentados no chão. Michael aproximou-se, o coração disparado ao notar que ela não fugiu.

– Vais deixar-me beijar-te? – sussurrou ele.

Ela não se moveu.

Ele inclinou-se para ela.

– Eu disse que não iria seduzir-te sem a tua permissão – disse ele, a voz rouca, as palavras caindo a poucos centímetros dos lábios dela.

Ainda assim, ela não se moveu.

– Dás-me um beijo, Francesca? – perguntou novamente.

Ela inclinou-se para ele.

E ele soube que ela era sua.

CAPÍTULO 19

...Acredito que o Michael pode estar a considerar regressar a casa. Não o diz diretamente nas cartas, mas não posso desconsiderar a intuição de mãe. Eu sei que não deveria arrancá-lo de todos os seus sucessos na Índia, mas acho que ele sente a nossa falta. Não seria fantástico tê-lo em casa?

De Helen Stirling para a condessa de Kilmartin, nove meses antes de o conde de Kilmartin regressar da Índia Ao sentir os lábios tocarem os dela, Francesca só conseguia pensar se teria perdido por completo a sanidade. Mais uma vez, Michael pedira-lhe permissão. Mais uma vez, tinha-lhe dado a oportunidade de se afastar, de o rejeitar e de se manter a uma distância segura.

Mas mais uma vez, a sua mente fora completamente escravizada pelo corpo, deixando-a sem forças para negar o acelerar da própria respiração ou o violento bater do coração.

Ou o formigueiro lento e escaldante de antecipação ao sentir aquelas mãos grandes e fortes deslizarem-lhe pelo corpo, chegando cada vez mais perto do âmago da sua feminilidade.

– Michael – sussurrou, mas ambos sabiam que a súplica não era de rejeição.

Ela não estava a pedir-lhe para parar, estava implorar-lhe para continuar, para lhe alimentar a alma como fizera na noite anterior, para a lembrar de todas as razões que a faziam adorar ser mulher e para lhe ensinar a felicidade inebriante do seu próprio poder sensual.

– Mmmm – foi a única resposta de Michael.

Os dedos ocuparam-se com os botões do vestido, e mesmo o tecido ainda estando húmido e maljeitoso, ele despiu-a em tempo recorde, deixando-a apenas com a combinação de algodão fino, que a chuva tornara quase transparente.

– És tão linda – sussurrou ele, admirando-lhe o contorno dos seios, claramente definidos sob o algodão branco. – Eu não posso... eu não...

Não disse mais nada, o que ela achou intrigante, por isso perscrutou-lhe o rosto. Aquelas não eram simples palavras para ele, percebeu com um choque de surpresa. O tom dele mostrava uma emoção que Francesca julgava nunca lhe ter visto antes.

– Michael? – sussurrou. O nome era uma pergunta, embora ela não soubesse qual.

E tinha quase a certeza de que ele também não sabia o que responder. Pelo menos não com palavras. Pegou nela ao colo e levou-a para a cama, parando na ponta do colchão para lhe tirar a combinação.

Este era o ponto onde ela podia parar, lembrou-se Francesca. Podia parar tudo agora. Michael desejava-a... muito, era bem visível. Mas pararia se ela lho pedisse.

Mas ela não era capaz. Não importava se o cérebro lhe pedia razão e lucidez, os lábios insistiam em aproximar-se dos dele, sedentos por um beijo, desesperados para prolongar o contacto.

Ela desejava aquilo. Ela desejava-o. E mesmo sabendo que era errado, era demasiado perversa

para parar.

Ele tornara-a perversa.

E ela só queria deleitar-se na sensação.

– Não – disse, a palavra cruzando os lábios com estranha franqueza.

As mãos dele pararam de imediato.

– Eu aceito – disse ela.

Os olhos de ambos encontraram-se, e ela viu-se mergulhada nas profundezas turbulentas daquele olhar. Continha centenas de perguntas, nenhuma das quais ela estava preparada para responder. Mas uma coisa sabia, mesmo recusando-se a dizer as palavras em voz alta. Se ia fazer aquilo, se era incapaz de recusar o seu próprio desejo, então, por Deus, iria fazê-lo em todos os sentidos. Tomaria o que queria, roubaria o que precisava, e no fim de tudo, se conseguisse voltar à razão e pôr fim à loucura, teria tido uma tarde erótica, um interlúdio escaldante que fora ela a controlar.

Ele despertara a luxúria nela, e Francesca queria a vingança que lhe era devida.

Encostando uma mão ao peito dele, empurrou-o para a cama e viu-lhe os olhos em fogo, os lábios entreabertos de desejo e de simultânea incredulidade.

Deu um passo para trás e com mãos delicadas segurou a bainha da combinação.

– Queres que a tire? – sussurrou.

Ele fez que sim com a cabeça.

– Diz – exigiu ela.

Queria saber se ele estava para além das palavras. Queria saber se era capaz de o reduzir à loucura, escravizá-lo às suas necessidades, tal como ele lhe fizera.

– Sim – arquejou ele, a palavra saindo rouca e entrecortada.

Francesca não era inocente; fora casada durante dois anos com um homem de apetite perfeitamente saudável e ativo, um homem que a ensinara a celebrar o mesmo. Sabia como ser ousada, entendia como poderia atizar a sua própria urgência, mas nada poderia tê-la preparado para a carga elétrica daquele momento, para a emoção decadente de se despir para Michael.

Nem para a impressionante onda de calor que sentiu quando ergueu o olhar para ele e o viu observá-la.

Aquilo era poder.

E ela adorou.

Com uma lentidão deliberada, foi subindo a bacia, começando logo acima dos joelhos, fazendo-a deslizar depois ao longo das coxas até quase chegar às ancas.

– Chega? – provocou, humedecendo os lábios para um meio sorriso sensual.

Ele abanou a cabeça.

– Mais – exigiu.

Exigiu? Ela não gostou.

– Implora-me – sussurrou ela.

– Mais – pediu ele com mais humildade.

Francesca deu-lhe um aceno de aprovação, mas pouco antes de o deixar ver o centro da sua feminilidade, virou-se, subindo a combinação num movimento oscilante até expor as nádegas, depois as costas e, finalmente, despiu-a pela cabeça.

A respiração de Michael saía-lhe quente e pesada dos lábios; ela podia ouvir cada sibilar, quase como se a sentisse a acariciar-lhe as costas. Mas mesmo assim não se virou. Em vez disso, deixou

escapar um gemido lento e sedutor e deslizou as mãos pelos lados do corpo, curvando ligeiramente as costas ao passar as mãos pelas nádegas, movendo-as depois para a frente e alcançando os seios. E

mesmo sabendo que ele não podia vê-la, apertou-os.

Ele saberia o que ela estava a fazer.

E deixá-lo-ia louco.

Ouviu um ruído vindo da cama, ouviu a madeira.

– Não te mexas – ordenou.

– Francesca – gemeu ele, a voz mais perto. Devia ter-se sentado, devia estar a meros segundos de a agarrar.

– Deita-te – disse ela em suave advertência.

– Francesca – disse ele de novo, mas agora havia um toque de desespero na voz.

Isso fê-la sorrir.

– Deita-te – repetiu, ainda sem olhar para ele.

Ouviu-o ofegante, sabia que ele não se tinha mexido, que ainda estava a tentar decidir o que fazer.

– Deita-te – disse ela, uma última vez. – Se me queres.

Por um segundo fez-se silêncio, e então ela ouviu-o deitar-se novamente. Mas também lhe ouviu a respiração, agora pontilhada de uma urgência perigosamente áspera.

– É assim mesmo – sussurrou ela.

Provocou-o um pouco mais, passando as mãos ao de leve pela pele, as unhas roçando a superfície, causando arrepios por onde passava.

– Hummm – gemeu ela, o som uma provocação deliberada. – Hummm.

– Francesca – sussurrou ele.

Ela deslizou as mãos pela barriga e foi descendo, descendo, não para se estimular – não se achava devassa o suficiente para o fazer –, mas o bastante para cobrir o monte de Vénus, deixando-o curioso para saber o que os dedos faziam.

– Hummm – murmurou novamente. – Ohhhh!

Ele emitiu um som gutural, primitivo e totalmente incoerente. Estava muito perto do limite e ela não iria conseguir provocá-lo muito mais.

Espreitou por cima do ombro, humedecendo os lábios ao olhar para ele.

– Devias tirar isso – sugeriu ela, deixando o olhar descer até ao centro do corpo dele ainda coberto. Michael não se despira completamente quando tirara a roupa molhada e a virilidade comprimia-se furiosamente contra o tecido. – Não pareces muito confortável – acrescentou, infundindo na voz uma breve sugestão de inocência tímida.

Ele resmungou alguma coisa e praticamente arrancou a roupa interior.

– Oh, céus! – disse Francesca baixinho, e mesmo tendo planeado as palavras como parte da provocação, descobriu que eram mais do que sinceras. Ele parecia enorme e poderoso, e ela teve a noção do quanto aquele jogo de o forçar até ao limite era perigoso.

Mas já não conseguia parar. Sentia-se gloriosa no poder que exercia sobre ele e ser-lhe-ia impossível interromper agora.

– Muito bom – ronronou ela, deixando o olhar vaguear pelo corpo dele, pousando-o, por fim, no centro da sua masculinidade.

– Frannie – avisou ele –, já chega.

Ela deixou os olhos subirem até aos dele.

– Tu obedeces-me a *mim*, Michael – disse ela com branda autoridade. – Se me queres, podes ter-me, mas sou eu que mando.

– Fr...

– Essa é a minha condição.

Ele ficou imóvel e, em seguida, voltou a relaxar em aquiescência. Mas não se deitou. Ficou sentado, ligeiramente inclinado, com as mãos apoiadas no colchão. Cada músculo do seu corpo estava tenso e os olhos tinham um ar felino, como se estivesse pronto a atacar.

Ele era simplesmente magnífico, percebeu, com um arrepio de desejo.

E estava nas mãos dela.

– O que devo fazer agora? – perguntou ela em voz alta.

– Vem cá – respondeu Michael em tom rouco.

– Ainda não – suspirou ela, virando-se até o corpo ficar de perfil. Viu o olhar dele recair nas pontas endurecidas dos seios, os olhos escurecerem enquanto lambia os lábios. Sentiu o seu próprio corpo ficar tenso, pois a imagem mental daquela língua na sua pele provocou-lhe uma nova onda de calor.

Levou uma mão ao peito, curvando-a na base do seio e empurrando-o para cima, como uma oferta deliciosa.

– É isto que queres? – sussurrou.

A voz dele não passava de um murmúrio ao dizer:

– Tu sabes o que eu quero.

– Hum, sim – murmurou ela –, mas o que acontece entretanto? As coisas não são mais doces quando somos forçados a esperar por elas?

– Nem tu fazes ideia – disse ele, quase com brusquidão.

Ela olhou para o seio.

– Pergunto-me o que aconteceria se eu fizesse... isto – disse ela, segurando o mamilo e rolando-o entre os dedos, o corpo contorcendo-se à medida que o movimento lhe enviava arrepios até ao centro do seu ser.

– Frannie – gemeu Michael.

Ela olhou para ele. Tinha os lábios entreabertos e os olhos vidrados de desejo.

– Gosto disto – disse Francesca, quase com espanto. Nunca se tocara daquela forma, nunca pensara sequer nisso até àquele momento, com Michael como público cativo. – Gosto disto – repetiu, levando a outra mão ao outro seio, proporcionando a si mesma um prazer duplo. As mãos empurraram os dois seios para cima, juntando-os e formando um espartilho sensual.

– Oh, meu Deus! – gemeu Michael.

– Não tinha ideia de que podia fazer isto – disse ela, arqueando as costas.

– Eu posso fazer melhor – contrapôs ele com um suspiro estrangulado.

– Hum, é provável que sim – consentiu ela. – Tiveste muita prática, não foi?

Ela lançou-lhe um olhar de elegância sofisticada, como se lhe fosse absolutamente natural o facto de ele ter já seduzido dezenas de mulheres. E a estranha verdade era que, até aquele momento, achava que sim.

Mas agora ele pertencia-lhe. Era dela para seduzir e dela para desfrutar, e enquanto o tivesse exatamente onde queria, não ia pensar nas outras mulheres. Elas não estavam naquele quarto. Era só ela e Michael, e o calor escaldante que crescia entre ambos.

Aproximou-se da cama, afastando-lhe a mão quando ele tentou tocá-la.

– Se eu te deixar tocar num, prometes-me uma coisa? – murmurou ela.

– Tudo.

– Nada mais – disse ela, o tom ligeiramente oficioso. – Podes fazer o que eu deixar e nada mais.

Ele acenou com a cabeça bruscamente em concordância.

– Deita-te – ordenou ela.

Ele obedeceu.

Francesca subiu para a cama, não permitindo que os corpos se tocassem. Pondo-se de gatas, deixou-se balançar acima do corpo dele e, com toda a suavidade, disse:

– Uma mão, Michael. Podes usar uma mão.

Com um gemido que soava como se arrancado do fundo da garganta, ele estendeu a mão para ela, uma mão grande que lhe abarcou todo o seio.

– Oh, meu Deus! – arquejou ele, o corpo movendo-se em espasmos ao apalpá-la. – As duas mãos, por favor – implorou.

Ela não conseguiu resistir. Aquele simples toque incendiava-a e, embora quisesse exercer o seu poder sobre ele, não conseguia dizer não. Aceitando com um gesto, porque já mal podia falar, arqueou as

costas e, subitamente, sentiu ambas as mãos nela, acariciando, apalpando, chicoteando-lhe os sentidos já aguçados até a levar à loucura.

– O mamilo – sussurrou ela. – Faz o que eu fiz.

Ele sorriu furtivamente, fazendo-a intuir que já não era tão dona da situação como pensava, mas fez o que ela mandou, os dedos torturando-lhe os mamilos.

E como prometido, ele fazia-o melhor do que ela.

O corpo dela cedeu, quase perdendo toda a força para manter a posição.

– Leva-me à tua boca – ordenou ela, mas a voz perdera muito do seu tom autoritário. Ela já implorava e ambos sabiam disso.

Mas queria. Ah, como queria. John, apesar de todo o seu entusiasmo na cama, nunca lhe acariciara os seios da forma que Michael fizera na noite anterior. Ele nunca a sugara, nunca lhe mostrara como os lábios e os dentes eram capazes de fazer todo o seu corpo contorcer-se de prazer. Francesca nem sabia que um homem e uma mulher poderiam fazer tal coisa.

Mas agora que sabia, não conseguia parar de fantasiar sobre isso.

– Desce mais – disse Michael baixinho –, se queres que eu fique deitado.

Ainda de gatas, aproximou-se mais, deixando um seio oscilar dolorosamente perto da boca dele.

A princípio, ele não fez nada, forçando-a a descer mais e mais, até o mamilo lhe roçar os lábios.

– O que queres, Francesca? – perguntou ele, o hálito quente e húmido a acariciar-lhe a pele.

– Tu sabes – respondeu ela num sussurro.

– Diz outra vez.

Já não era ela a comandar. Sabia disso, mas não se importava. A voz dele possuía um tom suave de autoridade, mas ela estava longe de mais para fazer outra coisa senão obedecer.

– Leva-me à tua boca – repetiu ela.

A reação foi instantânea e os lábios dele envolveram-na, puxando-a para baixo até ela ficar numa posição que lhe permitiu desfrutar de todo o prazer. Acariciou e provocou e Francesca sentiu-se afundar cada vez mais no feitiço dele, perdendo a vontade e a força, querendo apenas deitar-se de costas e deixá-lo fazer o que quisesse com ela.

– E agora? – perguntou Michael com gentileza, nunca a soltando dos lábios. – Mais? Ou... – rodou a língua de uma forma particularmente perversa – outra coisa diferente?

– Outra coisa – suspirou ela, sem saber se era porque queria outra coisa, ou porque não aguentava nem mais um minuto da tortura que ele lhe infligia naquele momento.

– Tu mandas – disse ele, a voz com um leve traço zombeteiro. – Eu estou às tuas ordens.

– Eu quero... eu quero... – Ela respirava com dificuldade e nem conseguiu terminar a frase. Ou talvez não soubesse o que queria.

– Queres que eu te sugira algumas opções?

Ela assentiu com a cabeça.

Ele deslizou um dedo pelo centro do ventre até ao núcleo da feminilidade.

– Posso tocar-te aqui – disse ele num sussurro diabólico – ou, se preferires, posso antes beijar-te.

O corpo dela ficou tenso ao pensamento.

– Mas isso apresenta novas questões – continuou ele. – Deitas-te e deixas-me ajoelhar entre as tuas pernas ou ficas em cima de mim e desces até à minha boca?

– Oh, meu Deus! – Ela não sabia, não fazia ideia que tais coisas eram possíveis.

– Ou – prosseguiu ele, pensativo – podes ser tu a levar-me à tua boca. Tenho a certeza de que vou gostar, embora deva dizer que não se enquadra no espírito deste interlúdio.

Francesca sentiu os lábios entreabrirem-se de choque e não pôde deixar de olhar de relance para o foco de masculinidade, enorme e

pronto para a receber. Ela tinha beijado John naquele sítio uma ou duas vezes, quando se sentira particularmente ousada, mas levá-lo à boca?

Era escandaloso de mais. Mesmo no seu atual estado de devassidão.

– Não – disse Michael com um sorriso divertido. – É melhor ficar para outra vez. Desconfio que vais ser uma aluna muito capaz.

Francesca anuiu, incapaz de acreditar no que prometia.

– Então, por agora – disse ele –, essas são as nossas opções, ou então...

– Ou então o quê? – quis ela saber, a voz pouco mais do que um sussurro áspero.

As mãos dele descansaram nas ancas de Francesca.

– Ou então podemos passar diretamente para o prato principal – disse ele com ar imperioso, exercendo uma pressão suave mas firme, guiando-a em direção à evidência do seu desejo.

– Podes ser tu a montar-me. Alguma vez o fizeste?

Ela abanou a cabeça, negando.

– Queres?

Ela fez que sim.

Uma das mãos deixou as ancas e, encontrando a nuca, puxou-a para si até o rosto dela estar bem perto do dele.

– Eu não sou um pónei mansinho – avisou em tom suave. – E prometo: vais ter de trabalhar para te maneres no lugar.

– Eu quero – sussurrou ela.

– Estás pronta para mim?

Ela assentiu com a cabeça.

– Tens a certeza? – sussurrou ele, os lábios curvando-se numa leve provocação. Ela não percebia o que ele estava a perguntar, e ele sabia disso.

Ela fitou-o, os olhos arregalados e interrogativos.

– Estás húmida? – murmurou ele.

As faces dela coraram, como se já não estivessem em chamas, mas ela fez que sim.

– Tens a certeza? – perguntou ele. – Talvez seja melhor eu verificar, só para ter a certeza absoluta.

Francesca ficou de respiração suspensa observando a mão dele curvar-se na sua coxa e mover-se em direção ao centro. Os gestos eram lentos, propositados, prolongando a tortura da antecipação. E

então, justamente quando ela se achava capaz de gritar de frustração, ele tocou-a, um dedo desenhando círculos preguiçosos na carne macia.

– Muito bom – ronronou ele, as palavras ecoando as dela.

– Michael – arquejou Francesca.

Mas ele estava gostar demasiado da sua posição para permitir que ela apressasse as coisas.

– Eu não tenho a certeza – disse ele. – Estás pronta aqui, mas estarás pronta... aqui?

Francesca quase gritou quando um dedo deslizou para dentro dela.

– Oh, sim – murmurou ele. – E sei que gostas, também.

– Michael... Michael... – foi tudo o que conseguiu dizer.

Outro dedo escorregou para acompanhar o primeiro.

– Tão quente – sussurrou ele. – A tua essência.

– Michael...

Os olhos dele encontraram os dela.

– Queres-me? – perguntou ele, a voz forte e direta.

Ela assentiu com a cabeça.

– Agora?

Ela voltou a assentir, desta vez com mais vigor.

Ele deslizou os dedos e as mãos voltaram às ancas, orientando-a na

descida... até ela sentir a ponta dele na sua abertura. Tentou descer mais o corpo para encaixar no dele, mas ele conteve-a.

– Assim é muito rápido – sussurrou.

– Por favor...

– Deixa-me guiar-te – disse ele, as mãos pressionando as ancas e ajudando na descida até ela sentir a elasticidade do seu próprio corpo a recebê-lo. Sentia-o enorme e era tudo tão diferente naquela posição.

– É bom? – perguntou ele.

Ela assentiu com a cabeça.

– Mais?

Ela repetiu a aquiescência.

E ele continuou a tortura, mantendo-se imóvel, mas descendo o corpo dela em direção ao dele, cada centímetro impossível a deslizar para dentro dela, cortando-lhe a respiração, a voz, a própria capacidade de pensar.

– Desliza para cima e para baixo – ordenou.

Os olhos dela voaram para os dele.

– Tu consegues – incentivou em tom suave.

Ela obedeceu, testando o movimento, gemendo com o prazer da fricção, depois ofegante ao perceber que deslizava ainda mais, que ele ainda não estava totalmente dentro dela.

– Leva-me até ao máximo – disse ele.

– Eu não posso.

Era verdade. Não podia. Era impossível. Sabia que o tinha feito na noite anterior, mas aquilo era diferente. Era impossível ele caber.

As mãos dele apertaram-na com mais força, arqueando ligeiramente as ancas para cima, e então, com uma estocada que a deixou completa e mentalmente entorpecida, ela viu-se sentada em cima dele, pele com pele.

Mal podia respirar.

– Oh, meu Deus – gemeu Michael.

Ela ficou ali, balançando para frente e para trás, sem saber o que fazer.

A respiração de Michael saía-lhe aos arrancos e o corpo começou a contorcer-se sob o dela.

Francesca agarrou-se aos ombros dele, na tentativa de se apoiar, de manter o seu lugar e, ao fazê-lo, começou também a subir e a descer, a assumir o controlo, buscando o prazer para si mesma.

– Michael, Michael – gemeu, o corpo começando a balançar de um lado para o outro, incapaz de se conter, incapaz de manter a força contra a maré quente de desejo que a dominava.

Ele só conseguia emitir sons guturais, o corpo a contrariar cada movimento dela. Tal como prometido, ele não foi gentil nem manso. Obrigou-a a trabalhar pelo seu prazer, a manter-se firme, a mover-se com ele, e depois contra ele até que...

Ela soltou um grito rasgado.

E o mundo simplesmente se desfez.

Ela não sabia o que fazer, não sabia o que dizer. Soltou os ombros dele enquanto sentia o corpo contrair-se e, em seguida, arqueou, cada músculo a ficar incrivelmente tenso.

E debaixo dela, ele explodiu. O rosto dele contorceu-se, o corpo levantou os dois para fora da cama e ela sabia que chegara o momento de ele se despojar dentro dela. O nome dela não lhe saía dos lábios, dito uma e outra vez, diminuindo de intensidade até não ser mais do que o mais leve dos sussurros. E quando terminou, tudo que ele disse foi:

– Deita-te comigo.

Ela assim fez. E adormeceu.

Pela primeira vez em muitos dias, dormiu profundamente, num sono reparador.

E nunca soube que ele permaneceu acordado o tempo todo, os lábios roçando-lhe a têmpora, a mão no seu cabelo.

Sussurrando-lhe o nome.

Sussurrando outras palavras também.

CAPÍTULO 20

...o Michael vai fazer o que quer. É o que sempre faz.

Da condessa de Kilmartin para Helen Stirling, três dias após receber a missiva de Helen Os dias que se seguiram não trouxeram um minuto de paz a Francesca. Quando pensava racionalmente, ou pelo menos da forma mais racional que era capaz, chegava à conclusão de que já devia ter encontrado algumas respostas, devia ter sentido algum tipo de lógica no ar, algo que lhe pudesse dizer como proceder, como agir, que tipo de escolha precisava fazer.

Mas, não. Nada.

Ela tinha feito amor com ele duas vezes.

Duas vezes.

Com Michael.

Isso por si só deveria ter ditado as suas decisões, convencendo-a a aceitar a proposta de casamento. Deveria ter ficado claro. Ela tinha dormido com ele. Podia estar grávida, embora a possibilidade lhe parecesse remota, uma vez que tinha demorado dois anos para engravidar de John.

Mas, mesmo sem tais consequências, a sua decisão deveria ter sido óbvia. No seu mundo, na sociedade em que vivia, o tipo de intimidades em que se tinha envolvido significava apenas uma coisa.

Casamento.

No entanto, não conseguia dizer *sim*. Sempre que pensava estar convencida de que essa era a solução, uma vozinha dentro dela pedia cautela, e ela detinha-se, incapaz de avançar, com medo de mergulhar nos seus próprios sentimentos e descobrir porque se sentia tão paralisada.

Michael não entendia, claro. Como poderia, quando ela mesma não entendia?

– Vou falar com o vigário amanhã de manhã – murmurara-lhe ele ao ouvido, à saída da casa do jardineiro, enquanto a ajudava a montar um outro cavalo. Mais para o fim da tarde, ela havia acordado sozinha, com um bilhete curto na almofada ao seu lado, a explicar que ia levar *Felix* a Kilmartin e regressaria em breve com uma nova montada.

Mas só trouxera um cavalo, forçando-a mais uma vez a partilhar a sela, desta vez empoleirada atrás dele.

– Não estou pronta – dissera ela, uma súbita onda de pânico invadindo-lhe o peito. – Não vás vê-lo. Ainda não.

O rosto de Michael fechara-se, mas ele não perdera a calma.

– Falamos sobre isso mais tarde – sugerira.

Fizeram a viagem até casa em silêncio.

Assim que chegaram a Kilmartin, ela tentou fugir para o quarto, murmurando alguma coisa sobre ter de tomar banho, mas ele pegou-lhe na mão, num aperto firme e inflexível, e ela viu-se sozinha com ele, mais uma vez na sala de estar rosa, a porta firmemente fechada atrás deles.

– O que se passa? – quis ele saber.

– O que queres dizer com isso? – respondeu Francesca, tentando desesperadamente não olhar para a mesa atrás dele. Era a mesma onde ele a tinha sentado na outra noite e onde lhe fizera coisas indizíveis.

A memória por si só era suficiente para a fazer tremer.

– Sabes perfeitamente o que quero dizer – disse ele, impaciente.

– Michael, eu...

– Queres casar comigo? – exigiu saber.

Deus do Céu, como desejava que ele não tivesse acabado de dizer aquelas palavras. Era tudo muito mais fácil de evitar quando as palavras não estavam ali, suspensas entre ambos.

– Queres casar comigo? – repetiu ele, e desta vez as palavras saíram duras, com um toque de raiva.

– Não sei – respondeu ela finalmente. – Preciso de mais tempo.

– Tempo para quê? – retorquiu ele. – Para eu me esforçar mais para te engravidar?

Ela encolheu-se como se lhe tivessem batido.

Ele avançou para ela.

– Porque eu faço-o – alertou ele. – Possuo-te agora mesmo e outra vez esta noite e três vezes amanhã, se é o que é preciso.

– Michael, para... – pediu ela num sussurro.

– Eu deitei-me contigo – disse ele, as palavras austeras e estranhamente urgentes. – Duas vezes. Tu não és inocente. Sabes bem o que isso significa.

E era por não ser uma inocente, e ninguém jamais esperaria que o fosse, que ela foi capaz de dizer:

– Eu sei. Mas isso não importa. Não, se eu não engravidar.

Michael sibilou uma palavra que ela nunca sonhou que ele pudesse dizer na sua presença.

– Eu preciso de tempo – insistiu ela, abraçando o próprio corpo.

– Porquê?

– Eu não sei. Para pensar. Para ordenar toda esta confusão. Não sei.

– Que diabo resta para pensar? – rosnou ele.

– Bem, para começar, se vais ser ou não um bom marido – disse ela, finalmente acicatada.

Ele recuou.

– Que raio quer isso dizer?

– O teu anterior comportamento, por exemplo – respondeu, semicerrando os olhos. – Não tens sido exatamente um modelo de retidão cristã.

– Isto vindo da mulher que me mandou despir no início da tarde – troçou ele.

– Não seas ordinário – disse ela, em voz baixa.

– Então não me provoques.

A cabeça começou a doer-lhe e ela pressionou os dedos nas têmporas.

– Pelo amor de Deus, Michael, não podes deixar-me pensar? Não podes dar-me um pouco de tempo para pensar?

Mas a verdade era que ela tinha pavor de pensar. Medo do que podia descobrir. Que ela era uma devassa, uma vadia? Que tinha sentido uma emoção primitiva com aquele homem, uma sensação crescente e escandalosa que nunca tinha estado lá com o marido, a quem amava com todo o seu coração?

Tivera prazer com John, mas nada como isto.

Ela nunca tinha sequer sonhado que *isto* existia.

No entanto, encontrara-o com Michael.

O amigo. O confidente.

O amante.

Meu Deus, o que é que isso fazia dela?

– Por favor – sussurrou finalmente. – Por favor. Eu preciso de ficar sozinha.

Michael fitou-a durante muito tempo, tanto tempo que Francesca ficou com vontade de se contorcer sob aquele escrutínio, mas ele acabou por apenas praguejar baixinho e sair da sala.

Ela deixou-se cair no sofá e pousou a cabeça entre as mãos. Mas não chorou.

Ela não chorou. Nem uma única lágrima. E não fazia a mínima ideia porquê.

*

Nunca iria entender as mulheres.

Michael praguejou violentamente ao arrancar as botas, atirando o calçado ofensivo contra a porta do guarda-roupa.

– Senhor? – era a voz hesitante do criado, espreitando pela porta aberta para o quarto de vestir.

– Agora não, Reivers – retorquiu Michael em tom zangado.

– Com certeza, senhor – apressou-se a dizer o criado, indo buscar as botas. – Vou só levar isto. Irá querê-las limpas.

Michael praguejou novamente.

– Hum... ou talvez queimadas. – Reivers engoliu em seco.

Michael apenas olhou para ele e resmungou.

Reivers fugiu, mas estupidamente, esqueceu-se de fechar a porta.

Michael fechou-a com um pontapé, soltando uma injúria quando isso não o deixou satisfeito.

Até os pequenos prazeres da vida lhe eram negados agora, ao que parecia.

Pôs-se a deambular, inquieto, pelo macio tapete *bordeaux*, parando ocasionalmente à janela.

Era impossível compreender *as mulheres*. Nunca fingira ter essa capacidade. Mas achava que compreendia Francesca. Pelo menos o suficiente para saber com segurança que ela se casaria com um homem com quem tivesse dormido duas vezes.

Uma vez, talvez não. *Uma vez*, ela poderia considerar um erro. Mas duas vezes...

Ela nunca permitiria que um homem a possuísse duas vezes, a menos que lhe tivesse estima.

Mas pelos vistos não, pensou com uma carranca.

Pelos vistos, ela estava disposta a usá-lo para seu próprio prazer... e assim fizera. Meu Deus, como fizera. Tinha assumido a liderança, tomado o que queria, renunciando ao controlo apenas quando as chamas da paixão entre eles espiralaram num inferno.

Ela usara-o.

E ele nunca teria pensado que ela fosse capaz disso.

Teria sido assim com John? Teria ela assumido o controlo? Teria ela...

Ele parou, os pés imobilizando-se no tapete.

John.

Ele tinha-se esquecido de John.

Como era possível?

Durante anos, sempre que via Francesca, cada vez que se inclinava para o aroma inebriante dela, John estava lá, a primeira imagem nos seus pensamentos e, em seguida, na sua memória.

Mas, desde o instante em que ela entrara na sala de estar rosa na noite passada, quando ouvira os passos atrás dele e sussurrara as palavras «Casa comigo» para si mesmo, ele esquecera-se de John completamente.

A memória do primo nunca desapareceria. Ele era muito querido, muito importante para os dois.

Mas em algum ponto ao longo do caminho, em algum ponto ao longo do caminho até à Escócia, para ser mais preciso, Michael finalmente permitiu-se pensar...

Eu posso casar com ela. Eu posso pedi-la em casamento. Eu realmente posso.

Assim que concedeu a si mesmo essa permissão, foi sentindo cada vez menos que estava a roubá-la da memória do primo.

Michael não pedira para ser colocado nesta posição. Nunca erguera os olhos aos céus e desejara ficar com o condado. Nem nunca tinha realmente desejado Francesca, apenas aceitado que ela nunca poderia ser dele.

Mas John tinha morrido. Ele tinha *morrido*.

E não era culpa de ninguém.

John tinha morrido e a vida de Michael alterara-se de todas as formas imagináveis, exceto uma.

Ele ainda amava Francesca.

Meu Deus, como a amava.

Não havia nenhuma razão para não se casarem. Nenhuma lei, nenhum costume, nada além da sua própria consciência, que, de repente, ficou em silêncio sobre o assunto.

E Michael finalmente permitiu-se fazer, pela primeira vez, a única pergunta que nunca tinha feito a si mesmo.

O que pensaria John de tudo isto?

E percebeu que o primo teria dado a sua bênção. O coração de John era tão grande, o seu amor por Francesca – e por Michael – tão verdadeiro que teria querido que Francesca fosse amada e respeitada tal como Michael a amava e a respeitava.

E ele teria querido que Michael fosse feliz.

O único sentimento que Michael nunca pensara poder aplicar a si mesmo.

Feliz.

Que extraordinário.

Francesca tinha estado à espera que Michael lhe batesse à porta, mas quando isso aconteceu, ela deu um salto na mesma.

O choque foi muito maior quando abriu a porta e descobriu que tinha de baixar o olhar consideravelmente. Uns trinta centímetros, para ser precisa. Michael não estava do outro lado da porta. Era apenas uma das criadas, trazendo a bandeja com o jantar.

Estreitando os olhos, desconfiada, Francesca espreitou para o corredor, olhando para um lado e

para o outro, na esperança de que Michael estivesse escondido em algum canto escuro, aguardando o momento de atacar.

Mas não.

– Sua senhoria pensou que pudesse estar com fome – disse a criada, pousando a bandeja na escrivaninha de Francesca.

Francesca procurou a evidência de um bilhete, uma flor, algo que indicasse as intenções de Michael, mas não havia nada.

Não houve nada durante o resto da noite, e nada na manhã seguinte, também.

Nada exceto uma bandeja com o pequeno-almoço e outra reverência da criada, com outro «Sua senhoria pensou que pudesse estar com fome».

Francesca pedira tempo para pensar e parecia ser exatamente isso que ele lhe estava a dar.

E era horrível.

É certo que provavelmente teria sido pior se ele tivesse ignorado a vontade dela, não a deixando ficar sozinha. Claramente, não podia confiar em si mesma na presença dele. E também não confiava particularmente nele, com aqueles olhares sensuais e perguntas sussurradas.

Dás-me um beijo, Francesca? Deixas-me beijar-te?

E ela não conseguia recusar, não quando ele estava tão perto, os olhos... aqueles olhos cinzentos incríveis e semicerrados, a observá-la com um fogo tão intenso e lento.

Ele hipnotizava-a. Essa era a única explicação.

Naquela manhã colocou um vestido de passeio prático, muito adequado para fora de portas. Não queria ficar trancada no quarto, mas também não pretendia deambular pelos corredores de Kilmartin, sustendo a respiração a cada esquina, à espera que Michael aparecesse diante dela.

Supôs que ele podia encontrá-la lá fora se realmente quisesse, mas pelo menos sempre teria de se esforçar para o fazer.

Tomou o pequeno-almoço, espantada por ver que ainda tinha apetite em tais circunstâncias, e depois saiu do quarto, espreitando furtivamente pelo corredor, achando a atitude ridícula mas agindo como um assaltante ansioso por escapar.

Era a isso que tinha sido reduzida, pensou irritada.

Mas não o viu ao atravessar o corredor, nem o viu nas escadas.

Ele não estava em nenhuma das salas de estar ou salões, e no momento em que chegou à porta da frente, não pôde deixar de franzir

a testa.

Onde é que ele se tinha enfiado?

Não queria vê-lo, claro, mas ficou um tanto dececionada depois de toda a preocupação.

Colocou a mão na maçaneta.

Devia fugir. Devia apressar-se a sair enquanto o caminho estava livre e podia escapar.

Mas parou.

– Michael?

Disse a palavra apenas com os lábios, o que não deveria contar. Mas não conseguia afastar a sensação de que ele estava ali, de que estava a olhar para ela.

– Michael – sussurrou desta vez, olhando para todos os lados.

Nada.

Abanou a cabeça. Meu Deus, a que ponto tinha chegado? Estava a ficar muito fantasista. Quase paranoica.

Com um último olhar para trás, saiu de casa.

E nunca chegou a vê-lo, observando-a escondido pela curva da escada, no rosto o mais leve e verdadeiro dos sorrisos.

Francesca manteve-se fora de casa o máximo de tempo que conseguiu, até finalmente ceder à mistura de cansaço e frio. Tinha vagueado pela propriedade durante umas seis ou sete horas e estava cansada, cheia de fome e ansiosa por uma chávena de chá.

E não podia evitar a casa para sempre.

Por isso regressou tão silenciosamente como tinha saído, com a intenção de subir para o quarto, onde poderia jantar em privado. Mas antes de chegar ao fundo das escadas, ouviu o seu nome.

– Francesca!

Era Michael. Claro que era Michael. Não podia esperar que ele a deixasse em paz para sempre.

Mas o estranho era... não saber se ficara irritada ou aliviada.

– Francesca! – chamou ele de novo, aparecendo à porta da biblioteca –, vem cá.

Ele parecia muito afável, demasiado até, se isso fosse possível, além de que Francesca desconfiava da escolha do aposento. Porque é que ele não preferira atraí-la para a sala de estar rosa, onde ela seria assaltada por lembranças do encontro tórrido? Porque é que não tinha, pelo menos, escolhido o salão verde, decorado num estilo romântico exuberante, com divãs estofados e almofadas altas?

O que estava ele a fazer na biblioteca, que tinha de ser, seguramente, a sala menos provável de Kilmartin para encenar uma sedução?

– Francesca! – chamou ele uma vez mais, agora parecendo divertido com a indecisão dela.

– O que estás aí a fazer? – perguntou ela, tentando não parecer desconfiada.

– A tomar chá.

– Chá?

– Folhas fervidas em água? – murmurou ele. – Talvez já tenhas experimentado?

Ela apertou os lábios, contrariada.

– Na biblioteca?

Ele encolheu os ombros.

– Pareceu-me um lugar tão bom como qualquer outro. – Deu um passo para o lado e fez um gesto exagerado com o braço, indicando que ela podia entrar. – Um lugar tão *inocente* como qualquer outro

– acrescentou.

Ela tentou não corar.

– O passeio foi bom? – perguntou ele, num tom perfeitamente casual.

– Hum, sim.

– Está um dia muito agradável.

Ela assentiu com a cabeça.

– Mas imagino que o terreno ainda esteja um pouco encharcado em alguns sítios.

O *que* estaria ele a fazer?

– Chá? – ofereceu.

Ela assentiu com a cabeça, arregalando os olhos quando ele a serviu. Os homens *nunca* o faziam.

– Na Índia tinha de me arranjar sozinho de vez em quando – explicou Michael, lendo-lhe o

pensamento. – Aqui tens.

Ela aceitou a chávena de porcelana delicada e sentou-se, deixando que o calor do chá se espalhasse pelas mãos. Soprou-o levemente para arrefecer um pouco e, em seguida, provou, testando a temperatura.

– Um biscoito? – Ele estendeu um prato carregado com todos os tipos de delícias.

O estômago dela roncou e ela aceitou um sem falar.

– São bons – disse ele. – Eu comi quatro, enquanto te esperava.

– Esperaste muito tempo? – perguntou ela, quase surpreendida com o som da sua própria voz.

– Uma hora mais ou menos.

Ela bebeu um gole de chá.

– Ainda está quente.

– Mandei vir um bule novo a cada dez minutos – esclareceu ele.

– Oh! – Tanta amabilidade era, se não surpreendente, pelo menos inesperada.

Uma das sobrancelhas dele curvou-se, apenas ligeiramente, e ela ficou

sem saber se o teria feito de propósito. Ele controlava sempre tão bem as expressões; teria dado um excelente jogador, se tivesse tal inclinação. Mas a sobrançelha esquerda era diferente; há muitos anos que Francesca notara como ela se mexia por vezes, mesmo quando ele obviamente julgava manter o rosto perfeitamente impassível. Ela sempre pensara ser um segredo só seu, como uma janela privada para o funcionamento da mente de Michael.

Só que agora não tinha a certeza se queria a tal janela. Implicava uma proximidade com a qual já não se sentia muito confortável.

Sem falar que devia estar louca ao pensar que podia alguma vez entender o funcionamento da mente de Michael.

Ele pegou num biscoito da bandeja, olhando indolentemente para o montinho de compota de framboesa no centro e depois meteu-o à boca.

– O que é que está a acontecer aqui? – perguntou ela, incapaz de conter a curiosidade. Sentia-se uma espécie de presa a ser engordada para a matança.

– Estás a falar do chá? – respondeu ele, depois de mastigar e engolir. – É principalmente chá, se queres saber.

– *Michael.*

– Achei que podias estar com frio – explicou ele com um encolher de ombros. – Estiveste muito tempo lá fora.

– Tu sabes quando saí?

Ele olhou-a com ironia.

– Claro.

Ela não ficou surpreendida. Aliás, o que a surpreendia era isso: o facto de não ficar surpreendida.

– Tenho uma coisa para ti – disse ele.

Os olhos dela estreitaram-se.

– Tens?

– É assim tão espantoso? – murmurou ele e estendeu a mão para o assento ao lado.

Ela ficou sem ar.

Um anel, não. Por favor, um anel não. Ainda não.

Não estava preparada para dizer sim.

Tão-pouco para dizer não.

Mas, em vez disso, ele pousou na mesa um pequeno ramalhete de flores delicadas. Ela nunca percebera muito de flores, nunca se preocupara em aprender os nomes, mas havia um tipo de flor branca de caule comprido, com um toque de roxo e uma outra que era quase azul. Todo o arranjo tinha sido amarrado elegantemente com uma fita prateada.

Francesca fixou a olhar nas flores, incapaz de decidir o que fazer com tal gesto.

– Podes tocar-lhe – disse ele, um traço de divertimento na voz. – Não te vai pegar nenhuma doença.

– Não – disse ela rapidamente, estendendo a mão para o pequeno *bouquet* –, claro que não. Eu só... – Levou as flores ao rosto e inalou; depois pousou-as e as mãos recuaram rapidamente para o colo.

– Tu só o quê? – perguntou ele em voz baixa.

– Na verdade, não sei – foi a resposta. Ela realmente não fazia ideia de como completar a frase, se de facto tinha intenção de a completar. Olhou para o pequeno *bouquet* e pestanejou várias vezes antes de perguntar: – O que é isto?

– Eu chamo-lhes flores.

Ela encarou-o, os olhos profundamente fixos nos dele.

– Não – insistiu ela –, *o que é isto?!*

– O gesto, queres dizer? – Ele sorriu. – Ora, estou a cortejar-te.

Ela ficou boquiaberta.

Ele bebeu um gole de chá.

– É assim uma surpresa tão grande?

Depois de tudo o que se passara entre eles?

Sim.

– Tu mereces – disse ele.

– Achei que tivesses dito que pretendias... – Ela interrompeu-se, corando violentamente. Ele dissera que tinha a intenção de a possuir até ela engravidar.

Três vezes, hoje, aliás. Três vezes, prometera, e eles ainda estavam a zero e...

Sentiu as faces queimar ainda mais e não pôde impedir a lembrança dele entre as suas pernas.

Meu Deus!

Mas, felizmente, a expressão de Michael permaneceu impassível, e ele disse apenas:

– Repensei a minha estratégia.

Ela trincou o biscoito, aflita. Qualquer desculpa para levar as mãos ao rosto e esconder um pouco o embaraço.

– Claro que não pretendo abandonar as minhas opções nessa área – disse ele, inclinando-se para a frente com um olhar sensual. – Afinal de contas, sou apenas um homem. E tu, como acredito já ter ficado bem claro, és muito mulher.

Ela enfiou o resto do biscoito na boca.

– Mas cheguei à conclusão de que merecias mais – completou, recostando-se com uma expressão plácida, como se não tivesse acabado de a cauterizar com insinuações. – Não achas?

Não, ela não achava. Pelo menos já não. O que apresentava um certo problema.

Porque, ali sentada a encher furiosamente a boca de comida, não conseguia tirar os olhos dos lábios dele. Aqueles lábios magníficos, que lhe sorriam com languidez.

Ouviu-se suspirar. Aqueles lábios que lhe tinham feito coisas tão magníficas.

A toda ela. Cada centímetro.

Meu Deus, praticamente conseguia senti-los agora.

O pensamento fê-la contorcer-se na cadeira.

– Estás bem? – perguntou ele, solícito.

– Muito bem – consegui dizer, bebendo o chá.

– Essa cadeira é desconfortável?

Ela negou com a cabeça.

– Há mais alguma coisa que eu possa fazer por ti?

– Porque estás a fazer isto? – explodiu finalmente.

– A fazer o quê?

– A ser tão simpático comigo.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Porquê? Não deveria?

– Não!

– Eu não devia ser simpático. – Foi menos uma pergunta do que uma constatação divertida.

– Não foi isso que eu quis dizer – corrigiu ela, abanando a cabeça. Ele deixava-a confusa, e ela odiava isso. Não havia nada que valorizasse mais do que bom senso e calma, e Michael conseguira roubar-lhos com um único beijo.

E depois tinha feito mais.

Muito mais.

Ela nunca mais seria a mesma.

Nunca mais seria *sã*.

– Pareces angustiada – disse ele.

Francesca teve vontade de o estrangular.

Michael inclinou a cabeça e sorriu.

Ela quis beijá-lo.

Ele ergueu o bule.

– Mais?

Oh, muito mais, esse era o problema.

– Francesca?

Ela queria saltar por cima da mesa para o colo dele.

– Está tudo bem?

Começou a ser difícil respirar.

– Frannie?

Sempre que ele falava, sempre que mexia a boca, nem que fosse apenas para respirar, os olhos dela eram atraídos para os lábios dele.

E sentiu-se a humedecer os seus.

Pior, sabia que, com toda aquela experiência e talento sedutor, ele sabia exatamente o que ela estava a sentir.

Ele podia aproximar-se agora e ela não ia recusar.

Ele podia tocar-lhe e ela ficaria em chamas.

– Tenho de ir – disse ela, mas as palavras saíram sem fôlego e com falta de convicção. E não

ajudava o facto de não conseguir arrancar o olhar do dele.

– Assuntos importantes a tratar no quarto? – murmurou ele, sorrindo.

Ela assentiu, mesmo sabendo que ele zombava dela.

– Então vai – encorajou Michael, mas a voz era suave e, de facto, soava como um ronronar sedutor.

De alguma forma, ela conseguiu mover as mãos até à ponta da mesa, agarrando-se à madeira, tentando obrigar-se a levantar, a fazer alguma coisa, a mexer-se.

Mas estava petrificada.

– Preferes ficar? – murmurou ele.

Ela negou com um gesto de cabeça. Ou pelo menos achou que o fez.

Ele levantou-se e veio pôr-se nas costas da cadeira dela, inclinando-se para lhe sussurrar ao ouvido:

– Queres que te ajude a levantar?

Ela voltou a abanar a cabeça e quase se levantou de um salto, a proximidade paradoxalmente a quebrar o feitiço que ele lhe lançara. O ombro dele chocou com o peito dela e Francesca encolheu-se, cheia de medo que um maior contacto a levasse a fazer algo de que se arrependesse.

Como se já não tivesse arrependimentos suficientes.

– Preciso de ir lá acima – deixou ela escapar.

– Claramente – disse ele com afabilidade.

– Sozinha – acrescentou ela.

– Não sonharia em forçar-te a suportar a minha presença nem mais um momento.

Ela semicerrou os olhos. O que é que ele pretendia? E por que diabo se sentia tão desapontada?

– Mas talvez... – começou ele num murmúrio.

O coração dela deu um salto.

– Talvez eu deva oferecer-te um beijo de despedida – concluiu. – Na mão, é claro. É de bom-tom.

Como se não tivessem descartado todo e qualquer decoro em Londres.

Ele tomou-lhe os dedos com toda a suavidade.

– Afinal de contas, estamos na fase da corte, não estamos? – perguntou.

Ela fitou-o, incapaz de tirar os olhos da cabeça que se inclinava sobre a mão dela. Os lábios roçaram os dedos. Uma vez... duas vezes... e então ele afastou-se.

– Sonha comigo – disse Michael em voz baixa.

Os lábios dela entreabriram-se. Não conseguia parar de olhar para o rosto dele.

Ele tinha-a hipnotizada, mantinha-lhe a alma cativa. E Francesca não conseguia mexer-se.

– A menos que queiras mais do que um sonho – adiantou ele.

Ela queria.

– Vais ficar? – sussurrou. – Ou vais-te embora?

Ela ficou. Deus do Céu, ela ficou.

E Michael mostrou-lhe como uma biblioteca podia ser romântica.

CAPÍTULO 21

...uma breve nota para a informar de que cheguei bem à Escócia. Devo dizer que estou contente por estar aqui.

Londres foi estimulante, como sempre, mas acredito que precisava de um pouco de sossego. Sinto-me muito mais focada e em paz aqui no campo.

Da condessa de Kilmartin para a mãe, a viscondessa viúva Bridgerton, um dia após a sua chegada a Kilmartin Três semanas mais tarde, Francesca ainda não sabia o que andava a fazer.

Michael tinha trazido o assunto do casamento à baila mais duas vezes, mas ela conseguira sempre esquivar-se à pergunta. Se considerasse a proposta, teria realmente de pensar. Teria de pensar nele, teria de pensar em John e, o pior de tudo, teria de pensar em si mesma.

E teria de descobrir exatamente o que andava a fazer. Dizia a si mesma constantemente que só se casaria com Michael se ficasse grávida, mas depois continuava a deitar-se com ele, aceitando de bom grado cada tentativa de sedução.

Mas já nem isso era completamente verdade. Iludia-se se pensava que era necessário qualquer tipo de sedução da parte dele para lhe dar

espaço na sua cama. Ela era agora a devassa, por mais que tentasse esconder o facto, dizendo a si mesma que vagueava pela casa durante a noite vestida com as roupas de dormir porque se sentia inquieta, não por estar à procura dele.

Mas encontrava-o sempre. Ou se não, colocava-se numa posição onde ele pudesse encontrá-la.

E ela nunca dizia não.

Michael estava a ficar impaciente. Era bom a escondê-lo, mas ela conhecia-o bem. Conhecia-o melhor do que ninguém e mesmo que ele insistisse que estavam a namorar, cortejando-a com frases e gestos românticos, ela podia ver as linhas ténues de impaciência a curvarem-lhe os lábios. Ele começava uma conversa que ela sabia levar ao assunto do casamento e esquivava-se sempre antes de ele mencionar a palavra.

Ele deixava-a fugir, mas o seu olhar alterava-se, o maxilar cerrava e quando a possuía, o que sempre acontecia depois de momentos como aqueles, fazia-o com renovada urgência, e até mesmo com um toque de raiva.

Mas, ainda assim, não era o bastante para lhe provocar uma reacção.

Ela não conseguia dizer sim. Não sabia porquê; simplesmente não conseguia.

Mas tão-pouco podia dizer não. Talvez fosse perversa, talvez fosse uma devassa, mas não queria que terminasse. Nem a paixão, e era forçada a reconhecer, nem a companhia.

Não era apenas o ato sexual, eram os momentos que se seguiam, quando ficava aninhada nos braços dele, a mão de Michael acariciando-lhe preguiçosamente o cabelo. Às vezes ficavam em silêncio, mas outras vezes conversavam sobre tudo e mais alguma coisa. Ele contava-lhe histórias da Índia e ela contava-lhe histórias de infância. Ela dava opiniões sobre assuntos políticos e ele ouvia-a

com atenção. E ele contava-lhe piadas picantes que os homens não deviam contar às mulheres e que as mulheres certamente não deviam achar divertidas.

E então, assim que a cama parava de sacudir com as gargalhadas de Francesca, a boca dele encontrava a dela, um sorriso a bailar-lhe nos lábios. «Eu adoro o teu riso», murmurava ele, as mãos a puxá-la para

si. Ela suspirava, ainda a rir-se, e a paixão reacendia-se.

E Francesca conseguia, mais uma vez, esquecer o resto do mundo.

Até que chegou o dia e ela sangrou.

Começou, como sempre, com algumas gotas no algodão da combinação. Não devia ter ficado surpreendida; os seus ciclos podiam não ser muito regulares, mas acabavam sempre por aparecer, e ela já sabia que o seu ventre não era terrivelmente fértil.

Mas, ainda assim, foi como se não estivesse à espera. Pelo menos, ainda não.

Fê-la chorar.

Nada de muito dramático, nada que lhe sacudisse o corpo e lhe consumisse a alma, mas ficou sem ar quando viu as pequenas gotas de sangue, e quando se apercebeu, duas lágrimas deslizaram-lhe pelo rosto.

Ela nem percebia muito bem porquê.

Seria porque não haveria bebé ou seria – Deus do Céu – porque não haveria casamento?

Michael entrou no quarto naquela noite, mas ela mandou-o embora, explicando que não era uma boa altura. Os lábios dele encontraram o ouvido dela, recordando-a de todas as coisas perversas que podiam fazer, com sangue ou não, mas ela recusou e pediu-lhe para sair.

Ele ficou desiludido, mas pareceu entender. As mulheres eram mais sensíveis com tais coisas.

Mas quando acordou a meio da noite, desejou que ele estivesse ali para a abraçar.

A menstruação não durou muito; nunca durava. E quando Michael lhe perguntou discretamente se tinha terminado, ela não mentiu. Ele teria percebido a mentira, de qualquer maneira; como sempre fazia.

– Que bom – disse ele com um sorriso secreto. – Senti a tua falta.

Os lábios dela abriram-se para dizer que também sentira a falta dele, mas teve receio de dizer as palavras.

Ele empurrou-a de mansinho para a cama e caíram juntos, os corpos

um emaranhado de braços e pernas.

– Sonhei contigo – disse ele com a voz rouca, as mãos puxando-lhe a saia até à cintura. – Todas as noites vieste até mim em sonhos. – Um dedo encontrou a essência dela e mergulhou. – Foram sonhos muito, muito bons – completou, com a voz quente e diabólica.

Ela mordeu o lábio, a respiração ofegante quando o dedo deslizou e passou a acariciar-lhe o ponto exato que ele sabia que a faria derreter.

– Nos meus sonhos – murmurou ele, os lábios quentes no seu ouvido –, fazias coisas indizíveis.

Ela gemeu com a sensação. Michael era capaz de lhe inflamar o corpo com um único toque, mas toda ela se transformava em chamas quando ele falava assim.

– Coisas novas – continuou ele a murmurar, abrindo-lhe mais as pernas. – Coisas que vou ter de te ensinar... esta noite, parece-me.

– Oh, meus Deus! – arquejou ela.

Sentia os lábios dele na coxa e já sabia o que estava para vir.

– Mas, primeiro, um pouco do já experimentado – brincou ele, os lábios percorrendo ao de leve o

caminho em direção ao seu destino. – Temos toda a noite para explorar.

Então beijou-a, tal como sabia que ela gostava, mantendo-a imóvel com as mãos poderosas enquanto os lábios a levavam para cada vez mais perto do auge da paixão.

Mas antes de ela atingir o cume, ele afastou-se, as mãos procurando com desespero desapertar as calças. Praguejou quando os dedos tremeram, quando o botão não saiu à primeira tentativa.

O que deu a Francesca tempo suficiente para parar e pensar.

A única coisa que realmente não queria fazer.

Mas a sua mente era implacável e cruel, e antes de se aperceber do que fazia, saltou da cama e fugiu para a outra ponta do quarto, ao mesmo tempo que a palavra «Espera!» lhe escapava dos lábios.

– O que foi? – arfou ele.

– Eu não posso fazer isto.

– Tu não podes... – Ele parou, incapaz de terminar a pergunta sem respirar um pouco – fazer *o quê?*

Finalmente tivera sucesso com as calças, e elas tinham caído ao chão, deixando-a com uma visão deslumbrante da excitação de Michael.

Francesca desviou os olhos. Não podia olhar para ele. Nem para a cara dele, nem para...

– Eu não posso – disse, com voz trémula. – Eu não devo. Eu não sei.

– *Eu* sei – vociferou ele, avançando em direção a ela.

– Não! – gritou Francesca, correndo em direção à porta.

Andava há semanas a brincar com o fogo, a tentar o destino e ganhara a aposta. Se havia momento para escapar, era agora. E por mais difícil que fosse sair, sabia que tinha de o fazer. Não era aquele tipo de mulher. Não podia ser.

– Eu não posso fazer isto – disse ela, as costas agora encostadas à madeira dura da porta. – Eu não posso. Eu... eu...

Eu quero, pensou. Mesmo sabendo que não devia, não podia escapar ao facto de que queria. Mas se o revelasse, será que ele iria fazê-la mudar de ideias? Ele teria sucesso. Ela sabia que sim.

Bastaria um beijo, um toque, e toda a sua determinação iria por água abaixo.

Michael praguejou e voltou a vestir as calças.

– Eu já não sei quem sou – disse ela. – Eu não sou este tipo de mulher.

– *Que* tipo de mulher? – perguntou ele, com brusquidão.

– Uma devassa – sussurrou ela. – Uma perdida.

– Então casa comigo – retorquiu ele. – Eu ofereci-me para fazer de ti uma mulher respeitável, desde o início, mas *tu* recusaste.

Ele estava certo e ela sabia. Mas, de momento, a lógica não parecia ocupar um lugar no seu coração e ela só conseguia pensar: «Como seria capaz de se casar com ele? Como seria capaz de se casar com *Michael?*»

– Eu não devia sentir isto por outro homem – disse ela, mal conseguindo acreditar que tinha proferido as palavras em voz alta.

– Sentir *o quê?* – perguntou ele com urgência.

Ela engoliu em seco, forçando-se a encará-lo.

– A paixão – admitiu.

O rosto dele assumiu uma expressão estranha, quase de desgosto.

– Certo – disse ele em voz arrastada. – Compreendo. Então ainda bem que me tens aqui ao teu serviço.

– Não! – gritou ela, horrorizada pelo escárnio que lhe ouvia na voz. – Não é isso.

– Não é?

– Não. – Mas ela não sabia o que era.

Michael respirou fundo, a respiração saindo irregular, e afastou-se dela, o corpo tenso. Francesca fixou o olhar nas costas dele com um terrível fascínio, incapaz de tirar os olhos dele. A camisa estava solta, e pese embora não poder ver-lhe o rosto, conhecia-lhe o corpo até à última curva. Ele parecia desolado, inflexível.

Desgastado.

– Porque é que ficas? – perguntou ele em voz baixa, apoiando-se na ponta do colchão com as palmas das mãos.

– O... o quê?

– Porque é que ficas? – repetiu, as palavras aumentando de volume, mas controladas. – Se me odeias tanto, porque ficas?

– Eu não te odeio – respondeu ela. – Tu sabes que eu...

– Eu não sei nada, Francesca – disse ele. – Acho que nem te conheço.

Os ombros dele ficaram tensos quando os dedos se enterraram no colchão. Ela podia ver uma das mãos; os nós dos dedos estavam brancos.

– Eu não te odeio – disse ela novamente, como se repetir as palavras pudesse de alguma forma transformá-las em coisas sólidas, palpáveis e

reais, a que ela pudesse forçá-lo a agarrar-se. – Nunca.

Eu não te odeio.

Ele não disse nada.

– Não és tu, sou eu – disse ela em voz suplicante; porquê não sabia. Talvez para que ele não a odiasse a *ela*. Era única coisa que julgava não conseguir suportar.

Mas a reação dele foi o riso. Um som horrível, amargo e baixo.

– Oh, Francesca – disse ele, o tom de condescendência emprestando às palavras um sabor amargo.

– Se eu tivesse uma libra por cada vez que disse *isso*...

A boca dela transformou-se numa linha sombria. Não gostava de ser recordada de todas as mulheres que ele tivera antes dela. Não queria saber delas, não queria sequer lembrar-se da sua existência.

– Porque é que ficas? – perguntou ele de novo, virando-se finalmente para a encarar.

O fogo nos seus olhos quase a fez cambalear.

– Michael, eu...

– Porquê? – exigiu saber, a fúria tornando-lhe a voz áspera. O rosto estava contraído em linhas profundas de raiva, e a mão dela agarrou-se instintivamente à maçaneta da porta.

– Porque é que ficas, Francesca? – persistiu ele, avançando em direção a ela, com a graça predatória de um tigre. – Não há nada para ti aqui em Kilmartin, nada mais do que *isto*.

Ela respirou aflita quando as mãos dele aterraram com força nos seus ombros, soltando uma exclamação de surpresa quando ele uniu os lábios aos dela. Foi um beijo de raiva, de desespero brutal, mas, ainda assim, o seu corpo traidor só queria fundir-se no dele, deixá-lo fazer o que quisesse, deixá-lo concentrar todas as suas atenções perversas nela.

Queria-o. Meu Deus, mesmo assim, queria-o.

E temia que nunca aprendesse a dizer não.

Mas ele afastou-se. *Ele*. Não ela.

– É isto que queres? – perguntou ele, a voz áspera e rouca. – Só isto?

Ela não fez nada, nem sequer se mexeu, limitou-se apenas a olhá-lo com ar selvagem.

– *Porque é que ficas?* – perguntou, autoritário, e ela soube que seria a última vez que ele faria a pergunta.

Mas Francesca não tinha uma resposta.

Ele deu-lhe alguns segundos. Esperou que ela falasse até que o silêncio cresceu entre os dois como uma górgona, mas sempre que ela abria a boca, não saía nenhum som, e ela não pôde fazer mais do que ficar ali, a tremer, enquanto lhe observava o rosto.

Praguejando cruelmente, ele virou-se.

– Deixa-me – ordenou. – Agora. Quero-te fora desta casa.

– O... o quê?

Francesca não podia acreditar, não podia acreditar que ele ia realmente expulsá-la de casa.

Sem olhar para ela, disse:

– Se não podes estar comigo, se não consegues entregar-te a mim por inteiro, então quero que te vás embora.

– Michael? – Foi apenas um sussurro.

– Não aguento mais esta existência pela metade – disse ele, a voz tão baixa que ela não tinha a certeza de o ter ouvido corretamente.

Tudo o que conseguiu dizer foi:

– Porquê?

A princípio achou que ele não ia responder. A postura de Michael tornou-se incrivelmente tensa, até que ele começou a tremer.

Ela tapou a boca com a mão. Será que ele estava a chorar? Será que estava a...

Rir?

– Oh, meu Deus, Francesca – disse ele, a voz pontuada com um riso escarinho. – Essa é boa.

Porquê? *Porquê?* Porquê? – Deu a cada palavra uma entoação diferente, como se estivesse a testá-la, a fazer a pergunta a pessoas diferentes.

– Porquê? – repetiu ele, desta vez bem mais alto, virando-se para a encarar. – *Porquê?* Porque te amo, que inferno. Porque eu sempre te amei. Porque te amei enquanto estavas com o John, porque te amei enquanto estive na Índia, e Deus sabe que não te mereço, mas eu amo-te, assim mesmo.

Francesca deixou-se cair contra a porta.

– O que achas da piada? – zombou ele. – Eu amo-te. Eu amo-te, a mulher do meu primo. Eu amo-te, a única mulher que nunca pude ter. Eu amo-te, Francesca Bridgerton Stirling, a que...

– Para! – exclamou ela, sufocada.

– Agora? Agora que finalmente comecei? Oh, não me parece – disse ele com ar imponente, gesticulando um braço no ar como um ator de teatro. Aproximou-se, ficando dolorosa e desconfortavelmente perto. O seu sorriso era assustador ao perguntar: – Já estás com medo?

– Michael...

– Porque eu ainda só comecei – disse ele, a voz interpondo-se à dela. – Queres saber o que eu pensava quando eras casada com o John?

– Não – pediu ela, desesperada, abanando a cabeça.

Ele abriu a boca para continuar, os olhos ainda a faiscar de uma paixão desdenhosa, mas então algo aconteceu. Algo mudou. Era evidente nos seus olhos. Um momento tão zangados, tão inflamados e, no seguinte, simplesmente...

Parados.

Gélidos. Cansados.

Depois ele fechou-os. Parecia exausto.

– Vai – disse ele. – Agora.

Ela sussurrou-lhe o nome.

– Vai – repetiu ele, ignorando a súplica. – Se não és minha, não te quero mais.

– Mas eu...

Ele foi até à janela, apoiando-se pesadamente no peitoril.

– Se é para acabar, terás de ser tu a fazê-lo. Tens de ser tu a ir embora, Francesca. Porque agora...

depois de tudo... Eu não tenho a força necessária para dizer adeus.

Ela ficou imóvel vários segundos, e então, quando teve a certeza absoluta de que a tensão entre eles a iria rasgar ao meio, os pés, de alguma forma, encontraram apoio e ela fugiu a correr do aposento.

Ela correu.

E correu.

E correu.

Correu cegamente, sem pensar.

Correu lá para fora, para a noite, para a chuva.

Correu até sentir os pulmões a queimar. Correu até perder o equilíbrio, tropeçar e escorregar na lama.

Correu até não poder mais, e então sentou-se, encontrando conforto e abrigo no belveder que John mandara construir para ela uns anos antes, depois de atirar os braços ao ar, exasperado, e anunciar que desistia de tentar convencê-la a reduzir as longas caminhadas e que, daquela forma, pelo menos, ela sempre teria um lugar lá fora onde manter a sua privacidade.

Ficou horas ali sentada, a tremer de frio, mas sem sentir nada. Só conseguia perguntar-se...

Do que é que estava a fugir?

Michael não tinha nenhuma lembrança dos momentos que se seguiram à partida de Francesca.

Podia ter sido um minuto, podiam ter sido dez. Só sabia que pareceu

acordar quando percebeu que quase tinha atravessado a parede com o punho.

Mas mal tomou consciência da dor.

– Senhor?

Era Reivers, espreitando, curioso, para se inteirar do tumulto.

– Sai – ordenou Michael. Não queria ver ninguém, não queria ouvir ninguém a respirar, sequer.

– Mas talvez um pouco de gelo para...

– Sai! – vociferou Michael, sentindo ao virar-se como se o próprio corpo aumentasse para um tamanho monstruoso. Queria magoar alguém. Queria lançar as garras e ferir.

Reivers fugiu.

Michael enfiou as unhas nas palmas das mãos, mesmo com o punho direito já a inchar. De alguma

forma, o movimento parecia ser a única maneira de manter o diabo dentro dele controlado, impedindo-o de destruir a sala com as suas próprias mãos.

Seis anos.

Ele ficou ali, imóvel, apenas com um pensamento na cabeça.

Seis malditos anos.

Guardara aquele segredo durante seis anos, escondendo escrupulosamente os sentimentos quando a observava; nunca contara a ninguém.

Há seis anos que a amava, e tudo acabara *nisto*.

Ele abrira o seu coração. Praticamente lhe entregara uma faca e lhe pedira que o dilacerasse.

Oh, não, Francesca, podes fazer melhor do que isso. Mantém-te firme, podes perfeitamente fazer mais uns cortes. E já que aí estás, porque não cortas estes pedaços também?

Quem afirmara que era bom dizer a verdade era um asno. Michael

teria dado tudo, ambos os pés, até, para fazer com que tudo desaparecesse.

Mas esse era o problema das palavras.

Soltou uma gargalhada infeliz.

Não era possível desdizê-las.

Estende-o no chão, agora. Muito bem, agora podes pisá-lo. Não, com mais força. Com muito mais força, Frannie. Vá, tu consegues.

Seis anos.

Seis malditos anos, todos perdidos num único momento. Tudo por achar que podia realmente ter o direito de ser feliz.

Devia ter mais juízo.

E para a apoteose, basta pegar fogo a essa maldita coisa. Bravo, Francesca!

E lá se foi o seu coração.

Olhou para as mãos. As unhas tinham esculpido meias-luas nas palmas. Uma chegara mesmo a rasgar a pele.

O que ia fazer? Que *diabo* ia ele fazer agora?

Não sabia como viver a sua vida com a consciência de que ela sabia a verdade. Durante seis anos, cada um dos seus pensamentos e ações girara em torno de garantir que ela não sabia. Todos os homens tinham algum princípio orientador das suas vidas, e aquele tinha sido o seu.

Certifica-te de que a Francesca nunca descubra a verdade.

Sentou-se na sua cadeira, mal conseguindo conter o riso maníaco.

Oh, Michael, pensou, a cadeira agitando-se debaixo dele quando deixou cair a cabeça entre as mãos. *Sê bem-vindo ao resto da tua vida.*

O segundo ato, por coincidência, começou muito mais cedo do que ele esperava, com uma batida suave na porta cerca de três horas mais tarde.

Michael ainda estava sentado na cadeira, a única concessão à passagem do tempo, o movimento de retirar a cabeça de entre as mãos e de se recostar. Estava nessa posição há já algum tempo, o pescoço desconfortável mas imóvel, o olhar cego fixo em algum ponto aleatório da seda crua que cobria a parede.

Sentia-se distante, alienado, e quando ouviu a batida, nem sequer reconheceu o som.

Mas o som repetiu-se, tão tímido como o primeiro, mas persistente.

Quem quer que fosse, não se ia embora.

– Entre! – berrou.

Era ela.

Francesca.

Devia ter-se levantado. Ele queria. Mesmo depois de tudo, não a odiava, não queria ser desrespeitoso. Mas ela tinha arrancado tudo dele, até à última gota de força e de vontade, e conseguiu apenas erguer ligeiramente as sobrancelhas, acompanhado por um cansado: – O que é?

Os lábios entreabriram-se, mas ela não disse nada. Estava encharcada, notou ele quase com indiferença. Devia ter saído de casa. Tonta, estava frio lá fora.

– O que é, Francesca? – perguntou.

– Eu caso contigo – disse ela, tão baixinho que foi mais um ler-lhe as palavras nos lábios do que ouvi-las. – Se ainda me quiseres.

Seria de pensar que ele daria um salto da cadeira. Levantar-se, pelo menos, incapaz de conter a alegria que sentia espalhar-se pelo corpo. Seria de pensar que atravessaria o aposento a passos largos, como homem de propósito e resolutos que era, levantando-a no ar num abraço, cobrindo-lhe o rosto de beijos e deitando-a na cama, onde podia fechar o acordo da forma mais primitiva possível.

Mas não; ficou ali, o coração demasiado exausto para fazer outra coisa senão perguntar: – Porquê?

Ela encolheu-se ao tom de suspeita na voz, mas ele não se sentia particularmente caridoso naquele momento. Depois do que ela lhe

fizera, também merecia sofrer algum constrangimento.

– Não sei – admitiu ela. Estava muito quieta, os braços esticados ao longo do corpo. Não propriamente rígida, mas ele percebeu que ela tentava com todas as forças não se mexer.

Se o fizesse, voltaria a fugir da sala, suspeitou.

– Vais ter de fazer melhor do que isso – disse.

Ela mordeu o lábio inferior.

– Eu não sei – sussurrou ela. – Não me faças encontrar a explicação.

Ele ergueu uma sobrancelha sardónica.

– Pelo menos, não para já – concluiu ela.

Palavras, pensou ele, quase com indiferença. Ele tinha tido as suas palavras, e agora estas eram as dela.

– Não podes voltar atrás – disse ele em voz baixa.

Ela acenou com a cabeça.

Ele levantou-se muito lentamente.

– Não pode haver nenhum recuo. Não podes acobardar-te. Não podes mudar de ideias.

– Não – disse ela. – Eu prometo.

Só então ele se permitiu finalmente acreditar nela. Francesca não fazia promessas de ânimo leve. E

nunca faltava à sua palavra.

Atravessou a sala num instante, as mãos nas costas dela, os braços a envolvê-la, a boca cobrindo o seu rosto de beijos desesperados.

– Vais ser minha – disse ele. – É a decisão final. Compreendes?

Ela assentiu com a cabeça, arqueando o pescoço à medida que os lábios dele deslizavam do pescoço até ao ombro.

– Se eu quiser amarrar-te à cama e manter-te lá até ficares grávida, vou fazê-lo – prometeu.

– Sim – disse ela sem ar.

– E não vais reclamar.

Ela assentiu com a cabeça.

As mãos dele desenhavam-na do vestido, que caiu ao chão com uma velocidade impressionante.

– E vais gostar – resmoneou ele.

– Sim. *Oh, sim!*

Levou-a para a cama. Não foi meigo nem carinhoso, mas ela não parecia querer isso, e ele atacou-a como um homem esfomeado.

– Vais ser minha – repetiu ele, agarrando-a pelas nádegas e puxando-a para si. – Minha.

E ela foi. Durante essa noite, pelo menos, foi.

CAPÍTULO 22

...tenho a certeza de que tens tudo controlado. Tens sempre.

Da viscondessa viúva Bridgerton para a filha, a condessa de Kilmartin, imediatamente após receber a missiva de Francesca Aparte mais difícil de planear um casamento com Michael era descobrir como contar às pessoas, percebeu Francesca quase logo.

Por mais difícil que tivesse sido para ela aceitar a ideia, não conseguia imaginar como todos os outros iriam receber a notícia. Meu Deus, o que diria Janet? Ela tinha sido incrivelmente solidária com a decisão de Francesca de se casar novamente, mas com certeza não tinha considerado Michael como possível candidato.

Todavia, ali sentada à secretária, a pena a pairar sobre o papel há horas, tentando encontrar as palavras certas, Francesca sentia algo dentro dela que lhe dizia estar a fazer a coisa certa.

Ainda não sabia bem *por que razão* decidira casar com ele. E também não tinha a certeza de como se devia sentir com a chocante revelação

de amor que ele lhe fizera, mas, de alguma forma, sabia que queria ser mulher dele.

Mas isso não ajudava a descobrir como contar a todos os outros.

Francesca estava sentada no seu gabinete, a escrever cartas para a família, ou melhor, a amassar o papel da sua mais recente tentativa e a atirá-lo ao chão, quando Michael entrou com o correio.

– Chegou isto da tua mãe – anunciou ele, entregando-lhe um envelope de cor creme elegantemente ornamentado.

Francesca deslizou o abre-cartas sob a aba e tirou a carta, que tinha, notou com surpresa, um total de quatro folhas.

– Meu Deus – murmurou ela. A mãe geralmente conseguia dizer o que tinha a dizer numa folha de papel, duas, no máximo.

– Algum problema? – perguntou Michael, empoleirando-se na ponta da mesa.

– Não, não – respondeu Francesca, distraída. – Eu só... Deus do céu!

Ele torceu-se e esticou-se ligeiramente, tentando ler as palavras.

– O que foi?

Francesca fez um gesto para o silenciar.

– Frannie?

Ela virou a página.

– Deus do céu!

– Dá cá isso – disse ele, tentando tirar-lhe o papel.

Ela esquivou-se, recusando-se a entregar-lho.

– Oh, meu Deus! – suspirou ela de espanto.

– Francesca Stirling, se tu não...

– O Colin e a Penélope casaram-se.

Michael revirou os olhos.

– Nós já sabíamos...

– Não, o que quero dizer é que eles adiantaram a data do casamento em... bom, deve ter sido mais de um mês, acho.

Michael limitou-se a encolher os ombros.

– Que bom para eles.

Francesca fitou-o, aborrecida.

– Alguém me podia ter *dito*.

– Talvez não tenha havido tempo.

– Mas isso – continuou ela muito irritada – não é o pior.

– Não posso imaginar...

– A *Eloise* também se vai casar.

– A *Eloise*? – perguntou Michael com alguma surpresa. – Ela estava a ser cortejada por alguém?

– Não – respondeu Francesca, passando rapidamente para a terceira folha da carta da mãe. – É

alguém ela não conhece.

– Bem, calculo que ela o conheça agora – sugeriu Michael em tom seco.

– Não posso acreditar que ninguém me *contou*.

– Tu *tens* estado na Escócia.

– Mesmo assim – protestou ela.

Michael riu-se do aborrecimento dela, o danado do homem.

– É como se eu não existisse – continuou ela, irritada o suficiente para o dardejar com o seu olhar mais feroz.

– Oh, eu não diria...

– Oh, sim – disse ela em tom petulante –, a *Francesca*.

– Frannie... – Ele parecia estar a divertir-se bastante.

– Alguém disse à Francesca? – insistiu ela, fazendo uma imitação

bastante boa da família. –

Lembram-se dela? A sexta de oito filhos? Aquela dos olhos azuis?

– Frannie, não sejas tonta.

– Eu não sou tonta, só sou ignorada.

– Achei que gostavas de te manter um pouco afastada da família.

– Bem, sim – resmungou ela –, mas isso não vem ao caso.

– Obviamente – murmurou ele.

Ela lançou-lhe um olhar mortífero pelo sarcasmo.

– Será melhor prepararmo-nos para ir ao casamento? – inquiriu Michael.

– Como se eu *pudesse*! – exclamou ela toda ofendida. – É daqui a três dias.

– Dou-lhes os meus parabéns – disse Michael com admiração.

Ela estreitou os olhos, desconfiada.

– O que é que isso quer dizer?

– Não consigo evitar sentir um grande respeito por qualquer homem que consegue ter a questão resolvida com tal rapidez – respondeu ele, com um encolher de ombros.

– Michael!

Ele atirou-lhe um olhar malandro.

– Eu consegui.

– Eu ainda não casei contigo – salientou ela.

Ele sorriu.

– A questão a que eu me referia não era o casamento.

Ela sentiu o rosto enrubescer.

– Para com isso – resmungou.

Os dedos dele passearam-se ao longo da mão dela fazendo cócegas.

– Hum, não me parece.

– Michael, este não é o momento – disse ela, puxando a mão.

Ele suspirou.

– Já começa.

– O que é que *isso* significa?

– Oh, nada – brincou ele, afundando-se numa cadeira próxima. – Só que ainda não estamos casados, e já somos um velho casal.

Ela lançou-lhe um olhar altivo e voltou a atenção para a carta da mãe. Eles realmente pareciam um velho casal, não que ela lhe fosse dar a satisfação de concordar. Ao contrário de casais recém-comprometidos, eles conheciam-se há anos, talvez fosse por essa razão. Ele era, apesar das incríveis mudanças das últimas semanas, o seu melhor amigo.

Ela parou, petrificou.

– Passa-se alguma coisa? – perguntou Michael.

– Não – respondeu ela, abanando a cabeça ao de leve.

De alguma forma, no meio de toda a confusão, ela tinha-se esquecido disso. Michael podia ser a última pessoa com quem teria pensado casar, mas esse era um bom motivo, não era?

Quem diria que ela iria casar-se com o seu melhor amigo?

Era certamente um bom augúrio para a união.

– Vamos casar – disse ele de repente.

Ela olhou-o, curiosa.

– Isso não estava já programado?

– Não – insistiu ele, pegando-lhe na mão –, vamos casar hoje.

– Hoje?! – exclamou Francesca. – Enlouqueceste?

– De todo. Estamos na Escócia. Não precisamos de publicar os banhos.

– Isso é verdade, mas...

Ele ajoelhou-se diante dela, com os olhos a brilhar.

– Vamos casar, Frannie. Vamos ser loucos, perversos e impetuosos.

– Ninguém vai acreditar nisso – disse ela devagar.

– Ninguém vai acreditar, seja como for.

Nisso ele tinha razão.

– Mas a minha família... – acrescentou ela.

– Acabaste de dizer que te deixaram de fora das festividades deles.

– Sim, mas não foi de propósito!

Ele encolheu os ombros.

– É assim tão importante?

– Bem, sim, se pensarmos bem...

Ele puxou-a e levantou-a.

– Vamos.

– Michael...

Não sabia porque estava a arrastar os pés, exceto, talvez, por achar que era seu dever. Afinal de contas era um casamento e tanta pressa era um pouco impróprio.

Ele arqueou uma sobrancelha.

– Queres mesmo um casamento sumptuoso?

– Não – respondeu ela com toda a sinceridade. Já o tinha feito uma vez. Não lhe parecia apropriado da segunda vez.

Ele inclinou-se, encostando os lábios à orelha dela.

– Estás disposta a arriscar um bebé de oito meses?

– Obviamente que *estava* – disse ela com impertinência.

– Vamos dar ao nosso filho um respeitável período de gestação de nove meses – disse ele alegremente.

Ela engoliu em seco, atrapalhada.

– Michael, quero que estejas ciente de que existe a possibilidade de eu não conceber. Com o John, demorou...

– Eu não me importo – interrompeu ele.

– Eu acho que te importas, sim – disse ela em voz baixa, com medo da resposta dele, mas querendo entrar no casamento com a consciência tranquila. – Já o mencionaste várias vezes e...

– Para te convencer a casar – cortou ele. E então, com uma rapidez impressionante, encostou-a à parede, pressionando o corpo contra o dela com uma intimidade surpreendente. – Eu não me importo se fores estéril – disse, a voz quente contra o ouvido de Francesca. – Assim como não me importo se tiveres uma ninhada de cachorros.

A mão insinuou-se por baixo do vestido, deslizando até à coxa.

– Tudo o que me importa – continuou num tom sedutor, um dedo perverso começando a acariciá-la

– é que és *minha*.

– Oh! – exclamou Francesca, sentindo as pernas bambas. – Oh, sim.

– Sim a isto? – perguntou ele com malícia, movendo o dedo apenas o suficiente para a levar à loucura. – Ou sim a casarmos hoje?

– A isto – respondeu ela sem ar. – Não pares.

– E quanto ao casamento?

Francesca agarrou-se aos ombros dele para se apoiar.

– E quanto ao casamento? – insistiu ele, retirando o dedo subitamente.

– Michael! – gemeu ela.

Os lábios dele abriram-se num sorriso a um tempo lento e selvagem.

– E quanto ao casamento?

– Sim – implorou ela. – Sim! O que tu quiseres.

– Qualquer coisa?

– Qualquer coisa – suspirou ela.

– Combinado – disse ele e, de repente, afastou-se.

Deixando-a de boca aberta e bastante despenteada.

– Vou buscar o teu casaco? – perguntou ele, ajeitando os punhos.

Era a imagem perfeita da masculinidade e da elegância, sem um cabelo fora do sítio e absolutamente calmo e composto.

Ela, por outro lado, tinha a certeza de que parecia uma alma penada.

– Michael? – conseguiu dizer, tentando ignorar a sensação extremamente desconfortável que ele lhe deixara na região inferior do corpo.

– Se queres terminar – respondeu ele, no mesmo tom que poderia ter usado para discutir a caça à perdiz –, terás de o fazer como a condessa de Kilmartin.

– Eu *sou* a condessa de Kilmartin – resmungou ela.

Ele acenou em concordância.

– Mas terás de o fazer como a *minha* condessa de Kilmartin – corrigiu. Deu-lhe um instante para responder, e quando ela não o fez, perguntou novamente: – Vou buscar o teu casaco?

Ela assentiu com a cabeça.

– Excelente escolha – murmurou ele. – Esperas aqui ou acompanhas-me até ao átrio?

Ela descerrou os dentes para dizer:

– Acompanho-te até ao átrio.

Pegando-lhe no braço, ele conduziu-a até à porta, inclinando-se para murmurar:

– Estás muito ansiosa, não estás?

– Vai lá buscar o meu casaco – respondeu, furiosa.

Ele riu-se entre dentes, mas o som era quente e rico, começando a derreter-lhe a irritação. Era um selvagem e um malandro e,

provavelmente, uma centena de outras coisas também, mas era o selvagem e o malandro dela, e ela sabia que ele possuía um coração tão bom e verdadeiro como nunca poderia encontrar noutro homem. Exceto...

Parou e espetou um dedo no peito dele.

– Não haverá outras mulheres – disse ela bruscamente.

Ele fitou-a com uma sobranceira arqueada.

– Estou a falar a sério. Sem amantes, sem namoricos, sem...

– Meu Deus, Francesca – interrompeu ele –, achas realmente que eu seria capaz? Não, risca o que eu disse. Achas realmente que o *faria*?

Ela estava tão envolvida com as suas próprias intenções que não tinha realmente olhado para o rosto dele e ficou admirada com a expressão que lá viu. Michael estava zangado, percebeu, aborrecido por ela ter sequer perguntado. Mas ela não podia esquecer uma década de mau comportamento, nem achava que ele tivesse o direito de esperar que o fizesse, por isso disse, baixando a voz ligeiramente:

– Tu não tens a melhor reputação do mundo.

– Pelo amor de Deus – protestou ele, puxando-a para o corredor. – De qualquer modo elas só existiram porque eu precisava de te tirar da cabeça.

Francesca ficou tão chocada que o seguiu meia cambaleante até à porta da frente.

– Alguma outra pergunta? – perguntou ele, virando-se para ela com uma expressão tão arrogante que qualquer pessoa teria pensado que ele tinha nascido para o condado, ao invés de o receber por acaso.

– Nenhuma – respondeu ela em voz aguda.

– Ainda bem. Agora vamos. Tenho de ir a um casamento.

Nessa noite, Michael sentia-se muito satisfeito com o rumo dos acontecimentos.

– Obrigado, Colin – disse ele, alegremente para si mesmo enquanto se despija para dormir –, e obrigado também à pessoa que se casou com a

Eloise enquanto o diabo esfrega um olho.

Michael duvidava que Francesca tivesse concordado com um casamento apressado se os dois irmãos não se tivessem casado sem ela.

E agora ela era sua mulher.

Sua mulher.

Era quase inacreditável.

Fora o seu objetivo durante semanas, e ela finalmente concordara na noite anterior, mas foi só quando deslizou o anel de ouro antigo no dedo dela que realmente tomou consciência.

Ela era sua.

Até que a morte os separasse.

– Obrigado, John – acrescentou Michael, a leveza abandonando a voz. Não por morrer, nunca por isso. Mas por o libertar da culpa. Michael ainda não estava completamente certo de como tinha acontecido, mas desde aquela noite fatídica, depois de ele e Francesca terem feito amor na casa do jardineiro, Michael soubera no fundo do seu coração que John teria aprovado.

Ele teria dado a sua bênção e, nos momentos mais fantasistas, Michael gostava de pensar que, se John pudesse ter escolhido um novo marido para Francesca, ele seria o selecionado.

Vestido com um roupão *bordeaux*, Michael caminhou até à porta de ligação entre o quarto dele e o de Francesca. Mesmo tendo sido íntimos desde a sua chegada a Kilmartin, só hoje se mudara para o quarto do conde. Era estranho; em Londres, não se tinha preocupado tanto com as aparências. Eles tinham ocupado os aposentos oficiais do conde e da condessa, assegurando-se simplesmente de que toda a família estava ciente de que a porta de comunicação se encontrava firmemente trancada de ambos os lados.

Mas aqui na Escócia, onde se comportaram de uma maneira merecedora de bisbilhotice, ele fizera questão de desfazer as malas num quarto disponível que ficasse o mais longe possível do de Francesca. Não importava que os dois tivessem andado o tempo todo a entrar sorrateiramente no quarto um do outro; pelo menos, mantiveram a aparência de respeitabilidade.

Mas os criados não eram estúpidos; Michael tinha a certeza de que todos sabiam o que estava a acontecer, mas adoravam Francesca e queriam que ela fosse feliz, e nunca iriam dizer uma palavra contra ela a ninguém.

Mesmo assim, era maravilhoso deixar tudo isso para trás.

Estendeu a mão para a maçaneta da porta, mas não a abriu logo; em vez disso, parou para escutar os sons do quarto ao lado. Não ouviu grande coisa. Não sabia porque pensava que poderia ouvir; a porta era sólida e antiga, nada propensa a revelar segredos. Não obstante, havia algo naquele momento que pedia uma pausa para saborear.

Ele estava prestes a entrar no quarto de Francesca.

E tinha todo o direito de estar lá.

A única coisa que poderia tornar tudo melhor seria se ela lhe tivesse dito que o amava.

A omissão deixara-lhe um furo miudinho no coração, mas isso era mais do que ofuscado pela

alegria recém-descoberta. Ele não queria que ela dissesse palavras que não sentia, e mesmo que nunca viesse a amá-lo como uma mulher deve amar o marido, ele sabia que os sentimentos dela eram mais fortes e mais nobres do que os que a maioria das mulheres nutriam pelos maridos.

Sabia que ela se importava com ele, que o amava profundamente como amigo. E se algo de mau viesse a acontecer-lhe, sabia que ela o choraria com toda a força do seu coração.

Não podia pedir mais.

Podia *querer* mais, mas já tinha muito mais do que alguma vez esperara. Não devia ser ganancioso.

Não quando, para culminar, havia a paixão.

E como havia paixão.

Era quase divertido como ela ficava surpreendida, o quanto continuava a surpreendê-la a cada dia.

Ele tinha usado isso a seu favor; sabia-o e não sentia vergonha. Usara essa arma naquela mesma tarde ao tentar convencê-la a casar-se

imediatamente.

E tinha funcionado.

Graças a Deus, tinha funcionado.

Sentia-se zozzo, como um rapaz inexperiente. Quando a ideia lhe surgira – casar naquele mesmo dia –, sentira uma estranha descarga de excitação percorrê-lo e mal fora capaz de se conter. Fora um daqueles momentos em que sabia que tinha de ter sucesso, teria feito qualquer coisa para a convencer.

Agora, no dealbar do seu casamento, não podia deixar de imaginar se seria diferente. A sensação de a ter nos braços como esposa seria diferente da de a ter como amante? Quando olhasse para o rosto dela de manhã, o ar pareceria diferente? Quando a vislumbresse no meio de uma sala apinhada de gente...

Abanou a cabeça para espantar as fantasias. Estava a transformar-se num tolo sentimental. O seu coração parava sempre quando a via numa sala apinhada. Mais, e achava que ele não aguentaria o esforço.

Abriu a porta.

– Francesca – chamou, a voz suave e rouca no ar da noite.

Ela estava junto à janela, vestida com uma camisa de noite azul muito escura. O corte era recatado, mas o tecido colava-se-lhe ao corpo e por um momento, Michael não conseguiu respirar.

E nesse instante soube – não sabia como, mas soube – que seria sempre assim.

– Frannie? – sussurrou, caminhando lentamente em direção a ela.

Francesca virou-se e havia hesitação no seu rosto. Não era propriamente nervosismo, mas uma expressão encantadora de apreensão, como se também ela se tivesse apercebido de que agora era tudo diferente.

– Está feito – disse ele, incapaz de evitar um sorriso brincalhão.

– Eu ainda não consigo acreditar – disse ela.

– Nem eu – admitiu ele, estendendo a mão para lhe acariciar o rosto –, mas é verdade.

– Eu... – Ela abanou a cabeça. – Não importa.

– O que ias dizer?

– Não é nada.

Michael pegou nas mãos dela e puxou-a para si.

– Não podes dizer que não é nada – murmurou. – Quando se trata de ti, e quando se trata de mim, não pode não ser nada.

Ela engoliu em seco, as sombras brincando nas linhas delicadas do pescoço, até que finalmente disse:

– Eu só... queria dizer...

As mãos dele fizeram um pouco mais de pressão nas dela, como para a encorajar. Ele queria que ela o dissesse. Não tinha pensado que precisava das palavras, pelo menos, ainda não, mas, meu Deus, como queria ouvi-las.

– Estou muito feliz por ter casado contigo – concluiu Francesca, a voz combinando com a expressão estranhamente tímida no seu rosto. – Foi a coisa certa a fazer.

Ele sentiu os dedos dos pés curvarem-se, agarrando-se ao tapete enquanto controlava a decepção.

Era muito mais do que julgara alguma vez ouvir dela, mas tão menos do que esperava.

Todavia, pensando melhor, ela ainda estava ali nos seus braços e era sua mulher; isso tinha de ser tido em conta, prometeu ferozmente a si mesmo.

– Eu também estou feliz – disse ele em voz baixa, puxando-a para mais perto.

Os lábios tocaram nos dela e *foi* diferente quando a beijou. Havia um novo sentimento de pertença sem carácter furtivo ou desesperado.

Beijou-a devagar, com cuidado, demorando-se a explorá-la, a saborear cada momento. As mãos deslizaram ao longo da seda da camisa de noite e ela gemeu quando ele prendeu o tecido entre os dedos.

– Eu amo-te – sussurrou ele, decidindo que não valia a pena guardar as palavras para si mais tempo, mesmo que ela não estivesse inclinada

a dizer o mesmo. Os lábios percorreram a face até ao ouvido, mordiscando suavemente o lóbulo antes de descer para o pescoço e para a covinha deliciosa na base do pescoço.

– Michael – suspirou ela, encostando-se a ele. – Oh, Michael!

Ele agarrou-a pelas nádegas e apertou-a contra ele, um gemido escapando-lhe dos lábios quando a sentiu tensa e quente contra si.

Pensava que a queria antes, mas isto... isto era diferente.

– Preciso de ti – disse ele com a voz rouca, ajoelhando-se enquanto os lábios acompanhavam a descida sobre a seda. – Preciso tanto de ti.

Ela sussurrou o seu nome, e pareceu confusa quando o viu naquela posição de súplica.

– Francesca – disse ele, sem saber porque o dizia, só que o nome dela era a coisa mais importante do mundo naquele momento. O nome dela e o seu corpo e a beleza da sua alma.

– Francesca – sussurrou de novo, enterrando o rosto no ventre dela.

As mãos de Francesca pousaram na cabeça dele, os dedos entrelaçados no cabelo. Ele podia ter permanecido assim durante horas, de joelhos diante dela, mas então ela ajoelhou-se também, aproximando-se dele e arqueando o pescoço enquanto o beijava.

– Eu quero-te – disse ela. – Por favor.

Michael gemeu, puxando-a para si e levantando-a antes de a puxar para a cama. Momentos depois estavam deitados, o colchão macio atraindo-os, abraçando-os enquanto eles se abraçavam.

– Frannie – disse ele, os dedos trémulos despindo-lhe a camisa de seda até à cintura.

Uma das mãos dela agarrou-o pela nuca, puxando-o para outro beijo, este mais profundo e ardente.

– Preciso de ti – disse ela, a voz quase um gemido de necessidade. – Preciso tanto de ti.

– Quero ver-te toda – disse ele, quase rasgando a seda do corpo dela. – Preciso de te *sentir* toda.

Francesca estava tão ávida como ele, e os dedos dela voaram para o

cinto do roupão, desfazendo o

nó frouxo antes de o abrir, revelando a vasta extensão do seu peito. Ela tocou os pelos esparsos quase com uma sensação de pasmo enquanto a mão lhe acariciava a pele.

Nunca tinha pensado estar naquele lugar, naquele momento.

Não era a primeira vez que o via assim, que lhe tocava daquela maneira, mas de alguma forma era diferente agora.

Ele era o seu marido.

Era tão difícil de acreditar, e ao mesmo tempo parecia-lhe tão perfeito e legítimo.

– Michael – murmurou, afastando-lhe o roupão dos ombros.

– Hummm? – foi a resposta dele, ocupado a fazer alguma coisa deliciosa na parte de trás do joelho dela.

Francesca deixou-se cair nas almofadas, esquecendo-se completamente do que ia dizer, se é que ia dizer alguma coisa.

A mão dele envolveu com ternura a frente da coxa, depois deslizou para cima em direção às ancas, à cintura e, finalmente, ao seio. Francesca queria participar, queria aventurar-se e tocar-lhe como ele lhe tocava, mas as carícias estavam a torná-la lânguida e preguiçosa, e ela só conseguiu ficar ali deitada a desfrutar daquela dádiva, esticando ocasionalmente o braço para acariciar qualquer parte da pele dele que se encontrasse ao seu alcance.

Ela sentiu-se acarinhada.

Adorada.

Amada.

Era comovente.

Era intenso.

Era sagrado e sedutor, e deixava-a sem fôlego.

Os lábios seguiram o trilho que as mãos tinham forjado, enviando arrepios de desejo por todo o ventre, subindo e culminando na concavidade entre os seios.

– Francesca – murmurou ele, beijando o caminho até ao mamilo, provocando-o primeiro com a língua, tomando-o, em seguida, na boca e mordiscando com toda a suavidade.

A sensação foi intensa e imediata. O corpo dela estremeceu e os dedos agarraram freneticamente os lençóis, desesperados por apoio num mundo que, de repente, parecia ter saído do eixo.

– Michael – ofegou ela, arqueando as costas, quando os dedos dele deslizaram entre as suas pernas; não que precisasse de mais nada para ficar pronta para a sua eventual entrada. Queria aquilo, queria-o a ele e queria que durasse para sempre.

– É tão bom – disse ele com a voz rouca, o hálito quente contra a pele.

Ele posicionou-se para entrar. O rosto dele estava acima do dela, nariz com nariz, e o brilho nos olhos era quente e intenso.

Francesca mexeu-se debaixo dele, inclinando as ancas para o receber mais fundo.

– Agora – disse ela, a palavra uma mistura de ordem e súplica.

Ele usou de movimentos lentos, avançando com um cuidado torturante. Ela sentiu-se dilatar, abrindo-se para o receber até os corpos se tocarem e saber que estavam totalmente moldados um no outro.

– Oh, meu Deus! – gemeu ele, o rosto tenso de paixão. – Eu não posso... Eu tenho de...

Ela respondeu levantando as ancas, comprimindo-se ainda mais contra ele.

Ele começou a mover-se dentro dela, cada impulso provocando nela uma nova onda de sensações

que se espalhavam e lhe queimavam o corpo. Disse o nome dele, e então deixou de conseguir falar, de conseguir fazer o que quer que fosse, exceto tragar o ar às golfadas quando os movimentos dele se tornaram mais frenéticos e desesperados.

Foi então que uma onda de prazer a invadiu como um relâmpago. O corpo explodiu e ela gritou, incapaz de conter a intensidade da experiência. Michael impulsionou-se com mais força ainda, e mais e mais. Gritou quando atingiu o clímax, o nome dela uma oração e uma

bênção nos seus lábios até desabar em cima dela.

– Sou muito pesado – disse ele, fazendo uma meia tentativa para sair de cima dela.

– Não – pediu ela, aquietando-o com a mão.

Ela não queria que ele se mexesse, ainda não. Daí a pouco custar-lhe-ia respirar e ele teria de sair, mas por agora havia algo de elementar naquela posição, algo que ela não estava pronta para abandonar.

– Não – contrapôs ele, e ela pôde ouvir-lhe um sorriso na voz –, vou esmagar-te.

Saiu de cima dela, mas não renunciou à proximidade, e Francesca viu-se aninhada em Michael, as costas aquecidas pela pele dele, o corpo perfeitamente encaixado pelo braço sob os seios.

Ele murmurou algo contra o pescoço dela; ela não conseguiu entender as palavras, mas não importava; sabia o que ele tinha dito.

Michael adormeceu logo depois, a respiração regular como uma canção de embalar, lenta e constante junto ao seu ouvido. Mas Francesca não adormeceu. Estava cansada, sonolenta e saciada, mas não adormeceu.

Hoje tinha sido diferente.

E ficou ali a pensar no porquê.

CAPÍTULO 23

...Tenho certeza de que o Michael também lhe irá escrever, mas como a considero uma amiga muito querida, quis escrever-lhe a informá-la de que nos casámos. Está surpreendida? Devo confessar que eu fiquei.

Da condessa de Kilmartin para Helen Stirling, três dias após o seu casamento com o conde de Kilmartin

–Estás com um ar horrível.

Michael virou-se para Francesca com uma expressão um tanto seca.

– Bom dia para ti também – observou ele, voltando a atenção para os ovos e a torrada.

Francesca sentou-se do outro lado da mesa do pequeno-almoço. Estavam casados há duas semanas; Michael tinha-se levantado de manhã bem cedo e quando ela acordou, o lado dele na cama já estava frio.

– Não estou a brincar – disse ela, sentindo a preocupação franzir-lhe o sobrolho. – Estás com um ar muito macilento, e nem sequer estás sentado direito. Devias ir para a cama e descansar um pouco.

Ele tossiu, depois tossiu de novo, o segundo espasmo sacudindo-lhe o corpo.

– Eu estou bem – disse ele, embora as palavras tivessem saído mais como um suspiro.

– Não estás nada bem.

Ele revirou os olhos.

– Casados há duas semanas e já...

– Se não querias uma mulher chata, não devias ter casado comigo – disse Francesca, calculando a largura da mesa e decidindo não estar suficientemente perto para lhe tocar na testa e verificar se tinha febre.

– Eu estou bem – disse ele com firmeza, e desta vez pegou no jornal *The London Times* (já com vários dias de atraso, mas tão atual quanto podiam esperar nas terras fronteiriças da Escócia), e dedicou-se a ignorá-la.

Podiam jogar aquele jogo, decidiu Francesca, por sua vez, dedicando a atenção à sempre difícil tarefa de espalhar compota num queque.

Mas Michael tossiu.

Ela mexeu-se no assento, tentando não dizer nada.

Ele tossiu novamente, desta vez afastando-se da mesa para poder curvar-se ligeiramente.

– M...

Ele lançou-lhe um olhar tão feroz que ela fechou a boca.

Francesca semicerrou os olhos.

Michael inclinou a cabeça de maneira condescendente e irritante, arruinando em seguida o efeito quando começaram as convulsões do corpo ao sofrer outro espasmo.

– Chega! – anunciou Francesca, levantando-se. – Vais para a cama. Imediatamente.

– Eu estou bem – resmungou ele.

– Não estás nada.

– Eu estou...

– Doente – cortou ela. Estás doente, Michael. Doente, enfermo, atacado pela peste, estás doente como um cão. Não vejo como posso torná-lo mais claro.

– Eu não tenho a peste – murmurou ele.

– Não – disse Francesca, contornando a mesa para lhe agarrar o braço –, mas tens malária e...

– Não é malária – afirmou ele, batendo no peito ao tossir novamente.

Ela ajudou-o a levantar-se, uma tarefa que não podia levar a cabo sem pelo menos um pouco de assistência da parte dele.

– Como é que sabes? – perguntou.

– Simplesmente, sei.

Ela contraiu os lábios.

– E falas com a perícia médica que te vem de...

– Ter tido a doença várias vezes num só ano – cortou ele. – Não é malária.

Ela conduziu-o até à porta.

– Além disso, é muito cedo – protestou ele.

– É muito cedo para quê?

– Para outro ataque – explicou Michael, cansado. – Acabei de ter um em Londres, há quê? Uns dois meses? É muito cedo.

– Porque é que é muito cedo? – perguntou ela, com a voz estranhamente calma.

– Simplesmente, é – murmurou ele, mas por dentro, conhecia uma verdade diferente. Não era muito cedo; ele conhecera muitas pessoas que tinham tido ataques de malária com dois meses de intervalo.

Todas elas tinham ficado doentes. Mesmo muito doentes.

Muitas delas tinham morrido.

Se os ataques estavam a surgir com menos tempo de intervalo, será que significava que a doença estava a vencer?

Isso, sim, seria irónico. Finalmente conseguira casar com Francesca e agora podia estar a morrer.

– Não é malária – reiterou ele, desta vez com força suficiente para a fazer parar de andar e olhar para ele.

– Não é – repetiu.

Ela apenas acenou com a cabeça.

– Provavelmente é só uma constipação – adiantou ele.

Ela voltou a anuir, mas ele teve a nítida impressão de que era só para o apaziguar.

– Vou levar-te para a cama – declarou ela em voz baixa. E ele deixou.

Dez horas depois, Francesca estava apavorada. A febre de Michael subia e, embora ele não estivesse delirante ou incoerente, era óbvio que estava muito, muito doente. Ele insistia em dizer que não era a malária, que *não sentia* ser a malária, mas sempre que ela o pressionava para obter mais informações, ele não conseguia explicar porquê; pelo menos não de maneira a deixá-la satisfeita.

Francesca não sabia muito sobre a doença; as livrarias femininas em voga de Londres recusavam-

se a vender livros médicos. Ela queria ter perguntado ao seu médico,

ou até mesmo procurar um especialista do Colégio Real de Medicina, mas tinha prometido a Michael que iria manter a sua doença em segredo. Se andasse pela cidade a fazer perguntas sobre a malária, eventualmente alguém iria querer saber porquê. Assim, a maior parte do que sabia tinha aprendido com Michael durante os poucos meses depois do regresso dele da Índia.

Mas não lhe parecia correto que os ataques aparecessem com um intervalo menor. Não que possuísse qualquer conhecimento médico sobre o qual basear tal suposição, teve de admitir. Quando ele ficara doente em Londres, dissera-lhe que tinham passado seis meses desde o último ataque, e três antes disso.

Porque é que a doença de repente mudaria de rumo e atacaria outra vez tão rapidamente?

Simplesmente não fazia sentido. Não, se estava a ficar melhor.

E ele tinha de estar a ficar melhor. Tinha de estar.

Ela suspirou, estendendo a mão para lhe tocar na testa. Ele dormia agora, ressonando ligeiramente, como tinha tendência para fazer quando estava congestionado. Ou assim lhe tinha dito. Não estavam casados há tempo suficiente para ela ter adquirido esse conhecimento em primeira mão.

A pele dele estava quente, embora ainda não a arder. A boca parecia seca, por isso ela levou-lhe uma colher de chá morno aos lábios, inclinando-lhe o queixo para tentar ajudá-lo a engolir enquanto dormia.

Mas ele engasgou-se e despertou, cuspidando a água para o outro lado da cama.

– Desculpa – disse Francesca, inspecionando os danos. Pelo menos, tinha sido uma colherada pequena.

– Que diabo me estás a fazer? – gaguejou ele.

– Não sei – admitiu ela. – Não tenho muita experiência em enfermagem. Parecias-me com sede.

– Da próxima vez que estiver com sede, eu digo – resmungou Michael.

Ela assentiu em concordância e ficou a vê-lo tentar acomodar-se novamente.

– Por acaso não estás com sede agora? – perguntou em tom carinhoso.

– Um bocadinho – respondeu ele, as sílabas ligeiramente entrecortadas.

Sem uma palavra, Francesca estendeu a chávena de chá. Ele bebeu tudo de uma só vez.

– Queres mais uma chávena?

Ele negou com a cabeça.

– Se bebo mais, vou ter de mi... – Parou e pigarreou. – Desculpa – murmurou.

– Eu tenho quatro irmãos – disse ela. – Não te preocupes. Queres que vá buscar o bacio?

– Eu posso fazê-lo sozinho.

Michael não parecia estar em condições de atravessar o quarto sozinho, mas ela sabia que não devia discutir com um homem num tal estado de irritação. Ele ia arrepender-se quando tentasse levantar-se e voltasse a cair sem forças na cama. Nenhum argumento ou chamada à razão da parte dela iria convencê-lo.

– Estás muito febril – disse ela em voz baixa.

– Não é a malária.

– Eu não quis dizer...

– Mas pensaste.

– O que acontece se *for* a malária? – perguntou ela.

– Não é...

– Mas e se *for*? – cortou ela, percebendo horrorizada que a sua voz tinha aquele timbre agudo terrível, aquele som arredondado de terror que surgia pouco antes de realmente se sentir sufocada.

Michael fitou-a alguns segundos, com o olhar sombrio. Por fim, virou-se e disse:

– Não é.

Francesca engoliu em seco. Agora tinha a sua resposta.

– Importas-te se eu sair um bocadinho? – disse num repente, levantando-se tão depressa que até ficou tonta.

Ele não disse nada, mas ela podia vê-lo encolher-se debaixo dos cobertores.

– Vou só dar uma volta – explicou ela, hesitante, indo até à porta. – Antes que o sol se ponha.

– Eu fico bem – resmungou ele.

Ela assentiu com a cabeça, ainda que ele não estivesse a olhar para ela.

– Até já – disse.

Mas Michael já tinha adormecido.

O ar estava enevoadado, ameaçando mais chuva, por isso Francesca pegou num guarda-chuva e rumou para o belveder. Os lados eram abertos, ficando à mercê dos elementos, mas tinha teto, e se desatasse a chover, ela permaneceria, pelo menos, nominalmente seca.

Mas a cada passo, sentia que a respiração ia ficando cada vez mais difícil e quando chegou ao seu destino, estava a ofegar com o esforço, não da caminhada, mas de tentar impedir as lágrimas.

Assim que se sentou, parou de tentar.

Cada soluço saía enorme e muito pouco civilizado, mas ela não se importava.

Michael podia estar a morrer. Tanto quanto sabia, ele *estava* a morrer e ela ia ficar viúva pela segunda vez.

Já quase a matara da última vez.

Não sabia se tinha forças para passar por tudo aquilo de novo. Não sabia se queria ser forte o suficiente.

Não estava certo, nem era justo, raios partam, que tivesse de perder dois maridos quando tantas mulheres podiam ter um a vida inteira. E a maioria dessas mulheres nem sequer gostava dos seus cônjuges,

enquanto *ela*, que realmente amava os dois...

Francesca ficou sem ar.

Ela amava-o? Michael?

Não, não, assegurou a si mesma, ela não o *amava*. Não dessa maneira. Quando pensara nisso, quando a palavra lhe ecoara no cérebro, quis dizer amizade. É claro que amava Michael *dessa* maneira. Sempre o amara, certo? Ele era o seu melhor amigo, já o era quando John era vivo.

Imaginou-o, viu-lhe o rosto, o sorriso.

Fechou os olhos, lembrou-se do beijo de Michael e da sensação perfeita da mão dele no fundo das suas costas enquanto caminhavam pela casa.

E finalmente descobriu a razão por que tudo parecia diferente entre eles nos últimos tempos. Não era, como originalmente pensara, porque tinham casado. Não era porque ele era o seu marido, porque ela usava o seu anel no dedo.

Era porque o amava.

Essa coisa entre eles, aquele vínculo, não era apenas paixão e não tinha nada de perverso.

Era amor, e era divinal.

Francesca não poderia ter ficado mais abismada se John se tivesse materializado diante dela e desatado a dançar uma música popular irlandesa.

Michael.

Ela amava Michael.

Não apenas como amigo, mas como marido e amante. Amava-o com a profundidade e a intensidade que sentira por John.

Era diferente, porque eles eram homens diferentes, e ela também era diferente agora, mas, ao mesmo tempo, era igual. Era o amor de uma mulher por um homem e preenchia-lhe todos os recantos do coração.

E, pelo amor de Deus, não queria que ele morresse.

– Não podes fazer isso comigo – gritou ela, sentada numa das pontas do banco do belveder e olhando para o céu.

Uma gota de chuva grossa aterrou-lhe na cana do nariz, salpicando-lhe o olho.

– Oh, não, não te atrevas – resmungou ela, limpando a gota. – Não penses que podes...

Mais três gotas, em rápida sucessão.

– Maldição! – murmurou Francesca, seguido por um «Desculpa», destinado ao céu.

Inclinou a cabeça para trás, mais para dentro do belveder, para se abrigar da chuva que aumentava de intensidade.

O que fazer agora? Avançar com toda a tenacidade de um anjo vingador ou ter um bom ataque de choro e autocomiseração?

Ou talvez um pouco de ambos.

Olhou para a chuva, que agora retumbava com força suficiente para incutir medo ao mais determinado dos anjos vingadores.

Um pouco de ambos, decidiu.

Michael abriu os olhos, admirado por descobrir que já era de manhã. Pestanejou algumas vezes, só para confirmar tal facto. As cortinas estavam corridas, mas não completamente, deixando uma clara faixa de luz estendida no tapete.

Manhã. Bom, devia estar mesmo muito cansado. A última coisa que recordava era Francesca a sair apressada, declarando a intenção de ir dar um passeio, apesar de qualquer um poder ver que ia chover.

Mulher tonta.

Tentou sentar-se, mas logo se deixou cair para debaixo dos cobertores. Maldição! Sentia-se moribundo. Não seria talvez a melhor metáfora para usar, dadas as circunstâncias, admitiu, mas não conseguia pensar noutro termo que descrevesse adequadamente a dor que lhe permeava o corpo.

Sentia-se exausto, quase colado aos lençóis. O simples pensamento de

se sentar era suficiente para o fazer gemer.

Raios partam! Estava mesmo num estado miserável.

Levou a mão à testa, tentando verificar se ainda estava com febre, mas se a testa estava quente, a mão também; só conseguia chegar à conclusão de que estava completamente transpirado e a precisar de um bom banho.

Tentou cheirar o ar que o rodeava, mas estava tão congestionado que só serviu para ter um ataque de tosse.

Suspirou. Bem, se cheirava mal, pelo menos *ele* não sentia o cheiro.

Ouviu um som suave na porta e, erguendo o olhar, viu Francesca entrar no quarto. Ela aproximou-se silenciosamente, os pés calçados apenas com meias, claramente para evitar perturbá-lo. Quando se aproximou da cama, finalmente olhou para ele e soltou um ligeiro «Oh!» de surpresa.

– Estás acordado – disse ela.

Ele acenou com a cabeça.

– Que horas são?

– Oito e meia. Não é tarde, mas tu adormeceste ontem antes da hora de jantar.

Ele anuiu novamente, já que não tinha nada de pertinente para acrescentar à conversa. Além disso, estava cansado de mais para falar.

– Como te sentes? – perguntou ela, sentando-se na cama ao lado dele.
– Queres comer alguma coisa?

– Pessimamente e não, obrigado.

Os lábios dela curvaram-se ligeiramente.

– Beber alguma coisa?

Ele fez que sim com a cabeça.

Ela pegou numa tigela pequena, pousada numa mesa ali próxima. Estava tapada por um pires, talvez para manter o conteúdo quente.

– É de ontem à noite – disse ela em tom de desculpa –, mas manteve-a

coberta, por isso não deve estar assim tão má.

– Sopa? – perguntou ele.

Ela assentiu com a cabeça, levando-lhe uma colher aos lábios.

– Já está demasiado fria?

Ele bebeu um pouco e negou com a cabeça. Estava ligeiramente morna, mas também não achava que conseguisse aguentar nada muito quente.

Ela alimentou-o em silêncio, durante mais ou menos um minuto e quando ele disse que já não queria mais, Francesca pousou a tigela, cobrindo-a com o pires com cuidado, mesmo que seguramente fosse pedir uma outra sopa para a refeição seguinte, imaginou ele.

– Tens febre? – perguntou ela num sussurro.

Ele tentou esboçar um sorriso despreocupado.

– Não faço ideia.

Ela estendeu a mão para lhe tocar na testa.

– Não tive tempo para tomar banho – murmurou ele, desculpando-se pelo rosto suado sem realmente proferir a palavra *suor* na sua presença.

Ela não mostrou indícios de ter ouvido a sua tentativa de gracejo, limitando-se a franzir o sobrolho ao pressionar mais a mão contra a testa dele. E, em seguida, surpreendendo-o com a rapidez, levantou-se e inclinou-se sobre ele, encostando os lábios à sua testa.

– Frannie?

– Estás quente – disse ela, quase suspirando as palavras. – Tu estás quente!

Ele pestanejou, intrigado.

– Tu ainda tens febre – disse ela animada. – Não percebes? Se ainda tens febre, quer dizer que não

pode ser malária!

Por um momento Michael não conseguiu respirar. Ela tinha razão.

Estava pasmado pelo facto de a ideia nem lhe ter ocorrido, mas ela estava certa. As febres da malária desapareciam sempre pela manhã. Voltavam a atacar no dia seguinte, claro, muitas vezes com uma força terrível, mas aliviavam sempre, dando-lhe um dia de descanso antes de o deitarem abaixo novamente.

– Não é malária – repetiu ela, com os olhos estranhamente brilhantes.

– Eu disse-te que não era – disse ele, mas no seu âmagio, a verdade era outra, a de que ele não estivera assim tão certo disso.

– Não vais morrer – sussurrou ela, mordendo o lábio inferior.

Os olhos de Michael voaram para os dela.

– Estavas com medo que eu morresse? – perguntou.

– Claro que estava – retorquiu ela, sem tentar esconder o tom embargado da voz. – Meu Deus, Michael, não posso acreditar que tu... tens alguma ideia de como eu... Oh, pelo amor de Deus!

Ele não percebera o que ela tinha tentado dizer, mas a sensação que tinha era de ser bom.

Francesca levantou-se, as costas da cadeira batendo na parede, e usou o guardanapo de pano pousado ao lado da tigela de sopa para enxugar os olhos.

– Frannie? – murmurou ele.

– És tão *homem* – disse ela com ar resmungão.

Ele ergueu as sobrancelhas ao comentário.

– Devias saber que eu... – Interrompeu-se mais uma vez.

– O que é, Frannie?

Ela abanou a cabeça.

– Ainda não – disse, e ele teve a impressão de que ela falava mais para si mesma do que para ele.

– Em breve, mas não ainda.

Ele pestanejou, sem perceber.

– Perdão?

– Eu tenho de sair – anunciou ela, as palavras estranhamente curtas e abruptas. – Preciso de fazer uma coisa.

– Às oito e meia da manhã?

– Não demoro – disse ela, apressando-se para a porta. – Não saias daí.

– Oh, que pena – tentou ele brincar –, lá se vão os meus planos de visitar o rei.

Mas Francesca estava tão distraída que nem sequer se preocupou em responder à sua tentativa patética de humor.

– Em breve – disse, a palavra saindo estranhamente como uma promessa. – Em breve estarei de volta.

Ele encolheu os ombros e ficou de olhos fixos na porta quando ela a fechou atrás de si.

CAPÍTULO 24

...Não sei bem como lhe dizer isto, nem sei como a notícia será recebida, mas o Michael e eu casámos há três dias.

Não sei como descrever os eventos que antecederam o casamento, exceto dizer que simplesmente pareceu a coisa certa a fazer. Por favor, saiba que esta decisão em nada diminui o amor que eu sentia pelo John. Ele terá sempre um lugar muito especial e querido no meu coração, assim como a senhora...

Da condessa de Kilmartin para a condessa viúva de Kilmartin, três dias após o seu casamento com o conde de Kilmartin Um quarto de hora mais tarde, Michael já se sentia muito melhor. Ainda não completamente bem, é claro; por nenhum esforço de imaginação poderia convencer-se, ou a qualquer outra pessoa, de que voltara a ser o forte e saudável Michael. Mas a sopa deve ter ajudado a restaurar-lhe um pouco as forças, assim como a conversa, pois quando se levantou para usar o bacio, descobriu que as pernas estavam mais estáveis do que pensava. Concluía essa tarefa, passou a um banho improvisado, usando um pano humedecido para lavar o corpo. Depois

de vestir um roupão limpo, voltou a sentir-se quase humano.

Voltou para a cama, mas não conseguiu enfiar o corpo naqueles lençóis suados, por isso tocou para chamar um criado e sentou-se na sua poltrona de orelhas, virando-a ligeiramente para poder ficar a olhar pela janela.

O dia estava ensolarado. Uma mudança muito agradável. O tempo tinha andado triste durante aquelas duas semanas após o casamento. Não que se tivesse importado particularmente; quando se passava tanto tempo a fazer amor com a mulher, como no caso dele, não tinha importância se o sol brilhava ou não.

Mas agora, fora do leito de enfermo, sentiu o estado de espírito reavivado pelo brilho da luz solar na relva orvalhada.

Um movimento lá fora chamou-lhe a atenção e ele percebeu que era Francesca, a atravessar apressada o relvado. Ela estava demasiado longe para conseguir ver claramente, mas ia agasalhada no seu casaco mais prático e levava alguma coisa na mão.

Ele inclinou-se para a frente para ver melhor, mas ela desapareceu de vista, por trás de uma sebe.

Nesse momento, Reivers entrou no quarto.

– Tocou, senhor?

Michael virou-se para o encarar.

– Sim. Podes pedir que venha alguém mudar os lençóis?

– Certamente, senhor.

– E... – Michael estava prestes a pedir-lhe que preparassem um banho, mas por alguma razão, foram outras as palavras que lhe saíram da boca: – Por acaso sabes onde foi Lady Kilmartin? Vi-a a atravessar o relvado.

Reivers abanou a cabeça.

– Não, senhor. Ela não me informou, embora o Davies me tenha dito que ela lhe pediu para pedir ao jardineiro que cortasse algumas flores.

Michael acenou com a cabeça enquanto seguia mentalmente a cadeia de pessoas. Realmente devia ter mais respeito pela pura eficiência da coscuvilhice dos criados.

– Flores, dizes tu – murmurou. Devia ser isso que ela tinha na mão quando atravessara o relvado há minutos.

– Peónias – confirmou Reivers.

– Peónias – repetiu Michael, inclinando-se para a frente, curioso.

Eram as flores preferidas de John e tinham sido o elemento central do *bouquet* de casamento de Francesca. Era quase chocante lembrar-se de tais detalhes, mas embora se tivesse embriagado completamente assim que John e Francesca abandonaram a festa, lembrava-se da cerimónia de casamento com um pormenor impressionante.

O vestido era azul. Azul muito claro. E as flores eram peónias. Tiveram de as encomendar a uma estufa, mas Francesca tinha insistido.

Subitamente percebeu onde ela ia, agasalhada para afastar o frio ligeiramente cortante.

Ia visitar o túmulo de John.

Michael tinha lá ido uma vez desde que chegara. Tinha ido sozinho, poucos dias depois daquele momento extraordinário no quarto, quando percebera de repente que John teria aprovado o seu casamento com Francesca. Mais do que isso, quase pensou que John estava algures lá em cima a dar uma boa gargalhada sobre todo o acontecimento.

E Michael não conseguiu deixar de pensar... Será que Francesca percebeu? Será que ela percebeu que essa seria a vontade de John? Para os dois?

Ou será que ainda estava presa à culpa?

Michael sentiu-se levantar da cadeira. Ele sabia o que era a culpa, sabia como minava o coração e rasgava a alma. Conhecia bem essa dor e a maneira como parecia ácido a corroer-lhe as entranhas.

Não queria isso para Francesca. Nunca.

Ela podia não o amar. Podia *nunca* vir aamá-lo. Mas estava mais feliz agora do que antes de se casarem; disso, ele tinha certeza. E deixá-lo-ia destruído saber que ela sentia vergonha daquela felicidade.

John teria querido que ela fosse feliz. Ele teria querido que ela amasse

e fosse amada. E se Francesca não conseguia perceber que...

Michael começou a vestir-se. Podia ainda estar fraco e febril, mas conseguiria certamente chegar até ao cemitério da capela. A caminhada ia deixá-lo exausto, mas não permitiria que ela se afundasse no mesmo tipo de culpa desesperada que ele sofrera durante tantos anos.

Ela não era obrigada a amá-lo. Não era. Dissera essas palavras para si mesmo tantas vezes durante aquelas duas semanas de casamento que quase acreditava nelas.

Ela não era obrigada a amá-lo. Mas tinha de se sentir livre. Livre para ser feliz.

Porque se ela não fosse feliz...

Bem, isso *iria* matá-lo. Ele poderia viver sem o amor dela, mas não sem a sua felicidade.

Francesca sabia que o terreno estaria molhado, por isso tinha trazido uma pequena manta, o xadrez

verde e dourado do clã Stirling fazendo-a sorrir com melancolia ao estendê-la na relva.

– Olá, John – disse, ajoelhando-se e arranjando com todo o cuidado as peónias na base da lápide.

O túmulo era simples, muito menos ostensivo do que muitos dos monumentos da nobreza erigidos para honrar os seus mortos.

Mas era o que John teria querido. Ela conhecia-o tão bem que, a maior parte do tempo, era capaz de prever as suas palavras.

Ele teria querido algo simples e aquele teria sido o local escolhido, no canto mais distante do cemitério, mais perto dos campos ondulantes de Kilmartin, o seu lugar preferido no mundo.

E fora isso que ela lhe dera.

– Está um belo dia – disse ela, sentando-se na manta. Subiu as saias para poder cruzar as pernas ao estilo indiano, ajeitando-as depois com cuidado e tapando-as. Não era uma posição que pudesse assumir numa sala de visitas, mas ali era diferente.

John teria querido que ela estivesse confortável.

– Chove há semanas – disse. – Alguns dias piores do que outros, claro, mas nunca um dia sem pelo menos alguns minutos de chuva. Tu não te terias importado, mas devo confessar que já tinha saudades do sol.

Notou que um dos caules não estava onde queria e inclinou-se para a frente para o arranjar.

– Claro que não me tem impedido de fazer as minhas caminhadas – continuou ela com um riso nervoso. – Ultimamente tenho sido apanhada pela chuva muitas vezes. Não sei o que se passa... eu costumava ser mais atenta ao tempo.

Suspirou.

– Não, eu sei o que é. Só tenho medo de te dizer. É uma parvoíce minha, eu sei, mas... – Riu-se novamente, o som tenso soando-lhe errado nos lábios. Era a única coisa que nunca sentira ao lado de John: nervosismo. A partir do momento em que se conheceram, sentira-se tão confortável na sua presença, tão completamente à vontade, tanto com ele como consigo própria.

Mas agora...

Agora tinha finalmente motivos para ficar nervosa.

– Aconteceu uma coisa, John – recomeçou ela, os dedos apertando o tecido do casaco. – Eu...

comecei a sentir algo por alguém que talvez não devesse.

Olhou em redor, como se à espera de algum tipo de sinal divino. Mas isso não aconteceu, apenas o agitar delicado do vento nas folhas.

Francesca engoliu em seco, concentrando a atenção na lápide de John. Era uma tolice que um pedaço de pedra pudesse simbolizar um homem, mas não sabia mais para onde olhar quando falava com a sua memória.

– Talvez não o devesse ter sentido – disse ela – ou talvez devesse mas pensasse que não devia. Eu não sei. Tudo o que sei é que aconteceu. Não estava à espera, mas então, ali estava e... com...

Parou, a boca curvando-se num sorriso quase pesaroso.

– Bem, suponho que saibas com quem foi. Podes imaginar?

E então algo extraordinário aconteceu. Pensando nisso depois, ela achava que a terra se tinha mexido ou que um raio de luz descera brilhante dos céus no túmulo. Mas não houve nada disso. Nada palpável, nada audível ou visível, apenas uma estranha sensação de mudança dentro de si mesma, quase como se algo tivesse finalmente encontrado o seu devido lugar.

E soube... com toda a força do seu ser soube que John o teria imaginado. Mais do que isso, que

seria mesmo essa a vontade dele.

Ele teria querido que ela se casasse com Michael. Ele teria querido que ela se casasse com um homem por quem se apaixonasse; pensava até que ele teria achado quase divertido que isso tivesse acontecido com Michael.

Eram as suas duas pessoas favoritas e ele teria gostado de saber que estavam juntas.

– Eu amo-o – confessou ela, dando-se conta de que era a primeira vez que o dizia em voz alta. – Eu amo o Michael. Amo-o, e John... – Tocou no nome gravado na lápide. – Acho que ias aprovar –

sussurrou. – Às vezes acho que foste tu a congeminar esta coisa toda.

– É tão estranho – continuou, os olhos agora marejados de lágrimas. – Passei tanto tempo a pensar que nunca seria capaz de me apaixonar novamente. Como poderia? E quando alguém me perguntava o que é que tu terias querido para mim, eu respondia sempre que desejarias que eu encontrasse alguém.

Mas cá dentro... – Sorriu com melancolia. – Cá dentro eu sabia que isso não ia acontecer. Eu não ia apaixonar-me. Eu tinha a certeza. A certeza *absoluta*. Por isso realmente não importava o que desejarias para mim, não é?

«Só que aconteceu – respondeu ela de mansinho à própria pergunta. – Foi o que aconteceu, sem eu esperar. Foi o que aconteceu, e aconteceu com o Michael. Eu amo-o muito, John – disse com voz embargada pela emoção. – Insisti em dizer a mim mesma que não, mas quando pensei que ele ia morrer, foi demasiado para mim e eu soube... Oh, meu Deus, eu soube, John. Eu preciso dele. Eu amo-o. Não posso viver sem ele e só precisava de te dizer, de saber que tu... que tu...»

Não conseguiu continuar. Havia um turbilhão dentro dela, muitas

emoções, todas elas querendo desesperadamente sair ao mesmo tempo. Enterrou o rosto nas mãos e chorou, não de tristeza, não de alegria, mas porque simplesmente não era capaz de conter as lágrimas.

– John – disse ela aos soluços. – Eu amo-o. E acho que é isso que desejarias para mim. Acho sinceramente que sim, mas...

Foi então que ouviu um barulho vindo de trás. Um passo, uma respiração. Virou-se, mas já sabia quem era. Podia senti-lo no ar.

– Michael – sussurrou, olhando-o como se ele fosse um fantasma.

Ele estava pálido e magro e teve de se apoiar numa árvore para se manter de pé, mas para Francesca, ele parecia perfeito.

– Francesca – disse Michael, a palavra saindo-lhe atrapalhada dos lábios. – Frannie.

Ela levantou-se, sem nunca tirar os olhos dos dele.

– Ouviste o que eu disse? – perguntou num sussurro.

– Eu amo-te – disse ele em voz rouca.

– Mas ouviste-me? – insistiu ela. Tinha de saber, e se ele não a tivesse ouvido, tinha de lho dizer.

Ele assentiu com a cabeça num gesto brusco.

– Eu amo-te – disse ela. Queria correr até ele, queria abraçá-lo, mas de alguma forma parecia enraizada naquele lugar. – Amo-te – repetiu. – Amo-te.

– Não tens de...

– Tenho, sim. Eu tenho de o dizer. Tenho de te dizer. Eu amo-te. É verdade. Amo-te tanto.

A distância entre eles esvaneceu-se num ápice, e os braços de Michael envolveram-na. Ela enterrou o rosto no peito dele, encharcando-lhe a camisa de lágrimas. Não sabia porque chorava, mas não se importava. Tudo o que queria era o calor daquele abraço.

Nos braços dele podia sentir o futuro, e era maravilhoso.

O queixo de Michael veio descansar na sua cabeça.

– Eu não quis dizer que não precisavas de o dizer – murmurou ele –, só que não precisavas de repetir.

Ela riu-se, mesmo enquanto as lágrimas corriam, e logo ambos os corpos estremeciam de riso.

– Tens de o dizer – disse ele. – Se o sentes, então tens de o dizer. Eu sou um estúpido egoísta e quero tudo.

Ela ergueu os olhos brilhantes de felicidade para ele.

– Eu amo-te.

Michael acariciou-lhe o rosto.

– Não consigo imaginar o que fiz para te merecer – disse ele.

– Não tiveste de fazer nada – sussurrou Francesca. – Só tiveste de ser tu. – Ergueu a mão e tocou-lhe no rosto, o gesto um espelho perfeito do dele. – Só precisei de algum tempo para perceber.

Ele encostou o rosto à mão dela e cobriu-a com as suas mãos, retirando-a momentaneamente para um beijo na palma e para sentir o aroma da pele de Francesca. Fizera tanto esforço para se convencer de que não tinha importância se ela o amava, que tê-la como mulher era suficiente, mas agora...

Agora que ela o dissera, agora que ele sabia, agora que sentia o coração disparado, compreendia o absoluto.

Aquilo era o paraíso.

Aquilo era felicidade.

Aquilo era algo que nunca se atrevera a ter esperança de sentir, algo que nunca poderia ter sonhado existir.

Aquilo era o amor.

– Para toda a vida – prometeu ele. – Vou amar-te para o resto da minha vida. Prometo. Darei a minha vida por ti. Vou honrar-te e estimar-te. Vou... – as palavras saíam entrecortadas, mas ele não se importou. Só queria dizer-lhe. Só queria que ela soubesse.

– Vamos para casa – disse ela baixinho.

Michael anuiu em concordância.

Ela pegou-lhe na mão, afastando-o gentilmente da clareira, de regresso à área arborizada que se estendia entre o cemitério e Kilmartin. Michael encostou-se a ela, mas antes de os seus pés se levantarem do chão, virou-se para o túmulo de John e disse com os lábios a palavra *Obrigado*.

E então deixou a mulher levá-lo para casa.

– Eu queria dizer-te mais tarde – dizia Francesca agora. Ainda tinha a voz trémula de emoção, mas começava a readquirir o seu tom habitual. – Eu tinha planeado um grande gesto romântico. Alguma coisa em grande. Alguma coisa... – Virou-se para ele, oferecendo-lhe um sorriso triste. – Bem, eu não sei o quê, mas teria sido grandioso.

Ele apenas abanou a cabeça, dizendo:

– Eu não preciso disso. Tudo o que eu preciso... eu só preciso de...

Era irrelevante que não soubesse como terminar a frase, porque de alguma forma ela sabia o fim.

– Eu sei – sussurrou ela. – Eu preciso exatamente do mesmo.

EPÍLOGO

Meu querido sobrinho,

Embora a Helen insista que não ficou surpreendida com o anúncio do teu casamento com a Francesca, eu confesso ter uma imaginação menos fértil e portanto, para mim, foi um valente choque.

Todavia, peço-te que não confundas choque com falta de aceitação. Não foi preciso muito tempo ou pensamento para perceber que tu e a Francesca são um par perfeito. Não sei como não me apercebi antes. Não professo compreender a metafísica, e na verdade tenho pouca paciência para aqueles que afirmam compreendê-la, mas existe um entendimento especial entre vocês os dois, uma união de mentes e almas apenas existente num plano superior.

É mais do que evidente que nasceram um para o outro.

Estas não são palavras fáceis de escrever. O John ainda vive no meu

coração e sinto a sua presença todos os dias. Choro o meu filho perdido e sempre o farei. Não tenho palavras para te explicar o conforto que me dá saber que tu e a Francesca sentem o mesmo.

Espero que não me julgues presunçosa ao dar-te a minha bênção.

E espero que não me julgues insensata ao oferecer-te também a minha gratidão.

Obrigada, Michael, por teres deixado o meu filho amá-la primeiro.

De Janet Stirling, condessa viúva de Kilmartin,

para Michael Stirling, conde de Kilmartin,

Junho de 1824

Caros leitores,

Submeti as personagens de *A Bela e o Vilão* a mais do que o seu quinhão de infortúnios médicos.

Pesquisar as doenças de John e de Michael foi complicado; precisava de me certificar que ambos os desenvolvimentos da doença faziam sentido em termos científicos e que, simultaneamente, revelassem apenas o que era conhecido pela ciência médica na Inglaterra de 1824.

John morreu devido à rutura de um aneurisma cerebral. Os aneurismas cerebrais são anomalias congénitas nas paredes dos vasos sanguíneos no cérebro. Podem permanecer latentes durante muitos anos ou podem aumentar rapidamente e romper, conduzindo a uma hemorragia cerebral, o que, por sua vez, pode levar a inconsciência, coma e morte. As dores de cabeça provocadas pela rutura de aneurismas cerebrais são repentinas e explosivas, mas podem ser precedidas de uma dor de cabeça persistente durante algum tempo

antes da rutura final.

Nada poderia ter sido feito para o salvar; ainda hoje, cerca de metade das ruturas de aneurismas cerebrais conduzem à morte.

Durante o século XIX, a única maneira de fazer um diagnóstico definitivo da rutura de um aneurisma cerebral era a autópsia. Contudo, é extremamente improvável que um conde tivesse sofrido uma dissecação *post mortem*; portanto, a morte de John teria permanecido um mistério para aqueles que o amavam. Tudo o que Francesca sabia era que o marido tivera uma dor de cabeça, se deitara e morrera.

O ponto de viragem no tratamento de aneurismas cerebrais veio com o uso generalizado da angiografia, em 1950. Esta técnica, que consiste na injeção de um corante radiopaco nos vasos sanguíneos que alimentam o cérebro para produzir uma imagem de raios X da anatomia vascular, foi desenvolvida por Egas Moniz, em Portugal, em 1927. Deixo aqui uma nota histórica interessante: Egas Moniz foi agraciado com o Prémio Nobel da Medicina, em 1949, não pelo seu trabalho pioneiro no campo da angiografia, salvador de tantas vidas, mas pela descoberta da lobotomia frontal como tratamento para a doença psiquiátrica.

Quanto à malária, é uma doença muito antiga. Ao longo dos registos históricos, tem sido observado que a exposição a ambientes muito quentes e húmidos é associada a febres periódicas, fraqueza, anemia, insuficiência renal, coma e morte. O nome da doença vem do italiano para «mau ar» e reflete a crença dos nossos antepassados de que o próprio ar era o culpado. Em *A Bela e o Vilão*, Michael cita o ar pútrido como a origem da sua doença.

Hoje sabemos que a malária é, na verdade, uma doença parasitária. As condições ambientais quentes e húmidas não são as culpadas de *per si*, mas servem como terreno fértil para os mosquitos



do género *Anopheles*, o veículo transmissor da infeção. Durante a picada de inseto, a fêmea do mosquito *Anopheles* injeta involuntariamente organismos microscópicos no desafortunado

hospedeiro humano. Estes organismos são parasitas unicelulares do género *Plasmodium*. Existem quatro espécies de *Plasmodium* que podem infetar as pessoas: *falciparum*, *vivax*, *ovale* e *malariae*.

Assim que entram na corrente sanguínea, estes micro-organismos são levados para o fígado, onde se multiplicam a um ritmo alucinante; no espaço de uma semana, dezenas de milhares de parasitas são libertados novamente para a corrente sanguínea, infetando os glóbulos vermelhos e alimentando-se da hemoglobina que permite o transporte do oxigénio. A cada dois ou três dias, através de um processo sincronizado que ainda é mal compreendido, a prole destes parasitas irrompe dos glóbulos vermelhos, conduzindo a febres altas e calafrios violentos. No caso da malária por *falciparum*, as células infetadas podem tornar-se viscosas e colar-se ao interior dos vasos sanguíneos nos rins e no cérebro, levando a insuficiência renal e coma... ou até morte se houver atraso no tratamento.

Michael teve sorte. Embora ele não soubesse, sofria de malária por *vivax*, que pode subsistir no fígado dos pacientes durante décadas, mas que raramente mata as suas vítimas. A exaustão e as febres causadas pela malária por *vivax* são, contudo, graves.

No final do livro, Michael e Francesca temem que uma maior frequência de ataques possa ser indicativa da perda da batalha contra a doença. Na verdade, no caso da malária por *vivax*, isso não teria importância. Não há explicação para quando um paciente de *vivax* possa sofrer um episódio de febre da malária (exceto em caso de imunossupressão, como cancro, gravidez ou sida). Aliás, alguns pacientes experimentam uma cessação completa das febres e permanecem saudáveis para o resto da vida. Eu gosto de acalentar a ideia de que Michael foi um desses sortudos, mas mesmo se não tiver sido, não há nenhuma razão para pensar que ele não viveu até uma idade avançada. Além disso, uma vez que a malária é estritamente uma doença transmissível por via sanguínea, ele não a poderia ter transmitido aos membros da sua família.

A causa da malária só teria sido compreendida décadas após a época em que se desenrola *A Bela e o Vilão*, mas os fundamentos do tratamento já eram conhecidos: a cura podia ser conseguida pelo consumo da casca de uma pequena árvore tropical chamada chinchona. A casca era normalmente misturada com água, obtendo-se a «água quinino». O quinino foi vendido comercialmente pela primeira vez em França em 1820, mas o seu uso já era bastante generalizado algum tempo antes.

A malária foi praticamente erradicada nos países desenvolvidos, em grande parte devido aos esforços no combate ao mosquito. No entanto, continua a ser uma das principais causas de morte e invalidez entre as pessoas que vivem nos países em desenvolvimento. Entre 1 milhão e 3 milhões de pessoas morrem por ano devido a malária por *falciparum*, o que dá, em média, uma morte a cada trinta segundos. A maioria das mortes acontece na África subsariana, e a maioria das vítimas são crianças com menos de cinco anos de idade.

Uma parte das receitas deste livro será doada para a investigação e o desenvolvimento de medicamentos contra a malária.

Atenciosamente,

Document Outline

- Ficha Técnica
- AGRADECIMENTOS
- PARTE UM
 - CAPÍTULO 1
 - CAPÍTULO 2
 - CAPÍTULO 3
 - CAPÍTULO 4
- PARTE DOIS
 - CAPÍTULO 5
 - CAPÍTULO 6
 - CAPÍTULO 7
 - CAPÍTULO 8
 - CAPÍTULO 9
 - CAPÍTULO 10
 - CAPÍTULO 11
 - CAPÍTULO 12
 - CAPÍTULO 13
 - CAPÍTULO 14
 - CAPÍTULO 15
 - CAPÍTULO 16
 - CAPÍTULO 17
 - CAPÍTULO 18
 - CAPÍTULO 19
 - CAPÍTULO 20
 - CAPÍTULO 21
 - CAPÍTULO 22
 - CAPÍTULO 23
 - CAPÍTULO 24
- EPÍLOGO